



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

ROBSON PONTES CUSTÓDIO

**O ENSINO DE FILOSOFIA POR MEIO DA APRENDIZAGEM COOPERATIVA:
UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO DO IFCE CAMPUS CAUCAIA- CEARÁ**

FORTALEZA

2021

ROBSON PONTES CUSTÓDIO

O ENSINO DE FILOSOFIA POR MEIO DA APRENDIZAGEM COOPERATIVA: UMA
EXPERIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO DO IFCE CAMPUS CAUCAIA -CEARÁ

Dissertação apresentada ao Programa
Mestrado Profissional em Filosofia, Núcleo da
Universidade Federal do Ceará, como requisito
parcial para a obtenção do título de Mestre em
Filosofia. Área de concentração: Ensino de
Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Adauto Lopes da Silva
Filho

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- C991e Custódio, Robson Pontes.
O ensino de filosofia por meio da aprendizagem cooperativa : uma experiência no ensino médio do IFCE campus Caucaia-Ceará / Robson Pontes Custódio. – 2021.
179 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Fortaleza, 2021.
Orientação: Prof. Dr. Adauto Lopes da Silva Filho.
1. aprendizagem cooperativa. 2. autonomia. 3. ensino de filosofia. 4. Sócrates. I. Título.

CDD 100

ROBSON PONTES CUSTÓDIO

O ENSINO DE FILOSOFIA POR MEIO DA APRENDIZAGEM COOPERATIVA: UMA
EXPERIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO DO IFCE CAMPUS CAUCAIA- CEARÁ

Dissertação apresentada ao Programa
Mestrado profissional em Filosofia, Núcleo da
Universidade Federal do Ceará, como requisito
parcial para a obtenção do título de Mestre em
Filosofia. Área de concentração: Ensino de
Filosofia.

Aprovada em: 20/ 08/ 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Aduino Lopes da Silva Filho (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Fátima Maria Nobre Lopes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Maria Célia dos Santos
Universidade Federal do Cariri (UFCA)

A Deus.

Aos meus pais, Carlos Sérgio de Castro
Custódio e Irismar Pontes Custódio.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, pelo cuidado e pelo amor.

À minha esposa Valéria Evangelista de Souza, por todo amor, força, incentivo e paciência com a minha vida.

Aos meus dois filhos Guilherme de Souza Custódio e Benjamin de Souza Custódio, pela motivação gerada sempre que lembrava deles.

À minha sogra Dona Eunice, que sempre nos ajudou com nossos filhos proporcionando tempo para que o estudo fosse realizado.

A toda minha família, pelo amor dedicado e pela confiança.

Aos amigos de toda a vida, pela graça de ter amigos.

Ao Prof. Dr. Adauto Lopes da Silva Filho, pela excelente orientação, pelo profissionalismo e dedicação.

Aos professores participantes da banca examinadora Fátima Maria Nobre Lopes e Maria Célia dos Santos pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

Aos estudantes entrevistados, pelo tempo concedido nos questionários.

Aos colegas da turma de mestrado, pelas reflexões, críticas e sugestões recebidas.

Farei também por contar como Sócrates formava seus discípulos na dialética. Achava que, quando se conhece bem o que seja cada coisa em particular, pode-se explicá-la aos outros; mas que se se ignora, não admira que se engane a si mesmo e consigo aos outros. Também não cessava de investigar com seus discípulos o que é cada coisa em particular. (XENOFONTE)

RESUMO

O trabalho de pesquisa intitulado “O ensino de filosofia por meio da aprendizagem cooperativa: uma experiência no ensino médio do IFCE Campus Caucaia- Ceará”, tem como objetivo investigar e apresentar a metodologia de aprendizagem cooperativa e sua aplicabilidade no ensino de filosofia, como uma metodologia que possibilita e potencializa o aprender filosofia de forma filosófica. Aprender filosofia filosofando é um desafio atual para quem leciona essa disciplina nas escolas do ensino médio, e essa é a principal relevância trazida por este trabalho para a sociedade, principalmente para os professores e/ou pesquisadores que tenham interesse no estudo do ensino de filosofia e/ou no estudo da metodologia de aprendizagem cooperativa. Para tanto, tomamos o pensamento de Sócrates como base teórica fundamental. Sócrates é o pensador que faz o elo, trazendo características em comum entre a filosofia, seu ensino e aprendizagem cooperativa, sendo, portanto, o mestre de Atenas utilizado, portanto, para fundamentar teórico e filosoficamente esse trabalho. Além disso, foi também realizada uma pesquisa bibliográfica baseada em autores que pensam o ensino de filosofia e em autores que pensam a própria metodologia de aprendizagem cooperativa. Assim, a metodologia utilizada para realização dessa pesquisa, foi além da pesquisa bibliográfica, uma pesquisa de campo aplicada em uma turma do IFCE- Campus Caucaia- CE, na qual durante um semestre a aprendizagem cooperativa foi aplicada conforme orientações e regras próprias sugeridas após leituras e visitas a locais em que essa metodologia já vem sendo aplicada. Após esse período, um questionário foi aplicado aos estudantes no intuito de recolher e analisar os dados. Os resultados alcançados trouxeram contribuições tanto no aspecto cognitivo dos estudantes em relação à aprendizagem dos conteúdos de filosofia, como no aspecto do desenvolvimento de habilidades coletivas e sociais, apontando para uma formação de estudantes que poderão desenvolver a sua autonomia de pensamento quando alcançarem a idade adulta. Tudo isso confirma a demonstração de que com a aplicabilidade da metodologia de aprendizagem cooperativa no ensino de filosofia, pode emergir a possibilidade de tornar realidade em sala de aula o aprender filosofia de forma filosófica, contribuindo para que o estudo dessa questão possa ser ainda mais aprofundado trazendo contribuições de maior alcance para a sociedade.

Palavras-chave: ensino de filosofia; aprendizagem cooperativa; autonomia; Sócrates.

ABSTRACT

The research entitled “Teaching philosophy through cooperative learning: an experience in high school at IFCE – Caucaia/CE Campus” aims to elect and present the cooperative learning methodology and its applicability on teaching philosophy as a methodology that enables and potentializes the learning of philosophy in a philosophical way. Learning philosophy from philosophizing is a current challenge for those who teach this subject in high schools, and this is the main relevance brought by this research to the whole society, mainly to all of the teachers and/or researchers who take interest in studying the teaching of philosophy and/or in studying the cooperative learning methodology. Socrates is the thinker that makes the connection, bringing characteristics in common between philosophy, its teaching and the cooperative learning, being, therefore, the master from Athens used to base this research theoretically and philosophically. Besides, a bibliographical research was done on authors who think about the teaching of philosophy and on authors who think about the cooperative learning methodology itself. The method used for conducting this research was, besides the bibliographical one, a field research applied in a class at IFCE – Caucaia/CE Campus, in which the cooperative learning was applied during one semester according to owned instructions and rules suggested after readings and visitations to places where this methodology has already been applied. After this period, a questionnaire was given to students with the intention of gathering and analyzing the data. The achieved results bring contributions to the cognitive aspect of the students regarding the learning of philosophy, as well as to the development of group and social skills, pointing out to making students who will develop autonomy when they reach the adult age. All of this confirms the demonstration that, with the application of the cooperative learning methodology on teaching philosophy, comes to light a way of making the learning of philosophy in a philosophical way real inside the classroom, leaving the possibilities so the study of this matter may be deeper bringing contributions of even more reach to the society.

Keywords: teaching of philosophy; cooperative learning; autonomy; Socrates.

LISTA DE GRÁFICOS

| | | |
|------------|----------------|-----|
| Gráfico 1- | Questão 1..... | 117 |
| Gráfico 2- | Questão 2..... | 128 |
| Gráfico 3- | Questão 3..... | 136 |
| Gráfico 4- | Questão 4..... | 145 |
| Gráfico 5- | Questão 5..... | 153 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1 – O papel do professor na aplicação da aprendizagem cooperativa..... | 90 |
| Quadro 2 – As funções dos estudantes na aprendizagem cooperativa | 98 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|--------|--|
| BNCC | Base Nacional Comum Curricular |
| COFAC | Coordenadoria de Formação e Aprendizagem Cooperativa |
| EEEP | Escola Estadual de Ensino Profissionalizante |
| ENEM | Exame Nacional do Ensino Médio |
| EPC | Escola Popular Cooperativa |
| ETMFA | Exposição Inicial; Tarefa individual; Meta Coletiva; Fechamento; Avaliação |
| IASCE | International Association for Study of Cooperation in Education |
| IFCE | Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará |
| LDB | Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional |
| PACCE | Programa de Aprendizagem Cooperativa em Células Estudantis |
| PRECE | Programa de Educação em Células Cooperativas |
| SEDUC | Secretaria da Educação do Estado do Ceará |
| UFC | Universidade Federal do Ceará |
| UNESCO | Organização das Nações Unidas para a Educação Ciência e Cultura |

SUMÁRIO

| | | |
|------------|--|------------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 12 |
| 2 | CONCEITUANDO APRENDIZAGEM COOPERATIVA E ANALISANDO SUA APLICABILIDADE NO ENSINO MÉDIO..... | 17 |
| 2.1 | Ensinar filosofia de forma filosófica um problema do ensino de filosofia.... | 17 |
| 2.2 | Sobre a aprendizagem cooperativa..... | 42 |
| 2.3 | A relação e as semelhanças entre a aprendizagem cooperativa e a filosofia socrática no ensino de filosofia..... | 59 |
| 3 | A APRENDIZAGEM COOPERATIVA E A POSSIBILIDADE DO ENSINO DE FILOSOFIA DE FORMA FILOSÓFICA..... | 79 |
| 3.1 | O papel do professor na aprendizagem cooperativa..... | 83 |
| 3.2 | O papel do estudante e os benefícios adquiridos na aprendizagem cooperativa..... | 92 |
| 3.3 | Aprendizagem filosófica e o despertar para o “conhece-te a ti mesmo” a partir da aprendizagem cooperativa..... | 102 |
| 4 | A EXPERIÊNCIA COM OS ESTUDANTES..... | 110 |
| 4.1 | Aplicação da metodologia de aprendizagem cooperativa no IFCE campus Caucaia..... | 110 |
| 4.2 | A metodologia qualiquantitativa e a análise dos dados..... | 112 |
| 4.3 | Resultados alcançados..... | 155 |
| 5 | CONCLUSÃO..... | 159 |
| | REFERÊNCIAS..... | 162 |
| | APÊNDICE A- INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS (QUESTIONÁRIO)..... | 167 |
| | ANEXO A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (MODELO UTILIZADO NA PESQUISA..... | 169 |
| | ANEXO B- TERMO DE ASSENTIMENTO..... | 176 |

1 INTRODUÇÃO

Ensinar filosofia sempre é um desafio para todo e qualquer profissional que entre em uma sala de aula de ensino médio em qualquer parte do país. Esse desafio é aumentado quando se percebe as dificuldades impostas nesse país em toda sua história, tendo uma presença intensa e de forma marcante das pedagogias tradicional e tecnicista que ainda hoje se manifestam nas instituições de ensino dessa nação. Essas correntes pedagógicas prezam pela memorização, técnicas e conteúdos, desenvolvendo estudantes individualistas, competitivos, que aprendem técnicas, memorizam conteúdos, mas que não desenvolvem reflexão sobre o que se aprende em sala de aula. Isso é um grave problema para a filosofia e para o seu ensino, dificultando, inclusive, o aprender filosofia de forma filosófica.

Tomando essas considerações, a presente dissertação tem como objetivo investigar e apresentar a metodologia de aprendizagem cooperativa e sua aplicabilidade no ensino de filosofia, como uma metodologia que possibilita e potencializa o aprender filosofia de forma filosófica. Para esse intento, tomaremos, como parte prática, uma pesquisa realizada entre estudantes do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE), Campus Caucaia, sobre a aplicabilidade dessa metodologia no ensino de filosofia em turmas do ensino médio. Essa ideia surgiu com o objetivo de responder à pergunta: é possível tornar realidade a aprendizagem de filosofia de forma filosófica, por meio da metodologia de aprendizagem cooperativa? O nosso pressuposto para essa questão central é que tal metodologia possibilita sim uma aprendizagem de filosofia de forma filosófica.

Nesse sentido, argumenta-se que a filosofia enquanto disciplina escolar, tem em sua essência, levar o ser humano à reflexão, à crítica, ao diálogo, ao conhecimento de si mesmo, do outro e à uma releitura do mundo. Segundo Sofiste (2007, p. 7), “a filosofia contribui no desenvolvimento de pessoas livres, de pessoas com capacidade de julgar por si mesmos, a confrontar argumentações diversas, a respeitar a palavra dos outros, a submeter-se somente à autoridade da razão”.

Porém, estudos e pesquisas sobre o ensino de filosofia no Brasil, relatam uma realidade que diverge da essência dessa disciplina, posto que diante do histórico do ensino dessa disciplina nos deparamos com um quadro de dogmatismo, tradicionalismo e também de “perseguição”, já que ela foi, por vezes, retirada dos currículos escolares por ser associada à subversão ou à inutilidade mercadológica. Segundo Gallo & Kohan (2000, p. 174):

Durante muito tempo, desde sua implantação no século XVI, a filosofia foi ensinada de forma dogmática, carregada de uma forte

ideologia tomista. Neste século XX, ela nunca teve presença garantida nos currículos oficiais. E não se trata simplesmente de ter ou não ter presença. A forma pela qual a filosofia se faz presente, quando o está, não oferece condições muito boas para uma prática transformadora: ela é muito tênue... A última ditadura, instaurada em 1964, é prova disso: tirou a filosofia formalmente dos currículos.

Assim, há um paradoxo entre o que é filosofia enquanto disciplina escolar, e o modo tradicional, dogmático e conteudista com que o ensino de filosofia tem sido trabalhado historicamente em nosso país. Portanto, trabalhar a disciplina de filosofia, está para além de uma questão pedagógica, o ensino dessa disciplina, é uma questão principalmente filosófica. É ir muito além de transmitir conteúdos de filosofia, é fazer com que os alunos filosofem:

Afirmamos que um ensino filosófico é aquele em que o filosofar é o motor de tal ensino; e que, enquanto atividade própria da filosofia, esse ensino enlaça o fazer filosofia com o sentido de sua transmissão. Na medida em que o filosofar se sustenta na tensão da pergunta filosófica, consideramos que um curso filosófico deveria ser aquele no qual essa tensão pode ser atualizada de maneira fecunda”. (CERLETTI, 2009, p.21)

Concorda-se com Frigotto e Araújo (2015) que, para evitar cair num modismo pedagógico vazio de significados, é preciso reconhecer a escola como um espaço de luta ideológica entre reprodução ou transformação, bem como estar ciente de que, para desenvolver práticas pedagógicas que sejam integradoras, emancipadoras e que levem a reflexão, precisa-se ir além de soluções apenas didáticas, assumindo, principalmente, um posicionamento e soluções ético-políticas. Ou seja, há a concordância de que metodologias educacionais são técnicas, e não funcionam como fim em si mesmas, porém, uma metodologia como a aprendizagem cooperativa, sendo somada com a característica ético-política do professor, certamente que encaminha a educação para uma transformação.

Estando ciente de tudo isso que foi posto até agora, o presente trabalho de pesquisa, no intuito de aprofundar um estudo sobre ensinar filosofia de forma filosófica, conforme mencionamos no início desta Introdução, se debruça por meio de pesquisa científica sobre uma metodologia denominada como aprendizagem cooperativa, que vem se destacando e se apresentando na “contramão” do dogmatismo, do tecnicismo e do conteudismo.

No pensamento de Johnson & Johnson (1998, p. 99), a aprendizagem só é cooperativa quando se verificam as seguintes características específicas que não atuam isoladamente, mas são interdependentes: interdependência positiva; responsabilidade individual; interação frente a frente permitindo o desenvolvimento de competências sociais; desenvolvimento de competências interpessoais e grupais; avaliação do trabalho da célula de modo a melhorar o

funcionamento do mesmo. De acordo com Firmiano (2011), várias são as vantagens da metodologia de aprendizagem cooperativa, tais como: estimular e desenvolver habilidades sociais, encorajar a responsabilidade pelo outro, elevar a autoestima, estimular o pensamento crítico e ajudar os estudantes a clarificar as ideias através do diálogo, criar um ambiente ativo e investigativo.

Percebe-se que além dos destaques acima citados, a aprendizagem cooperativa pode ser identificada com alguns aspectos da filosofia socrática, pois apresenta algumas semelhanças e por isso utilizaremos esse pensador grego como um exemplo de fundamentação filosófica para aplicação dessa metodologia nas aulas de filosofia. Sócrates, na busca pelo conceito ou na busca pela essência do homem, por meio da maiêutica, usava e desenvolvia nele e no seu interlocutor, elementos tais como: diálogo; pensamento crítico; ambiente ativo e investigativo no processo filosófico de aprendizagem; a importância do outro na busca do “conhece-te a ti mesmo”; o confronto de argumentações diversas para o discípulo ter o poder de chegar como sujeito ativo, à construção de conhecimentos; dentre outros. “Em suma, como afirma Reale (2011, p.100), “dialogar com Sócrates levava a um “exame da alma” e a uma prestação de contas da própria vida”. Dessa forma, o presente estudo percebe na maiêutica socrática, uma fundamentação filosófica na metodologia de aprendizagem cooperativa, e por isso aplica um estudo científico sobre essa metodologia e sua abordagem na busca pelo ensino de filosofia de forma filosófica. “É no processo de investigação dialógica, isto é, criação coletiva de conhecimentos, que os conteúdos (conceitos, procedimentos e atitudes) serão contemplados”. (SOFISTE, 2007, p.56).

Portanto, como foi dito até aqui, a pesquisa gira principalmente em torno do objetivo de investigar e apresentar que a aprendizagem cooperativa sendo aplicada nas aulas de filosofia possibilita e potencializa o aprender filosofia de forma filosófica. Porém, outros objetivos considerados de grande importância também serão trabalhados nesse estudo. Conceituar a aprendizagem cooperativa e analisar sua aplicabilidade nas aulas de filosofia; Perceber a relação e as semelhanças entre a aprendizagem cooperativa e a filosofia socrática na sala de aula; Apresentar o papel do professor e o papel dos estudantes na aplicabilidade da metodologia de aprendizagem cooperativa, além de perceber os benefícios dessa metodologia, para ambos; Apresentar a experiência feita da aplicação dessa metodologia com os estudantes do IFCE- Campus Caucaia e seus resultados alcançados.

Assim, esse trabalho de pesquisa aborda não apenas uma questão pedagógica e/ou metodológica, mas sim propõe uma metodologia de aprendizagem cooperativa por meio da qual os alunos possam aprender filosofia filosofando. Portanto, esta pesquisa aborda uma

questão filosófica, ao estudar essa metodologia, fundamentando filosoficamente na maiêutica socrática e aplicando-a com alunos do Instituto Federal do Ceará Campus Caucaia.

Em sua origem etimológica a palavra educar vem do latim EDUCARE, que significa conduzir ou direcionar para fora, “significa “trazer à luz a ideia” ou filosoficamente fazer a pessoa passar da potência ao ato, da virtualidade à realidade” (MARTINS, 2005, p. 33). E no processo ensino aprendizagem “levar” ou “conduzir” para fora, trazer à luz a ideia, toma uma importância fundamental ou essencialmente humana. Desde Sócrates tem-se uma articulação entre filosofia e uma educação formadora, integral, cidadã. Mesmo na atualidade, a filosofia de certo modo ainda dialoga e aponta uma transformação da realidade educacional que se considera necessária no processo ensino aprendizagem. “Ensinar não se resume em transmitir conteúdos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE,1996. p.12). Ora, se ensinar não se resume à transmissão de conteúdo, ensinar filosofia então, jamais pode ser, simplesmente, repassar para o discente, conteúdos de filosofia! Dessa forma, é nesse intuito que se desenvolve a presente pesquisa, ou seja, o desenrolar dos capítulos adiante aborda as questões sobre o ensino de filosofia, a maiêutica e a pedagogia socrática, o conceito e os pilares da metodologia de aprendizagem cooperativa e a experiência desenvolvida no chão da sala de aula, aplicando a metodologia e colhendo dos estudantes que decidiram participar da pesquisa, dados fundamentais para os resultados alcançados.

O primeiro capítulo, tem em seu título *A questão da conceituação da aprendizagem cooperativa e sua aplicabilidade no ensino médio* e para chegar até aí, foi feita uma subdivisão. O primeiro ponto dessa subdivisão, é um aprofundamento sobre o que seja aprender filosofia de forma filosófica, apontando as qualidades de um bom ensino de filosofia. O segundo ponto abordado trata exatamente do conceito de aprendizagem cooperativa e a apresentação dos pilares dessa metodologia. Além disso, é feita uma abordagem histórica da aprendizagem cooperativa no mundo e no Brasil. No mundo temos Johnson & Johnson, como os grandes ícones dessa metodologia, porém no Brasil, há um destaque muito relevante no estado do Ceará com o PRECE (Programa de Educação em Células Cooperativas), projeto que surgiu na comunidade do Cipó, no município de Pentecoste. Toda essa pesquisa foi realizada baseada no modelo do PRECE, principalmente no modelo da EEEP ALAN PINHO TABOSA, que é uma escola profissionalizante que trabalha em sua totalidade aplicando tal metodologia. E por fim, o terceiro ponto dessa subdivisão, faz o processo de fusão apontando a relação e as semelhanças entre a aprendizagem cooperativa e a filosofia socrática no ensino de filosofia.

No capítulo dois, com o título *A aprendizagem cooperativa e a possibilidade do ensino de filosofia de forma filosófica*, é trabalhada a questão da aplicabilidade da aprendizagem cooperativa, aqui também é feita uma subdivisão em três partes e a primeira vem destacando o papel do professor, que tem sua figura não mais como alguém que centraliza e domina toda a fala de uma aula, mas de um mestre que participa desse processo de aprendizagem de seus alunos. Envolvendo e envolvido com a filosofia e com o filosofar, o professor está sempre junto à sua turma percebendo a aprendizagem da filosofia e o filosofar por parte dos estudantes. O papel do estudante e os benefícios adquiridos por eles pela aprendizagem cooperativa também é trabalhado nessa pesquisa, formando o segundo ponto da subdivisão. O fato de o aluno ser sujeito ativo de seu aprendizado, saindo da posição de mero agente passivo que só serve para absorver o que é dito pelo professor, ganha destaque nesse ponto do capítulo dois. E por fim, o terceiro ponto dessa subdivisão, trabalha a questão de como a aprendizagem cooperativa desperta para a aprendizagem filosófica e aponta para o “conhece-te a ti mesmo” da filosofia socrática, o que ratifica o mestre ateniense como a rocha que fundamenta teoricamente esse estudo.

O terceiro e último capítulo, com o título *A experiência com os estudantes*, trata especificamente do relato da experiência que foi realizada com estudantes voluntários de uma turma de quinto semestre do curso de eletroeletrônica do campus Caucaia do IFCE. Aqui também é feita uma subdivisão e o primeiro ponto mostra todo o processo de aplicação da metodologia, relatando como foram ministradas as aulas, e o passo a passo de como se trabalha e aplica a metodologia no espaço de tempo que a aula permite, o segundo ponto da subdivisão do terceiro capítulo trabalha a explicação da metodologia em que os dados foram analisados, e o terceiro ponto dessa subdivisão, nos traz os resultados alcançados após análise dos dados obtidos a partir das respostas dadas pelos estudantes que responderam um questionário aplicado pelo autor desse trabalho de pesquisa que é o ao mesmo tempo professor de filosofia deles.

A pesquisa é finalizada com as considerações finais nas quais serão tomadas alguns achados e serão tecidas as ponderações do pesquisador.

2 CONCEITUANDO APRENDIZAGEM COOPERATIVA E ANALISANDO SUA APLICABILIDADE NO ENSINO MÉDIO.

Para fundamentar o título desse capítulo, serão desenvolvidos três sub tópicos, que irão tratar respectivamente da questão do ensino de filosofia no Brasil e relacionar com o problema de ensinar filosofia de forma filosófica, em seguida apresentar e conceituar a aprendizagem cooperativa, associando essa metodologia com a questão da possibilidade e da potencialidade, proporcionada por ela, do ensino ocorrer dessa maneira, e o terceiro ponto será o de levar em consideração a filosofia socrática como fundamentação teórica e alicerce filosófico, mostrando relações e semelhanças da maiêutica socrática (que era o método de busca da verdade e de conceitos utilizados por esse pensador) com a metodologia de aprendizagem cooperativa, o que impulsiona a sua aplicabilidade nessa disciplina do ensino médio. Aqui dá-se início esse estudo ou essa análise sobre a metodologia de aprendizagem cooperativa aplicada na disciplina de filosofia em busca de um ensino de filosofia de forma filosófica.

2.1. Ensinar filosofia de forma filosófica um problema do ensino de filosofia.

Ensinar filosofia no Brasil tem sido uma tarefa árdua. A história nos mostra como a filosofia enquanto disciplina, peregrina em nosso país numa luta que se arrasta desde o século XVI, com os desafios da época, até o presente século onde alguns ousam questionar sobre qual a utilidade do ensino de filosofia nos currículos escolares, sem falar nos momentos em que essa disciplina foi retirada desses currículos. Segundo Gallo e Kohan (2000), tivemos durante nossa história, um ensino de filosofia marcado fortemente por um período dogmático e tomista durante o século XVI e um elitismo nos séculos seguintes sem falar na exclusão da filosofia nos currículos escolares durante o período ditatorial no século passado. Some-se a isso o fato de na história da educação brasileira a presença de duas ideias pedagógicas, conforme define Saviani (2013), que por muito tempo foram dominantes em nosso país, com um caráter elitista e conteudista, ou seja, tivemos a pedagogia tradicional; e com a chegada da indústria, uma forte influência da pedagogia tecnicista. As duas pedagogias reinam nas escolas brasileiras por mais de quatrocentos anos.

A constatação desse elitismo (tradicionalismo) e tecnicismo que é relatado acima, foi percebido na vida profissional do autor desse trabalho em sala de aula e isso se deu em dois momentos. Sou professor de filosofia há vinte anos e durante dezessete anos trabalhei com alunos do ensino médio da rede pública estadual do Ceará na cidade de Caucaia. Por todo esse tempo, trabalhei com alunos de comunidades pobres e violentas como a comunidade do

“Picuí” (Conjunto Metropolitano) e das capoeiras (Pe. Júlio Maria). Nessas comunidades carentes, devido o alto índice de violência nas escolas e nas comunidades, o objetivo maior do corpo docente era a permanência desses alunos na escola. A grande vitória era não perder nossos alunos para o crime, nem para os índices de estatísticas de jovens mortos. Ali, vivi de perto a realidade de uma educação oferecida para uma parte mais carente e sofrida da sociedade e me dei conta a partir dessa vivência, do elitismo existente em nossa educação.

Somente em 2017, conheci uma nova realidade, bem diferente da que eu estava habituado, e foi aí que surgiu o “espanto” filosófico que originou o incômodo para a realização desse trabalho. A nova realidade a que me refiro é onde atualmente trabalho lecionando a mesma disciplina na mesma cidade, mas para um público bem diferente do que estava acostumado durante dezessete anos. Passei a ser professor do IFCE no mesmo município de Caucaia. Porém, para ser aluno dessa instituição de ensino, há uma “peneirada” através de um teste de seleção bem concorrido, onde os candidatos que obtiverem maiores notas serão classificados e assim tornam-se aptos a serem alunos. Dessa forma, passei a trabalhar com alunos mais afastados do mundo do crime, mais dedicados e habituados às práticas escolares.

Porém, ao entrar nas salas de aula dessa instituição secular, para minha surpresa me deparo com um tecnicismo acentuado, e passo a conhecer agora de forma vivencial a outra tendência pedagógica e sua força. Nessa nova realidade, me deparo com alunos esforçados, respeitosos, estudiosos, dedicados a aprovação no fim do semestre, mas que tem como principal meta a aquisição de boas notas e a aprovação. Isso que relato, tem suas raízes na história, pois a instituição que hoje é denominada de Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, surge em 1909 como escola de aprendizes artífices com o objetivo de oferecer ensino profissional gratuito para os “menos favorecidos de fortuna”, como consta no decreto-lei nº 7.566, de 23 de setembro de 1909. Durante esses 110 anos muita coisa mudou além do nome. A missão, a visão e os valores dessa instituição de ensino¹ atualmente são outros, porém se percebe ainda hoje uma herança bem marcante da pedagogia tecnicista. E, portanto, ao me deparar com esse tecnicismo, sabendo das suas consequências na formação humana, e

¹ Missão atual do IFCE: Produzir, disseminar e aplicar os conhecimentos científicos e tecnológicos na busca de participar integralmente da formação do cidadão, tornando-a mais completa, visando a sua total inserção social, política, cultural e ética.

Visão atual do IFCE: Ser referência no ensino, pesquisa, extensão e inovação, visando à transformação social e ao desenvolvimento regional.

Valores atuais do IFCE: Nas suas atividades, o IFCE valorizará o compromisso ético com responsabilidade social, o respeito, a transparência, a excelência e a determinação em suas ações, em consonância com os preceitos básicos de cidadania e humanismo, com liberdade de expressão, com os sentimentos de solidariedade, com a cultura da inovação e com ideias fixas na sustentabilidade ambiental.

sendo professor da disciplina de filosofia, que tem a reflexão como fundamento, despertei a necessidade e o desejo de desenvolver em minha prática profissional, um ensino de filosofia de forma filosófica, pois ensinar filosofia observando apenas técnicas e conteúdos, significa a morte do filosofar e uma aula de filosofia sem o filosofar é morta.

Portanto, para chegar nessa questão do ensinar filosofia de forma filosófica, trago ainda explicações sobre o porquê da implantação da pedagogia tecnicista, sua definição e quais as suas consequências na formação humana, no intuito de perceber onde essa pedagogia deixa a desejar na formação educacional de jovens do ensino médio, mostrando assim, a necessidade vital da disciplina de filosofia nos currículos escolares nessa etapa de ensino, afirmando que essa disciplina não pode ser apenas mais uma a ser memorizada pelos alunos apenas para resolução de provas. A filosofia é para além disso.

A pedagogia tecnicista quando se apresenta no Brasil, ratifica o caráter elitista na educação brasileira, pois tinha como principal objetivo, atender à demanda de mão de obra que se fez necessária no país pela industrialização, fazendo com que surgisse inclusive as escolas profissionalizantes, que desde seu início tem como alvo as classes mais pobres. E é sobre isso que afirmam Gomes e Araújo (2016):

Existia no contexto da educação brasileira um notório caráter elitista de ensino e educação, pois, ao tempo em que a escola profissionalizante/profissional/técnica era pra conter as expressões da questão social (a principal delas era a vagabundagem), a academia continuava a ser um espaço de privilégios dos abastados, para que, como de cultura, no futuro fossem eles os representantes políticos da sociedade brasileira, enquanto os técnicos seriam a mão de obra necessária ao “desenvolvimento”. (GOMES; ARAÚJO, 2016, p. 112-113.)

Portanto, já sabendo por qual motivo a escola brasileira passa a adotar o tecnicismo como proposta pedagógica para crianças e jovens deste país, partimos para a definição dessa ideia pedagógica. Por meio da leitura de pensadores da educação utilizados nesse trabalho de pesquisa, que nesse quesito, são Saviani (2003) e Libaneo (1992), entende-se que pedagogia tecnicista é aquela que faz com que o jovem seja formado como mão de obra para atender uma demanda de mercado. Portanto, para atingir seu objetivo, o que importa nessa pedagogia é que o estudante aprenda a fazer, ou seja, aqui o destaque não é o aprendizado de jovens e crianças para entendimento do mundo, da vida, do outro e de si mesmo, mas destaca-se nessa pedagogia, ideias relacionadas a maior racionalidade, produtividade, eficiência, assemelhando-se ao processo fabril. Há aqui uma objetivação do trabalho pedagógico. Essa ideia pedagógica é definida por Libaneo (1992) como aquela que subordina a educação à sociedade, no sentido de preparar o estudante para mão de obra da indústria e o essencial

nessa pedagogia é o aprender a fazer, aprender a técnica (LIBANEO,1992).

É no decorrer do século XX, que essa ideia pedagógica com toda sua carga ideológica de segregação entre ricos e pobres, ganha força no Brasil fazendo com que suas práticas sejam cada vez mais entranhadas nos jovens e trabalhadas nas escolas durante esse período. É o que se percebe nas palavras de Ciavata (2016), que diz:

A escola do trabalho do início do século XX oferece uma educação assistencial de nível primário e prepara para o trabalho manual, artesanal, limitando a educação às primeiras letras, aos quatro anos de ensino primário. Progressivamente, da industrialização dos anos 1930/1940 em diante, a escola assume a educação secundária, o ideário industrialista, e transforma as oficinas nos moldes das fábricas, introduzindo elementos de cultura geral e priorizando a aprendizagem para o trabalho, sob a atração ativa dos intelectuais e empresários preocupados com a formação de mão de obra para a indústria. (CIAVATA, 2016, p. 142.)

Ciavata (2016) afirma ainda que com a nova constituição do período ditatorial, a profissionalização se torna obrigatória no ensino fundamental e médio com as reformas educacionais do ano de 1971, criando assim, um novo álibi para desviar os mais pobres do ensino superior e ideologizar a divisão de classes com a formação profissional. (CIAVATA, 2016.) E isso aprofunda ainda mais na história do Brasil a presença da pedagogia tecnicista e suas consequências danosas à formação humana dos brasileiros, pois pessoas que foram educadas apenas para exercer um ofício, foram também prejudicadas no restante de sua formação humana, perdendo funções essenciais para qualquer ser humano tais como a reflexão crítica, a leitura hermenêutica do mundo, e a reflexão sobre o viver coletivo em questões como moral e política. Essas deficiências decorrentes da pedagogia tecnicista durante boa parte da história da educação no Brasil, ainda são percebidas no século atual.

O centro do processo de aprendizagem, nessa pedagogia não é o professor, nem o aluno, mas a técnica, o aprender a fazer. Essa objetividade pedagógica visando o atendimento para o mercado de trabalho, trouxe técnicas como o tele ensino, o microensino, a instrução programada, etc. Isso é bom enquanto prepara alguém para ter seu trabalho enquanto função empregatícia, mas prejudica nesse alguém seu poder de reflexão e de participação enquanto sujeito ativo de uma sociedade. Ou seja, com essa pedagogia surge um empecilho na formação do povo brasileiro pois, enquanto temos profissionais e trabalhadores prontos com habilidades e técnicas para garantir suas vidas com um trabalho em termo de emprego, temos ao mesmo tempo, crianças e jovens que chegam na fase adulta com um total estranhamento do mundo e de tudo que o cercam, inclusive de si mesmo! Trabalhar faz parte da ontologia humana, porém desenvolver pessoas apenas para aprender técnicas e habilidades no objetivo

de formar apenas empregados, é no mínimo preocupante. Sobre essa questão Rios (2001) traz a seguinte reflexão:

A técnica tem, por isso, um significado específico no trabalho, nas relações. Esse significado é empobrecido, quando se considera a técnica desvinculada de outras dimensões. É assim que se cria uma visão tecnicista, na qual se supervaloriza a técnica, ignorando sua inserção num contexto social e político e atribuindo-lhe um caráter de neutralidade, impossível justamente por causa daquela inserção. (RIOS,2001, p. 94).

E uma das consequências da pedagogia tecnicista que se destaca nesse trabalho é exatamente a formação de um individualismo que traz problemas na formação humana, pois um adulto que é formado apenas para exercer um ofício, e que acredita que ser cidadão é apenas ter um trabalho, perdeu a capacidade de desenvolver autonomia no sentido kantiano da palavra, não conseguindo assim, desenvolver reflexão em questões como a existência, a moral, a política e a ciência.

Além disso, o individualismo colocado aqui como problema a ser discutido, traz também dificuldades pedagógicas, como reflete Saviani (2013) em sua obra a história das ideias pedagógicas no Brasil:

Na verdade, a pedagogia tecnicista, ao ensaiar transpor para a escola a forma de funcionamento do sistema fabril, perdeu de vista a especificidade da educação, ignorando que a articulação entre escola e processo produtivo se dá de modo indireto e por meio de complexas mediações. Além do mais, na prática educativa a orientação tecnicista cruzou com as condições tradicionais predominantes nas escolas bem como com a influência da pedagogia nova, que exerceu poderoso atrativo sobre os educadores. Nessas condições, a pedagogia tecnicista acabou por contribuir para aumentar o caos no campo educativo, gerando tal nível de descontinuidade, de heterogeneidade e de fragmentação que praticamente inviabiliza o trabalho pedagógico. (SAVIANI, 2013, p. 383-384).

Assim, diante do que foi trabalhado até aqui, percebemos algumas deficiências na pedagogia tecnicista que são: a formação apenas de mão de obra, o aluno ter como meta escolar apenas o aprender a fazer e a meta na vida apenas conseguir um trabalho, a centralização na técnica prejudicando ou trazendo um distanciamento na relação professor-aluno, a potencialização desenvolvida nos alunos do individualismo, da competitividade e de observar o outro apenas como um adversário ou concorrente, sem falar do absurdo que é uma formação para a neutralidade. Tudo isso faz com que jovens no ensino médio tendo apenas esse aprendizado tornem-se humanos adultos com deficiências de reflexão crítica, de viver em coletividade para resolução de problemas que sempre permeiam a vida humana na moral, na ciência e na política. Serão adultos que terão o mundo e os outros como algo totalmente

estranhos, sem capacidade de reflexão para interferirem nesse mundo, que necessariamente é construído pelos seres humanos, seja para melhor ou para pior. Serão adultos incapazes de explicar a vida e o mundo para gerações seguintes que herdarão o mundo ainda mais despreparados. Enfim, a pedagogia tecnicista dificulta por demais uma formação humana para autonomia, formando seres despreparados e apáticos para viver e enfrentar as dificuldades trazidas pela vida, sejam essas dificuldades existenciais, morais, científicas ou políticas.

Paulo Freire (2016) em sua obra pedagogia da autonomia, sem abordar de forma específica o ensino de filosofia, já afirmava que ensinar é criar possibilidades para que o conhecimento seja produzido ou criado pelos estudantes juntamente com o professor. Ele diz ainda que, mecanicizar o conhecimento através da memorização, não faz com que o objeto estudado seja realmente aprendido.

Vejam como Paulo Freire (2016) trata a questão do ensino mecanicizado:

A memorização mecânica do perfil do objeto não é aprendizado verdadeiro do objeto ou do conteúdo. Neste caso, o aprendiz funciona muito mais como paciente da transferência do objeto ou do conteúdo do que como sujeito crítico, epistemologicamente curioso, que constrói o conhecimento do objeto ou participa de sua construção. (FREIRE,2016,p.67)

Dessa forma, chegamos a conclusão que a disciplina de filosofia não pode ser apenas ministrada visando uma assimilação de conteúdos, uma repetição de fala, ou um adestramento é necessário que os alunos aprendam filosofia de forma filosófica. Sendo assim, vamos a partir de agora desenvolver sobre o ensino de filosofia e a necessidade de que esse ensino seja realizado de forma filosófica.

Pensar e propor o ensino de filosofia no ensino médio e que esse ensino aconteça de forma filosófica tem sido o alvo de muitos estudiosos no Brasil e no mundo, e é esse o objeto de estudo do presente trabalho. Mas surge ainda uma pergunta: Existe ensino de filosofia que não seja filosófico? O que seria o seu contrário? O que é, portanto, ensinar filosofia de forma não filosófica? Se faz interessante exemplificar o que seria o ensino de filosofia de forma não filosófica para negá-lo e para que haja entendimento de como não proceder no ensino de filosofia, saindo, portanto, definitivamente disso que seria um entrave, ou uma barreira para quem se encontra no chão da escola.

Aqui citaremos autores e exemplificaremos a partir deles como uma aula de filosofia pode não ser filosófica, como uma aula de filosofia pode “nascer morta”. Gallo e Kohan (2000) afirma que é antifilosofia uma aula em que o professor não se apresenta também como filósofo, como sujeito ativo de uma vivência e prática filosófica e que se apresenta apenas

como um transmissor da filosofia. Segundo esses autores, quem faz isso se coloca num não-lugar da filosofia. Cerletti (2009), por sua vez, denomina como uma espécie de senso comum o fato de pensar que ensinar filosofia se resume na questão de ter alguém que sabe (professor), alguém que não sabe, (aluno) e esse que sabe “passa” o conteúdo para quem não sabe, fazendo com que esse aprenda filosofia ao ser constatado por quem sabe (professor). Ghedin (2008) destaca que um ensino de filosofia que não tem como ponto de partida a problematização, a pergunta problematizadora, se transforma em um ensino mecânico que ao invés de ser um ensino filosófico, é um ensino que domestica. Rodrigo (2009), afirma que apenas o domínio do conteúdo filosófico por parte do professor não é suficiente para que aconteça o processo ensino-aprendizagem, e que o aprendizado em filosofia não pode se restringir a absorção do enunciado das teses dos filósofos. E por fim, Sofiste (2007) coloca a impossibilidade do ensino de filosofia com a presença do filosofar numa pedagogia que ele define como pedagogia de armazém.

Vejamos ainda como Sofiste (2007) define essa pedagogia e aborda dentro dela, a impossibilidade do ensinar filosofia sem o filosofar:

Denominamos de “pedagogia de armazém” o modelo de educação onde: 1) A **escola** é entendida como a socializadora do conhecimento, uma espécie de intermediária entre alguém que produz e alguém que consome conhecimentos. 2) O **professor** é o balconista, alguém encarregado de transmitir ou vender o conhecimento, que ele não produziu, mas que copia de alguém. 3) O **estudante** é o consumidor, também à imagem e semelhança do professor e da escola, não pensa, não produz, apenas escuta aula, anota e faz a prova. Pedagogia que se fundamenta e estrutura no mero ensino, como é ainda regra geral entre nós. A pedagogia de armazém é, segundo a nossa leitura, um modelo de educação ainda muito presente, principalmente na educação média, nas escolas brasileiras.

Fazer filosofia com os jovens, no modelo de educação acima indicado, é extremamente complicado, ou seja, na pedagogia de armazém não existe um ambiente propício para a reflexão filosófica. (SOFISTE, 2007, p.24-25).

Assim, diante de um tecnicismo e de um tradicionalismo que têm suas origens há séculos e que ainda hoje permeiam as escolas do ensino médio no Brasil e aqui, no caso do presente trabalho, não é diferente no IFCE. Foi diante desse modelo de ensino que teima em se perpetuar com destaque apenas para transmissão de conteúdos filosóficos, apenas de “passar” o conteúdo para os alunos, e diante de um ensino de filosofia em que não há a problematização, não há a pergunta problematizadora filosófica como ponto de partida numa aula de filosofia, e que na opinião de alguns (senso comum), para o ensino de filosofia acontecer a contento basta tão somente que o professor domine o conteúdo a ser transmitido, foi que surgiu o espanto filosófico e a inquietação para que o presente trabalho tenha sido desenvolvido.

Ensinar filosofia é fazer exatamente o contrário do que foi descrito nos últimos três parágrafos, pois o filosofar é próprio do humano, por mais que ele não seja filósofo ou professor dessa disciplina. Ou seja, a curiosidade e a necessidade de resolução de problemas faz com que o ser humano busque explicações e sentido sobre o mundo, sobre ele mesmo e sobre os outros na busca de um melhor viver. O ser humano não nasce pronto para enfrentar a natureza, a vida e seus desafios. E a reflexão sobre isso é o filosofar, é o fazer filosofia. Por mais que estejamos no século XXI, e que toda tecnologia adquirida e desenvolvida por cientistas, seja na área da robótica, da genética ou da engenharia, os seres humanos continuam com a necessidade de explicar e encontrar sentido no mundo, no outro e em si mesmo, ou seja, mesmo com todo desenvolvimento científico na modernidade e na contemporaneidade, os seres humanos continuam com problemas de convivência e por isso é necessário o estudo e a reflexão sobre a moral, a ética, o direito, o trabalho e a política; sobre problemas existenciais, sobre a metafísica, sendo ainda necessário o estudo e a reflexão sobre si mesmo, destaca-se ainda os problemas em relação ao conhecimento do mundo e nesse caso se faz necessário o estudo e a reflexão conhecida como filosofia da ciência. Ora, tudo isso é necessário de forma bem viva! E tudo isso é filosofia.

Além do filosofar na busca de sentido para enfrentar e explicar a vida, é também próprio do ser humano ensinar a seus filhos, ou ensinar as gerações seguintes tudo o que sabemos e aprendemos no decorrer da história humana, sendo essa outra especificidade do humano que o diferencia dos demais animais. Temos essa responsabilidade de ensinar crianças e jovens para que eles assumam o mundo e o transformem em algo melhor para a vida e a convivência humana, para isso não se pode abrir mão da reflexão filosófica. E um local propício para que essa reflexão filosófica ocorra entre adultos e jovens, é numa sala de aula do ensino médio em que esteja acontecendo uma aula de filosofia. Sendo assim, a educação é um processo vital para o homem. Esse processo acompanha toda a história humana e por isso, é ponto de reflexão filosófica e pedagógica. É nesse sentido que Hannah Arendt afirma que a educação das crianças e dos jovens é de responsabilidade dos adultos.

Segundo Arendt, 2001:

Na medida em que a criança não conhece ainda o mundo, devemos introduzi-la nele gradualmente; na medida em que a criança é nova, devemos zelar para que esse ser novo amadureça, inserindo-se no mundo tal como ele é. No entanto, face aos jovens, os educadores fazem sempre figura de representantes de um mundo do qual, embora não tenha sido construído por eles, devem assumir a responsabilidade, mesmo quando, secreta ou abertamente, o desejam diferente do que é. Esta responsabilidade não é arbitrariamente imposta aos educadores. Está implícita no fato de os jovens serem introduzidos pelos adultos num mundo em perpétua mudança. (ARENDR, 2001, p.10)

Portanto, ensinar filosofia é algo que deve ter vida, deve fazer sentido, deve fazer com que os jovens sejam convidados a se perceberem vivos, se perceberem sujeitos ativos no mundo. A partir de agora será destacado alguns pontos que indicam que se forem utilizados nas aulas de filosofia, podem potencializar o filosofar no ensino de filosofia tornando-as em verdadeiros momentos de aprendizado filosófico sobre os conteúdos abordados de toda uma tradição ocidental na história da filosofia.

O primeiro ponto a ser destacado, é o ensino de filosofia e sua relação com a vida. No senso comum é costumeiro associar ou rotular o filósofo como uma pessoa excêntrica, totalmente desligada do mundo real, autor de frases de efeito, fechado em seu mundo e em seus devaneios. Essa imagem rotulada do filósofo, é um desserviço a filosofia, é sem fundamento, e isso é próprio do senso comum, ou das pessoas que não tem o menor conhecimento do que seja filosofia e filosofar.

Nada mais vital que a filosofia! Nada que se proponha a analisar e a estudar de forma aprofundada a vida e de forma tão sincera, do que a filosofia; seja na vida coletiva, seja na questão existencial, seja em conhecer a natureza. Ora, essa procura sobre a vida trazida para sala de aula, contribui, portanto, para proporcionar um ensino de filosofia que aconteça de forma filosófica. Isso ocorre quando em sala de aula, o tema abordado, levanta o debate que tenha total relação com a vida e que os alunos se sintam convidados a participarem, percebendo uma relação intensa, que faça sentido entre o conteúdo abordado e sua vida. Isso é possível, por exemplo, quando a partir do cotidiano, ou da vivência dos alunos uma pergunta ou uma problematização é levantada, os alunos sentem o desejo de participar e a questão levantada desemboca na questão filosófica, e a partir daí surge o diálogo com os pensadores da história da filosofia, mostrando que a filosofia está atrelada de forma visceral com a vida.

É nesse sentido que Gallo e Kohan (2000) afirmam que a filosofia ajuda o ser humano a posicionar-se diante do mundo, e que isso é possível a qualquer pessoa. Ora, se faz muito sugestivo que numa aula de filosofia, aconteça esse posicionar-se por meio de percepções ocorridas entre professor e estudantes, sempre que o assunto abordado traz vitalidade, pois nesse momento é necessária a reflexão filosófica para que a vida e o mundo façam sentido. E por mais que os alunos do ensino médio não tenham em mente tornarem-se filósofos, que na disciplina de filosofia eles possam perceber a relação dela com a vida. Fica claro, portanto, que na percepção da filosofia como uma disciplina que está imensamente atrelada a vida, o conteúdo abordado, passa a ser explicado, debatido e apreendido de forma filosófica, por meio de debates e questionamentos, aprendendo como aquele pensador ou aqueles pensadores filosofaram e alcançaram seus conceitos.

Concordando com a premissa aristotélica em sua obra a metafísica, que todo ser humano tem por natureza o desejo de saber, é possível afirmar que a curiosidade e a necessidade do saber para poder viver, possibilitem que a aula de filosofia se torne um momento propício para o aperfeiçoamento ou para a potencialização desse desejo em ato de aprendizagem de forma que os alunos iniciem e desenvolvam o ato de filosofar aprendendo conteúdos e conceitos de filosofia, filosofando e não apenas calados, quietos, observando o professor discursar.

Dessa forma, filosofia e filosofar acontecem ao mesmo tempo em sala de aula, tornando o ensino de filosofia no ensino médio algo totalmente diferente da transmissão fria ou seca, de apenas relatos de teses de filósofos distanciadas da realidade e da vida dos alunos.

Cerletti (2009) sobre essa questão da simultaneidade do ensino de filosofia e o filosofar nos diz :

Isso significa que o “conteúdo” a ensinar e a “forma” de fazê-lo não são aspectos alheios um ao outro, que poderiam ser encarados de maneira independente e que se encontrariam eventualmente unidos no ato de ensinar. Afirmamos que um ensino “filosófico” é aquele em que o filosofar é o motor de tal ensino; e que, enquanto atividade própria da filosofia, esse ensino enlaça o fazer filosofia com o sentido de sua transmissão. (CERLETTI,2009, p.21)

E é do chão da vida, é da vivência de cada um que se faz possível o espanto filosófico, surgindo a sede, a curiosidade do saber e ao mesmo tempo surgindo questionamentos e insatisfações que servem como motor para uma transformação de realidades. É dessa forma que é possível o ensino de filosofia de forma filosófica a partir do mundo da vida, até alcançar e aprender conceitos filosóficos por textos de pensadores, dando sentido e fazendo conexões as práticas e os atos do dia a dia.

Perceber na filosofia sua relação com a vida, faz com que haja o espanto, pois como afirma Ghedin (2008), a admiração é uma característica da atividade filosófica e que essa é uma espécie de “susto” que o humano tem quando ouve a realidade falar; que esse susto é uma tomada de consciência do real. Dessa forma, na busca pelo sentido da existência, que é próprio do ser humano, e a partir da relação dessa busca com o cotidiano dos estudantes, traz a conclusão do raciocínio de que o ensino de filosofia para ser filosófico, para gerar o espanto, tem que estar relacionado com a vida desses alunos. Esse “espanto” essa tomada de consciência, é o convite que a filosofia faz aos jovens do ensino médio.

Vejamos como Ghedin (2008) explana a questão da vitalidade da filosofia e de seu ensino ao filosofar:

Filosofar é atividade vital, origem e medida de tudo que é feito e pensado com pretensão de legitimidade. Iniciar-se na investigação filosófica significa ingressar no processo de busca das bases e dos pilares estruturantes de nossa inteligência. A

atividade filosófica, como processo reflexivo-crítico, é a condição necessária para que o ser humano se perceba na humanidade, se humanize e seja autonomamente ele mesmo. (GHEDIN, 2008, p. 75.)

E numa sala de aula para que esse “espanto” venha à tona e seja concretizado, é necessário o elo entre a vida e a problematização que é o segundo ponto a ser desenvolvido nesse capítulo.

A problematização, ou a pergunta filosófica, é o “gatilho” dessa tomada de consciência filosófica. Essa problematização deve estar sempre presente nas aulas de filosofia do ensino médio. Ela é a pergunta primeira, é a pergunta que desestabiliza os alunos, que incomoda, que busca retirá-los do senso comum e trazê-los para a estrada da filosofia, e como já foi dito, é o “gatilho” que traz a possibilidade do que se chama a tomada de consciência filosófica.

A pergunta filosófica ou a problematização está ligada fortemente ao ponto anterior que é a vitalidade da filosofia, ou seja, é a partir da vida e do cotidiano dos alunos que a pergunta filosófica, ou a problematização é feita, convidando e ao mesmo tempo seduzindo e conduzindo os estudantes para uma reflexão sobre tudo o que o cercam e que eles até então não tinham parado para perceber, isso é algo que a filosofia, enquanto disciplina escolar, é capaz de proporcionar. É nesse sentido que Horn (2009) discorre sobre essa questão do ensino de filosofia de forma filosófica a partir do cotidiano, pois tem como ponto de partida a pergunta filosófica que nesse trabalho é o mesmo que a problematização.

Na citação de Horn (2009):

... a filosofia se constitui e se constituiu a partir das indagações da vida cotidiana, da vida feita por perguntas, dúvidas, afirmações acerca dos problemas imediatos do dia a dia ou de questões mais elaboradas que remetem a origem da vida, das coisas, do universo ou mesmo da arte, da política, da paixão e da religião. (HORN, 2009, p.49)

Esse entrelaçamento entre a vida e a pergunta filosófica são imprescindíveis numa aula de filosofia do ensino médio para que a aula aconteça potencializando o filosofar no aprendizado de filosofia. É essa problematização que fará a diferença não permitindo que a aula de filosofia seja iniciada diretamente na memorização de conteúdo. Começar a aula já escrevendo ou dizendo o que tem que ser memorizado, sem a pergunta filosófica, é matar o filosofar numa aula de filosofia, é criar um abismo entre a vida dos alunos e o assunto que será abordado. Daí a importância fundamental da utilização da pergunta filosófica no sentido de convidar toda a turma a tomar para si o problema filosófico, isto é, esse problema não pode ficar somente sendo um problema do professor, mas que a turma seja impactada pela pergunta filosófica.

É próprio do ser humano questionar e perguntar sobre algo que ele não conhece, mas que precisa conhecer na luta pela vida. Isso é o problema, e ao mesmo tempo é o motor da vida humana, pois é isso que coloca o homem como um ser que se completa aprendendo e transformando o mundo e a si mesmo. É na resolução de problemas que ocorre a hominização. Porém, diz Ghedin (2008), para que essa hominização ocorra é necessário o que ele chama de movimento reflexivo. E aqui concordando com o autor citado, afirma-se que a aula de filosofia é uma excelente oportunidade de desenvolvimento desse movimento reflexivo na formação de jovens do ensino médio a partir da pergunta filosófica, pois é essa pergunta que irá sacudir esses jovens, tirando-os do conformismo do senso comum.

Sobre a importância da disciplina de filosofia e da pergunta filosófica na formação de jovens no ensino médio, visando o que ele denomina de hominização, Ghedin (2008) alerta:

O animal humano é um humano animal; traz em si o acesso à hominização na mesma medida em que pode estar na “retrocidade” de sua originalidade- ou seja, o movimento reflexivo, processado a partir da pergunta, instaura o salto para a hominização, do mesmo modo que a negação da pergunta nos lança num movimento de retorno ao ser animal. (GHEDIN, 2008, p. 53).

Sabendo, portanto, que a pergunta filosófica é imprescindível para que a aula de filosofia aconteça de forma filosófica e sabendo também que por outro lado, os jovens do século XXI são seres bem mergulhados na tecnologia, por meio de seus aparelhos como celulares, smartphones, computadores, etc; surge o questionamento de como fazer essa abordagem da pergunta filosófica, no intuito de trazer os alunos para a filosofia trocando o imediatismo da utilidade, pela paciência da reflexão? Para a resolução desse questionamento a filosofia que transita fácil em qualquer aspecto da vida humana, pode mais uma vez partir da vivência dos estudantes e usando do que eles gostam, usar esses materiais tecnológicos para uma aproximação entre eles e a filosofia. Ou seja, a partir da realidade desses estudantes e do aparelhamento tecnológico tão utilizados por eles, também é possível o levantamento da pergunta problematizadora, que incomoda, e traz uma aproximação entre a filosofia e os estudantes, por meio da curiosidade, do espanto ou da indignação. Essa aproximação por meio desses materiais serve como um momento inicial e deve ser superada no intuito de chegar no que é propriamente filosófico, não podendo cair no erro de esquecer o conteúdo filosófico e se limitar apenas ao momento da aproximação. Sobre esse momento de aproximação do mundo da filosofia com a vida, a realidade, o cotidiano e todo aparelhamento utilizado pelos jovens do século XXI, nos baseamos no exemplo dado por Rodrigo (2009) no que ela denomina de uma aproximação pré-filosófica.

Rodrigo (2009) discorrendo sobre essa questão da aproximação da filosofia com o mundo dos estudantes nos diz que:

Para instaurar uma postura indagadora, introduzindo o aluno a um conhecimento filosófico que, mais do que erudição acadêmica, seja significativo para ele, é preciso partir da sua realidade, dos seus modos de vivência e apreensão do real e da sua linguagem, de modo que se explicita algo que ele não consegue perceber por conta própria, isto é, os nexos entre determinados temas e questões filosóficas e as indagações que podem suscitar suas próprias vivências e representações.

Definido o tema filosófico a ser abordado, pode-se promover uma primeira aproximação, ainda pré-filosófica, empregando recursos e materiais que sejam familiares e do interesse do estudante, como por exemplo, música, poesia, trechos literários, textos de jornal, filmes, etc. (RODRIGO, 2009, p. 57)

Como já foi dito acima, esse momento de aproximação, que Rodrigo (2009) denominou como pré-filosófico, deve ser superado para que o estudante possa sair do senso comum, e desperte interesse pelo conhecer filosófico. Isso acontece quando numa aula de filosofia professores e estudantes após a pergunta filosófica chegam a conclusão primeira de que o senso comum não é capaz de responder a essa problematização desafiadora e empolgante trazida pela filosofia. Os estudantes do ensino médio, estão numa fase da vida entre a adolescência e a juventude, fase essa que tem uma presença marcante de rebeldia, mas que também tem a curiosidade e quando essa é despertada, fica fácil perceber o brilho nos olhos, e o desejo de saber ou de buscar na filosofia respostas para a problematização levantada. Ora, se o senso comum não responde questões levantadas pela pergunta filosófica, e os estudantes despertaram o interesse pela questão, a filosofia ganhou espaço e atenção da turma, ou seja, o problema filosófico na aula deixou de ser um problema apenas a ser transmitido pelo professor e passou a ser um problema a ser discutido pela turma. Portanto, essa aula de filosofia está no caminho certo para se tornar uma boa aula acontecendo de forma filosófica.

A aproximação pré-filosófica para acontecer com sucesso, prescinde necessariamente da pergunta filosófica que problematiza e consegue trazer o aluno para o campo da filosofia. Essa pergunta, é o que consegue fazer com que o aluno desperte ou o espanto, ou a curiosidade, ou a indignação e dê seus primeiros passos, começando a sair do senso comum e da inocência de consciência diante do mundo, da vida, do outro e de si mesmo. A pergunta filosófica desestabiliza e tira o ser humano da zona de conforto do senso comum que aparentemente resolvia ou explicava determinadas situações, e ao mesmo tempo traz o encantamento filosófico, ou seja, é a pergunta filosófica ou problematização que faz com que o pensamento humano se maravilhe com as coisas, saindo do senso comum e do pensamento acrítico, e passando a conhecer o pensamento crítico e sistemático da filosofia. Todo esse movimento filosófico que está sendo descrito aqui, tem total possibilidade de acontecer em

sala de aula e é extremamente propício que aconteça, pois no ambiente de ensino médio, temos a juventude, e jovens são atraídos com mais facilidade pelo encanto da filosofia, uma das coisas que comprovam esse fato da relação entre jovens e filosofia, encontramos na vida de Sócrates, que tinha entre seus discípulos, vários jovens.

Ora, ao se perceber que filosofia combina com jovens, pode se afirmar que sua presença enquanto disciplina durante a juventude, é um bem imensurável na vida de qualquer ser humano, e de qualquer sociedade, pois no ensino de filosofia, o ser humano tem a possibilidade de sair da ignorância, da ingenuidade e da acriticidade, passando a obtenção do filosofar, e da aquisição do conhecimento, por meio da investigação filosófica, que acontece por meio da criticidade. Isso faz bem não só ao indivíduo, mas a sociedade no seu todo.

A pergunta problematizadora, como já foi dito, tem como principal função numa aula de filosofia, desafiar e chamar os jovens do ensino médio ao filosofar e perceberem que o senso comum não dá conta de respondê-la, e aqui ela passa o bastão para o próximo ponto a ser abordado por este capítulo e que é necessário numa aula de filosofia: a criticidade. A problematização, mostra que o senso comum e a acriticidade não conseguem dar conta e exige na filosofia uma investigação segura. Essa investigação segura acontece no uso da criticidade.

A criticidade, portanto, é o terceiro ponto abordado neste capítulo, como algo que quando existente em sala de aula, potencializa e/ou possibilita o ensino de filosofia de forma filosófica. Após a pergunta filosófica despertar nos estudantes o espanto filosófico, eles são encaminhados para a forma como o pensamento filosófico é construído. São encaminhados exatamente por perceberem que o senso comum não consegue dar conta do questionamento filosófico, por não suportar o teste, ou a prova que a filosofia traz consigo que é a criticidade. Ou seja, o conhecimento para sair da ingenuidade de consciência, para sair do senso comum e passar a ser filosófico, tem que ser aprovado pelo crivo da criticidade que é outro elemento inerente à filosofia. Por isso, uma aula de filosofia para ser filosófica tem que acontecer também com a presença da criticidade.

Recapitulando para melhor entendimento. O caminho traçado até aqui neste capítulo para a aula de filosofia acontecer de forma filosófica foi de traçar elementos fundamentais e necessários que potencializem tal objetivo, o primeiro foi a vitalidade da filosofia, a partir do cotidiano dos estudantes, o segundo foi a pergunta filosófica que problematiza e tira os estudantes do seu conforto do senso comum e esses nos trouxeram até aqui no terceiro elemento que é a criticidade.

Destaca-se aqui que a criticidade é uma das características inerentes da filosofia que consegue cumprir ou ratificar o que está no inciso III do art. 35 da lei de diretrizes e bases da

educação nacional (LEI 9394/96), quando estabelece sobre a finalidade do ensino médio brasileiro. Esse inciso reza que uma das finalidades do ensino médio é: “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (LEI 9394/96). Ou seja, a criticidade segundo a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), juntamente com outros dois critérios também oriundos da filosofia, aprimora o educando como pessoa humana. Isso fortalece a ideia de que a filosofia é essencial enquanto disciplina para todos os jovens além de fortalecer a ideia de que uma aula de filosofia para ser filosófica não pode abrir mão de trabalhar nos estudantes a criticidade.

Essa criticidade deve ser trabalhada e incentivada pelo professor durante todas as suas aulas, e é sobre isso que Cerletti (2004) discorre:

Em suma, a aposta consiste em encontrar que se possa ensinar algo próprio à atividade filosófica em si. Esse espaço em comum tem um ponto de partida que não é necessariamente um conhecimento ou uma habilidade específicos, mas uma atitude: a atitude questionadora, crítica e desconfiada do filosofar. O que se poderia começar por ensinar é então esse olhar agudo que não quer deixar nada sem rever, essa atitude radical, que permite problematizar os eventuais fundamentos ou colocar em dúvida aquilo que se apresenta como óbvio ou naturalizado. (CERLETTI, 2004, p. 27-28)

Ou seja, ao trabalhar e incentivar seus estudantes durante as aulas de filosofia a tomarem essa atitude questionadora e crítica, o professor faz com que eles comecem a abandonar o pensamento de senso comum e a inocência de aceitar tudo como algo já posto, decidido e inquestionável, cumprindo assim o que está citado acima da própria LDB e potencializando o desenvolvimento de futuros adultos, futuros cidadãos críticos e conscientes de si e de suas relações com os outros e com o mundo.

Ensinar filosofia sem trabalhar a questão da criticidade, pode desembocar em algo que se resume como apenas transmissão de conteúdo sem a reflexão filosófica, pode descambar para a ideia de que o professor é aquele detentor único do conhecimento e que sua função é a de apenas “passar” o conhecimento para aqueles que não sabem e esses por sua vez, como bons receptores apenas aceitam e assimilam o que foi dito pelo professor. É desenvolvendo e trabalhando a criticidade nos jovens que o professor possibilita que aqueles passem a encarar o mundo de outra forma, isto é, esses jovens que tiveram despertados a criticidade terão uma nova forma de ler e assimilar o mundo. Agora de uma forma questionadora, perguntadora e crítica.

Ainda dialogando com Cerletti nessa questão da aula de filosofia que trabalha com o desenvolvimento da criticidade nos jovens estudantes do ensino médio, fazendo com que esses passem a abandonar o pensamento de senso comum, ingenuidade, repetição e alienação, ele nos diz:

Filosofar é atrever-se a pensar por si mesmo, e fazê-lo requer uma decisão. Há que atrever-se a pensar por si mesmo, porque supõe uma maneira nova de relacionar-se com o mundo e com os conhecimentos e não meramente reproduzi-los. E isso implica incerteza. Pensar supõe que há algo novo com o que alguém se confronta. É uma atitude produtora e criadora, não é meramente uma reprodução ou repetição do que há. (CERLETTI, 2009, p. 80-81)

Ou seja, uma aula de filosofia filosófica é também uma aula que tem como uma de suas características principais, o trabalhar a atitude crítica fazendo com que o estudante passe a entrar em “trabalho de parto” do pensar e deixe de apenas repetir o que foi dito pelo professor. Esse processo faz com que a disciplina de filosofia no ensino médio, num emaranhado de outras tantas disciplinas, seja aquela que traga sentido de ser para os jovens estudantes, levando-os a serem sujeitos autônomos, críticos e até mesmo criativos.

Portanto, a criticidade na aula de filosofia traz ao estudante uma visão de mundo com mais profundidade e clareza da realidade, além de possibilitar a esse ser o rompimento com um dos motivos desse trabalho ser pensado e realizado, que é a forte influência do tecnicismo e do positivismo percebido na instituição em que se aplica a pesquisa. Ou seja, filosofar é ir muito além de uma visão tecnicista e positivista da educação, do mundo e da própria vida. Dialogando com estudiosos do ensino da filosofia, esses ratificam com o presente pensamento. Senão, vejamos:

Rios (2001), por exemplo, discorrendo sobre o ensino de filosofia e fazendo uma crítica ao ensino no mundo contemporâneo, ratifica o pensamento da necessidade da criticidade nas aulas de filosofia, quando afirma que:

Trata-se, sim, de negar tanto a razão positiva, exaltada pela modernidade, quanto o irracionalismo que parece ser característica do movimento denominado pós-moderno. É preciso resgatar o sentido da razão que como característica diferenciadora da humanidade, só ganha sua significação na articulação com todos os demais “instrumentos” com os quais o ser humano se relaciona com o mundo e com os outros – os sentidos, os sentimentos, a memória e a imaginação. (RIOS, 2001, p.44-45)

Já Ghedin (2008), afirma que o ponto de chegada do ensino de filosofia é a formação de mentes ricas em teoria, capazes de ler de modo crítico a realidade complexa do mundo, criando o que ele define como razão aberta que é capaz de ir para além das posições pragmáticas e científicas, é capaz de romper e ir além da neutralidade científica. Horn

(2009), nos diz que resgatar a razão crítica é superar a tecnocracia e a ideologia positivista, já que essas eliminam a reflexão crítica, e a formação de sujeitos autônomos, sendo, portanto, tarefa básica da filosofia exercitar a criticidade.

É por meio da criticidade, é trabalhando com os jovens o questionar das coisas e da realidade, buscando encontrar a raiz de tudo, que a filosofia e seu ensino, desenvolve adultos autônomos capazes de enfrentar as dificuldades da vida, e os problemas trazidos pelo mundo; adultos capazes de refletir, decidir e fazer o melhor para si e para os outros. Essa contribuição da filosofia enquanto disciplina do ensino médio, é de suma importância no intuito de evitar o mundo da barbárie, isto é, seres humanos adultos que tiveram uma formação educacional pautada na criticidade em suas aulas de filosofia, refletirão e decidirão de forma mais ajuizada sobre a vida, o mundo e seus problemas.

O pensamento acima é corroborado por Silveira (2007) quando ele afirma que:

Se a filosofia implica, necessariamente, superação do senso comum e capacidade de reflexão rigorosa, crítica e sistemática sobre os problemas da realidade, o seu contato com os trabalhadores – ou o contato deles com ela – pode lhes proporcionar a apropriação de um instrumental teórico e cultural da maior importância para a crítica da ideologia dominante, para a superação da alienação e, enfim, para a recuperação de sua condição propriamente humana de sujeitos e senhores da produção de sua existência, de seu destino, de sua história. (SILVEIRA, 2007, p. 92)

Portanto, acontecendo nas aulas de filosofia, a criticidade desvela o próprio mundo da filosofia e desperta cada vez mais a curiosidade ou a sede (*philia*) do saber nos estudantes que são alcançados por meio de aulas que despertem isso nos estudantes. Essa sede de saber, essa busca por conhecer tem sua força aumentada de forma intensa, quando acrescentamos o diálogo nas aulas de filosofia. Esse é o próximo ponto a ser trabalhado a partir do próximo parágrafo, pois como o diálogo é algo imprescindível numa aula de filosofia, se faz necessário se deter um pouco sobre essa questão.

Não precisa ser um profundo conhecedor sobre educação, ou sobre filosofia, para perceber que o diálogo é fundamento sempre debatido pelos autores que se dedicaram a estudar e a escrever sobre tais áreas do saber. Dialogar é base para o aprendizado, é alicerce de qualquer educação, tirar o diálogo de um processo educacional, é assassinar esse processo. A própria BNCC (Base Nacional Comum Curricular) traz como destaque em seu texto quando se refere as ciências humanas, a importância do diálogo na formação de um jovem que cursa o ensino médio. “É por meio do diálogo que os estudantes ampliam sua percepção crítica tanto em relação à produção científica quanto às informações que circulam nas mídias, colocando em prática a dúvida sistemática, elemento essencial para o aprimoramento da conduta humana”. (BRASIL, 2017, p.548) A mesma BNCC destaca ainda, “o aprender a

indagar, como ponto de partida para uma reflexão crítica, além do reconhecimento do outro”. (BRASIL,2017, p.549). Dialogar, é chave para a efetivação da competência específica de número 6 (seis) da BNCC, pois só por meio do diálogo é que um jovem sai do ensino médio e entra na vida adulta com capacidade de:

Participar, pessoal e coletivamente, do debate público de forma consciente e qualificada, respeitando diferentes posições, com vistas a possibilitar escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade. (BRASIL, 2017, p.565).

Mesmo sem destacar especificamente o diálogo no ensino de filosofia, mas entrando ou se aprofundando um pouco na seara da educação em si, tem-se como referência aqui um grande educador que em seus escritos destaca o papel do diálogo no processo educacional: Paulo Freire. São frequentes as afirmações que realçam no processo educativo de qualquer ser humano a força e a importância do diálogo. Educação sem diálogo, não é educação. Uma dessas afirmações, a respeito do diálogo no processo educativo, Freire (2016) nos diz que:

A grande tarefa do sujeito que pensa certo não é transferir, depositar, oferecer, doar ao outro, tomado como paciente de seu pensar, a inteligibilidade das coisas, dos fatos, dos conceitos. A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de entender, desafiar o educando com quem se comunica, a quem comunica, a produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade. (FREIRE, 2016, p.38-39).

Freire (2016), ainda nessa mesma obra, pedagogia da autonomia, relaciona o diálogo com o que ele denomina como curiosidade epistemológica, ou seja, numa aula ou num processo de aprendizagem em que o diálogo é inexistente o que acontece no máximo, é a domesticação da curiosidade e a memorização mecânica por parte de quem “aprende”, mas nunca o aprendizado real ou o conhecimento cabal do objeto a ser conhecido. Conhecer verdadeiramente, segundo Freire (2016) só é possível num momento de dialogicidade, de abertura dialógica entre o professor e os estudantes, de forma curiosa, aberta e necessariamente, por meio do diálogo.

Ora, se o diálogo é ressaltado no processo de aprendizagem como um todo, imagine o quanto esse ponto deve ter força e estar presente numa aula de filosofia! Nesse trabalho, vamos ver nos próximos capítulos que o filósofo que fundamenta a presente pesquisa, como já foi dito é Sócrates que afirmava a filosofia como algo tão vivo por meio do diálogo, que opta por não escrever sobre filosofia. Ou seja, em Sócrates, filosofia se vive! E se vive por meio do diálogo. Portanto, a filosofia tem por essência trabalhar a questão do diálogo. Trataremos da relação Sócrates, diálogo e aprendizagem cooperativa de forma mais aprofundada em outro momento. Além disso, os estudiosos que pensam sobre o ensino de

filosofia também destacam o diálogo como fator imprescindível nas aulas de filosofia. E aqui destaca-se o pensamento de alguns desses estudiosos, a respeito do diálogo no ensino de filosofia. Iniciaremos esse ponto lembrando que o cerne da presente pesquisa é sobre a possibilidade, ou de como se dá a efetivação do ensino de filosofia de forma filosófica, e para que isso aconteça é necessário o filosofar e que só acontece por meio do diálogo, é por isso que Cerletti (2009), afirma que:

Se a aula é um espaço compartilhado de pensamento e nela há diálogos filosóficos, a dimensão criativa envolve aqueles que aprendem e aqueles que ensinam. Em outras palavras, o professor deve criar as condições para que os estudantes possam tornar própria uma forma de interrogar e uma forma de saber. (CERLETTI, 2009, p. 36-37).

Além disso, como a aula é de filosofia, o diálogo não se restringe apenas como troca de falas ou palavras, mas como algo que desperte no aluno inquietações a respeito do mundo, da vida, da sociedade, e de tudo que o cerca, na busca do porquê. Há uma especificidade no diálogo filosófico ressaltada por Matos (2015) quando ele, discorrendo sobre o diálogo no ensino de filosofia nos diz que:

Não nos referimos ao diálogo como troca de informações, mas a um olhar e dizer atentos aos fenômenos do mundo humano, onde a palavra ganha força na ação e reflexão em permanente produção de um dizer de si para si e de um falar com outro, enquanto outro de si e outro para além de si. (MATOS, 2015, p. 374)

Dessa forma, percebe-se que o diálogo filosófico está para além de uma simples conversa, ou de conversas de qualquer forma, isto é, na aula de filosofia o diálogo está atrelado a todos os pontos até aqui destacados e mencionados acima, ou seja, o diálogo filosófico, no ensino dessa disciplina visando o alcance do ensino realmente filosófico, está intimamente relacionado com a vida de todos que estão presentes nesse ensino, com a pergunta problematizadora, com a criticidade num movimento dinâmico que torne a aula algo vivo, prazeroso, desafiador e intrigante dando sentido e ao mesmo tempo despertando curiosidade nos jovens do ensino médio, sobre o que está sendo estudado. Isso sim possibilita a formação de um jovem em direção a uma autonomia de pensamento e conseqüentemente autonomia no viver, mostrando o quão fundamental é a disciplina de filosofia na vida de todo e qualquer ser humano.

É com esse diálogo, o diálogo filosófico, que a aula trabalha a importância do outro, despertando no estudante do ensino médio, valores como respeito, convivência e o combate ao preconceito. É no diálogo que a aula de filosofia faz perceber que é necessário a introdução do outro no pensamento crítico, na vida, na formação da sociedade, em questões políticas e éticas. O diálogo é libertador. É por meio dele, que percebemos o mundo para além

de si mesmo, e que percebemos o outro na construção não só do pensamento, mas na construção do mundo. É sobre isso o destaque de Langon (2003) quando discorre a respeito do ensino de filosofia:

Uma didática do filosofar não deve ser pensada como um modo da didática, mas como um modo específico de filosofar. Trata-se de filosofar educando, de filosofar fazendo filosofia, de fazer filosofia ajudando a filosofar, de filosofar em grupo. Trata-se de educar filosofantes filosofando com crianças, jovens, adultos, anciãos, filósofos “profissionais”, estudantes de “filosofia”, “não-filósofos” ... E filosofando com pessoas mas também com grupos(...) fazer filosofia é sempre uma atividade com outros. (LANGON, 2003, p.92)

Vale lembrar ainda que o diálogo estando presente na aula de filosofia, potencializa ou possibilita de forma efetiva o combate ao tecnicismo e a aprendizagem de forma individualista, competitiva e mecânica, que é algo levado em consideração nessa pesquisa. Ou seja, a aprendizagem filosófica não pode, por sair de sua essência, ser regada à competitividade, ao individualismo e ao tecnicismo. A filosofia tem nela mesma a inclusão, a presença do outro é fundamental na filosofia e no seu ensino. Filosofar é viver. Isso é o que Langon (2003) denomina como comoção, isto é, uma aula de filosofia acontece em movimento, é movimento mútuo, e uma aula de filosofia sem comoção, não é uma aula de filosofia, pois é uma aula morta. Enfim, o diálogo é mais um fator que alicerça o ensino de filosofia de forma filosófica.

Por fim, resta dizer que o diálogo que ocorre numa aula de filosofia, tem um tema, um autor, ou uma questão filosófica a ser discutida. Não se dialoga sobre qualquer assunto, de qualquer jeito. Há uma tradição filosófica a ser respeitada e estudada. Dialogar com os pensadores é como ter um mapa da realidade e perceber o que já foi debatido, pensado sobre os problemas dessa realidade. Portanto, o diálogo com os filósofos é fundamental na questão epistemológica e metodológica do ensino de filosofia. Os problemas da vida, da política, da ética, da existência, da estética, da bioética, da metafísica, da epistemologia já foram e são tratados por filósofos, e que por isso são as referências a serem trabalhadas em sala de aula. Há o diálogo em sala de aula com o outro estudante, mas o diálogo com os autores da tradição filosófica também se faz necessário numa aula de filosofia.

A aula de filosofia que tem a presença de textos filosóficos de autores da tradição, possibilita superar a doxa, o achismo, o debate raso sem a profundidade que a filosofia busca em suas questões. Ghedin (2008), afirma ainda que:

A exigência do diálogo com a tradição é fundamental para o ensino de filosofia não só para recuperar os problemas postos em discussão, analisar e compreender as respostas que lhes foram dadas, mas para fazer avançar o conhecimento filosófico. É na ponte entre o contexto do autor, a resposta que ele deu e nosso contexto que

surtem novas problemáticas ausentes não consideradas no passado, por não serem questões de seu tempo. (GHEDIN, 2008, p.46)

Concordando com Ghedin (2008) e pensando nessa questão da necessidade do estudo de filósofos tradicionais do ocidente nas aulas de filosofia, como algo imprescindível, é que o próximo ponto abordado será sobre a história da filosofia e sua presença nas aulas do ensino médio.

Como foi dito anteriormente, o diálogo filosófico é imprescindível na aula de filosofia, e esse diálogo acontece na relação entre aluno – aluno; professor – aluno e aluno – professor - texto de filosofia (tradição na história da filosofia). Ou seja, o material de estudo que fará essa turma filosofar é um texto da tradição filosófica. É no diálogo com o texto filosófico e a partir desse texto que acontecerá a efetivação do aprendizado de filosofia na compreensão de conceitos filosóficos.

A relação com a vida, a pergunta filosófica problematizadora, a criticidade e o diálogo existentes na aula de filosofia, desembocam no texto de filosofia e numa relação dialética, todos em sala de aula passam a ter, após o aprendizado sobre determinado filósofo, uma nova leitura do mundo, de si mesmo, do outro, de áreas da filosofia como a política, a moral, etc. É o texto filosófico a ponte de relação entre o problema abordado na aula de filosofia com a realidade ou com o chão da vida dos estudantes. Além de ser essa ponte, o texto filosófico pode ser, afirmando de forma metafórica, também a fonte que saciará e ao mesmo tempo despertará a sede do saber nos alunos de filosofia. Portanto, o texto filosófico se junta nas aulas de filosofia, aos outros pontos abordados até aqui, potencializando o aprendizado de forma efetiva da filosofia por parte dos alunos, na busca do que se propõe essa pesquisa.

Assim sendo, fica evidente que não se dialoga, nem se trabalha criticidade filosófica, numa aula de filosofia sem o conteúdo próprio da filosofia; e esse conteúdo está contido em textos filosóficos construídos em toda a história da filosofia. Não se ensina filosofia sem seu conteúdo, assim como não se ensina qualquer outra disciplina sem seu próprio conteúdo. É de suma importância ressaltar aqui que não se pretende aqui o ensino de filosofia, como ensino de história da filosofia de forma engessada e rígida numa memorização mecanicizada de conceitos trabalhados por filósofos de forma cronológica. O que se pretende nesse ponto da pesquisa é destacar que a tradição filosófica e seus conceitos devem necessariamente serem considerados e trabalhados nas aulas de filosofia, ou seja, se caracteriza como aula de filosofia uma aula que tenha conteúdos de filosofia, evitando apenas debates rasos, ou pensar a filosofia enquanto disciplina, apenas como algo interdisciplinar pautada em achismos.

Sem os textos de filósofos da tradição filosófica ocidental, a aula de filosofia pode descambar para um bate papo que comece e termine no senso comum. E para fugir do senso comum nas aulas de filosofia, é que Silveira (2007), afirma:

Assim, a filosofia, como disciplina, constitui realmente um saber erudito, sistemático, elaborado, que vai muito além do senso comum e cujo contorno se define por conteúdos e métodos próprios, contidos nas obras dos filósofos e na história da filosofia, podendo, por isso, perfeitamente figurar no currículo escolar. (SILVEIRA,2007,p. 88)

Portanto, concordar com Silveira (2007) a respeito da história da filosofia como fator do alicerce na busca de uma aula de filosofia que aconteça de forma filosófica, é manter a coerência nessa busca e ao mesmo tempo defender a filosofia enquanto disciplina e não apenas como algo que consiga fazer uma interdisciplinaridade ou uma transdisciplinaridade entre as outras disciplinas. Silveira (2007) destaca essa demarcação territorial da filosofia enquanto disciplina, e enquanto disciplina ela necessita configurar de forma firme, pois a filosofia tem conteúdos e métodos próprios, que estão no pensamento dos filósofos, na linguagem e na história da filosofia.

Dessa forma, percebe-se claramente que a história da filosofia e toda sua tradição fornecem o material a ser estudado e debatido em sala de aula e por meio desse material fornecido fazer o elo, ou utilizando uma linguagem mais jovial, fazer o link com a realidade atual e com a vida dos alunos. E quando se dialoga com Ghedin, (2008) sobre a questão da valorização da história da filosofia no ensino de filosofia, ele não só afirma como algo que contribui para um ensino filosófico de forma filosófica, como enriquece essa questão com o argumento de que:

A meditação filosófica é construtora de sentidos num mundo sem significados. É uma proposição da compreensão para construir um horizonte significativo para a vida. Por conseguinte, meditar sobre as respostas que a história construiu constitui caminho interpretativo do presente que pode “iluminar” nossa compreensão. A noção de “ausência do ser num mundo sem entes” indica que o indivíduo já não concebe sua identidade como uma construção da história da humanidade. Esse modo de formar o horizonte de sentido, desvinculado da perspectiva histórica, marca radicalmente a barbárie da qual somos vítimas. (GHEDIN, 2008, p. 39).

Portanto, o diálogo com os pensadores da tradição filosófica é que norteiam ou servem como mapa em busca do conhecimento filosófico de forma viva, de forma dialogada. É num ambiente desse que a aula de filosofia se torna envolvente fazendo com que os alunos se sintam convidados e empolgados a aprender de forma mais envolvente, de forma não banalizada, a filosofia.

E aqui, definitivamente reafirma-se que a história da filosofia não é e nem deve ser tratada como um arquivo morto de obras de grandes filósofos que falaram apenas para seus

tempos históricos, mas que é algo que associa a aprendizagem da filosofia com a aprendizagem do filosofar; é algo que contribui para a vivacidade e para a radicalidade do ensino de filosofia. Dessa forma, encerra-se também o medo de que a história da filosofia torne nulo o filosofar, mas que pelo contrário, ela, além de reforçar a necessidade da obrigatoriedade enquanto disciplina escolar (pela importância de temas específicos e exclusivos), como ratifica o filosofar fornecendo os alicerces do pensamento filosófico com o peso da tradição filosófica.

Essa associação entre o aprendizado de filosofia e o aprendizado do filosofar, por meio da história da filosofia, é abordada de forma magnífica por Rodrigo (2009) quando ela afirma que:

A história da filosofia deve, portanto, ser apresentada aos estudantes como algo vivo, cujas elaborações passadas não perdem atualidade, na medida em que oferecem categorias e referenciais teóricos capazes de continuar nutrindo nossas reflexões no presente. Ela deve apresentar-se, enfim, como uma reflexão no presente. (RODRIGO, 2009, p. 50)

Ora, a história da filosofia, atrelada aos outros pontos abordados até aqui, contribuirão para que as aulas de filosofia sejam realizadas no que se propõe esse estudo. Além disso, todos esses pontos sendo aplicados em sala de aula com jovens do ensino médio, potencializam e possibilitam, uma formação humana para a autonomia desses estudantes. Portanto, o ensino de filosofia não pode acontecer sem essa questão da formação para a autonomia ser levada a sério. A formação para a autonomia humana é uma das características da filosofia, e, portanto, este será o último ponto ou elemento deste trabalho a ser abordado como elemento integrante indispensável no ensino de filosofia para que esse ensino aconteça de forma filosófica.

Educar para autonomia. Essa é a missão de uma geração que entrega o mundo para a geração seguinte. Kant (1999), na introdução de sua obra: “Sobre a pedagogia”, destaca a diferença que os seres humanos têm em relação aos outros animais na questão da educação. Ou seja, os seres humanos, além de serem mais frágeis estando menos preparados ao nascer diante da natureza, têm a necessidade de educar seus filhos para além dos instintos. O conhecimento, a cultura, a formação, a técnica, a moralidade, segundo Kant (1999) são fundamentais na formação de um ser humano. E isso só se efetiva numa educação que possibilite autonomia em qualquer ser humano que passa pelo processo educativo.

Percebe-se também nas leis e normas que regem a educação nacional, o destaque na formação para autonomia como um dos objetivos a serem alcançados pela educação dos seres humanos nesse país, e no ensino médio, onde os seres humanos estão em sua idade juvenil, a

questão da autonomia tem caráter de alicerce. Mais uma vez aponta-se a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que se apresenta como um documento normativo a respeito de aprendizagens essenciais, pois ela afirma que todo aluno deve se desenvolver com autonomia, conforme citação dessa base comum mais acima. E a LDB também na seção IV, que discorre exatamente sobre o ensino médio, em seu Item III, do artigo 35, discorre sobre o desenvolvimento da autonomia.

Somado aos parágrafos anteriores, relembra-se e ratifica-se aqui ainda que o espanto que deu origem a esse trabalho que foi a percepção alcançada no chão da escola de forma empírica de que uma educação para ser boa, não basta apenas a assimilação de conteúdos de forma mecanicizada, egoísta e competitiva, não basta ser uma educação conteudista e/ou técnica voltada apenas para atender o mercado de trabalho e/ou ingressar numa universidade. Mas uma educação para ser boa, terá o seu papel realizado de forma efetiva quando formar o ser humano no intuito de desenvolver sua autonomia. Ou utilizando um termo kantiano, quando o ser humano atingir o esclarecimento, saindo de sua minoridade intelectual e alcançando a sua maioridade.

Diante do que foi dito até aqui sobre educação para autonomia, e ao mesmo tempo, analisando a disciplina de filosofia para estudantes do ensino médio, só podemos obter a conclusão que o ensino de filosofia só se efetiva na acepção do termo (ensino de filosofia), numa aula de filosofia em que o filosofar conduza os estudantes em direção à autonomia deles. E a respeito dessa boa aula que desemboque na autonomia dos estudantes, continuaremos o diálogo com estudiosos do ensino de filosofia.

Gallo e Kohan (2000), quando se referem à disciplina de filosofia como fundamental numa educação voltada para a autonomia, no sentido de formar seres humanos como verdadeiros cidadãos, afirmam que mesmo sabendo que não serão todos os estudantes do ensino médio que se tornarão filósofos, a disciplina de filosofia tem que se fazer presente. E discorrendo sobre essa questão da filosofia enquanto disciplina e educação voltada para autonomia, eles dizem que:

Não podemos pretender que todo jovem venha ser filósofo (num sentido profissional), mas é importante que todo jovem, ao ter contato com a filosofia, possa desenvolver experiências de pensamento, aprendendo a reconhecer e a produzir, em seu nível, conceitos, a fazer a experiência da crítica e da radicalidade sobre a sua própria vida, a desenvolver uma atitude dialógica frente ao outro e ao mundo e, fundamentalmente, possa aprender uma atitude interrogativa frente ao mundo e a si mesmo. (GALLO E KOHAN, 2000, p. 195)

É a filosofia, uma disciplina que faz com que jovens do ensino médio sejam preparados para o enfrentamento do mundo e da vida quando chegarem na fase adulta da vida,

com poder de reflexão e criticidade que sejam capazes de tomar decisões em prol da vida, percebendo-a em sua totalidade e dessa forma quebrando os grilhões de uma educação voltada apenas para atendimento de mercado. Educação essa que não traz autonomia, mas alienação e estranhamento em relação ao mundo, com seres humanos adultos incapazes de trazerem soluções aos problemas trazidos pela vida.

Ora, se estudantes do ensino médio, após o contato com a disciplina de filosofia, conseguem dominar determinados conceitos, levantar perguntas problematizadoras, ler e interpretar textos filosóficos, perceber o outro humano dialogando na busca de conhecimento e resolução de conflitos (sejam eles filosóficos ou não), e realizar criticidade de forma fundamentada, esses estudantes, mesmo não sendo filósofos por profissão, serão adultos autônomos. E é essa a função da filosofia enquanto disciplina do ensino médio, mesmo atuando em escola profissionalizante. A aula de filosofia não pode se ater apenas a repassar conteúdos de filosofia. A formação humana não se realiza apenas quando um jovem ingressa no mercado de trabalho. Ou seja, além da formação profissional, esse jovem terá responsabilidade sobre o mundo em que vive. E sem autonomia, como viver? Como passar o mundo para a geração seguinte? Como entender o mundo em sua totalidade? Como tratar as questões interpessoais? Como se posicionar em questões ambientais? Como pensar a política?

Rios (2001) traz sua contribuição nessa questão quando afirma que o filosofar e a filosofia ensinam a ler o mundo nas entrelinhas. É a filosofia segundo a autora, a disciplina que permite ver com clareza, abrangência e profundidade a realidade e faz com que o ser humano assuma diante dela um posicionamento crítico na busca de sentido das coisas e da vida. E para completar o pensamento de que a filosofia enquanto disciplina se faz imprescindível na formação de jovens estudantes do ensino médio em seres humanos adultos e autônomos diante da vida e do mundo, é que Horn (2009) afirma:

Sendo assim, o homem é responsável por sua liberdade, por sua ação, ele existe e deve dar conta desta existência, precisa dar conta dos costumes, tem de dar conta da moral, tem de dar conta da Ética, tem de fazer-se, tem de fazer a humanidade, então, assim, ele pode, ele está na condição e em condição de realizar a utopia, fazer um mundo melhor com a máxima liberdade humana. Isso vale também, obviamente, para a educação, para os estabelecimentos e instituições de ensino. As orientações e diretrizes curriculares e os programas, evidentemente não nascem prontos, precisam ser pensados, criteriosamente elaborados, de acordo com a disciplina a ser desenvolvida na escola e os objetivos que se pretende atingir em sala de aula. (HORN, 2009, p. 47)

É concordando com o pensamento de Horn (2009) citado acima que essa pesquisa buscou na aprendizagem cooperativa uma forma de trabalhar em sala de aula a disciplina filosofia de forma filosófica. Pois é para a autonomia que esses jovens devem ser educados no

ensino médio e que isso deve ser trabalhado também nas escolas profissionais como os Institutos Federais. Portanto, concluindo essa primeira parte do capítulo, até aqui foram abordados seis pontos que possibilitam a efetivação de uma boa aula de filosofia. A missão agora é conceituar a aprendizagem cooperativa e perceber nessa metodologia, semelhanças e identificações exatamente com o que foi abordado até agora.

2.2 Sobre a Aprendizagem Cooperativa

Será que a aprendizagem cooperativa tem uma importância? Será que ela tem com o que contribuir para a educação e especificamente no ensino de filosofia aos jovens na atualidade? Qual a contribuição da aprendizagem cooperativa diante de um mundo no qual existe tanta competitividade e individualismo de jovens que saem do ensino médio e ouvem constantemente o termo “disputar” uma vaga para ingressarem no mercado de trabalho? Qual a importância do ensino de filosofia por meio da aprendizagem cooperativa nesse cenário? Nesse tópico vamos nos propor a responder essas questões.

Descrevendo com base na história sobre a forma como os homens aprendem, e fazendo um histórico da aprendizagem cooperativa, penso que as respostas para as perguntas acima sejam alcançadas. Iniciaremos afirmando que aprender de forma cooperativa é característica do ser humano em toda a história. O homem não aprende de outra forma, o homem não aprende sozinho, coisas que são próprias do aprender em sociedade. Desde o que ficou denominado de pré-história, até a contemporaneidade, o homem é um animal que na busca da sobrevivência aprende com seus semelhantes. Aristóteles em sua obra “A política”, já afirma que o homem é naturalmente um animal político, destinado a viver em sociedade (Aristóteles, 2017). Marx, em suas teses sobre Feuerbach, mesmo não afirmando uma essência natural do homem, afirma que essa é construída socialmente como resultado das relações sociais, o homem é, segundo ele, um ser de relações com a natureza e com os outros homens e é somente assim que ele se autoconstrói (Marx, 2017). Ou seja, tanto em Aristóteles como em Marx, há em comum o fato da coletividade na formação humana que passa necessariamente na forma como o ser humano desenvolve sua aprendizagem. O homem não é um ser que se faz só. E, Silva Filho e Lopes (2016), que são autores que tratam a respeito da educação, do trabalho e da sociabilidade, corroboram com os filósofos acima citados, fazendo uma articulação entre o homem como um ser social e o processo de educação desse ser, afirmando que:

É nesse sentido que se pode falar da intrínseca relação entre atividade produtiva e educação, pois esta é um dos solos das relações sociais através do qual se transmitem conhecimentos, cultura, o modo de se trabalhar etc. A educação no seu

sentido mais amplo é, pois, uma mediação da sociabilidade e da história humana. (SILVA FILHO; LOPES, 2016, p.51)

Portanto, falar de aprendizagem cooperativa é falar sobre a característica própria do homem de aprender e ensinar na construção de si mesmo. É ressaltar e destacar a importância de aprender de uma forma que os homens desde o início de sua existência sempre fizeram na luta pela vida. E ainda na resposta aos questionamentos acima citados, a aprendizagem cooperativa acaba sendo, portanto, para o momento atual uma ferramenta educacional de grande relevância a ser trabalhada com os jovens propiciando momentos de interação, tolerância, criatividade e desejo pelo conhecimento na busca de resolução de situações problemas, e no caso dessa pesquisa, de problemas filosóficos.

Porém, na história da humanidade, mais precisamente a partir da idade moderna e com o advento da industrialização, o processo de aprendizagem nas escolas, visando atender a demanda de mercado capitalista e à formação de trabalhadores para a indústria, passou a proporcionar ser desenvolvido fortemente de forma individualista e competitiva, e os alunos passaram a ter que desenvolver a memorização de conteúdos de forma isolada, reduzindo muito o aprender de forma cooperativa, dentro desse ambiente social chamado escola. Ou seja, com o aumento da divisão do trabalho, houve ainda uma maior diferenciação dos indivíduos e um aumento do tecnicismo, o que enfraqueceu o vínculo social fazendo com que as relações entre os indivíduos passassem a ser pautadas na competitividade. Dessa forma, o caráter competitivo ganha força, entra na escola e a aprendizagem agora acontece com o professor sendo o detentor do saber que diz e os estudantes de forma individual memorizam e reproduzem o conhecimento. Isso enfraquece demais a cooperação e o aprender a partir de situações problemas. A curiosidade, o diálogo e a coletividade que impulsionam o conhecimento, são aqui, prejudicados dentro do ambiente que tem como finalidade a aprendizagem e o conhecimento, chamado escola. Bessa e Fontaine (2002), ratificam esse pensamento quando dizem:

Este modo de ensino, dominante, garante a domesticação do comportamento e a socialização necessária quanto à necessidade de obedecer, cumprir ordens e a realizar tarefas de forma zelosa e pontual (Darling-Hammond,1997). A docilidade, passividade e obediência são recompensadas, enquanto a criatividade e a espontaneidade são punidas, destruindo-se a capacidade de iniciativa, de autodeterminação e de auto-realização. Assim se replicam nas escolas, entre alunos e professores, as mesmas relações de hierarquia e subordinação que encontramos nas empresas. Os indivíduos tornam-se incapazes de desenvolver as competências necessárias para, coletivamente, poderem agir sobre a economia e a sociedade, na defesa dos seus interesses, o que explica a manutenção do status quo (Bowles e Gintis,1976). (BESSA, FONTAINE, 2002, p.130)

Esse ensino técnico, voltado apenas para formação de trabalhadores da indústria traz

para os jovens uma série de problemas no aprendizado e que, por consequência, desembocam no social, quando esses chegam na vida adulta. Aprender dessa forma, sem a problematização, sem o debate e sem a cooperação, não desperta curiosidade, nem criatividade. Apenas memorização e repetição alienando o estudante daquilo que está sendo exposto. Dessa forma, um jovem que trabalha apenas a memorização torna-se mecanizado e daqui a pouco um adulto mecanizado e alienado de seus direitos e deveres perante o mundo. Ferreira, 2010, discorrendo sobre o que ela chama de práticas pedagógicas verticais aponta para essas dificuldades lembrando que essas são centradas de forma demasiada no professor, ignorando os diferentes ritmos e estilos de aprendizagem dos estudantes, dificultando a formação plena deles em sua totalidade. Aprender apenas a memorizar conteúdos e esses vindo de forma direta e “empacotada” pelo professor que é o centro do processo, faz com que a formação desses estudantes seja deficiente, além de não perceber que cada um deles é único na sua forma de aprender. E é sobre essas práticas pedagógicas que individualizam e levam para longe da aprendizagem cooperativa, que Ferreira, (2010) afirma:

As práticas pedagógicas verticais (professor-alunos) têm encontrado dificuldade em responder à diversidade das necessidades dos alunos porque estão demasiadas centradas no professor, sendo dirigidas ao grupo/turma como um todo e portanto ao idealizado aluno médio, ignorando os diferentes ritmos e estilo de aprendizagem dos alunos. (FERREIRA, 2010, p.13-14).

Dito isto, não é de se causar espanto o interesse e os estudos atuais com relevância, tanto no Brasil, (destaca-se aqui o Ceará), como nos EUA, e na Europa sobre o aprender de forma cooperativa. O primeiro destaque aqui nesse trabalho acontece já na primeira metade do século XX, com o filósofo John Dewey que em seu pragmatismo, percebe a importância do aprender de forma cooperativa afirmando que as crianças, assim como os adultos são seres ativos que aprendem a partir de situações problemáticas. Essas situações problemáticas sendo resolvidas de forma cooperativa desenvolve nas crianças um caráter, ou um conjunto de hábitos e virtudes como integração social, tolerância e resoluções de conflitos e que para isso acontecer, a escola deveria fomentar o espírito social das crianças, organizando-se como comunidade cooperativa. Nos registros de Teixeira, em seus estudos sobre educação na sociedade americana, Dewey, critica o individualismo na aprendizagem e afirma que dessa forma:

O espírito social se substitui por motivações e normas fortemente individualistas, como o medo, a emulação, a rivalidade e juízos de superioridade e inferioridade, devido os quais os mais fracos perdem gradualmente seu sentimento de capacidade e aceitam uma posição de inferioridade contínua e duradoura, enquanto os mais fortes alcançam a glória, não por seus méritos, senão por serem mais fortes. Dewey, afirmava que, para a escola fomentar o espírito social das crianças e desenvolver seu espírito democrático, precisava-se organizar-se como comunidade cooperativa. (TEIXEIRA, WESTBROOK,2010, p.20.)

Dewey, percebe a importância da educação na formação de pessoas e na formação social. Segundo esse filósofo, uma sociedade para ser realmente democrática deve necessariamente ter nessa sociedade pessoas que em seu processo educacional, tenham vivência de aprendizado cooperativo, se contrapondo a aprendizagem que valoriza o individualismo. Educar não é apenas educar e formar o indivíduo, mas é formar pessoas para a vida em sociedade. A educação faz parte da essência da vida que é a luta para se continuar a viver, ou seja, é da essência humana a transmissão e a entrega do mundo de uma geração para outra. Dessa forma, pensar a educação apenas para a formação do indivíduo, do individualismo, da competitividade, da assimilação de conteúdo como finalidade em si mesma, é um prejuízo para a humanidade. Educar não é adestrar. Vemos, portanto, que John Dewey alerta para a educação de forma cooperativa, pois educar é essencialmente, formar para a vida social. E na definição de educação, Dewey (1979) em sua obra “democracia e educação”, nos diz:

Já vimos que uma comunidade ou grupo social se mantém por uma contínua auto-renovação e que esta renovação se efetua por meio do crescimento educativo dos componentes imaturos do grupo. Mediante vários fatores não intencionais ou voluntários, uma sociedade transforma seus elementos não iniciados e aparentemente estranhos em ativos depositários de seus recursos e ideais. A educação é, portanto, uma incentivação, um alimento, um cultivo. Todas essas palavras subentendem atenção a *condições de crescimento*. Como sinônimas de educar, costumamos empregar em inglês palavras que significam elevar, exprimindo-se assim a diferença de nível a que a educação visa suprimir. Etimologicamente, a palavra educação significa exatamente processo de dirigir, de conduzir ou de elevar. Se tivermos em mente o resultado desse processo, diremos que a educação é uma atividade formadora ou modeladora •— isto é, modela os seres na forma desejada de atividade social. Neste capítulo trataremos em linhas gerais do *modo* pelo qual um grupo social conduz os imaturos à sua própria forma social. (DEWEY,1979,p.20)

Outros estudiosos da educação no século XX que se destacaram e hoje são referências mundiais fundamentais na elaboração de conceitos sobre a aprendizagem cooperativa são os norte-americanos David W.Johnson e Roger T. Johnson que iremos aqui denomina-los como os irmãos Johnsons. Os irmãos Johnsons são peças chaves nesse trabalho e por muitas vezes se fará aqui a articulação entre os conceitos trazidos por eles e a aprendizagem cooperativa aplicada aqui no estado do Ceará.

Em seus estudos, os irmãos Johnsons, recebem grande influência de Vygotsky, e percebem no autor russo que “os esforços cooperativos para aprender, entender e resolver problemas são essenciais para construir o conhecimento e transformar perspectivas conjuntas em funcionamento mental interno” (JOHNSON; JOHNSON, 1998). Vygotsky em sua teoria educacional percebe a importância do aluno enquanto sujeito ativo na construção do seu

próprio saber e essa é uma das principais características da aprendizagem cooperativa. Outra vantagem apontada pelos irmãos Johnsons na aprendizagem cooperativa que corroboram com a teoria de Vygotsky é o que ficou denominado por eles de responsabilidade individual, que é confirmado no pensamento de Vygotsky (2001) quando ele afirma em sua obra *Pensamento e Linguagem*: “o que a criança pode fazer hoje em cooperação será capaz de o fazer amanhã sozinha”. Assim, ratificando a influência de Vygotsky nas raízes teóricas da aprendizagem cooperativa, Ferreira afirma que:

A teoria vygotskyana tem servido como quadro de referência a muitas investigações desenvolvidas nos anos setenta e oitenta, destacando-se Johnson e Johnson em (1999), o qual deu contributos que têm ajudado a melhorar a aprendizagem cooperativa. (FERREIRA,2010, p. 15).

Os irmãos Johnsons, portanto, adotando as bases sociointeracionistas de Vygotsky, se tornaram ícones a respeito da aprendizagem cooperativa e essa se tornou uma metodologia de ensino que tem ganhado importância. De acordo com os Johnsons essa forma de aprendizagem apresenta melhores resultados tanto no aspecto cognitivo como desenvolvendo habilidades sociais por parte dos estudantes, sendo uma alternativa válida para o sistema de ensino ainda hoje marcado fortemente pela competição e individualismo.

Portanto, estudar sobre a aprendizagem cooperativa não é trazer novidade sobre o aprendizado humano, e sim reafirmar a importância nas escolas de uma aprendizagem coletiva, uma aprendizagem que acontece a partir de situações problemas e que de forma dialogada, cooperativa, os alunos se percebem capazes, além de perceber no outro capacidade, desenvolvendo habilidades cognitivas e sociais. É dessa forma que Lopes & Silva (2009 apud Penha 2017, p. 20) afirmam que:

A aprendizagem cooperativa não é uma metodologia nova. Sua origem remonta ao início dos processos de aprendizagem na história humana e, atualmente, configura-se como uma possibilidade de minimizar as dificuldades de aprendizagem dos alunos, ao passo que harmoniza, humaniza e compartilha saberes. Os estudantes trabalham juntos, em grupos heterogêneos para resolver um problema, concluir um projeto ou algum outro objetivo pedagógico. (PENHA, 2017, p.20)

Com os irmãos Johnsons a aprendizagem cooperativa se desenvolve e ganha de forma definitiva apreciações de vários estudiosos no mundo, que passam a desenvolver conceitos e afirmando as características básicas da aprendizagem cooperativa ajudando quem se dedica a estudá-la. Perceber a aprendizagem como resolução de situações problemas, faz com que os alunos se sintam convidados a refletir, despertando curiosidade e criatividade fatores primordiais no aprender e no aprender a pensar. Os cinco elementos-chave (**interdependência positiva, responsabilização individual, interação promotora, habilidades sociais e processamento de grupo**) que iremos tratar nesse trabalho mais

adiante, têm sua origem nos estudos desses irmãos que aprofundam a aprendizagem cooperativa como metodologia de aprendizagem. Ou seja, é definitivamente a partir dos Irmãos Johnsons, em meados dos anos de 1970, que a aprendizagem cooperativa tem seus fundamentos teóricos próprios divulgados no mundo, fazendo com que quem estude sobre essa metodologia de aprendizagem, beba nessa fonte. Hoje, como podemos comprovar por meio do site da International Association for the Study of Cooperation in Education- IASCE², vários países como: Suíça, Canadá, EUA, Espanha, Holanda, Portugal, Austrália, Cingapura, Dinamarca, Japão e Israel, passaram a estudar, utilizar e divulgar a metodologia de aprendizagem cooperativa.

No Brasil, os estudos sobre a aprendizagem cooperativa vêm ganhando força, mas ainda são iniciais, assim como a aplicação dessa metodologia nas escolas. Existem alguns escritos e relatos de experiências com a aprendizagem cooperativa relatadas e comprovadas por meio de dissertações e teses. Porém, há um destaque grandioso para o Ceará, pois uma experiência de grande sucesso aconteceu no município de Pentecoste, por meio de pessoas que sonharam com transformações em suas vidas e na comunidade em que viviam e viram na aprendizagem cooperativa um meio de se alcançar sonhos, essas pessoas viram na prática, a força dos seres humanos quando se juntam e somam forças no intuito de conseguir objetivos de forma cooperativa. E é baseado nesse modelo cearense de aprendizagem cooperativa denominado como PRECE (Programa de Educação em Células Cooperativas), que o presente trabalho foi aplicado com estudantes do IFCE- Campus Caucaia.

Como o presente trabalho desenvolve com os alunos do Instituto Federal do Ceará- Campus Caucaia, a aprendizagem cooperativa baseada no modelo do PRECE, considera-se, portanto, necessário trazer o histórico do PRECE, e explicitar em que momento a aprendizagem cooperativa do PRECE, assemelha-se e associa-se à aprendizagem cooperativa norte-americana dos Irmãos Johnson, sem perder sua autenticidade e características próprias.

Aqui no Ceará a aprendizagem cooperativa tem seu marco cravado na cidade de Pentecoste, numa comunidade denominada Cipó. Tudo começou em 1994 quando um professor de nome Manoel Andrade Neto, que tem sua origem nessa comunidade, incomodado com a realidade de que nessa comunidade não havia escola de ensino médio e que muitos eram os jovens fora da faixa etária escolar mal sabiam ler e escrever, teve a ideia de convidar sete desses jovens para estudar a partir do conhecimento que eles mesmos possuíam e tinham como objetivo primeiro a conclusão do ensino médio. A ideia inicialmente

² <http://www.iasce.net>

era que essa reunião fosse diária e que na semana esses sete jovens estudassem os conteúdos, discutissem o tema, partilhassem seus conhecimentos e de forma coletiva um ajudava o outro. Nos fins de semana tirariam suas dúvidas com o professor que viria a cidade na resolução das dúvidas e no incentivo que passa a ser o ingresso desses jovens no ensino superior. Como é comum em iniciativas ousadas, as críticas vieram sobre o grupo de estudantes e sobre o professor. Essas críticas vinham da própria comunidade e até mesmo da família dos jovens que sempre estiveram habituados a encaminhar seus filhos para o trabalho na roça, já que essa era a prática mais comum naquela realidade. Porém, o professor continuava acreditando naqueles estudantes.

Pode-se confirmar o que foi dito acima sobre o início da aprendizagem cooperativa em Pentecoste (CE), no texto de Miranda; Barbosa e Moisés (2011), que são pessoas que participaram do projeto de aprendizagem cooperativa na UFC (Universidade Federal do Ceará), SEDUC-CE (Secretaria de Educação do Estado do Ceará) e do Projeto coração de Estudante respectivamente:

O idealizador do PRECE foi Manoel Andrade, professor universitário da Universidade Federal do Ceará (UFC) oriundo da localidade rural Cipó, em Pentecoste (CE). Incomodado com a realidade de sua comunidade de origem, em que havia um grande número de jovens fora da faixa etária escolar ou que haviam abandonado os estudos, convidou, em 1994, um grupo de sete jovens para esses estudarem juntos. A princípio, objetivava-se que conseguissem voltar a estudar e concluíssem a educação básica. Incentivados, passaram a almejar o ingresso na universidade pública, com a qual conquistariam novas possibilidades profissionais e sociais (PRECE,2011)

A proposta do referido professor aos estudantes foi que se reunissem diariamente, mesmo em sua ausência, e juntos estudassem os conteúdos, cada um contribuindo a seu modo para aprendizagem coletiva. Cada estudante deveria optar pelo assunto com o qual mais se identificaria, assumindo o papel dentro do grupo de promover a discussão sobre o tema, a partir do qual todos partilhariam seus conhecimentos, realizando uma “mútua educação” (AVENDANO, A.C.A,2008). O grupo deveria reunir-se durante a semana, e aos fins de semana, encontrar-se-ia com o professor para resolução de eventuais dúvidas e compartilhamento do que havia acontecido.

A iniciativa a princípio foi alvo de muitas críticas e desdém: “Como vão aprender sem um professor ali para ensinar?!”; “Não dá pra confiar num grupo de adolescentes decidindo o que vão fazer! ”; “ O que um menino desses tem para ensinar para o outro?!”... o professor mantinha-se convicto de que o grupo tinha em si tudo o que lhe era necessário para seu processo de construção de conhecimento. (MIRANDA, BARBOSA, MOISES,2011, p. 25-26)

O grupo, segundo (PRECE,2012), precisava de um nome e teve em 1998, como nome inicial Projeto Educacional Coração de Estudante, com o passar do tempo, mais precisamente em 2004 passa a se chamar Programa de Educação em Células Cooperativas, sendo criado o Instituto Coração de Estudante. No início, as dificuldades enfrentadas por esse grupo foram várias, mas cabe o destaque aqui para uma que era a financeira pois os jovens não tinham como bancar o trajeto de suas casas para o local de estudo, e tiveram que morar numa casa de

farinha cedida pelos pais do professor Manoel de Andrade. Os integrantes relatam até a dificuldade de ter alimento (RODRIGUES,2007).

Tudo começa de modo informal e a metodologia inicial era a seguinte: Os estudantes se reuniam na casa de farinha, e como só possuíam um livro de cada série era lido em voz alta, após a leitura surge o momento de discussão sobre o assunto lido e resolviam os exercícios do livro. Quem tinha mais domínio em uma disciplina tomava a frente, auxiliando os outros e compartilhando seus conhecimentos. E quando chegava o final de semana havia a resolução de dúvidas e o aprofundamento do que foi estudado com o professor Manoel de Andrade.

Os estudos em grupo iniciaram-se com a realização da revisão do ensino fundamental, começando pela disciplina de história, com livros adquiridos pelo professor Manoel Andrade; por sinal, os únicos livros de 5ª a 8ª séries disponíveis naquele momento para os nossos estudos.

Para cada série havia apenas um livro disponível, o que nos levou a realizar um estudo priorizando a leitura em voz alta, O grupo reunia-se em torno de uma mesa e fazíamos a leitura dos textos, alternando os leitores, a fim de que cada membro do grupo tivesse a oportunidade de ir treinando a capacidade de leitura, haja vista ser esta uma deficiência que dificultava a própria compreensão dos textos lidos. Após as leituras, seguiam-se as discussões sobre o assunto estudado e resolvíamos os exercícios propostos ao final de cada capítulo. Foi com essa dinâmica que o grupo encarou o desafio de aprender conteúdos, buscando, através do próprio esforço, chegar à universidade. (...). Essa prática de coordenação dos estudos aos poucos foi se consolidando como metodologia: quem se identificava com determinada matéria, ou conhecia um pouco mais alguns conteúdos dela, constituía-se em colaborador do grupo, compartilhando assim seus conhecimentos. (RODRIGUES,2007, p.61)

Vale ressaltar que a cooperação vai para além da simples assimilação de conteúdos. Por isso, destaca-se nesse parágrafo, e isso é um ponto de interesse nessa pesquisa, a força que a cooperação tem e que vai além do mero aprendizado de conteúdos. Não resta dúvida, que esses estudantes passaram a compreender os conteúdos dos livros didáticos por meio da cooperação. Cooperação essa que era o motor para o êxito no aprendizado. Porém, como já foi dito nesse trabalho, as dificuldades e os obstáculos existentes eram muitos e a cooperação nesse momento se sobrepõe de longe ao individualismo e a competição. Foi por meio da cooperação que esses sete estudantes não desistiram do estudar. Ou seja, a cooperação na educação, não tem seu destaque apenas na questão do cognitivo e da aprendizagem, mas na formação humana, na formação do caráter, na formação da autonomia e da vida em sociedade. É isso que se percebe quando Rodrigues (2007), diz:

De fato, as várias estratégias utilizadas na superação dos problemas estimularam o sentimento de solidariedade e da mútua cooperação; aliás, um sentimento/ação que, na minha compreensão, contribuiu, decisivamente, para superar muitos obstáculos, desenvolvendo também, o senso de pertencimento ao grupo, de afirmação, de construção de identidade. Essa solidariedade desenvolvida pelo grupo foi imprescindível para que os problemas fossem minimizados. (RODRIGUES, 2007, p.67)

E foi em meio a todas essas dificuldades que um dos integrantes, de nome Francisco Antônio Alves Rodrigues foi aprovado em primeiro lugar no curso de pedagogia da UFC, no ano de 1996. A partir desse feito aquilo que para eles era um sonho, e que para muitos parecia loucura aconteceu e o PRECE passa a ganhar forças, aceitação e credibilidade na comunidade. A partir dessa aprovação em 1996, o PRECE a cada ano aprovava um número maior de estudantes nos vestibulares e a procura pelo PRECE aumenta de forma intensa. Assim, a divulgação desse projeto só aumenta e o grupo de estudantes que passam a fazer parte do PRECE, aumenta numa velocidade que surpreende. Em 2002, já era grande a dificuldade de receber todos esses estudantes que vinham de Pentecoste para a comunidade do Cipó. A expansão do projeto foi inevitável. Em 2003, foi criada a primeira EPC (Escola Popular Cooperativa) em Pentecoste. Em 2006, já eram dez EPC's em vários municípios como Pentecoste, Paramoti, Umirim, Apuiarés e inclusive em Fortaleza. No ano de 2007, já eram 46 alunos aprovados nos vestibulares de uma só vez. (RODRIGUES,2007). Em 2009, dentro da UFC é criada a COFAC (Coordenadoria de Formação e Aprendizagem Cooperativa) com o intuito de aumentar o número de concludentes dos cursos dentro da universidade. Em 2011, acontece a implantação da primeira escola profissionalizante que adota a metodologia de aprendizagem cooperativa em Pentecoste. (Escola Estadual de Ensino Profissionalizante ALAN PINHO TABOSA). Ainda em 2011, a SEDUC cria vários projetos para difundir nas escolas do ensino médio a metodologia de aprendizagem cooperativa. Em 2012, já havia o total de mais de quinhentos estudantes precisistas aprovados nas universidades (PRECE, 2012).

Toda essa expansão trouxe a necessidade de uma maior organização sistemática da metodologia do PRECE, para que não se perdesse a essência do que aconteceu com o primeiro grupo em 1994, ou seja, a participação efetiva de todo estudante foi o pilar principal do grupo pioneiro e isso não poderia ser perdido. Por isso se fez necessário todo o cuidado com a metodologia. Ficou definido, portanto, que seria denominado como educação por células compostas por cinco a sete estudantes, que os estudantes colaborariam entre si, com a presença de um monitor, que seria respeitado, valorizado e aproveitado o nível de conhecimento de cada integrante da célula. E o diálogo é o motor para aquisição de novos conhecimentos. Esse tipo de aprendizagem desenvolve autoestima, autonomia, respeito, solidariedade. O estudante nesse processo quebra de vez com o individualismo, a competição e o processo que centraliza na figura do professor como o detentor exclusivo do conhecimento, pois dessa maneira o estudante é quem desenvolve protagonismo da aprendizagem e tem grande potencial para ser sujeito ativo na sociedade.

A grande diferença é a valorização do conhecimento que cada um tem, porque tem pessoas que desenvolvem o aprendizado mais rápido, outros mais lentos, eu considero o meu mais lento. Então eu tive essa valorização, onde eu ficava com pessoas que tinham as mesmas dificuldades que eu. Na escola pública não, todo mundo é taxado como um nível só, você acompanha se você puder, se você tiver capacidade. Se você não tiver vai acabar ficando para o lado. E aqui no PRECE não, a gente acaba formando os grupos de acordo com o nosso nível de aprendizagem e isso é muito importante para cada pessoa né.(NONATA, 2006,p.84)

Com tudo isso acontecendo, com o crescimento, divulgação e implantação do PRECE, com parceria com a SEDUC e com a UFC, essa metodologia precisou de uma implementação, uma sistematização, uma teorização. E foi nesse momento de estudo para sistematizar a prática do que era feito no PRECE de forma informal, que foi percebido várias semelhanças e identificações desse programa, com a aprendizagem cooperativa norte-americana dos irmãos Johnson. Ambas estão na mesma perspectiva de aprendizagem. E a forma como os Irmãos Johnson teorizaram a aprendizagem cooperativa, passa agora a influenciar e a alicerçar a aprendizagem cooperativa do PRECE, porém, cabe ressaltar que o PRECE não perde suas identidades e raízes, nem se anula para que essa teorização e sistematização seja feita agora de maneira formal.

Assim, para melhor entendimento do que seja a aprendizagem cooperativa que esse trabalho aplica nos estudantes do IFCE campus Caucaia, que é a metodologia vinda do PRECE, faz-se necessário definir o que seja aprendizagem cooperativa e mostrar os pilares e características dessa aprendizagem tanto no modelo norte-americano dos irmãos Johnson, como pela turma que desenvolveu essa metodologia em Pentecoste, percebendo as semelhanças entre elas. É o que será feito a partir de agora.

Já foi dito nesse trabalho sobre a forma como o ser humano aprende e ensina durante toda a história e demonstrado que é próprio do ser humano o aprendizado de forma coletiva, de forma cooperativa. Também foi dito que com o advento da indústria e com o avanço do capitalismo, é que a educação foi tomando rumos para um modelo individualista e competitivo numa formação de jovens para a exclusividade de atendimento do mercado de trabalho. Portanto, trazer a alternativa da aprendizagem cooperativa é ao mesmo tempo um resgate da forma histórica de aprendizagem humana e ao mesmo tempo é dizer que essa metodologia de ensino-aprendizagem cabe muito bem no mundo educacional atual e cabe trazendo inúmeros benefícios. Além de encaixar, e possibilitar ou melhor, propiciar trazendo um cenário perfeitamente compatível com o que foi dito, a aprendizagem cooperativa potencializa e possibilita uma boa aula de filosofia. É o que há de se ver a partir de agora.

Feita a exposição histórica sobre a aprendizagem cooperativa no mundo e no Brasil,

destacando essa metodologia no Ceará, nos parágrafos acima, agora é momento de definir a aprendizagem cooperativa e fazer a exposição dos pilares que fundamentam essa metodologia de aprendizagem, diferenciando e ao mesmo tempo, apontando as semelhanças entre aprendizagem cooperativa no pensamento dos irmãos Johnson e a aprendizagem cooperativa realizada no interior do Ceará pelo PRECE, que é a metodologia adotada nesse trabalho de pesquisa. Para tal feito, utilizaremos definições de um autor precisa e dos irmãos Johnson sobre aprendizagem cooperativa. Iniciaremos com a definição de Firmiano (2011).

Segundo Firmiano (2011), que é um estudioso que tem sua participação no PRECE, essa é a definição de aprendizagem cooperativa:

A aprendizagem cooperativa é definida como um conjunto de técnicas de ensino em que os alunos trabalham em pequenos grupos e se ajudam mutuamente, discutindo a resolução de problemas facilitando a compreensão do conteúdo. Todas as atividades são estruturadas pelo professor que acompanha e estabelece os comportamentos desejados para os alunos no desenvolvimento da aula. Essa estratégia permite aos estudantes interagirem com os colegas e com o professor, possibilita também o ganho da autonomia e de responsabilidade para tomar decisões no desenvolver das atividades em sala de aula. (FIRMIANO, 2011, p.6)

E segundo Johnson & Jonhson e Holubec (1990):

A aprendizagem cooperativa consiste não só no trabalho em pequeno grupo, mas também num trabalho em conjunto, em que os alunos maximizam a sua aprendizagem e a dos seus colegas. É uma estratégia de trabalho que enfatiza a aprendizagem natural, que acontece como um efeito do trabalho de pequenos grupos, onde os alunos criam a sua própria aprendizagem e a sua evolução em termos de aquisição de conhecimentos. (Johnson & Jonhson e Holubec (1990) apud Simões 2012, p.6)

Percebe-se de forma imediata como as definições acima se assemelham, o que ratifica a ideia desse trabalho de como o PRECE tem várias semelhanças com a ideia e conceitos dos irmãos Johnson sobre aprendizagem cooperativa. Dessa forma, após a leitura de autores sobre essa metodologia, pode-se dizer ainda que a Aprendizagem cooperativa é uma metodologia em que de forma coletiva, participativa, os estudantes a partir de um problema vão na busca da resolução, tendo como ponto de partida o conhecimento de cada um e no alcance da resolução, todos de forma voluntária transmitem ao outro colega, por meio do diálogo, da discussão e da voluntariedade, o que maximiza o aprendizado além de vários benefícios trazidos para esses estudantes que vão muito além da assimilação de conceitos e conteúdos.

Na aprendizagem cooperativa, cada membro da equipe tem seu papel bem definido, o que diferencia totalmente das tarefas em equipes, ou formação de grupos tão conhecidas e nas salas de aula do Brasil, em que apenas um ou dois se esforçam “levando o restante da equipe nas costas”. Sobre essa diferenciação e especificação da aprendizagem cooperativa é que, Johnson & Johnson (1998) afirmam que para ser aprendizagem cooperativa, são necessários 5

(cinco) elementos básicos imprescindíveis que são: 1. Interdependência positiva; 2. Responsabilidade Individual; 3. Interação face a face; 4. Habilidades sociais e 5. Avaliação do processo de trabalho. Cada elemento básico traz sua contribuição para o processo educacional dos estudantes, ao mesmo tempo que formam o ser humano no rumo da autonomia, propiciando assim adultos capacitados para enfrentar os problemas trazidos pela vida e pelo mundo, algo totalmente diferente de jovens que tem sua vida educacional inteira trabalhando apenas a memorização no objetivo só de resolver questões de avaliações e ingressar no mercado de trabalho sem a menor leitura de mundo e sem autonomia para enfrentar a fase adulta da vida.

A **interdependência positiva**, esse primeiro fundamento da aprendizagem cooperativa, trabalha a questão do desenvolvimento em si da cooperação, e do trabalho coletivo. Eis o fundamento que combate o individualismo e a competição tão arraigados no sistema educacional pós-revolução industrial. Segundo Johnson & Johnson (1998) é na interdependência positiva que os estudantes aprendem que todos “navegam” juntos ou todos “afundam” juntos. Isso acontece porque na interdependência positiva cada estudante recebe uma tarefa de aprender o material a ser trabalhado que lhe foi designado e tem a missão de fazer com que todos do grupo também aprendam. Cada integrante do grupo tem a mesma missão com o material que recebeu, ou seja, o material a ser trabalhado foi dividido pelo professor que no momento incentiva uma interdependência, pois agora todos do grupo precisam uns dos outros para a obtenção de êxito na aprendizagem. Aqui são vários os aspectos desenvolvidos nesses estudantes que estão sendo lapidados no aprender de forma coletiva. Segundo Firmiano (2011), há uma interdependência de finalidades, isto é, todos os integrantes da equipe estão trabalhando para um fim em comum, e cada membro da equipe se torna consciente de que só alcançará seus objetivos, se todos os outros também alcançarem. Existe ainda uma interdependência positiva de celebração quando a equipe alcança o objetivo, ou seja, há a celebração da vitória com o outro e não apenas sozinho, como no aprendizado tradicional que torna o outro, o semelhante, como um adversário a ser batido. Aprende-se aqui que aprender é prazeroso, coletivo e cooperativo ensinando para uma vida adulta que o outro humano pode ser aliado no viver, pois durante a escola não foi ensinado que o outro é um inimigo. E ainda segundo Firmiano (2011) há nesse primeiro fundamento, a interdependência de papéis que desenvolvem nos estudantes a questão da função social, onde cada integrante tem sua tarefa a ser cumprida em harmonia segundo o papel que cada um tem no desafio que foi lançado em sala de aula.

A **responsabilidade individual** também é desenvolvida e de uma forma que o

estudante não desenvolva um individualismo exacerbado, mas que num caminho totalmente oposto, ele desenvolva responsabilidade enquanto indivíduo, ou seja, seguro de si, mas num propósito de enxergar um todo. Segundo Johnson & Johnson (1998) estudantes aprendem juntos de modo a subsequentemente poder desempenhar melhor suas atitudes e posicionamentos como indivíduos. Pois durante a aprendizagem cooperativa, todos enquanto indivíduos têm suas tarefas a serem desempenhadas e sendo bem desempenhadas o todo tem sucesso. Isso acaba fazendo com que cada um tenha sua responsabilidade individual lapidada, possibilitando e potencializando um adulto que assuma suas responsabilidades no todo da sociedade e do mundo em que está inserido. Sem falar que em sala de aula cada estudante terá o momento de avaliação individual e que a nota de cada um dirá ou não do sucesso da equipe. Fica muito fácil perceber que nesse fundamento da aprendizagem cooperativa denominado como responsabilidade individual o estudante é trabalhado para se tornar uma pessoa mais consciente dos seus direitos e deveres.

A **interação face a face** é o fundamento que desperta nos estudantes a questão do diálogo, do respeito da percepção do outro como algo fundamental na formação humana dentro de um ambiente escolar que não se ensina apenas conteúdo e fórmulas. Isso acontece a partir do momento da organização física da equipe, onde os alunos são colocados de uma forma que fiquem literalmente de frente um para o outro e isso proporciona o debate, a explicação, a resolução de dúvidas, havendo ainda o encorajamento entre eles. Sem falar da excelente forma de aprendizagem que acontece quando alguém explica para outra pessoa determinado saber. Sobre isso Johnson & Johnson (1998) afirmam:

Terceiro, você deve assegurar-se de que os alunos promovam, face-a-face o sucesso uns dos outros (ajudando, dando assistência, apoiando, animando, e valorizando os esforços uns dos outros para aprender). Fazer isto propicia processos cognitivos como o de explicar verbalmente o jeito de resolver problemas, passar o conhecimento de um para todos os colegas, e conectar o presente com o que foi aprendido no passado. (Johnson & Johnson, 1998, p.95)

O **desenvolvimento das habilidades sociais** é o quarto fundamento da aprendizagem cooperativa e esse nos mostra o desenvolvimento nos estudantes de características como: liderança, confiança, tomada de decisões, comunicação, resolução de conflitos. De acordo com Johnson & Johnson (1998), essas habilidades devem fazer parte do processo de aprendizagem dos estudantes, tanto quanto o ensino de habilidades acadêmicas. A existência de um diálogo aberto em que haja o respeito entre as diferenças individuais na busca de resoluções de problemas é algo que se mostra por demais oportuno tanto na forma como ocorre o aprendizado, como no desenvolvimento de habilidades que esses estudantes precisam

para enfrentar a vida em sociedade. Isso se faz cada vez mais necessário indo na contramão de um mundo com um aparato imenso de tecnologia que distancia o ser humano do outro no que ficou denominado como mundo virtual. Nesse mundo virtual as pessoas, por mais que estejam nas chamadas redes sociais, se distanciam, se individualizam cada vez mais, além de diminuir de forma drástica o respeito, o saber ouvir e a empatia pelo outro. Essas habilidades sociais se mostram, portanto, como algo imprescindível na aprendizagem de estudantes que vão receber o mundo dos adultos numa tentativa de fazer diferente e de dar novos rumos a sociedade em que estarão inseridos quando estiverem na vida adulta.

E a **avaliação** é o quinto e último elemento que fundamenta a aprendizagem cooperativa no pensamento de Johnson & Johnson (1998). Nesse quesito destaca-se a importância da análise feita pelos próprios estudantes acerca de como a equipe vem desenvolvendo seu trabalho e alcançando seus objetivos, destacando pontos positivos e pontos a serem melhorados. Segundo Firmiano (2011) essa avaliação deve ser sistemática e periódica para que haja o feedback necessário entre equipe e professor no intuito de uma melhor aprendizagem. Isso contribui de forma efetiva para o sucesso da equipe em sua aprendizagem cooperativa.

Esses são, portanto, os cinco fundamentos ou os cinco pilares estabelecidos pelos irmãos Johnson alicerçando assim a aprendizagem cooperativa. A partir de agora faz-se necessário a comparação da aprendizagem cooperativa no pensar de Johnson & Johnson, com a aprendizagem cooperativa do PRECE em seus fundamentos para a percepção do que se identifica e do que se diferencia, no intuito de basear de forma científica a pesquisa feita com os alunos nesse presente trabalho que são os alunos do IFCE campus Caucaia. Pois como já foi dito acima, no momento em que o PRECE ganha notabilidade na comunidade científica educacional chamando atenção da UFC e da SEDUC/CE, e precisa ser teorizado para que seja aplicado, foi na teoria de Johnson & Johnson que se encontrou semelhanças e fundamentos para a realização dessa teorização. Para isso, é necessário dizer que foi realizada uma visita na escola EEEP ALAN PINHO TABOSA no município de Pentecoste para perceber de forma empírica como funciona a aplicabilidade da aprendizagem cooperativa. E nessa visita ficou constatado que a aprendizagem cooperativa aqui no Ceará se estabeleceu com o método ETMFA. Esse método será explicitado a partir de agora e é nele que haverá a percepção de como a aprendizagem cooperativa do PRECE se assemelha e se fundamenta na aprendizagem cooperativa de Johnson & Johnson.

É óbvio que cada letra dessa sigla ETMFA, tem um significado e uma definição. A letra “E” abrevia o termo **EXPOSICÃO INICIAL** que é o momento primeiro numa aula de

aprendizagem cooperativa na EEEP Alan Pinho Tabosa. Nessa parte da aula, o professor faz uma exposição inicial do assunto a ser trabalhado na aula de forma breve, sucinta, mas que desperte curiosidade, vontade e ao mesmo tempo problematize o que será abordado. Segundo Matos (2018):

O professor tem autonomia para executar sua exposição da forma que preferir. Diversificar esse momento é uma estratégia utilizada pelos docentes. Apresentação de slides, exposição no quadro, vídeos e outros recursos são importantes, para que a aula seja sempre dinâmica. Essa etapa pode ser também omitida em algumas aulas, quando o professor decide ter mais tempo de trabalho com os estudantes, ele pode, por exemplo, iniciar a aula com leituras individuais dos conteúdos do livro didático, quando isso demandar mais tempo de aula. Outro ponto importante é entender que quanto mais tempo o professor leva em sua fala, menos tempo de aprendizado interativo os estudantes terão entre si. (MATOS, 2018, p.58-59)

A letra “T” abrevia o termo **TAREFA INDIVIDUAL**. Nesse momento da aula cada estudante receberá uma tarefa individual que trabalhará a questão da responsabilidade individual e da interdependência positiva e pessoal o que se assemelha com dois dos pilares fundamentais elaborados por Johnson & Johnson, pois esta tarefa individual vai estar relacionada com o desempenho de toda a equipe que esses estudantes fazem parte e o sucesso da equipe dependerá do sucesso na realização dessa tarefa individual. Segundo Matos (2018), nessa etapa é importante que tanto o material didático, como o tempo anunciado pelo professor sejam exequíveis motivando assim os estudantes ao desafio da tarefa individual.

A letra “M” abrevia o termo **META COLETIVA**. Ainda durante a aula na metodologia de aprendizagem cooperativa, a equipe receberá uma meta que para ser realizada com êxito, a tarefa individual deve também ter acontecido de forma exitosa. É na meta coletiva que ocorrem o diálogo, o ouvir, o respeito ao parceiro de equipe, a motivação, a liderança, correspondendo o que Johnson & Johnson denominaram de interação face a face e de desenvolvimento de habilidades sociais. Segundo Matos (2018), é de suma importância que a meta coletiva seja um produto ou algo a ser materializado, como uma tabela, um cálculo, um resumo, uma encenação, etc, que será recebida pelo professor no final da aula.

A letra “F” abrevia o termo **FECHAMENTO DA AULA**. O fechamento da aula é o momento onde todo o coletivo da sala de aula, e não apenas a equipe formada por três estudantes, resolvem dúvidas, debatem, resolvem a problemática. Esse é um momento de muita riqueza cognitiva num verdadeiro fervilhar de ideias onde o estudante é verdadeiramente sujeito ativo de seu aprendizado e de uma forma totalmente oposta ao mero conteudismo, memorização e competitivismo. Além dessa riqueza no aspecto cognitivo desenvolvido nesse momento da aprendizagem cooperativa, é nítida a percepção do trabalhar as habilidades sociais já vistas aqui e definidas pelos irmãos Johnson. O aprender a dialogar, a

debater, a ouvir, a reconhecer a fala do outro como legítima e como uma fala enriquecedora que propicia conhecimento a todos. Sem dúvida isso desenvolverá ou potencializará nesses estudantes a questão da formação para cidadania, a formação para autonomia tornando jovens em adultos prontos para enfrentar a vida em toda sua realidade e com todas as suas dificuldades.

E por fim a letra “A” abrevia o termo **AVALIAÇÃO INDIVIDUAL**. Até aqui toda a aula ocorreu de forma cooperativa e coletiva. Porém, no fim da aula o estudante será avaliado de forma individual para uma verificação e uma confirmação de uma aprendizagem eficaz, ou seja, em toda aula cooperativa há uma verificação que se debruça analisando os efeitos da cooperação e da coletividade na vida estudantil de jovens nos aspectos cognitivos e sociais. É ao perceber que os estudantes que obtiveram um bom aprendizado por meio da aprendizagem cooperativa, são também capazes de demonstrar esse aprendizado em avaliações individuais concretizando o pensamento de Johnson & Johnson (1998) quando eles afirmam que “Estudantes aprendem juntos de modo a subsequentemente poder desempenhar melhor como indivíduos”. Na avaliação individual também é possível a identificação da metodologia aplicada na EEEP ALAN PINHO TABOSA com suas raízes no PRECE, com alguns pilares de Johnson & Johnson como a responsabilidade individual e o processamento de grupo.

Percebe-se, portanto, que de forma completa, os cinco fundamentos essenciais que caracterizam a aprendizagem cooperativa são contemplados na técnica ETMFA, que é aplicada no Estado do Ceará e dessa forma, com todas as semelhanças e identificações entre o PRECE, a EEEP Alan Pinho Tabosa e as ideias dos irmãos Johnson no que diz respeito a aprendizagem cooperativa, está estabelecida a fundamentação teórica da aprendizagem cooperativa no estado do Ceará. Deixando bem claro ainda que com toda semelhança e identificação, a aprendizagem cooperativa no Ceará tem suas especificidades necessárias para adaptação ao contexto do nosso Estado e de nossa realidade enquanto educação no Ceará que é bem diferente do contexto e da realidade da educação norte-americana.

Sobre essa fundamentação teórica da aprendizagem cooperativa e sua aplicabilidade de forma oficial no estado do Ceará na EEEP Alan Pinho Tabosa, é que Bitu (2014) disserta:

Nesse sentido, o processo metodológico da Aprendizagem Cooperativa implementado na EEEP Alan Pinho Tabosa está impregnado do modelo do PRECE, desde a sua fase de informalidade, até os dias atuais, quando ele se sistematizou. Além das influências do PRECE, a escola também utiliza na sua experiência um método de aprendizagem norte-americana, aplicado pelos irmãos Johnson e Johnson. Para o diretor da escola, um ex-precista, mesmo que a metodologia norte-americana traga muitas contribuições, há a necessidade de que a escola construa seu próprio método, porque as realidades são muito distintas, o que pode comprometer

os resultados na instituição. O certo é que a unidade procura fazer uma adaptação das duas experiências para atender as especificidades da escola, que é de tempo integral e de currículo integrado com a educação profissional. (BITU,2014, p.91-92).

Depois de tudo isso exposto sobre a aprendizagem cooperativa, podemos agora responder os questionamentos iniciais do presente capítulo a respeito da aprendizagem cooperativa como algo cabível em um mundo marcado pelo competitivismo em que o mercado de trabalho dita as regras do jogo e inclusive do sistema educacional, afirmando a importância dessa forma de aprender com os jovens da atualidade e a urgência com que o mundo clama pela formação educacional de jovens de uma maneira que entregue ao mundo adultos preparados para a vida, com habilidades sociais, responsabilidade individual, que tenham autonomia e possam com essas virtudes construir um mundo melhor.

A aprendizagem cooperativa se mostra pertinente em sua aplicabilidade e em seu estudo como uma possibilidade de ensino-aprendizagem válida na atualidade, mesmo com toda maquinaria e tecnologia que distanciam os seres humanos uns dos outros. Ressalto ainda que em tempo de pandemia, onde estamos isolados, de forma ainda mais intensa, há mais de um ano, essa metodologia se fará ainda mais oportuna quando as aulas voltarem ao ensino presencial.

E no ensino de filosofia então! Nos dois pontos abordados nesse capítulo onde o primeiro se refere as características de uma boa aula de filosofia, e o segundo as características da aprendizagem cooperativa, já é anunciado como essa metodologia se encaixa de forma surpreendente com o ensinar filosofia. Enfim, com todas essas informações e conceitos expostos até aqui a respeito da aprendizagem cooperativa e do ensinar filosofia é fácil constatar que essa metodologia tem elementos suficientes que potencializam sim uma boa aula de filosofia. Pois na aprendizagem cooperativa é perfeitamente possível trabalhar a filosofia a partir de uma problematização filosófica, utilizando o diálogo como motor dessa aula, sem esquecer a tradição e os textos filosóficos, como ponto de partida na busca da resolução problemática filosófica, buscando entendimento por meio de debates em torno dos conceitos filosóficos concebidos pelos autores consagrados da filosofia ocidental, relacionando de forma intensa a filosofia com a vida, pois é a partir da vida de cada um que esse problema filosófico será abordado, despertando seres humanos com criticidade, autenticidade e autonomia. Eis o elo da filosofia com a aprendizagem cooperativa na ideia.

Sendo assim, a definição de aprendizagem cooperativa de Vasconcelos se encaixa no que está sendo dito, quando ele afirma que:

A aprendizagem cooperativa é aquela baseada em problemas, a qual está relacionada

com a aprendizagem colaborativa, porquanto visa à interação entre alunos de maneira que estes alcancem objetivos em comum. Essa metodologia de ensino permite a liberdade de posicionamento e discussão, estimulando as habilidades sociais dos indivíduos, o desenvolvimento da criatividade e o equilíbrio emocional. (VASCONCELOS, 2007, p. 74)

É fácil perceber o elo entre a aprendizagem cooperativa e o tão procurado e desejado, ensino de filosofia de forma filosófica, por esta citação acima e por tudo o que foi colocado até aqui. Ora, uma metodologia que está baseada em problemas se assemelha e se identifica com uma aula de filosofia que parte do problema filosófico, uma metodologia que aborda o conhecimento de forma coletiva, aponta necessariamente para o diálogo que caracteriza o filosofar, sem falar no desenvolvimento de habilidades sociais, cognitivas e emocionais que são potencializados por essa metodologia, que são pontos buscados no ensino de filosofia, em conceitos como autonomia de Kant e no conhece-te a ti mesmo de Sócrates, além da busca do saber que é próprio da filosofia.

Firmiano (2011) que é um precista aponta algumas vantagens da metodologia de aprendizagem cooperativa tais como: O estímulo e o desenvolvimento de habilidades sociais, o encorajamento da responsabilidade pelo outro, o desenvolvimento nos estudantes da preocupação uns com os outros, o desenvolvimento de líderes, a elevação da auto-estima, a redução da ansiedade, a criação de relação positiva entre professor e estudante, estímulo e desenvolvimento do pensamento crítico a partir do diálogo, o desenvolvimento da comunicação oral, além de criar um ambiente ativo e investigativo por parte dos estudantes.

Com um olhar mais atento, dá pra perceber que todas essas vantagens citadas por Firmiano (2011), podem encontrar fundamento teórico filosófico em Sócrates. E é isso que será feito no tópico a seguir. Ou seja, é em Sócrates que essa metodologia encontra abrigo filosófico que a fundamente enquanto um trabalho de filosofia, pois mesmo que seja um estudo voltado para o ensino de filosofia, o seu teor é antes de qualquer coisa filosófico.

2.3 A relação e as semelhanças entre a aprendizagem cooperativa e a filosofia socrática no ensino de filosofia.

É próprio da filosofia observar tudo o que rodeia o ser humano, (não é à toa o símbolo emblemático da coruja) e dessa forma a educação humana não fica de fora dessa observação crítica lançada pela filosofia, sendo estreitos os laços entre filosofia e educação. Por isso, vários são os filósofos que se dedicam também a pensar sobre a educação.

Neste trabalho, a leitura sobre alguns filósofos fundamenta o teor filosófico tanto da aprendizagem cooperativa, quanto do ensino de filosofia. Pois quando há a leitura e a

compreensão de alguns conceitos kantianos como autonomia, imperativo categórico, maioria, minoria e esclarecimento, pode-se afirmar que Kant percebe na educação o papel fundamental que a mesma tem na formação do homem em sua totalidade. E isso é sem dúvida, uma ligação filosófica que pode ser feita com o ensino de filosofia e por que não, com a aprendizagem cooperativa no seu intuito de educação para além do aprendizado de conteúdos. Kant, em sua obra sobre a pedagogia nos diz:

O homem não pode se tornar um verdadeiro homem senão pela educação. Ele é aquilo que a educação dele faz. Note-se que ele só pode receber tal educação de outros homens, os quais a receberam igualmente de outros. Portanto, a falta de disciplina e de instrução em certos homens os torna mestres muito ruins de seus educandos. (KANT, 1999, p.15)

Outro filósofo que muito contribuiu para o presente trabalho, é John Dewey, que já é considerado um dos fundadores, um dos pilares pensantes da aprendizagem cooperativa como foi dito acima na exposição sobre a história da aprendizagem cooperativa no mundo. John Dewey em sua obra Democracia e educação, já disserta sobre a questão da educação e do aprendizado de forma cooperativa, criticando os métodos individualistas na educação, que atrofiavam a genialidade dos jovens que estão na escola.

No processo ordinário por que alguém se familiariza com matéria já conhecida por outros, até alunos bem novos reagem de modos inesperados. Existe alguma coisa nova, e não capaz de ser prevista mesmo pelos educadores de mais experiência, nos modos por que se entregam ao seu trabalho e nos modos particulares com que as coisas os impressionam. Com muita frequência tudo isto é desprezado como não tendo importância; e os alunos são forçados a repetir a matéria da mesma forma com que os mais velhos a concebem. O resultado é deixar de ser usado e orientado tudo aquilo que é instintivamente original na individualidade, tudo o que diferencia uma pessoa de outra. Ensinar deixa então de ser um processo educativo para o professor. No máximo ele se limita a aperfeiçoar a técnica de que já dispõe; não obtém novos pontos de vista; deixa de experimentar qualquer cooperação intelectual. Tanto o ensinar como o aprender propendem a tornar-se coisas convencionais e mecânicas, aptas a ocasionar fadiga nervosa para o docente e o discípulo. (DEWEY, 1979, p.344)

Westbrook (2010), estudioso do filósofo John Dewey, dizia que este afirmava que para fomentar o espírito social nas crianças, desenvolvendo assim o espírito democrático, era necessária uma organização escolar como comunidades cooperativas.

São vários os filósofos desde a antiguidade, que destacam ou trabalham em seus pensamentos a questão da educação, apontando, portanto, que a educação é ponto muito abordado, estudado e aprofundado pela filosofia em toda sua tradição. Porém, o filósofo que se destaca aqui como o fundamento base que abriga a aprendizagem cooperativa como uma metodologia que possibilita a jovens, o aprender filosofia de forma filosófica nas salas de aula do ensino médio, é Sócrates. Em se tratando de educação e aprender filosofia filosofando, várias são as identificações e semelhanças na vida, tanto em atitudes como no pensamento de

Sócrates com o que foi relatado aqui sobre a aprendizagem cooperativa. Todas essas semelhanças e identificações é o que será abordado a partir de agora.

O esforço dessa pesquisa está em se debruçar sobre a aprendizagem cooperativa e saber se essa metodologia propicia, ou possibilita a aprendizagem da filosofia de forma filosófica numa instituição de ensino. Ensinar filosofia de forma filosófica, quebra vários paradigmas sobre a questão do tradicionalismo e do tecnicismo que, como já foi dito, são historicamente fortemente enraizados no sistema educacional brasileiro. Porém, ao mesmo tempo que é um estudo no campo da educação institucionalizada, é um estudo de cunho filosófico e para isso se faz necessário o fundamento filosófico do que está sendo discutido. Portanto, para resolver a questão de como fundamentar filosoficamente a aplicabilidade da metodologia de aprendizagem cooperativa em sala de aula no ensino de filosofia, o pensador aqui trabalhado como pedra angular que sustenta essa ideia é Sócrates. E para tanto, cabe a pergunta sobre Sócrates como professor. Seria Sócrates um professor?

Ora, se observarmos Sócrates como aquele professor tradicional, detentor de todo saber, pronto para transmitir conhecimento em forma de conteúdo pronto e acabado, a resposta é não. E essa negação é feita pelo próprio filósofo na obra de Platão denominada a apologia de Sócrates.

Eu nunca fui mestre de ninguém, conquanto nunca me opusesse a moço ou velho que me quisesse ouvir no desempenho de minha tarefa. Tampouco falo se me pagam, e se não pagam, não; estou igualmente à disposição do rico e do pobre, para que me interroguem ou, se preferirem ser interrogados, para que ouçam o que digo. Se algum deles vira honesto ou não, não é justo que eu responda pelo que jamais prometi nem ensinei a ninguém. Quem afirmar que de mim aprendeu ou ouviu em particular alguma coisa que não todos os demais, estais certos de que não diz a verdade. (PLATÃO, 1996, p.42)

Essa discussão sobre o “mestre” Sócrates no sentido de pensá-lo como professor é desenvolvida por alguns estudiosos do ensino de filosofia. Sofiste (2007), em sua obra “Sócrates e o ensino de filosofia, denomina o ensino tradicional, esse ensino tão recorrente nas escolas do Brasil, de pedagogia de armazém. No pensamento de Sofiste (2007), Pedagogia de armazém é aquela que a escola é a intermediadora entre alguém que produz e alguém que consome conhecimento, servindo como mediadora. O professor é o balconista que entrega o conhecimento, pois ele é o único detentor do saber, e o aluno é o consumidor que adquire o conhecimento transmitido pelo professor de forma totalmente passiva, pois esse mesmo aluno não produz, mas apenas escuta e apreende o que é transmitido pelo professor que detém, na sala de aula, o saber de forma absoluta.

Sobre esse tipo de pedagogia, Sofiste (2007), diz categoricamente que Sócrates não é, de forma nenhuma, um professor ou um mestre que se enquadra nos moldes acima citados. O

Ou seja, por essa definição, Sócrates muito provavelmente, não se adaptaria ou não teria sucesso como mestre nas escolas e nos métodos tradicionais engessados que ainda existem no Brasil.

Sofiste (2007) abordando o pensamento socrático, afirma o seguinte sobre a pedagogia do mestre ateniense:

Diálogo e investigação são os princípios pedagógicos e metodológicos usados por Sócrates para fazer filosofia. Pelo que podemos observar, em momento nenhum Sócrates está dando aula, portanto, se pensarmos seguir as pegadas do mestre, precisamos, em princípio, exorcizarmos a ideia de aula. Socraticamente falando, é um termo impróprio para o que se deve acontecer em um encontro para se fazer, viver, aprender filosofia. Aula, em geral, está diretamente ligada à ideia de ensino e ensino não tem nenhuma relação com o modo socrático de filosofar. Proceder socraticamente é negar a ensinar filosofia como um conjunto de conhecimentos, conceitos, teorias ou história da filosofia. (SOFISTE, 2007, p. 87)

Ainda dialogando e ratificando sobre essa forma de pensar Sócrates como professor, Kohan (2009), afirma que Sócrates não é um professor que vai ensinar aos outros, algo que eles não saibam e tenham que aprender. Por isso, pode-se dizer que se for para ensinar dessa maneira que é habitual e ainda muito percebida nas escolas, se for para definir Sócrates como um professor que palestrava e ensinava todos ao seu redor com longos e cansativos discursos e/ou sermões, definitivamente, Sócrates não se enquadra no perfil exigido. Principalmente no perfil da maioria das escolas brasileiras que mantem ainda de forma muito intensa o tradicionalismo em suas salas de aula, desde a formatação da sala, ao modelo como se portam alguns professores senhores e detentores do saber que despejam o conhecimento para seus alunos que por sua vez, fazem o papel de “esponjas” absorvendo o que foi dito pelo mestre.

Dessa forma, surge nesse trabalho, portanto o questionamento: Se Sócrates não se encontra nesse perfil de professor, se ele nem sequer assume ser mestre de ninguém, por que ele foi condenado em seu julgamento de corromper a juventude? Por que os jovens buscavam rodear esse filósofo? E por que o utilizar como o filósofo que fundamenta esse estudo? A resposta é simples, porque Sócrates ensinava. Ensinava, não dessa forma que já foi colocada acima, mas ensinava de maneira magistral, não só a busca de conceitos, mas a busca da vida. Ensinava não como um detentor do conhecimento, mas como um sedento de saber que com a maiêutica interrogava a seus concidadãos e nesses diálogos fazia brotar conhecimento e ensinamentos a todos os jovens que presenciaram Sócrates e sua pedagogia inovadora. Uma pedagogia viva, debatida, da mesma forma que sua filosofia. Pois na filosofia socrática, conhecimento, ética e virtude estão entrelaçadas de forma inseparável com a vida. Filosofia e filosofar no pensamento de Sócrates são tão intensos que não foram feitos para serem

colocados em folhas de papel, mas para serem aplicados e efetivados na vida, na própria existência.

Perceba que na mesma obra de Platão, a apologia de Sócrates, que foi citada acima, o filósofo em questão assume que os jovens o rodeiam e aprenderam a examinar as pessoas como fazia o mestre. Ou seja, Sócrates não é mestre de transmitir conteúdo, mas é mestre de acender nos jovens que o admiram, o desejo de conhecer. Mestre que chega no conhecimento pela arte de levar o outro ao parto das ideias e que desperta nos jovens a sede pelo saber. E é essa pedagogia filosófica totalmente diferente, que despertou o interesse em fundamentar o presente estudo nesse pensador.

Além disso, os moços que espontaneamente me acompanham – e são os que dispõem de mais tempo, os das famílias mais ricas – sentem prazer em ouvir o exame dos homens; eles próprios imitam-me muitas vezes; nessas ocasiões, metem-se a interrogar os outros; suponho que descobrem uma multidão de pessoas que supõem saber alguma coisa, mas pouco sabem, quiçá nada. (PLATÃO, 1996, p.34)

E é percebendo essa forma com que Sócrates ensina, mesmo sem se assumir mestre de ninguém, que Sofiste (2007) descreve o tipo de professor ou o tipo de pedagogia exercida por ele. Segundo esse estudioso que se dedica a relacionar o ensino de filosofia com a filosofia socrática, o que merece destaque no “professor” Sócrates é a convicção que os jovens que o rodeiam podem alcançar o conhecimento e em conceitos, por seus próprios méritos e esforços. Sócrates não usa seu saber para transmitir conhecimento ou qualquer conteúdo, mas usa de forma magnífica o método da maiêutica, que desperta nos jovens uma sede do saber, isto é, é como se Sócrates apenas acendesse a fogueira do conhecer, do filosofar. Ele incita o outro à busca pelo saber e ao mesmo tempo mostra que o conhecimento está nos próprios jovens que o cercam fazendo com que esses jovens percebam em si um potencial para alcançar o conhecimento, o que é totalmente o contrário do que Sofiste (2007) denomina de pedagogia de armazém e Paulo Freire (1987) denomina de pedagogia bancária. Ou seja, Sócrates ensina mostrando aos jovens que eles possuem tudo o que é necessário para o alcance do conhecimento e dos conceitos e que esses podem por meio do diálogo fazer o exercício da maiêutica, o que torna esses jovens sujeitos ativos no processo de aprendizagem. Enquanto que na pedagogia tradicional, os alunos ficam totalmente passivos, assistindo aula, ouvindo quietos o professor que discursa sozinho na crença que todos que estão na sala de aula aprendem o que ele, o detentor do saber, está dizendo. É muito clara a diferença abismal entre essas duas formas de trabalhar com jovens na questão do conhecimento. É inversamente proporcional, ou seja, enquanto Sócrates acende o “fogo” do saber, tornando o ambiente de aprendizado algo investigativo e dinâmico, desenvolvendo autonomia e liberdade, o ensino

tradicional apaga esse mesmo “fogo”, tornando o ambiente de aprendizado algo monótono, estéril, pesado, cansativo e opressor.

Kohan (2011), que é outro renomado estudioso da filosofia e da questão do ensino de filosofia, também aborda o fato de que para o “professor” Sócrates, o mais importante não é a transmissão de conhecimento de quem sabe para quem não sabe, mas a relação com o saber que é despertada nos jovens. Isso é o que se destaca no ensino socrático. Senão, veja:

Sócrates afirma que não ensina e que, no entanto, os que dialogam com ele aprendem. Não é tão curioso, na medida em que justamente Sócrates quer deslocar a relação entre quem ensina e quem aprende da lógica, imposta pelos profissionais da educação, da transmissão de saberes. Para esses, se alguém aprende é porque outro lhe ensinou o que aprendeu. Para Sócrates, alguém pode aprender mesmo que seu interlocutor não lhe ensine ou, talvez, justamente, porque seu interlocutor não tem a pretensão de transmitir-lhe saberes que ele deve aprender. (KOHAN, 2011, p.46)

Segundo Kohan (2011), em Sócrates a filosofia se faz de forma intensamente educacional, pois o filosofar é viver. Viver interrogando-se a si e a seus semelhantes, cuidando de si e dos outros, sendo essa portanto, a dimensão pedagógica da filosofia socrática por meio da maiêutica. Sem esse viés a própria vida perde sentido. E é aqui que se encaixa sua célebre frase na apologia escrita por Platão, que “uma vida sem exame não é vida digna de um ser humano”.

Sócrates tinha como a principal preocupação o conhecimento de si mesmo na busca do saber viver, isto é, o conhecimento humano serve exatamente para a efetivação do bem viver e esse pensador fazia da filosofia algo vivo, pois realizava sua filosofia nas ruas de Atenas indagando, dialogando, na busca de conceitos para uma realização do conhece-te a ti mesmo, sendo o autoconhecimento o caminho da felicidade. Dessa forma, conhecer é bom e faz o bem na vida de qualquer ser humano. Em Sócrates, conhecimento ou o autoconhecimento, desenvolve no ser humano virtude, e um ser humano virtuoso é um ser humano que sabe viver da melhor forma, é um ser humano feliz, pois torna a alma tão boa quanto possível e isso só é possível, segundo o mestre de Platão, pela filosofia e pelo filosofar. Nem mesmo a ameaça da morte em seu julgamento foi capaz de fazer Sócrates se calar em Atenas, pois ele deixa claro em sua defesa que bem pior do que a morte é viver sem a reflexão filosófica, pois só essa é capaz de efetivar uma vida virtuosa.

E essa proposta de vida trazida por Sócrates atraía e continua atraindo os jovens exatamente porque qualquer ser humano em sua juventude é cheio de vida, de indagações, cheio do desejo de saber e quando um jovem se deparava naquela época pessoalmente com Sócrates ficava encantado, com o pensador, e conseqüentemente com a pedagogia filosófica ou filosofia pedagógica e com a vida desse grande ícone da humanidade. Pode-se afirmar sem

medo de erro que Sócrates ainda causa esse efeito nos jovens que o conhecem através de estudos, leituras e explicações sobre esse pensador. Dessa forma, mesmo sem querer, mesmo sem a intenção de ser reconhecido e considerado um professor, Sócrates passa a ensinar aos jovens desde a antiguidade aos dias atuais. E passa a ensinar da melhor forma possível, pois são os discípulos que pelo prazer de aprender, pela sede do saber que procuram o mestre. Esse tipo de situação torna o aprender prazeroso, torna o aprender como algo que traz vida a quem se aproxima do mestre. É mais vida jogada na vida. É o pulsar da existência mostrando o quanto é bom viver, o quanto é bom ter um professor como Sócrates. Esse professor atrai. Observe, o relato de Cornford (2001) sobre essa questão da relação existente entre o mestre Sócrates e seus discípulos:

Sócrates estava sempre disposto a conversar com qualquer pessoa, mas, acima de tudo, ele prezava a companhia dos adolescentes. Estes descobriam nele exatamente aquilo de que a juventude precisa nesta fase de reação – um homem cuja coragem comprovada eles pudessem respeitar e admirar, e cujo intelecto sutil estava sempre a serviço da paixão dos jovens pela argumentação. Ele nunca silenciava seu questionamento imaturo com o tom superior da experiência adulta; era seu desejo saber tudo o que se passava em suas mentes e incentivá-los positivamente a pensar por si mesmos em todos os assuntos, particularmente quanto ao certo e ao errado. Sócrates sempre afirmava, com manifesta candura, que ele próprio era questionador, que nada sabia e nada tinha a ensinar, mas via toda questão como uma questão em aberto. E por trás da inteligência cheia de humor, eles sentiam a presença de uma personalidade extraordinária, calma, segura e de posse de uma misteriosa sabedoria. Diante deles estava um homem que descobrira o segredo da vida e conseguira um equilíbrio e uma harmonia de caráter que nada conseguia perturbar. Seu tempo estava sempre à disposição de qualquer um que desejasse descobrir esse segredo – acima de tudo o jovem cuja necessidade obscura e premente era alcançar a liberdade da idade adulta emancipada. (CORNFORD, 2001, p.40-41).

Assim, pode-se afirmar que Sócrates é sim um professor. Mas um professor na melhor acepção da palavra, pois foi alguém que conseguiu demonstrar como é possível ensinar filosofia, filosofando. É sem sombra de dúvida um modelo a ser seguido na questão de ensinar filosofia de forma filosófica. Por isso é importante se ater de que forma Sócrates fazia em seu método tão conhecido que era a maiêutica, todo seu processo filosófico e pedagógico ao mesmo tempo nas ruas de Atenas, na ágora, nas praças da Grécia antiga, dialogando com qualquer um que quisesse debater sobre temas filosóficos e atraindo os jovens para perto de si. Na obra Teeteto de Platão, Sócrates explica de forma muito clara como ele realizava o parto das ideias em sua filosofia, essa explicação responde a pergunta principal desse estudo sobre como é possível ensinar filosofia de forma filosófica. Já na obra de Platão, Alcebiades I, Sócrates ratificando a ideia do “conhece-te a ti mesmo”, ideia que tem como objetivo desenvolver virtude e ser melhor pessoa, faz uma alegoria sobre a maiêutica em que ele afirma que da mesma forma que um olho pra se ver tem que olhar no fundo de outro olho, a

maiêutica faz com que a alma olhe no fundo de outra alma para que assim ela conheça melhor a si mesma. O mestre Sócrates ensina, portanto, que em seu método de filosofar é necessário o outro para se alcançar o conhecimento de si mesmo, desenvolvendo virtude para o viver bem. Percebe-se que a educação socrática vem da filosofia e está totalmente entranhada com a vida indo muito além da mera transmissão de conteúdo. Aliás, passa muito longe disso. É por isso que os jovens eram atraídos pelo filósofo mestre, além de aprenderem muito com ele. Veja o que o próprio Sócrates afirma na obra Teeteto, sobre seu método definido como maiêutica (arte do parto) em que ele é o mestre que se assemelhando as parteiras, não dá a luz, mas faz com que seus interlocutores é que façam tal ato:

Porém a grande superioridade da minha arte consiste na faculdade de conhecer de pronto se o que a alma dos jovens está na iminência de conceber é alguma quimera e falsidade ou fruto legítimo e verdadeiro. Neste particular, sou igualzinho às parteiras: estéril em matéria de sabedoria, tendo grande fundo de verdade a censura que muitos me _assacam, de só interrogar os outros, sem nunca apresentar opinião pessoal sobre nenhum assunto, por carecer, justamente, de sabedoria. E a razão é a seguinte: a divindade me incita a partejar os outros, porém me impede de conceber. Por isso mesmo, não sou sábio, não havendo um só pensamento que eu possa apresentar como tendo sido invenção de minha alma e por ela dado à luz. Porém os que tratam comigo, suposto que alguns, no começo, pareçam de todo ignorantes, com a continuação de nossa convivência, quantos a divindade favorece progridem admiravelmente, tanto no seu próprio julgamento como no de estranhos. O que é fora de dúvida é que nunca aprenderam nada comigo; neles mesmos é que descobrem as coisas belas que põem no mundo, servindo, nisso tudo, eu e a divindade como parteira. (PLATÃO, 2001, p. 47)

Dessa forma, está demonstrado que Sócrates enquanto mestre e ao mesmo tempo, enquanto filósofo fundamenta a estrutura pedagógica e ao mesmo tempo filosófica do presente estudo. É nítida a quantidade de semelhanças e identificações da metodologia utilizada por Sócrates em sua filosofia-pedagógica (maiêutica) com a metodologia da aprendizagem cooperativa. E é exatamente isso que será abordado daqui em diante, nesse ponto do capítulo. Ou seja, ver-se á, portanto, quais as características da pedagogia socrática e suas semelhanças com a aprendizagem cooperativa.

Após a leitura sobre Sócrates, por meio dos diálogos de Platão em sua fase socrática, a leitura dos estudiosos que se dedicam a pensar sobre o ensino de filosofia, e a leitura dos teóricos e estudiosos que escrevem sobre a aprendizagem cooperativa, o presente estudo elenca algumas características da metodologia da aprendizagem cooperativa que se assemelham e se identificam com a metodologia (maiêutica) utilizada pelo filósofo mestre Sócrates na cidade de Atenas. A partir de agora serão destacadas as características da maiêutica socrática e como a aprendizagem cooperativa aplicada nas aulas de filosofia do ensino médio, se assemelha ao método do filósofo mestre Sócrates. Lembrando que todas as

características que serão elencadas já estão constando no início desse capítulo, como fundamentais para que as aulas de filosofia aconteçam de forma filosófica, o que só reforça a fundamentação em Sócrates e a potencialidade trazida pela metodologia de aprendizagem cooperativa nas aulas de filosofia para o ensino médio.

A primeira característica que se assemelha entre a maiêutica e a aprendizagem cooperativa, sendo útil no ensino de filosofia, é o diálogo. O diálogo era algo indissociável na filosofia socrática. Mencionar o filosofar de Sócrates, necessariamente é mencionar o diálogo. O filósofo que decide não escrever, faz isso porque sua filosofia é viva e o que ele fez para mostrar a vida que existe na filosofia e pela filosofia, foi usar essa forte arma do diálogo. Pelo diálogo, a busca do conhecimento tem início na filosofia socrática, ao mesmo tempo que, como já foi dito, na metodologia de aprendizagem cooperativa, o diálogo é o motor que impulsiona o conhecimento dos estudantes que a praticam. Assim, fundamentado na filosofia de Sócrates, para que em uma aula de ensino médio da disciplina de filosofia aconteça aprendizagem dos conceitos filosóficos de forma filosófica, o diálogo deve necessariamente existir.

Cerletti (2009), enfatizando a importância do diálogo no ensino de filosofia, realça de forma brilhante essa característica que se encontra na metodologia de aprendizagem cooperativa que ganha força de fundamento filosófico na maiêutica socrática, diz:

Uma vez mais: Ensinar filosofia é dar um lugar ao pensamento do outro. Não tem sentido transmitir “dados” filosóficos (isto é, informação extraída da história) como se fossem peças de uma loja de antiguidades com a qual os jovens não teriam qualquer relação. Não há sentido em tentar transmiti-los sem vivificá-los no perguntar dos alunos. A lógica do antiquário filosófico, que atesoura joias para oferecê-las a alguns poucos privilegiados, emudece o filosofar e mutila sua dimensão política.

A filosofia não é uma questão privada, ela se constrói no diálogo. Ensinar significa retirar a filosofia do mundo privado e exclusivo de uns poucos para colocá-la aos olhos de todos, na construção coletiva de um espaço público. (CERLETTI, 2009, p. 87).

Os próprios estudiosos tanto da maiêutica socrática, quanto da aprendizagem cooperativa, afirmam categoricamente a presença do diálogo naquilo que estudam, e o presente trabalho de pesquisa afirma ser o diálogo, sem sombra de dúvida, ponto em comum entre a metodologia de aprendizagem cooperativa e a maiêutica. Para comprovar o raciocínio, utilizaremos citações de ambas as metodologias. Portanto, o autor utilizado para tratar do diálogo na maiêutica socrática é Cambi (1999), um estudioso da pedagogia, que trata muito bem sobre a forma como Sócrates educava ao mesmo tempo que filosofava na busca de conceitos. E há uma clara percepção nesse destaque feito por Cambi (1999) que o diálogo é o ponto primordial, que fortalece uma educação para a perfeita formação de jovens, em adultos

responsáveis e autônomos. É no diálogo, que o filosofar acontece e a educação, tem seu cenário desenhado, trazendo assim um aprendizado verdadeiro.

Sobre a educação socrática, Cambi (1999) destacando o diálogo, diz que:

Estamos diante de uma paidéia como problematização e como pesquisa, que visa a um indivíduo em constante amadurecimento de si próprio, acolhendo em seu interior a voz do mestre e fazendo-se mestre de si mesmo. A formação humana é para Sócrates maiêutica (operação de trazer para fora) e diálogo que se realiza por parte de um mestre (seja ele Sócrates ou um daimon interior), o qual desperta, levanta dúvidas, solicita pesquisa, dirige, problematiza etc por meio do diálogo, que abre para a dialética (para a unificação através da oposição, construindo uma unidade que tende a tornar-se cada vez mais rica). A ação educativa de Sócrates consiste em favorecer tal diálogo e a sua radicalização, em solicitar um aprofundamento cada vez maior dos conceitos para chegar a uma formulação mais universal e mais crítica; desse modo se realiza o “trazer para fora” da personalidade de cada indivíduo que tem como objetivo o “conhece-te a ti mesmo” e a sua realização segundo o princípio da liberdade e da universalidade. (CAMBI,1999, p.88)

E para destacar o diálogo na metodologia da aprendizagem cooperativa os autores utilizados aqui serão os próprios irmãos Johnson (1998) que teorizaram mundialmente a aprendizagem cooperativa. Eles que afirmam ser a aprendizagem cooperativa como um diamante, pois quanto mais luz você lança em um diamante, mais ele brilha e se torna multifacetário, ou seja, vários são os benefícios trazidos por essa metodologia para os alunos que a utilizam em seus estudos. David Johnson e Roger Johnson (1998), percebem diálogo e dialética como fatores que constroem ou alcançam a conceitualização, quando afirmam:

Mais recentemente, nós (os autores) temos desenvolvido uma teoria controversa, que propõe que, quando os alunos se confrontam com pontos de vista opostos, isto resulta em incerteza ou conflito de conceitos, o que cria uma reconceitualização e uma busca de informações, que, por sua vez, resulta em uma conclusão mais refinada e mentalmente profunda. Os passos-chave para o aluno consistem em organizar, numa posição, o que é conhecido; advogar tal posição perante alguém que advoga uma posição contrária; tentar refutar a oposição contrária enquanto contrargumenta os ataques contra sua própria posição; reverter as perspectivas de modo que a questão seja vista de ambos os pontos de vista simultaneamente; e, finalmente, criar uma síntese com a qual todos os lados possam concordar. (JOHNSON & JOHNSON, 1998, p.94).

A segunda característica da aprendizagem cooperativa que se assemelha a pedagogia socrática e sua maiêutica, que potencializam o ensino de filosofia de forma filosófica, é a dimensão ética, que é trabalhada a partir da importância que é dada ao outro. Sócrates com a maiêutica transforma a filosofia na Grécia antiga, fazendo com que a busca filosófica deixe de ser a busca pelo ARCHÊ, e passe a ser a busca pela felicidade a partir do autoconhecimento e esse autoconhecimento só ocorre necessariamente por intermédio do outro. Para isso acontecer, Sócrates desenvolve toda uma questão ética em sua filosofia e automaticamente em sua pedagogia, desenvolvendo valores e princípios éticos em todos aqueles que aprenderam

com o mestre. E, segundo aqueles que estudam a aprendizagem cooperativa, essa metodologia de ensino também desenvolve nos estudantes que a praticam, valores que potencializam o aprender a conviver além do aprender a aprender.

Ghedin (2008), diz que o ensino de filosofia deve conter o filosofar, e que esse filosofar é uma obediência a característica antropológica, pois, segundo ele, o ser humano só se humaniza diante do outro, como horizonte de sua própria identidade. Freire (2016), ainda sobre a questão da aprendizagem a partir do outro, afirma que quando alguém se fecha diante do outro, automaticamente é como se tivesse assinando a incapacidade na resolução de sua incompletude. Sócrates sabia disso e a prova que ele sabia é que toda sua filosofia é realizada necessariamente com alguém sendo o interlocutor, ou seja, o mestre ateniense se dizia estéril com sua máxima: “só sei que nada sei” e por isso não filosofava, nem muito menos alcançava conceitos filosóficos sozinho. O autoconhecimento, que é o conhecimento da própria alma, tão buscado por esse filósofo, só é concretizado conhecendo a alma do outro.

O conhecimento segundo Sócrates, é transformador e tem, portanto, uma estreita relação com a ética e dessa forma, além da busca de conceitos, há na filosofia do sábio ateniense, a busca de valores, de virtudes, na caminhada do bem viver. Isso pode ser demonstrado na apologia de Sócrates, escrita por Platão, quando o mestre do jovem Platão, diz:

Atenienses, eu vos sou reconhecido e vos quero bem, mas obedecerei antes ao deus que a vós; enquanto tiver alento e puder fazê-lo, jamais deixarei de filosofar, de vos dirigir exortações, de ministrar ensinamentos em toda ocasião àquele de vós que eu deparar, dizendo-lhe o que costumo: ‘Meu caro, tu, um ateniense, da cidade mais importante e mais reputada por sua cultura e poderio, não te pejas de cuidares de adquirir o máximo de riquezas, fama e honrarias, e de não te importares nem cogitares da razão, da verdade e de melhorar quanto mais a tua alma?’ E se algum de vós redarguir que se importa, não me irei embora deixando-o, mas o hei de interrogar, examinar e confundir e, se me parecer que afirma ter adquirido a virtude e não a adquiriu, hei de repreendê-lo por estimar menos o que vale mais e mais o que vale menos. É o que hei de fazer a quem eu encontrar, moço ou velho, forasteiro ou cidadão, principalmente aos cidadãos, porque me estais mais próximos no sangue. Tais são as ordens que o deus me deu, ficai certos. E eu acredito que jamais aconteceu à cidade maior bem que minha obediência ao deus.

Outra coisa não faço senão andar por aí persuadindo-vos, moços e velhos, a não cuidar tão aferradamente do corpo e das riquezas, como de melhorar o mais possível a alma, dizendo-vos que dos haveres não vem a virtude para os homens, mas da virtude vêm os haveres e todos os outros bens particulares e públicos. Se com esses discursos corrompo a mocidade, seriam nocivos esses preceitos; se alguém afirmar que digo outras coisas e não essas, mente. Por tudo isso, atenienses, diria eu, quer atendais a Ânito, quer não, quer me dispenseis, quer não, não hei de fazer outra coisa, ainda que tenha de morrer muitas vezes. (PLATÃO,1996, p. 39-40)

Fica demonstrado, portanto, que Sócrates fazia da busca de conceitos e da busca de valores virtuosos a razão de sua vida, afirmando que se preciso fosse faria a mesma busca

filosófica por quantas vidas tivesse. Há também em Sócrates a preocupação com o outro, com os valores do outro, ou seja, Sócrates defende valores como verdade, alma, virtudes que devem no pensamento do sábio ateniense estar na frente de valores tais como riquezas, fama e honrarias. Esses valores defendidos por Sócrates fazem total sentido e tem por isso grande contribuição no mundo atual.

Da mesma forma, na aprendizagem cooperativa, seus estudiosos afirmam essa dimensão ética do bem viver e do bem conviver potencializados por essa metodologia. Firmiano (2011), descreve alguns valores trabalhados naqueles que participam da aprendizagem cooperativa, quando os cinco elementos basilares dessa metodologia são aplicados. Valores, que a partir da aprendizagem cooperativa, os estudantes passam a desenvolver tais como: a responsabilidade, a preocupação e o cuidado pelo outro, descartando a competitividade e fazendo crescer entre eles a coletividade; a liderança e a autoestima que ajudam no combate a solidão e a depressão tão presentes na vida dos jovens na atualidade; relação positiva entre professores – estudantes, diminuindo o nível de ansiedade entre os estudantes e ao mesmo tempo aumentando a confiança; o desenvolvimento do diálogo e de habilidades sociais, algo que é necessário para o enfrentamento da vida na fase adulta. Todos esses valores se aproximam daqueles mencionados na apologia por Sócrates. Isto mostra e ratifica mais uma característica semelhante entre Sócrates e sua pedagogia filosófica por meio da maiêutica e a metodologia da aprendizagem cooperativa.

A terceira característica que assemelha a maiêutica socrática com a aprendizagem cooperativa é a criticidade.

É óbvio que alguém que dialoga, investiga, debate, ouve, faz uso da oratória, com sede do saber, vai perdendo a timidez e criando ousadia para questionar, interrogar e desenvolver criticidade. O discípulo socrático aprendia a questionar, a indagar, a interrogar, a colocar seu interlocutor em contradição, caso o que tal interlocutor tivesse afirmando não fosse verdade, aprendia da ironia do mestre diante do que não é verdadeiro, aprendia a construir ou a alcançar o conhecimento juntos num processo dialético e dessa forma desenvolve sem sombra de dúvidas a criticidade.

A crítica é uma das marcas deixadas pelo pensamento socrático. Uma avaliação bem feita sobre o que é debatido, uma análise profunda, um exame minucioso e uma apreciação rigorosa na busca do conceito por meio do diálogo e da maiêutica. Era assim o filosofar do mestre de Atenas, no desejo maior de chegar na verdade e ao mesmo tempo desenvolvendo virtude e autoconhecimento, sem a pretensão ou a arrogância de saber tudo sobre qualquer assunto.

Faria (2011), examinando a tradição socrática em sala de aula ratifica o que vem sendo dito sobre a criticidade socrática como herança deixada pelo filósofo ateniense para a atualidade educacional do ensino de filosofia:

A atitude filosófica de Sócrates não é arrogante ao ponto de advogar que tem a sabedoria absoluta para ser imposta sobre todos os outros; pelo contrário, tem consciência dos seus limites, da falibilidade humana, chegando mesmo a afirmar que à partida nada sabe e que a aproximação do saber se revela através do diálogo, do exame e da discussão das ideias. Esta douta ignorância, que é simultaneamente interrogativa, serve para acordar as pessoas dos seus dogmas rigidamente formulados, para despojar as verdades aceites acriticamente, para que assim cada um se dê conta daquilo que realmente é, bem como para procurar a verdade de uma forma mais livre e razoável. [...] Portanto, o exame socrático ajuda os outros a conceberem as suas ideias, mas também faz com que as avaliem e testem a fim de proceder a uma distinção entre as ideias autênticas, as que se devem acatar, e as que são preconceituosas ou falsas, as que se devem abandonar. (FARIA,2011, p. 29;31)

E criando um ambiente propício para o acontecimento de uma aula que desenvolva criticidade, na aprendizagem cooperativa, os estudantes estão durante quase toda a aula, dialogando e debatendo. Isso faz com que esses estudantes desenvolvam a arte de interrogar, discordar, questionar, investigar, desenvolvendo, portanto, a criticidade.

Mais uma vez constata-se que a metodologia de aprendizagem cooperativa traz consigo várias semelhanças com a maiêutica de Sócrates e sua filosofia, ou sua pedagogia filosófica. O ambiente de troca de ideias é algo presente dentro de uma sala de aula em que se aplica a metodologia de aprendizagem cooperativa. Firmiano (2011), diz que uma das consequências da aprendizagem cooperativa é o despertar do pensamento crítico, e Militão (2015), acrescenta que na aprendizagem cooperativa se aprende a criticar ideias e não pessoas. Enfim, pode se concluir aqui que na aprendizagem coletiva, dialogada, trabalhada em conjunto, por meio da metodologia de aprendizagem cooperativa, o nível de criticidade desses estudantes está muito além do estudante que aprende de forma individualista e competitivista, pois nesse caso, o outro é encarado como um adversário a ser batido, vencido. Na aprendizagem individual o outro é mais uma barreira a ser vencida.

Outra semelhança entre a maiêutica socrática e a aprendizagem cooperativa, é a pergunta filosófica ou a problematização. É a partir de um problema trazido para os estudantes, que toda aprendizagem cooperativa gira em torno. É desse desafio instigado pelo professor que tem seus 15 minutos aproximadamente de fala, que a “fogueira” do conhecimento é acesa na mente dos jovens. Esses por sua vez, em coletividade vão debater, dialogar, argumentar, perguntar, tirar dúvida, auxiliar o companheiro, incentivar, discordar, na busca da resolução dessa problematização trazida pelo professor. Sempre foi assim que o ser humano aprendeu durante toda a história no enfrentamento da vida e do mundo. Na

aprendizagem cooperativa tudo isso acontece dentro de sala de aula e isso tem um apelo chamativo para os alunos, talvez por se assemelhar à vida e seus desafios.

Esse é mais um ponto de destaque para uma aula de filosofia, inclusive que já foi colocado mais acima como ponto básico dentro de uma aula de filosofia que se proponha a ser filosófica, indo para além da mera transmissão de conteúdo e que consta tanto na maiêutica socrática, quanto é elemento constitutivo da metodologia de aprendizagem cooperativa.

Porém, o destaque desse ponto é que partindo de uma pergunta filosófica, ou de uma problematização filosófica, a aula tem o filosofar e não corre o risco de ficar no achismo dos estudantes. É nesse momento que, ao mesmo tempo em que é apresentada para eles uma problematização filosófica, se apresenta também a tradição da filosofia. Ou seja, é a partir de filósofos que os alunos serão levados a refletir sobre essa pergunta ou problematização filosófica, o que garante que a aula não se torne um debate de qualquer forma, de qualquer jeito, apenas uma exposição de opiniões sem um aprofundamento filosófico.

É nesse ponto que os estudantes perceberão que há uma tradição filosófica que há uma história da filosofia e que grandes pensadores trabalharam a questão colocada em sala de aula. Portanto, são dadas as condições para eles entenderem conceitos filosóficos e filosofem a partir disso.

A aprendizagem cooperativa tanto com Johnson & Johnson, quanto aqui no Ceará em Pentecoste, desde o estudo na casa de farinha, usam em sua aplicabilidade um problema inicial, um assunto que despertará o interesse dos estudantes, que será algo a ser desvendado, compreendido, debatido e assimilado de forma coletiva. Isso será explicado de forma mais detalhada no próximo capítulo. Mesmo assim é nítida a existência desse momento nas aplicações da metodologia de aprendizagem cooperativa com seus cinco elementos básicos (interação face a face, interdependência positiva, responsabilidade individual, habilidades sociais e avaliação), pois tudo acontece a partir de uma problematização.

Johnson & Johnson (1998), afirmam que a aprendizagem cooperativa é o coração do aprendizado baseado em problemas. Vasconcelos (2007), como já citado nesse estudo, logo acima afirma categoricamente em sua definição de aprendizagem cooperativa que essa é uma aprendizagem baseada em problemas. E em uma visita feita por mim na EEEP Alan Pinho Tabosa, escola situada em Pentecoste que funciona em sua totalidade com a metodologia de aprendizagem cooperativa, o autor desse estudo pôde presenciar e perceber de forma empírica como o professor problematiza uma questão filosófica, logo no início da aula, fazendo com que a partir dessa problematização os alunos se sintam tocados pelo desejo de conhecer

filosofia, para resolução do problema, ao mesmo tempo em que passam a conhecer de forma coletiva.

Ora, se na metodologia de aprendizagem cooperativa, a aula acontece em torno de uma problematização, e esse ponto trata das semelhanças entre essa metodologia e a pedagogia socrática, dizer que Sócrates filosofava e fazia filosofia a partir de uma problematização, é quase um pleonasma, pois toda maiêutica socrática aplicada com seus interlocutores girava em torno de uma problematização. A própria maiêutica só tem razão de ser, porque Sócrates está buscando resolver a pergunta problematizadora, ou a pergunta filosófica do conhece-te a ti mesmo, com o objetivo de alcançar a felicidade, ou a virtude do viver bem, pelo autoconhecimento. A busca de conceitos realizadas pelo filósofo ateniense era exatamente a busca de resoluções de problemas que se apresentam na vida humana.

O ponto de partida de Sócrates, é a pergunta! E a pergunta problematizadora do filósofo ateniense é sempre sobre a vida humana em busca de conceitos, pois segundo o mestre de Platão, o conhecimento é transformador. Quando se conhece, virtudes são desenvolvidas e isso traz o bem viver. Alcançar o autoconhecimento e conseguir o bem viver é a meta do filósofo Sócrates, filósofo que traz essa pergunta problematizadora pautada no conhece-te a ti mesmo de forma pedagógica, utilizando a maiêutica, com os atenienses que conviveram com ele.

Benoit (1996), descrevendo seu pensamento sobre a filosofia de Sócrates, ratifica o que está sendo dito aqui a respeito da problematização, afirmando:

Seguindo a frase inscrita no templo de Apolo, em Delfos, “conhece-te a ti mesmo”, Sócrates perguntava e perguntava pelo ser do homem. O que é ser um homem justo? O que é ser um homem injusto? A injustiça vale mais do que a justiça? O que é melhor para o ser do homem? Quais fins deve perseguir a vida humana? Qual é a vida mais feliz? Qual é a vida que realiza mais plenamente todas as potencialidades do ser do homem? (BENOIT, 1996, p.10)

É essa pergunta sobre a vida humana, sobre o viver humano e sua alma que impulsiona Sócrates a transitar nas ruas de Atenas, de forma didática com sua maiêutica, questionando, analisando, investigando, por meio do diálogo com seus interlocutores, na busca de conceitos e verdade, que desenvolvessem virtudes nele mesmo e em todos os jovens que o arrodeavam aprendendo com o filósofo-mestre o bem viver. Não há dúvidas que Sócrates ensinava, não há dúvidas que a filosofia socrática perpassa, sim, pelo ensino, pela educação. É necessário aprender a viver na filosofia socrática, e esse aprender a viver não é de outra forma, a não ser perpassando pelo diálogo. Ou seja, estar vivo, significa aprender com o outro, aprender de forma coletiva, dialogar, questionar. Essa é a escola da vida. Atualmente, a escola tem uma

padronização em salas de aula, que por muitas vezes engessa o conhecimento, quando tira a cooperação no aprendizado e torna os estudantes em indivíduos apenas com o objetivo de memorização de conteúdos. Isso é péssimo em qualquer disciplina, mas em filosofia é algo contraditório, pois não se filosofa sozinho apenas memorizando conteúdos.

Essa forma de encarar a filosofia e seu ensino como algo vivo, dinâmico e coletivo, foi muito bem alegorizada por Johnson (2012):

Assim, Sócrates ficava pouco à vontade consigo mesmo. Não conseguia exercer sua filosofia sendo solitário. Precisava das pessoas. Precisava de uma cidade. Acima de tudo, precisava de Atenas. Tinha que ter conteúdo humano, de todas as idades, classes e vocações, para visitar e com quem conversar, para questionar e analisar, incitar e provocar. Era como se fosse um chef preparando um banquete para celebrar a humanidade. Os atenienses eram seu principal ingrediente, ao qual, por meio do seu “exame”, acrescentava tempero e sabor, substância e corpo, equilíbrio e variedade, até que tivesse produzido um banquete da mente e do espírito que alimentasse o mundo a partir de então. (JOHNSON, 2012, p.137-138).

Assim, temos sem dúvida mais um ponto em comum, ou mais uma semelhança significativa entre a aprendizagem cooperativa e a maiêutica socrática no âmbito do ensino de filosofia, como algo que potencializa numa sala de aula, a aprendizagem de filosofia, de forma filosófica.

Por fim, para finalizar esse capítulo, o ponto que será dissertado agora, é a consumação ou a concretização de todos os outros abordados até aqui. Isto é, o diálogo, a pergunta problematizadora, a criticidade, e a dimensão ética a partir do outro, só acontecem se a investigação ou a busca do saber for realizada pelos próprios estudantes durante a aula de filosofia.

A aula de filosofia, que não tem essa investigação filosófica realizada pelos estudantes, se torna estéril e não deixa acontecer o que Sócrates denominava como o parto das ideias. Um professor de filosofia que diz tudo, que explica tudo, que não ouve ninguém se prendendo em um monólogo, mesmo estando diante de quarenta estudantes em sala de aula, está matando o filosofar, e ao mesmo tempo o aprendizado de filosofia.

Essa investigação era a principal estratégia socrática utilizada com os seus jovens discípulos e que chegou ao ponto de incomodar seus opositores, sendo um dos motivos que levou Sócrates a morte. Era esse o diferencial do mestre de Atenas, e talvez era por isso, que os jovens o procuravam com tanto afincio. Sócrates partia da máxima: “Só sei que nada sei”! Estava claro que ele não se considerava o detentor do saber, mesmo sendo considerado pela pitonisa o homem mais sábio de toda a Grécia. Dessa maneira, quem assumia o protagonismo da investigação filosófica eram seus discípulos, que aprendiam com o mestre a arte do “parto das ideias”.

Três autores, estudiosos da filosofia socrática relacionada à educação serão utilizados agora para corroborar com esse item aqui desenvolvido, pois eles afirmam que a pedagogia socrática é uma pedagogia de investigação, e que os discípulos são quem protagonizam a investigação. Sofiste, (2007) denomina como investigação dialógica a pedagogia socrática, afirmando que essa pedagogia não se presta apenas a ensinar conteúdo de filosofia, mas faz com que seus discípulos aprendam filosofia, filosofando.

Considerando que o diálogo e a investigação são os princípios pedagógicos e metodológicos usados por Sócrates, denominaremos de Investigação dialógica a pedagogia socrática para a docência de filosofia, ou seja, o modo socrático de ensinar a fazer filosofia. A investigação dialógica não é, portanto, um método de ensino de filosofia, mas um método de se fazer filosofia, ou o colocar em ação o filosofar. (SOFISTE,2007, p. 47-48)

Ainda segundo Sofiste (2007), ratificando o pensamento defendido aqui neste estudo, a investigação dialógica ensinada por Sócrates se concretiza quando os discípulos passam a praticar, e portanto, passam a aprender e ao mesmo tempo a ganhar inúmeros benefícios, tais como: ouvir atenciosamente o outro, pedir esclarecimentos, não fugir do tema que está sendo investigado, desenvolver oratória, usar a fala do outro para continuar a investigação, tornar-se protagonista ou sujeito ativo da investigação, pensar por si mesmo, desenvolver tomada de iniciativa, criatividade, respeito, trabalho em equipe, autoestima, aprender a criticar e a sofrer críticas, aprender a conviver, a ter autocontrole etc. Todas essas atitudes também são desenvolvidas na aprendizagem cooperativa, naquilo que é denominado como desenvolvimento de habilidades sociais. Sócrates, portanto, realmente ensinava aos jovens de Atenas a desenvolver virtudes e não apenas a memorizar conteúdos e regras, como é feito na maioria das vezes nas escolas do Brasil atual. O aprendizado acontecendo dessa forma, se torna rico, pois desenvolve o estudante para o alcance da autonomia.

Outro estudioso do ensino de filosofia que faz uso de Sócrates para pensar tal ensino é Kohan (2009) que também identifica na pedagogia socrática a questão da investigação por parte dos discípulos no aprender filosofia. Kohan (2009) utiliza o termo descolonizar, quando se refere a pedagogia socrática fazendo comparação com o processo histórico de independência das nações colonizadas, com os estudantes que irão aprender a pensar por si, se “descolonizando” da mera repetição do que foi dito pelo professor. Observe o que diz Kohan (2009):

Pensar e praticar uma educação filosófica descolonizadora, - enigmática e paradoxal-, sensível às tensões que habitam a relação entre quem ocupa o lugar de ensinar e quem habita o espaço de aprender é não só um indispensável programa de investigação filosófica, mas, mais ainda, uma das tarefas mais infinitas de um professor de filosofia, se é que existem os “mais” e os “menos” habitando esse espaço infinito aberto, faz já muito tempo, por um tal Sócrates. (KOHAN,2009, p.86)

Dessa forma, pode-se afirmar que é por meio da investigação filosófica que qualquer estudante vai desenvolvendo virtudes, habilidades sociais, que o fazem se tornar um adulto com autonomia, além de aprender verdadeiramente conceitos filosóficos deixados por toda uma tradição ocidental de pensadores. Esse é o aprendizado almejado por esse estudo aqui desenvolvido. E Sócrates, na idade antiga demonstrava de forma magistral que para tal feito, não se faz isso sozinho, nem por meio da mera repetição e memorização do que alguém palestrando faz o derramar do conhecimento numa sala de aula. É quando o estudante passa a ser sujeito ativo da aprendizagem que o conhecimento é alcançado, com o desenvolvimento de virtudes que o acompanharão por toda a vida. Encerraremos esse raciocínio com uma citação de Batista et.al (2010) que trabalha a questão do estudante como protagonista da investigação filosófica, a partir de Sócrates.

Em resposta a tais questões, pode-se apresentar que: embora a virtude seja um saber, não significa que se trate de algo que se possa ensinar, uma vez que, para Sócrates, o saber da virtude é o resultado de uma busca interior e profunda, que cada indivíduo e somente ele precisa fazer no âmago de seu ser, para que isso lhe traga o autoconhecimento, o qual igualmente ninguém poderá conseguir por ele, razão pela qual a virtude não se ensina apenas pode se incentivar a busca-la por si próprio. Desse modo, a função do mestre deslocar-se-ia do pólo detentor do saber para o pólo de incentivador da busca pelo aprendizado, por parte do próprio discípulo, ou seja, o mestre é alguém que, em se tratando de virtude, estimula e orienta o aprendiz em sua busca por si mesmo, ao fim da qual encontrará o saber. (BATISTA; FERREIRA; FERREIRA, 2010, p.60).

Pode-se afirmar ao mesmo tempo, que na metodologia de aprendizagem cooperativa, essa investigação filosófica é identificada em dois pilares já mencionados nesse estudo que são o desenvolvimento de habilidades sociais e o desenvolvimento da responsabilidade individual. Não acredita-se aqui que seja coincidência, mas ao estudar sobre a metodologia de aprendizagem cooperativa, percebe-se que é esse também o fator primordial que diferencia, e traz destaque para a aprendizagem cooperativa como metodologia que tem obtido sucesso não só no ensino de filosofia, mas na aprendizagem de qualquer disciplina. Porém, o estudo de filosofia que tem os próprios estudantes como protagonistas da investigação filosófica, merece sim, um destaque a ser estudado como algo que potencializa de forma intensa o aprender filosofia de forma filosófica.

Bitu (2014) nos mostra essa proximidade entre a metodologia de aprendizagem cooperativa com a maiêutica socrática, quando dissertando sobre a aprendizagem cooperativa, ele afirma que tal metodologia contribui para o desenvolvimento de uma relação positiva entre professor-estudante e estudante-estudante, trazendo respeito, solidariedade, responsabilidade e coesão dentro do grupo.

Em seu estudo que acontece exatamente na EEEP Alan Pinho Tabosa, ela traz o seguinte pensamento, mostrando essa proximidade aqui citada entre aprendizagem cooperativa e a pedagogia socrática:

Portanto, verifica-se que os benefícios dessa metodologia não desenvolvem somente o lado cognitivo dos alunos, mas promove também efeitos positivos no desenvolvimento de competências sociais, ou seja, a capacidade de comunicação, o espírito de equipe, a flexibilidade e a adaptação à mudança, o bem estar psicológico, contribuindo para elevar a autoestima e a estabilidade emocional. (BITU, 2014, p.16)

Ora, no surgimento da aprendizagem cooperativa em Pentecoste, ainda quando era algo embrionário que acontecia numa casa de farinha, a figura do professor só estava com eles nos fins de semana, o que demonstra que nessa metodologia de aprendizagem, o estudante é sim, quem vai investigar, quem vai sentir a sede da busca, e faz isso com seus parceiros de estudo. O que demonstra de uma vez por todas o fim da figura do professor como alguém que é o exclusivo detentor do saber. O professor na aprendizagem cooperativa, é, sem dúvida, um integrante essencial, porém, não é o centro absoluto do saber, nem o centro absoluto do processo ensino-aprendizagem. Na aprendizagem cooperativa, o aprendizado acontece de forma participativa dos estudantes que são trabalhados a serem sujeitos ativos na busca do aprender.

O que torna essa metodologia, algo muito diferente do ensino tradicional, em que o estudante fica numa posição extremamente passiva, acanhado, com temor até mesmo de fazer uma pergunta diante de uma sala de aula lotada de estranhos, e um professor que tudo sabe. No tradicionalismo, o estudante se torna um ser apático, submisso e isso vai ser levado para a vida adulta, ou seja, será um adulto incapaz de enfrentar e muito menos resolver os problemas trazidos pela vida, em qualquer aspecto. Seja individual, existencial, social, ambiental, etc. Na aprendizagem cooperativa, o professor socializa o saber, participa do debate, instigando os estudantes, estimulando (no caso da filosofia) o filosofar.

Bitu (2014), entrevistando o professor de sociologia da EEEP Alan Pinho Tabosa em sua pesquisa de mestrado, sobre a aprendizagem cooperativa, recebe como resposta desse profissional de ensino que trabalha sua disciplina (sociologia) na metodologia de aprendizagem cooperativa que o método valoriza o educando como sujeito importante no ensino-aprendizagem, deixando de ser o que o professor chama de receptáculo, e que os jovens estudantes não aguentam mais aulas com apenas o professor falando. Segundo o professor de sociologia, os estudantes desejam participar, interagir e o professor deixa de ser o

dono do saber, passando a ser o facilitador do conhecimento, fazendo com que a aprendizagem cooperativa tenha como um dos seus pontos fortes, a aposta na autonomia.

Demonstra-se aqui que a investigação é fato presente na metodologia de aprendizagem cooperativa, não importa a disciplina. E essa característica sendo utilizada em aulas de filosofia, potencializa sem dúvida, o aprender filosofia de forma filosófica se assemelhando a pedagogia socrática. Essa investigação do saber pelos jovens discípulos deu certo na antiga Atenas, como deu certo no sertão do Ceará em Pentecoste, de uma forma que ganha reconhecimento em grande proporção, a partir de aprovações nos vestibulares do Estado do Ceará, passando a ser prática adotada pela própria Universidade Federal do Ceará (UFC) e pela Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC), pois como foi dito logo no início deste capítulo, esse é o jeito do ser humano aprender. O ser humano em toda sua história mostra que aprender de forma coletiva e cooperativa, é bem melhor do que aprender sozinho, aprender isolado.

Essas, são, portanto, contribuições essenciais para que o ensino na atualidade na disciplina de filosofia trazidas tanto pelo pensamento filosófico-pedagógico de Sócrates, quanto pela brilhante experiência ocorrida no sertão do Ceará, com a metodologia de aprendizagem cooperativa, que esse trabalho de pesquisa percebendo suas relações de semelhanças e identificações, resolveu investigar em sala de aula, com alunos do ensino médio do IFCE- Campus Caucaia.

Encerrado esse momento de fundamentação teórico, filosófico e pedagógico, o presente estudo vai no capítulo a seguir, demonstrar como se implementa essa metodologia em sala de aula, destacando o papel do professor e o papel do estudante na aprendizagem cooperativa, visando perceber o quanto ela se torna propícia para que as aulas de filosofia ocorram de forma filosófica.

3 A APRENDIZAGEM COOPERATIVA: SUA IMPLEMENTAÇÃO EM SALA DE AULA E A POSSIBILIDADE DO ENSINO DE FILOSOFIA DE FORMA FILOSÓFICA

A partir de agora, o que será exposto nesse capítulo é a forma como a metodologia de aprendizagem cooperativa é implantada em sala de aula. Já foi dito no capítulo anterior, sobre a origem dessa metodologia, sobre a teorização norte americana com os irmãos Johnson, e que o modelo a ser seguido na experiência aplicada por esse trabalho de pesquisa, é o modelo cearense que teve início no PRECE, mas que foi modelado de forma oficial na EEEP Alan Pinho Tabosa, que é conhecido como o modelo **ETMFA**, sigla que vai ser devidamente explicada no decorrer do capítulo. É importante ressaltar que para aplicar com a turma pesquisada e em todas as outras turmas em que o autor desse estudo trabalhou por mais de um ano aplicando essa metodologia, foi necessário fazer adaptações, consideradas cabíveis e oportunas, para atender o contexto em que ele e os estudantes estão inseridos, que é diferente do contexto da EEEP Alan Pinho Tabosa, pois cada escola, cada comunidade, apresentam contextos diferentes. Uma prova disso, é que a própria escola referida nesse estudo, utiliza da teoria norte-americana dos irmãos Johnson, mas aplica com modificações, exatamente para atender seu público-alvo, que apresenta um contexto bem diferente do contexto das escolas norte-americanas.

Isso é comprovado, quando o diretor da EEEP Alan Pinho Tabosa, numa entrevista cedida a Bitu (2014), diz:

Nós trabalhamos com um modelo que é americano. E é um modelo criado especialmente para o público americano que tem uma cultura completamente diferente da nossa. Não ter esse modelo é uma desvantagem, porque a gente não tem muito o que seguir, precisa estar criando e adaptando a nossa realidade. (LUZ, 2013, *apud* BITU, 2014, p. 45).

Portanto, visando atender o contexto diferente entre o campus Caucaia do IFCE e a EEEP Alan Pinho Tabosa, foi feita a adaptação na estratégia que lá é aplicada. Ou seja, na escola profissionalizante que funciona em Pentecoste, a qual foi visitado e foi presenciado de forma empírica como acontece a aula de filosofia, funciona a estratégia em que os professores selecionam 15 alunos para serem líderes e monitores do professor. Esses estudantes recebem treinamento de formação para atuarem nesse intuito e nas equipes formadas em salas de aula, eles são os coordenadores de células. Dessa forma, as equipes são formadas por três alunos em sala de aula de forma fixa durante uma semana, e ao encerrar a semana, o coordenador de célula permanece e os outros dois mudam de equipe, buscando garantir a máxima interação e participação de toda a turma.

Como não foi possível fazer essa formação dos estudantes para serem coordenadores de células, essa estratégia não foi seguida nesta experiência de trabalho de pesquisa, que foi feita da seguinte forma: toda a turma era dividida em equipes de três alunos, e para garantir a interação e participação de toda a turma, os alunos mesmos se organizavam, e em cada aula com estudantes diferentes. O critério de escolha era deles mesmos. A rotatividade acontecia de forma natural e espontânea, pois acontece, talvez pela idade, de estudantes que estavam numa equipe na semana anterior, por algum desentendimento, já estavam em outras equipes, e com o passar do tempo, voltavam a se entender podendo compor novamente a equipe com qualquer outro estudante.

Outra adaptação foi feita propositalmente, devido a própria experiência realizada por esse estudo, ou seja, no intuito de verificar a hipótese do projeto desse estudo, que era a de analisar se a metodologia de aprendizagem cooperativa potencializa o aprender filosofia de forma filosófica, e se isso se concretizasse em sala de aula, a ideia era de que, não só o professor percebesse, mas que os estudantes também percebessem e por isso, diferentemente da EEEP Alan Pinho Tabosa que aplica a metodologia da aprendizagem cooperativa em todas as suas aulas, ficou decidido pelo professor pesquisador que nas aulas de filosofia aplicadas no IFCE-Campus Caucaia, os alunos teriam aulas semanais revezadas, durante todo o semestre, entre aulas expositivas e aulas na metodologia de aprendizagem cooperativa.

Deixa-se claro desde já, que o objetivo da pesquisa não é de comparar a metodologia de aprendizagem cooperativa com a aprendizagem tradicional, no sentido de perceber quem é melhor, mas a comparação é realizada, no intuito de fazer com que os estudantes também possam perceber se na metodologia de aprendizagem cooperativa, há o aprender filosofia de forma filosófica.

Nas aulas expositivas, o professor detinha a fala sobre quase toda a aula, tirando dúvidas que surgissem por algum aluno que tivesse qualquer dúvida e além disso tivesse a coragem de diante de aproximadamente outros trinta e cinco estudantes, levantar a mão e dizer sua dúvida. Era utilizado, sempre que necessário, o livro didático, vídeos, músicas, textos de filósofos, etc.

E nas aulas aplicadas com a metodologia de aprendizagem cooperativa, todas as aulas eram realizadas pela técnica ETMFA.

Na exposição inicial, o professor de filosofia, tem aproximadamente 15(quinze minutos) para trazer a pergunta filosófica ou a pergunta problematizadora e desafiar ao mesmo tempo que atrai a turma para a resolução dessa pergunta problematizadora.

Após esse momento, é hora da distribuição das tarefas individuais e do desafio para a equipe. Aqui, são colocadas três questões relacionadas a temática da aula e instigada pela pergunta problematizadora. Cada pergunta fica na responsabilidade de um integrante da equipe, que tem que encontrar a resposta no material oferecido aos estudantes (podendo ser o livro didático, um texto do próprio filósofo estudado, um vídeo, etc), após encontrada a resposta por todos os membros da equipe, esses vão agora explicar para os outros dois sua questão. Nesse momento, flui o debate, a resolução de dúvidas e ajuda entre eles, pois até mesmo quando um não consegue encontrar sua resposta, o outro pode ajudá-lo nesse intento. Aqui a turma tem aproximadamente 30-40 minutos.

Após todas as equipes terem alcançado a meta de responder e explicar as questões dentro delas mesmas uns para os outros, surge o momento do fechamento.

No fechamento, o professor agora abre o debate para o que pode ser chamado de grupão. Isto é, durante o fechamento o debate provocado pela pergunta problematizadora e pelas três questões colocadas como desafios a serem resolvidos, abrange agora toda turma. Isso acontece da seguinte forma: o professor faz com que algum estudante de qualquer equipe responda e explique para toda a turma a questão 1(um). Faz isso, ou por sorteio, ou por voluntariedade dos estudantes. A partir da resposta desse estudante, fica aberto o momento de fala de qualquer um que queira contribuir, acrescentando ou discordando daquilo que foi explicado pelo seu colega. Nesse momento de contribuição de fala, podem falar tantos quantos quiserem, isso tudo com o tempo controlado pelo professor. Após esgotadas todas as falas a respeito da questão 1 (um), o mesmo é feito na questão dois e na questão três. O professor vai registrando a qual equipe pertence cada aluno que levantou a mão e participou do momento denominado como fechamento. Aqui esse debate é feito em 20-25minutos, dependendo do tempo gasto com a primeira atividade entre a equipe.

Após as três questões serem amplamente debatidas entre os alunos, é momento da avaliação. O professor desfaz as equipes e os coloca de volta em filas, pois essa avaliação será individual. Entrega as avaliações, que devem ser rápidas, devido o tempo restante, e os alunos resolvem. No momento da correção, o professor corrige cada prova de forma individual, mas, no final da correção, junta as três avaliações de cada equipe, dando uma nota final pela média dos três integrantes de cada equipe. Isso vai pôr fim, as tentativas da permanência do individualismo e competitivismo, pois se o integrante da equipe, não se preocupou no aprendizado dos outros, durante o momento que as questões estavam sendo debatidas entre os três integrantes, pensando em aprender ou obter boa nota sozinho, sua nota será também prejudicada já que a nota da avaliação é a média dos três integrantes, o que influencia a todos

se ajudarem e seguirem um dos lemas da aprendizagem cooperativa que é o de não deixar ninguém para trás. Na avaliação o tempo necessário é de 15-20 minutos. Lembrando ainda que a nota dessa avaliação vale de 0 (zero) a 5 (cinco), valendo também de 0 (zero) a 5 (cinco) os momentos de debate entre eles no fechamento.

Essa técnica sendo sempre a mesma em todas as aulas de filosofia que foram administradas por meio da metodologia de aprendizagem cooperativa, ou seja, sempre havia a exposição inicial, feita pelo professor, sempre eram dadas as tarefas individuais, sempre dadas as metas coletivas, sempre havia o fechamento e por fim, sempre eram realizadas as avaliações.

Acredita-se que até aqui já tenha dado para perceber uma boa quantidade de benefícios proporcionados aos estudantes quando aplicada a metodologia de aprendizagem cooperativa, mas, caso tenha passado despercebido, é momento de destacar tais benefícios.

Antes disso, o autor desse estudo relata ainda em depoimento, sua reação individual quando aplicou pela primeira vez essa metodologia na aula de filosofia e ficou admirado, surpreso e espantado com a diferença de comportamento da turma, pois os estudantes, na sua percepção, ficaram empolgados, envolvidos com a aula de um jeito bem diferente da participação nas aulas expositivas. Os estudantes perguntavam, ficavam ansiosos para falar no desejo de participar, eles aplaudiram uns aos outros, debateram de forma respeitosa, ficaram atentos as falas dos outros colegas de turma, etc. Foi algo que surpreendeu positivamente e que fez o autor da presente pesquisa brilhar os olhos no intuito de tornar essa primeira experiência em uma pesquisa mais aprofundada que agora está sendo concretizada nessa dissertação.

Após esse depoimento particular do professor da turma que é o mesmo autor dessa pesquisa, é hora de retomar os benefícios trazidos por essa metodologia aplicada especificamente na turma em que foi desenvolvida a pesquisa. Enquanto nas aulas tradicionais os estudantes ficam sentados, calados e de forma passiva assistem a aula, podendo haver algo de diferente, quando um desses estudantes, esporadicamente, tem alguma dúvida, na metodologia de aprendizagem cooperativa, os estudantes são a cada instante levados a serem sujeitos ativos no processo de aprendizagem. Isso é demonstrado em toda a aula, pois logo após o professor trazer a pergunta filosófica, ou a pergunta problematizadora e dizer o que deve ser feito, são os estudantes os próprios investigadores, e os benefícios dessa investigação acontecem e são vários. Observa-se de imediato que ao dividir a turma em equipes, cada um vai ler o material, consultando e buscando encontrar resposta para o desafio. Ora, é sabido que quando alguém ler algo, esse alguém está aprendendo sobre o que se lê. Após resolver sua

questão individualmente, procurando no material fornecido pelo professor, os estudantes agora terão que explicar uns para os outros. Nesse momento há um grande reforço no aprendizado, pois quem lê, aprende uma vez, mas quem lê e explica aprende bem melhor, aprende de forma reforçada, passando a ter mais conhecimento daquilo que se leu. Não é fácil explicar. Só explica quem aprendeu. Esse aprendizado ainda é aumentado no momento do fechamento, quando toda a turma vai para o debate sobre aquela questão que foi lida e explicada dentro da equipe. E quando a turma toda começa a debater, há mais um reforço naquilo que foi aprendido, pois os estudantes verão novas perspectivas sobre o assunto filosófico abordado, pois no debate há discordâncias e defesa do argumento, além das contribuições que poderão ser novas, pois não havia sido percebido na equipe de três, o que foi mencionado no grupão.

E todo esse aprendizado que aconteceu, primeiro com a leitura, depois com a explicação e ainda com o debate com toda a sala, foi proporcionado pelos próprios estudantes. Isso significa sem dúvida que eles se tornaram nesse momento sujeitos ativos e investigativos no processo de aprendizagem. Eles se tornam vivos em sala de aula. Tanto é, que no momento final da avaliação, aquele espanto e pavor que traz a palavra avaliação, perde força. E eles podem comprovar que realmente aprenderam numa aula participativa, coletiva, cooperativa.

Ver-se-á a partir de agora o papel do professor nessa metodologia. O professor que por séculos na educação brasileira é visto como o detentor absoluto do saber, sendo aquela figura que fala sozinho durante sessenta a oitenta minutos em duas horas aulas, fica aonde na aplicação dessa metodologia? Faz o quê durante essa aula? Qualquer um pode ficar no seu lugar? É o fim da profissão? Essas respostas serão discutidas no ponto a seguir.

3.1- O papel do professor na aprendizagem cooperativa

Na aula em que é aplicada a metodologia de aprendizagem cooperativa, o professor sai daquela posição tradicional de falar a aula inteira, saindo também daquele local centralizado em que todos os estudantes ficam observando-o e passa para outras posições também de suma importância.

A primeira posição que é abordada aqui é posição de saber atrair os alunos com a pergunta filosófica. Para tanto, é necessário que ele seja um bom conhecedor do assunto que será abordado, ele deve saber fazer a provocação na turma de uma forma que a turma passe a ter essa problemática filosófica como dela também a partir do momento em que o professor com muita propriedade trouxe os estudantes para dentro da pergunta. Aqui se percebe que não

é de qualquer jeito, e que não é qualquer um que está preparado para fazer esse momento de acender a chama do saber nos estudantes.

A segunda posição abordada no papel do professor, quando aplicada a metodologia da aprendizagem cooperativa, é saber ouvir. Não tomar a fala dos estudantes. Não antecipar respostas. Deixar o debate entre os estudantes atingir ou alcançar o ponto cerne que o filósofo estudado trabalhou. Quando isso acontece, verdadeiramente eles estão filosofando e aprendendo filosofia.

A terceira posição abordada nesse trabalho como papel do professor, é saber conduzir a aula, acompanhando os estudantes enquanto estão em equipes, ajudando na resolução de dúvidas em que nenhum integrante da equipe esteja sabendo resolver, incentivando-os com perguntas ao invés de dar respostas prontas e acabadas, e saber conduzir a aula durante o momento de debate, sempre percebendo momentos em que o debate está saindo da filosofia, e querendo desembocar no achismo, ou na mera troca de opiniões. Aqui o professor fica atento e quando percebe que a episteme está dando lugar a doxa, conduz como um mestre a turma no caminho de volta a filosofia. Mais uma vez se demonstra que não é qualquer um que possa estar no lugar do professor de filosofia, pois um que não domine a filosofia não será capaz de fazer tal coisa, por não entender do assunto que está sendo ministrado. A aula não terá o mesmo sucesso, caso o professor que esteja ali, não entenda do assunto abordado, pois o debate pode descambar para achismos inférteis.

Outro ponto trazido aqui como papel do professor, é saber conduzir os estudantes que não tem o costume de debater, ou melhor ainda de serem contrariados. Isso, por vezes, faz com que o clima em sala de aula possa ir “esquentando”, e mais uma vez o professor de filosofia, ensinará sobre o que é ser crítico, o que é um debate, o que é questionar de forma filosófica, que na filosofia se critica ideias e não pessoas. Ao mesmo tempo que faz isso, ensina o que na aprendizagem cooperativa se denomina como habilidades sociais, ou seja, é nessa hora que os estudantes dessa turma, aprendem o que é respeito, o que é saber ouvir, o que é saber dialogar, o que é saber criticar e ser criticado em suas ideias, perceber que há pensamentos diferentes do seu, conviver com os diferentes, tratar bem o outro.

Continuando a dissertar sobre o papel do professor no ensino de filosofia por meio da metodologia de aprendizagem cooperativa, ao mesmo tempo que se faz uma reflexão sobre o lugar do professor de filosofia, destacaremos autores que trabalham exatamente sobre a questão do ensino de filosofia, ao mesmo tempo que há o encaixe entre as ações proporcionadas e possibilitadas pela metodologia de aprendizagem cooperativa com as características apontadas para o professor de filosofia no pensar desses autores.

Inicia-se esse momento destacando essa mudança de posicionamento da figura do professor numa aula de filosofia, no intuito de fazer com que seus alunos aprendam filosofia de forma filosófica, que é defendida por Cerletti (2009). Segundo o autor, ensinar filosofia, ou melhor, o como ensinar filosofia, é uma questão não apenas didática ou pedagógica, mas antes de tudo, uma questão filosófica. Ou seja, perguntar sobre como ensinar filosofia, traz uma relação direta entre filosofia e filosofar. Ensinar filosofia apenas transmitindo conteúdos, fica para o senso comum, diz Cerletti (2009).

Haveria uma espécie de “senso comum” constituído em torno do ensinar filosofia – certamente frequente na transmissão de qualquer conhecimento–, que assume um suposto pedagógico trivial: há alguém que “sabe” algo e alguém que não o sabe; de alguma maneira aquele que sabe “passa” (basicamente “explica”) ao que não sabe certo “conteúdos” de seu saber e, em seguida, corrobora se essa passagem foi de fato efetivada, isto é, constata que aquele que não sabia “aprendeu”. E assim, por etapas graduais e sucessivas, o aluno, com a ajuda de um mestre ou de um professor, passa do não saber ao saber. O “que” é recoberto por conteúdos programáticos usuais e o “como” fica à mercê do bom senso pedagógico do professor, que será mais ou menos fundamentado de acordo com a formação docente inicial que teve e as diversas experiências que foi recolhendo ao longo de seu trabalho de ensinante ou as que foi recolhendo ao longo de seu trabalho de ensinante ou as que foi acumulando durante sua etapa de estudante. (CERLETTI, 2009, p. 15)

Diferente do senso comum, portanto, está aquele professor que se faz a pergunta sobre o que é realmente ensinar filosofia. O professor que se sente incomodado ao não perceber o filosofar nos estudantes, durante as aulas de filosofia, é o que busca fazer com que isso aconteça em suas aulas.

Ainda sobre filosofia e filosofar, concorda-se aqui com Cerletti (2009), quando ele afirma que filosofia e filosofar se encontram unidos, tanto na prática filosófica, quanto no ensino de filosofia e que esse filosofar se encontra na inquietude de formular perguntas e buscar respostas. Cabe, portanto, ao professor ser esse instigador, ser esse ser que provoca a turma de estudantes formulando perguntas que os deixem desejosos do saber e sintam-se desafiados a alcançar respostas para tais perguntas. Isso é, como vimos acima, prática corriqueira nas aulas de filosofia em que é utilizada a metodologia de aprendizagem cooperativa, e se é uma prática corriqueira, o professor vai ensinando também aos estudantes essa prática da pergunta que inquieta e irão tornando esse aprendizado em um hábito, o ato de perguntar, de ir sempre além com questionamentos, denominados aqui como perguntas problematizadoras, e são essas as perguntas filosóficas. O professor fazendo com que esse hábito seja desenvolvido nos estudantes, desenvolve poder de criação e transformação em cada estudante no sentido de que esses estudantes passem a ser sujeitos ativos em sua

aprendizagem. E a partir daí, eles conseguem relacionar de forma mais fácil essa prática do filosofar com os conteúdos de toda uma tradição filosófica ocidental.

O professor de filosofia portanto, aplicando a metodologia de aprendizagem cooperativa, muda realmente de posição durante a aula, passando a ser um professor que proporciona um aprender de forma coletiva, compartilhada, tornando os estudantes mais participativos em sala de aula e apontando o rumo da autonomia. Percebe-se que para tanto, o professor de filosofia, deve sim ser um professor de filosofia, com vida acadêmica na filosofia, com vida docente em filosofia, caso contrário não será nada fácil encaminhar os estudantes nesse sentido, podendo impossibilitar o que a metodologia de aprendizagem cooperativa nos traz, que é a potencialização do filosofar enquanto se aprende conceitos filosóficos.

Para ratificar esse ponto abordado sobre o lugar ou o papel do professor de filosofia, e perceber que o que vem sendo dito até aqui sobre a aprendizagem cooperativa se encaixa perfeitamente, facilitando esse trabalho do professor de filosofia, utiliza-se mais uma vez, o pensamento do estudioso sobre o ensino de filosofia que é Cerletti (2009).

Os professores de filosofia ocupam o difícil lugar de transmissão, da provocação e do convite. Transmitem saberes, mas provocando o pensamento e convidando a pensar. Difundem certos conhecimentos, mas promovem sua apropriação pessoal. Tentam mostrar, em definitivo, que sobre toda repetição é imprescindível que o filósofo sobrevoe o terreno dos saberes aceitos fixando o olhar agudo em que cada um deles, para interrogá-los e interrogar-se. Nisso radica sua atitude. (CERLETTI,2009, p. 39)

Outra situação existente nos moldes da aprendizagem cooperativa que exige competência e capacidade do professor de filosofia, é a questão da leitura do texto. Isto é, para ler um texto filosófico, é importante que o professor também trabalhe com os estudantes a leitura de forma filosófica, trazendo algumas diretrizes que encaminhem os estudantes o aprimoramento de filosofar com o texto, tornando o texto em algo relevante nas aulas de filosofia do ensino médio. Sobre isso, Gallina (2009) afirma que o professor de filosofia é quem tem o papel de trabalhar a leitura de forma filosófica. E a aprendizagem cooperativa em sua aplicabilidade proporciona momentos ideais para que isso ocorra, pois em todas as aulas é possível trabalhar a leitura de textos próprios da filosofia.

Já durante o momento do fechamento, ou o momento do debate, os alunos em seus raciocínios e argumentos, utilizam daquilo que conhecem e quase sempre utilizam exemplos de suas realidades, fazendo elos com o texto filosófico, ou seja, o professor que utiliza da aprendizagem cooperativa, alcança também o que Favero (2009), trabalha em seu texto sobre a questão do ensino de filosofia ser algo que mostre ou que faça sentido para os estudantes e

esse fazer sentido, segundo Favero (2009), descobrir sentido é descobrir conexões e isso vem exatamente pelo pensamento através de relações e pelas investigações analógicas, pois o estudante por meio de exemplos do seu cotidiano e do seu mundo conhecido, alcança o pensar de forma filosófica e os conceitos trabalhados pelo filósofo que está sendo estudado.

Ainda sobre o momento de debate entre os estudantes e seus inúmeros benefícios trazidos numa aula de filosofia por meio da aprendizagem cooperativa e, ao mesmo tempo, demonstrando como esses benefícios se adequam ao pensamento de vários autores que abordam a questão do ensino de filosofia, destaca-se agora a postura do professor durante esse debate que deve ser democrática, livre e respeitosa, permitindo a palavra a todos os estudantes que quiserem argumentar, debater e aprender por meio do diálogo e, sem manipular, obrigar ou induzir de forma perversa os estudantes, à sua maneira de pensar. Isso vai ao encontro do que Silveira (2007), descreve como postura democrática do professor de filosofia.

A postura democrática exige um diálogo franco e que todos os argumentos sejam apresentados abertamente e com liberdade para permitir a mais aprofundada e abrangente reflexão possível. E isso vale tanto para os alunos quanto para o professor, que deve apresentar seus argumentos com rigor, clareza e objetividade, além de solicitar o mesmo de seus alunos. Mas ele também precisa estar ciente- e é necessário ter humildade para isso- de que, em determinados assuntos, mesmo argumentando adequadamente e com afinco e se certificando de que foi satisfatoriamente compreendido, ainda poderá haver alunos que, por diferentes razões, continuarão pensando de forma divergente. Não há problema nenhum nisso, desde que as posições sejam adequadamente demonstradas e justificadas. Afinal, felizmente o papel do professor limita-se a apontar alguns caminhos, não lhe cabendo obrigar os alunos a trilhar este ou aquele. (SILVEIRA,2007, p. 104)

Já Silva Filho e Lopes (2019), quando refletem sobre o papel político do educador, afirmam que esse educador deve proporcionar aos seus educandos uma educação que seja crítica e emancipatória, permitindo que o estudante consiga interpretar, analisar e compreender problemas de sua existência e questões de cunho sociais, no intuito de haver transformação de realidade, pois adultos autônomos é que são capazes de tal feito. Ora, pelo que foi exposto acima sobre como se aplica a metodologia de aprendizagem cooperativa em aulas de filosofia, há também o encaixe dessa característica chamada criticidade e autonomia abordada pelos autores. Pois, quando os estudantes aprendem a investigar, debater, argumentar, ouvir, durante as aulas de filosofia aplicadas por meio da aprendizagem cooperativa, a criticidade está sendo, sem dúvida colocada como oportunidade factível de ser desenvolvida e aguçada.

E pra encerrar esse momento de discussão sobre qual o papel do professor no ensino de filosofia por meio da aprendizagem cooperativa, fazendo a relação com o pensamento de autores estudiosos na questão do ensino de filosofia, agora será utilizado o pensamento de

Ghedin (2008). Aqui há um encaixe quase que perfeito, pois é possível visualizar a efetivação do pensamento de Ghedin (2008), a respeito do papel do professor, e a aplicabilidade da aprendizagem cooperativa nas aulas de filosofia, quando ele discorre acerca do papel do professor no ensino de filosofia, para que esse ensino tenha sucesso. Note-se que esse autor não é um autor que estuda e discorre sobre a metodologia de aprendizagem cooperativa. Perceba o que diz Ghedin (2008) sobre esse papel.

Para que o processo ensino-aprendizagem seja bem sucedido, o professor precisa assumir o papel de mediador, fazendo que a relação professor-aluno se construa como verdadeira colaboração entre os alunos e o grupo de sala de aula, caracterizada pela autenticidade, pela segurança e pelo respeito no desenvolvimento das atividades.

Por conseguinte, o grupo de aprendizagem em sala de aula constitui espaço interativo de transformação para os sujeitos participantes do processo. A qualidade dessa aprendizagem é medida pelo modo como cada sujeito desenvolve a atividade, pelo sentido de pertença ao grupo, pelo trabalho coletivo que realizam e pelo nível de cooperação e de ajuda que os sujeitos participantes da aula manifestam. Isso significa que, no espaço do ensino, o trabalho coletivo e o diálogo instaurados no processo de aprendizagem requerem progressivas negociações entre professores e alunos para compartilharem a situação de interação. Nela vão surgindo as possibilidades de construir um mundo de sentidos compartilhados em relação com o trabalho coletivo. (GHEDIN, 2008, p. 96)

Os termos utilizados por Ghedin (2008), tais como: mediação, respeito, colaboração, sentido de pertença, trabalho coletivo, diálogo, compartilhamento, interatividade, e transformação, chegam a impressionar, pois todos eles já nos apontam para o que foi dito acima na efetivação da aplicabilidade da metodologia de aprendizagem cooperativa nas aulas de filosofia. Isso fortalece ainda mais a ideia de uma forte relação entre o ensino de filosofia, por meio dessa metodologia, para o acontecimento possível de que os estudantes aprendam filosofia de forma filosófica.

Existem ainda na aplicação dessa metodologia, outros papéis, ou outras funções que são realizados pelo professor, que são os papéis mais técnicos que auxiliam para o sucesso da aula, na aplicabilidade dessas aulas por meio da aprendizagem cooperativa. Ressaltando mais uma vez que são várias as técnicas adotadas no mundo de aprendizagens cooperativas, tais como: co-op-co-op, verdade ou mentira, pensar formar pares partilhar, controvérsia/polêmica construtiva, jigsaw I, Jigsaw II, Investigando em grupo, aprendendo juntos, círculos concêntricos, etc. E que a técnica adotada por esse estudo, é baseada na ETMFA, que é aplicada na EEEP Alan Pinho Tabosa, escola profissionalizante localizada no município de Pentecoste.

Portanto, no plano de aula do professor, deve já estar contido os cinco pilares da aprendizagem cooperativa. Ou seja, o professor em seu plano de aula, já contempla a

interdependência positiva, a interação face a face, a responsabilidade individual, as habilidades pessoais e a avaliação do grupo. Com o plano preparado, nessa técnica ETMFA, um dos papéis do professor para o bom funcionamento da aplicação da metodologia, é que esse professor conduza a turma de forma afetiva, como alguém que incentive e estimule os estudantes a se interessarem pelo que vai ser trabalhado em sala de aula. Isto é, não cabe aqui o autoritarismo, a hierarquia rígida. O professor autoritário não consegue despertar na turma essa sede pelo saber, pois ninguém é seduzido e sim forçado a fazer algo quando tem um professor que usa do seu autoritarismo obrigando os estudantes a seguirem o que ele determina. O professor autoritário não consegue propiciar um ambiente de estudo em um ambiente cooperativo. Isso, prejudica e talvez chegue a tornar impossível o encanto e o “espanto” filosófico.

Dessa forma, se percebe que não se trata apenas de uma organização física ou uma mudança no layout físico da sala de aula, mas é algo para além disso. O professor na aprendizagem cooperativa, é quem faz a mediação durante toda a aula, formando assim uma parceria com os estudantes e uma ampla equipe junto a eles, com objetivos comuns, e para tanto, é o professor quem apresenta o conteúdo, propõe as atividades coletivas, formula as questões, acompanha como as atividades estão sendo desenvolvidas, orienta, cria situações para que os estudantes possam resolver os desafios de forma coletiva e não competitiva que eles já estão acostumados, gerencia conflitos, cria feedback individual e coletivo, enfim, o professor é alguém que organiza e dinamiza todo o processo de aprendizagem que está ocorrendo em sala de aula, fazendo ainda que os alunos percebam a importância desses 5 pilares da aprendizagem cooperativa e seus benefícios na vida estudantil de todos eles.

Para demonstrar em forma resumida qual o papel do professor exclusivamente na aplicação da metodologia de aprendizagem cooperativa, em sua aula, será tomada como modelo a tabela apresentada por Firmiano (2011), que resume de forma interessante essas atribuições. Considera-se importante ressaltar que cada professor, cada turma, cada escola e cada comunidade tem suas especificidades e contextos. E que por isso não é obrigatório seguir à risca cada detalhe do que se encontra na tabela, cabendo ao professor adaptar para sua realidade, sem perder a essência da aprendizagem cooperativa ao manter necessariamente os cinco pilares da referida metodologia.

Quadro 1- O papel do professor

| O papel do professor | | |
|-----------------------------|---|---|
| Pré- implementação | Especificar os objetivos do ensino (acadêmicos e sociais) | O professor deve explicar porque vai usar a aprendizagem cooperativa, descrever seus benefícios e os resultados normalmente conseguidos com a sua utilização. Deve ainda explicar os objetivos de cada atividade. |
| | Determinar o tamanho das células e distribuir os estudantes pelas mesmas | O tamanho da célula pode variar entre três ou quatro integrantes dependendo da atividade. As células devem ser heterogêneas e devem manter sua constituição durante algum tempo |
| | Atribuir papel aos estudantes | Primeiramente deve atribuir papéis de acordo com as competências dos estudantes e depois garantir a rotatividade dos mesmos entre os estudantes. |
| | Arrumar a disposição da sala de aula | O professor deve organizar os espaços em sala para que as células possam interagir e movimentar-se facilmente. Os estudantes de uma mesma célula devem se sentar frente a frente. A sala deve ter elementos favorecedores da metodologia. |
| | Planejar os materiais de ensino para promover a interdependência | Os materiais devem possibilitar que cada estudante individualmente contribua para o sucesso da célula |
| | Distribuir tarefas | Selecionar métodos que se adapte a aprendizagem de cada atividade. As tarefas das células devem ser interessantes e variadas e cada estudante deve ficar responsável por uma atividade. O professor deve explicar claramente os procedimentos, estipular o tempo para |

| | | |
|--------------------------|---|--|
| | | cada tarefa e verificar se os estudantes compreenderam os procedimentos. |
| | Estabelecer os critérios de sucesso | O professor deve informar as competências que serão avaliadas, deve criar fichas para avaliar o trabalho das células |
| | Estruturar a interdependência positiva e a responsabilidade individual | O tamanho da célula deve ser pequeno para que cada estudante participe e tenha uma responsabilidade. Cada estudante deve ser capaz de defender sua posição e a posição da célula. |
| | Estabelecer os comportamentos desejados | As competências para trabalhar em célula devem ser ensinadas. Deve ainda treinar os estudantes para a resolução de conflitos e proporcionar dinâmicas para que os estudantes se conheçam e aprendam as habilidades sociais |
| IMPLEMENTAÇÃO | Controlar o comportamento e o tempo | O professor deve circular pela sala e observar como as células trabalham. É bom ainda controlar o tempo da cada atividade. |
| | Intervir se necessário | Intervir quando perceber que há distrações ou conflitos. O professor deve ensinar como prevenir conflitos. |
| | Prestar ajuda | Fornecer recursos ou pontos de vistas adicionais e fazer os alunos refletirem sobre o trabalho que está sendo realizado |
| | Elogiar | O professor deve elogiar os estudantes, assim como a célula a qual fazem parte, quando trabalharem adequadamente e cumprirem suas responsabilidades. |
| Pós-implementação | Promover o encerramento através da sumarização | O professor deve sintetizar os pontos mais importantes da aula ou pedir a cada |

| | | |
|--|---|--|
| | | célula que sintetize o seu trabalho e o apresente a turma. Isso permite ao professor verificar o nível de conhecimento dos estudantes. |
| | Avaliar a aprendizagem | Usar fichas de observação para avaliar o trabalho de cada célula. Essas fichas devem ser elaboradas juntos com os estudantes durante a pré-implementação. O professor deve informar o nível de desempenho das células e fornecer feedback dos trabalhos. |
| | Refletir sobre o trabalho desenvolvido | Os registros dos trabalhos devem ser guardados e compartilhados com as informações dos grupos. Colocando vantagens e desvantagens. |

Fonte: Firmiano (2011), p. 13-15.

3.2- O papel do estudante e os benefícios adquiridos na aprendizagem cooperativa

Uma questão que é sempre discutida por aqueles que pensam a educação, é a questão do estudante ser tão importante quanto o professor no centro da aprendizagem, é perceber sucesso na educação, quando o estudante, não apenas memoriza conteúdo, ficando em silêncio durante todo o curso, mas quando esse além de aprender conteúdo, aprende a viver, ou seja, quando o estudante desenvolve uma série de habilidades em sua vida estudantil na escola. É disso por exemplo que Paulo Freire (2016) trata quando se refere ao que é ensinar, afirmando que ensinar não é apenas transmitir conteúdo e que entre os atores (professor e estudante), nenhum pode ser tratado como objeto para o outro, mas como seres que se respeitem, e se relacionem de forma tal que ocorra um verdadeiro aprendizado. Sobre isso, veja o que diz Freire (2016):

Se, na experiência da minha formação, que deve ser permanente, começo por aceitar que o formador é o sujeito em relação a quem me considero o objeto, que ele é o sujeito que me forma e eu, o objeto por ele formado, me considero como um paciente que recebe os conhecimentos- conteúdos- acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos. Nesta forma de compreender e de viver o professor transformador, eu, objeto agora, terei a possibilidade, amanhã, de me tornar o sujeito da “formação” do futuro objeto de meu formador.

É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que

ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, 2016, p. 24-25).

Além disso, outro ponto que por muitas vezes é debatido entre os estudiosos da educação, é a questão de como atrair os estudantes (principalmente os da educação básica) para o aprendizado, ou seja, como tornar a sala de aula em algo que os estudantes desejem? Por vários motivos, os estudantes do ensino básico têm seus mundos e são atraídos por “n” coisas que, na opinião de muitos deles é bem melhor do que sala de aula. Nesses “n” motivos podemos colocar os mais variados, como celulares, tablets, namoros, futebol, drogas, “rolês”, música, gangues, igreja, etc. Motivos que por muitas vezes fazem com que muitos professores percam o brilho no olho por sua profissão e pensem em desistir, ou passem apenas a cumprir horário de expedientes.

O interessante é que uma das características da aprendizagem cooperativa na questão da aprendizagem, é o fato dessa metodologia, ao mesmo tempo em que torna o estudante como protagonista da aprendizagem, consegue atraí-los e quando eles são atraídos, a sala de aula se torna um ambiente vivo, dinâmico e começa a fazer sentido na vida de muitos que ainda não sabiam o porquê de estar dentro de uma sala de aula. Ela, a sala de aula, deixa de parecer uma prisão tornando-se um ambiente com vida, liberdade e conhecimento. E isso faz com que o estudante, juntamente com seus companheiros de sala e com seus professores, aprenda a desenvolver habilidades cognitivas e sociais necessárias em sua formação, no intuito de que se torne um adulto com autonomia, pronto para o enfrentamento da vida, tanto no seu individual, quanto no viver em sociedade.

Ora, sendo assim, da mesma forma que vimos no ponto anterior que o professor muda de posição quando passa a implementar em suas aulas a metodologia de aprendizagem cooperativa, acontece o mesmo em relação aos estudantes, ou seja, quando acontece na vida dos estudantes a implementação dessa metodologia, eles também mudam de posição, saindo de uma posição passiva, que é se limitar apenas a ouvir e assistir o professor, como se fosse uma “esponja” que absorve tudo o que é dito pelo professor, e que depois tem que provar que aprendeu quando consegue repetir numa prova aquilo que foi dito pelo mestre, e vai para uma posição de sujeito ativo de sua aprendizagem. O estudante passa a perceber que aprender não é apenas absorver conteúdo, frequentar assiduamente as aulas e levar notas boas em avaliações que servem apenas para formar rankings.

Esse estudante sai da posição de utilizar apenas a memorização para seu aprendizado, saindo também da posição de competitividade em relação aos outros estudantes que todos os dias estão com ele em sala de aula, fazendo do outro uma espécie de rival ou inimigo a ser vencido, para uma posição de desenvolvimento de várias habilidades cognitivas e sociais, trocando a competitividade pela cooperatividade, o individualismo pela coletividade e deixa de ver seu semelhante como um inimigo ou um alvo a ser derrotado, para o ver como alguém que merece respeito e humanidade no seu trato, por mais que seja diferente no jeito de ser e de pensar. Numa sala de aula em que há a aplicação da metodologia de aprendizagem cooperativa, o outro passa a ser visto como um aliado na busca do conhecimento. E no nosso caso, na busca dos conceitos filosóficos.

E para que essa mudança de posição do estudante ocorra, é necessário que seu papel em sala de aula também sofra alterações.

A primeira alteração trazida pela metodologia de aprendizagem cooperativa no ensino de filosofia, é o auxílio no despertar para a atitude de se perguntar e se desdobrar atrás da resolução das perguntas que surgirem. Isto é, quando o professor de filosofia no momento da exposição inicial vem sempre trazendo perguntas filosóficas, perguntas problematizadoras, que servem como um atrativo para o tema da aula e os alunos passam a se sentirem desafiados a responder tais perguntas, isso serve como um incentivo e como um estímulo para que esses estudantes passem a fazer isso por conta própria e a desenvolver o que Cerletti (2009) chama de atitude filosófica. E a partir daí, os estudantes por seus esforços procuram no material didático, no debate com seus parceiros de equipe, na resolução de dúvidas que serão tiradas pelos outros componentes da equipe, ou pelo professor, alcançar as respostas e a perceber como os filósofos da tradição ocidental trabalharam tal questão, saindo de vez da posição passiva, para uma posição ativa na construção do seu conhecimento. Os estudantes saem de vez daquela posição de esperar respostas prontas e mastigadas pelo professor apenas para uma memorização temporária que será gravada apenas até a resolução da prova, a qual servirá apenas de ranking da turma, e podem passar a despertar interesse pela filosofia, principalmente quando eles conseguem fazer elos entre o que é estudado com o que é vivenciado no seu dia a dia.

No momento em que os estudantes conseguem fazer elos entre o que está sendo estudado, com os textos filosóficos e com suas vidas, acontece o que Tomazetti (2009) aponta para uma boa aula de filosofia. Ou seja, Tomazetti (2009) afirma que para se obter o exercício do pensamento do aluno, há que se recorrer ao mundo da vida como fonte de perguntas e de “espanto” filosófico. Acredita-se nesse estudo que isso é fazer com que as aulas de filosofia

passem a fazer sentido, pois quando as coisas fazem sentido, nos sentimos vivos. E se descobre sentidos quando se descobre eles.

No momento em que os estudantes aprendem a fazer elos entre o conteúdo filosófico que está sendo estudado em sala de aula, com seu cotidiano, com as coisas que estão ao seu redor, com a sua vivência, eles percebem o quão faz sentido o estudar filosofia de forma filosófica. O espanto filosófico ganha força quando as coisas fazem sentido, e fazer sentido no ensino de filosofia, além do aprendizado de conceitos filosóficos por meio de debates e busca investigativa, faz com que qualquer ser humano desenvolva a capacidade de crescimento pessoal e interpessoal, compreendendo o mundo em sua totalidade e sabendo se posicionar a partir dessa compreensão e leitura de mundo.

É nessa mudança de posição no aprendizado que acontecendo com os estudantes de filosofia, que Silveira (2007), destaca o papel revolucionário da filosofia. Isto é, segundo o autor, a partir do momento em que os estudantes passam a ter o espanto filosófico, passam a saber problematizar, investigar, criticar, debater, entender o mundo em sua totalidade, fazendo relações entre o mundo e sua vida, é quebrada uma estrutura educacional que faz com que os estudantes sejam meros repetidores de professores e sejam formados apenas para atender necessidade de mercado, trabalhando sem fazer nenhuma relação de sua vida, com seu trabalho, sua existência, seu papel social, sua relação com o outro e com o mundo.

Silveira (2007), sobre essa revolução causada pelo ensino de filosofia de forma filosófica diz:

Assim, num contexto que se mantém e se reproduz à custa da ocultação de seus fundamentos, desenvolver nos alunos a capacidade de espanto, de admiração, de problematização e o desejo de busca da verdade, é, de certa forma, uma atitude revolucionária, pois conhecendo a verdade, estarão mais bem preparados e equipados para intervir criticamente. (SILVEIRA, 2007, p. 112)

Assim sendo, percebemos que na dinâmica da aula de filosofia que utiliza da metodologia de aprendizagem cooperativa, há uma potencialização causada nos estudantes de percepção do mundo, de leitura nas entrelinhas do mundo e que a filosofia passa a fazer total sentido em sua vida, deixando de ser apenas mais uma disciplina a ser meramente cumprida na vida escolar para a obtenção de um diploma de ensino médio. A filosofia aqui passa a desenvolver seu papel no mundo escolar, que inclusive é exigência das leis educacionais do país, tais como a LDB e os parâmetros curriculares. Ou seja, só há verdadeiro ensino de filosofia, quando os estudantes são impactados por essa disciplina, aprendendo a desenvolver criticidade, diálogo, entendimento do mundo que o cerca, posicionamento em questões morais, políticas, éticas, existenciais, etc.

Após o espanto e a questão do fazer sentido no estudo de filosofia, outra mudança na posição dos estudantes durante seu aprendizado nas aulas de filosofia por meio da aprendizagem cooperativa, está na questão da investigação. Esse ponto é diferencial e essencial na formação do indivíduo enquanto estudante e enquanto ser humano, isto é, esse ponto é um ponto que vai muito além da sala de aula, pois aqui o estudante aprende a viver, a ir atrás de resolver seus problemas quando na vida adulta, a não aceitar passivamente respostas prontas e acabadas, sem passar pelo crivo da criticidade. É o sujeito ativo que busca respostas para todo e qualquer desafio filosófico trazido para sala de aula, e essa atitude virando hábito, o estudante a levará por toda sua vida pós escola, mesmo que não seja um filósofo por profissão ou formação acadêmica.

E durante a aula de filosofia em que se aplica a metodologia de aprendizagem cooperativa, é o estudante o protagonista principal na busca da resolução da problemática trazida pelo professor. É o estudante que lê, explica, pergunta, debate, critica, ouve, dialoga. O estudante de forma alguma se encontra mais calado, passivo, apenas observando o professor que fala. Ele é sujeito investigativo individualmente enquanto leitor, sujeito investigativo de forma coletiva, quando está em sua equipe com mais dois estudantes, é sujeito investigativo, quando no grupo pode debater, criticar e aprender. Aqui nesse momento, é sem dúvida nenhuma, desenvolvido o protagonismo estudantil e sua ação de investigação é potencializada na metodologia de aprendizagem cooperativa nas aulas de filosofia.

Essa investigação realizada pelos estudantes, é fator primordial para quem vai aprender filosofia. Sócrates fazia isso o tempo inteiro com seus discípulos, ou seja, os discípulos de Sócrates não ficavam sentados anotando tudo o que o mestre tinha pra dizer, mas incentivados pelas atitudes do mestre, aprendiam a questionar, a criticar, a perguntar, a investigar sobre o conceito em questão.

Ghedin (2008) usa o termo “busca” para o que aqui chama-se investigação. Para Ghedin (2008) a busca é característica fundadora do filosofar. Por isso, ele defende tal busca filosófica em sala de aula.

Para garantir a possibilidade da filosofia como criação e construção de conceitos e como processo reflexivo, é preciso salvaguardar a busca como horizonte e perspectiva diante da verdade, entendida como construção permanente. É nessa direção que tem e faz sentido ensinar filosofia em todas as fases do ensino. [...] Defender a busca como horizonte do filosofar é criar a condição fundadora da possibilidade do ensino de filosofia. Negar isso ao ser humano é negar a construção de uma existência com sentido num mundo desorientado e incompreendido. (GHEDIN, 2008, p. 42)

Concordando com Ghedin (2008) e ao mesmo tempo afirmando que há na aprendizagem cooperativa elementos que propiciam essa investigação é que se acredita nessa metodologia como uma ferramenta de muita valia nas aulas de filosofia, pois em cada momento numa sala de aula de filosofia que esteja acontecendo por meio da aprendizagem cooperativa, o assunto filosófico abordado estará sendo investigado de forma ativa pelos próprios estudantes.

E a última mudança de posição dos estudantes, tratada nesse capítulo, é quando esses estudantes participam de uma aula de filosofia por meio da aprendizagem cooperativa, e o silêncio passivo dá lugar ao diálogo na coletividade. Isso, sem dúvida é enriquecedor numa sala de aula proporcionada aos estudantes. A aprendizagem cooperativa faz com que na prática, no chão da escola, os alunos desenvolvam a atitude questionadora, investigando, debatendo e dialogando com seus companheiros de turma, resultando numa aprendizagem de filosofia, em que a turma filosofe. Nesse momento o destaque vai para a importância do diálogo entre os estudantes ou até mesmo entre os estudantes e o professor, na busca do conhecimento.

Não resta dúvida que os autores que estudam sobre o ensino de filosofia, colocam sempre um destaque para o diálogo no verdadeiro aprendizado de filosofia. Até mesmo quando se lê um livro de filosofia, está acontecendo um diálogo entre o leitor e o autor. Portanto, quanto mais se pratica a arte do diálogo nas aulas de filosofia, mais próximos estamos do aprender/ensinar filosofia. O ambiente criado nas salas de aula quando os alunos estão interagindo e trocando ideias por meio do diálogo, é um ambiente vivo, criativo, digno de Sócrates que não escrevia filosofia, mas vivia a filosofia por meio do diálogo. O diálogo faz com que os estudantes aprendam a aprender de forma viva e dinâmica.

Mias uma vez recorre-se a Ghedin (2008), só que agora para tratar da questão do diálogo e da coletividade. Interessante ressaltar que Ghedin (2008), trabalhando em seu texto, as questões das mediações do processo ensino-aprendizagem de filosofia que possibilitam a auto-aprendizagem, parecem descrever uma sala de aula que utiliza a aprendizagem cooperativa, pois grandes são as semelhanças. Observe o que diz Ghedin (2008):

O espaço coletivo é vital para a auto-aprendizagem, uma vez que nele é preciso desenvolver a cooperação com o outro, a participação, a reciprocidade e uma permanente e constante atitude de mediação. Cada estudante consiste em verdadeiro aprendiz que recebe orientação, ajuda direta, estímulo do professor e de outros colegas. Na interação entre os colegas de sala, cada um pode discutir e observar as possibilidades e os limites dos outros, assim como partilhar os próprios conhecimentos entre si, o que constitui uma fonte não só de conhecimento e reflexão, componente essencial do autoconhecimento e da auto-avaliação, mas também de reflexões motivadoras. (GHEDIN, 2008, p.129)

É impressionante a semelhança dessa realidade colocada por Ghedin (2008) no que ele chama de espaço coletivo, com o que esse estudo presenciou em sala de aula nas aplicações da aprendizagem cooperativa nas aulas de filosofia.

Portanto, está devidamente explicitado qual passa a ser o papel dos estudantes que participam das aulas de filosofia por meio da aprendizagem cooperativa. O papel da atitude questionadora, do espanto filosófico, da investigação do conhecimento e do diálogo passam a existir na vida estudantil e nas aulas de filosofia, indicando o aprender filosofia de forma filosófica. Isso tudo faz com que esses estudantes possam ampliar seus conhecimentos sobre a realidade e se reposicionar diante dela.

Existem ainda os papéis adotados pelos estudantes que possuem um teor mais técnico para que a aula seja caracterizada como aula por meio da aprendizagem cooperativa. Esses serão abordados a partir de agora.

Os estudantes quando estão participando de uma aula por meio da metodologia de aprendizagem cooperativa, já no intuito de envolvê-los na aula e desenvolvê-los para as habilidades já discutidas nesse estudo, passam a desenvolver papéis que vão variar segundo as atividades propostas na aula. Os principais papéis ou funções são, segundo Firmiano (2011), a de Articulador, Verificador, Relator, Gestor do tempo e dos recursos, Mediador e Observador. Veja no quadro a seguir, feita por Firmiano (2011), o que faz cada papel.

Quadro 2- As funções dos estudantes na aprendizagem cooperativa

| PAPEL | DESCRIÇÃO |
|----------------------------------|---|
| 1- Articulador | <ul style="list-style-type: none"> • Orienta a execução da tarefa da célula • Chamar o professor, se esgotados todos os recursos de resolução da questão na célula • Representar a célula se houver uma questão a colocar no professor |
| 2- Verificador | <ul style="list-style-type: none"> • Certificar-se de que todos compreenderam a atividade. • Convidar os membros a manifestar seus acordos ou desacordos |
| 3- Relator | <ul style="list-style-type: none"> • Faz a síntese dos trabalhos para apresentar • Coordenar/organizar a apresentação do trabalho |
| 4- Gestor do tempo e de recursos | <ul style="list-style-type: none"> • Verifica se as atividades estão sendo |

| | |
|---------------|--|
| | <p>realizadas no tempo previsto</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pode sugerir divisão do tempo por atividades • Anota toda perda de tempo da célula • Se necessário controla o tempo de fala dos participantes da célula • Assegurar que todos os materiais necessários estejam disponíveis quando necessários. • Arrumar e arquivar todos os materiais usados de forma a deixar o espaço limpo e organizado. |
| 5- Mediador | <ul style="list-style-type: none"> • Procura prevenir conflitos, recorda as regras que favorecem o respeito (ajudar uns aos outros, encorajar os colegas, desempenhar o seu papel, falar na sua vez) • Elogiar os membros da célula que estão a participar bem e incentivar os menos participativos. • Assegura-se de que não há comentários depreciativos sobre ninguém |
| 6- Observador | <ul style="list-style-type: none"> • Observa, anota e contabiliza os comportamentos em relação as competências ensinadas. • Comunica as suas observações aos meninos da célula • Observa e comenta os progressos feitos pela célula em relação a determinadas competências |

Fonte: Firmiano (2011), p. 16-17.

Destaca-se aqui que, diante da realidade contextual das aulas de filosofia no IFCE-Campus Caucaia, o presente estudo utilizou entre os estudantes, apenas as funções do: articulador, do relator e do mediador. E esses papéis eram decididos entre eles.

Após a descrição, tanto das funções mais técnicas exercidas pelos alunos durante a aplicação da metodologia de aprendizagem cooperativa, quanto dos papéis assumidos de postura no aprendizado de filosofia e a busca pelo saber filosófico, agora serão colocados alguns dos vários benefícios, que segundo os autores e pesquisadores desse tema afirmam que são obtidos pelos estudantes com essa metodologia.

Como esses benefícios se repetem entre os autores aqui estudados, iremos destacar tais benefícios pelos autores norteadores da aprendizagem cooperativa que são os irmãos Johnson (1998), por um precista que é Firmiano (2011), e por autores que pesquisaram a metodologia na EEEP Alan Pinho Tabosa, que foi a escola que serviu de parâmetro e que muito contribuiu na inspiração dessa pesquisa.

Para os irmãos Johnson (1998) a aprendizagem cooperativa se apresenta como uma forma de aprender que trazem inúmeros benefícios para os estudantes que estão nesse processo. Quando eles abordam essa questão dos benefícios, eles usam o termo ajustamento e são dois ajustamentos que eles relatam o ajustamento social e o ajustamento psicológico. Entende-se aqui que são benefícios, pois quando jovens estudantes passam a aprender a viver em sociedade, a melhorarem na questão da autoestima e ainda aprendem a estimar o outro, aprendendo a pensar de forma coletiva e cooperativa em substituição à forma individualista e competitiva, não há dúvida de que esses fatores podem ser entendidos como benefícios trazidos pela aprendizagem cooperativa na vida desses estudantes.

Johnson & Johnson (1998), abordam da seguinte maneira, por exemplo na questão da autoestima:

Revisando a pesquisa, descobrimos que a cooperação está altamente relacionada com uma larga variedade de índices de saúde psicológica; que atitudes individualistas altamente se relacionam com um amplo espectro de patologias psicológicas; que a competitividade parece relacionar-se com uma mistura complexa de índices de saúde e de patologia. Um aspecto importante da saúde e de patologia. Um aspecto importante da saúde psicológica é a auto-estima. Estudos a nível de faculdades indicam que a cooperação, mais do que a competitividade (...) ou o individualismo (...), tende a promover uma auto-estima bem mais elevada. Os membros de grupos cooperativos também se tornam mais habilitados socialmente do que alunos que trabalham de modo competitivo ou individualista. (Johnson & Jonson, 1998, p. 97)

Nessa mesma linha de raciocínio, temos aqui no Ceará, estudos sobre a aprendizagem cooperativa que apontam para esses benefícios e mais alguns outros que serão abordados agora, tanto pelos precistas Firmiano (2011) e Lopes (2006) e por autores que pesquisaram a metodologia de aprendizagem cooperativa na EEEP Alan Pinho Tabosa.

Matos (2018), por exemplo, que desenvolve sua pesquisa na referida escola acima citada, destaca os benefícios da afetividade que é desenvolvida entre professor e estudantes,

além da afetividade entre estudantes, aponta ainda para os benefícios de uma educação socio-emocional proporcionando entre os estudantes um ambiente de acolhimento e pertencimento, propiciando uma cultura de paz e tolerância. Nascimento (2014), que também desenvolve seu trabalho de pesquisa na mesma escola cearense, elenca benefícios no aprendizado e na vida dos estudantes afirmando que esses: aprendem a falar um de cada vez, a prendem a ouvir, a elogiar, a aceitar as diferenças, a encorajar os outros, a se comunicarem de forma clara, a resolver conflitos, a partilhar ideias e a celebrar sucesso em coletividade.

Lopes (2006), diretor da EEEP Alan Pinho Tabosa, foi aluno precisa e em seu trabalho de pesquisa, aponta os seguintes benefícios adquiridos pelos estudantes através da aprendizagem cooperativa: poder de compartilhar o que aprendeu com os colegas, melhoria da capacidade de compreensão dos conteúdos estudados, desinibição, desenvolvimento da expressão verbal dos estudantes, melhoria da capacidade de leitura, estímulo a produzir textos, oportunidade de compartilhar os medos e ansiedades, ensina a ter mais responsabilidade e compromisso com o próprio aprendizado, compromisso com as necessidades dos colegas. Rodrigues (2007), que não só é precisa, mas um dos que formaram o primeiro grupo ainda na comunidade do Cipó, destaca que a aprendizagem cooperativa proporciona os seguintes benefícios: solidariedade, amizade, sentimento de coletividade, mútuas cooperações, aprimoramento do diálogo, desenvolvimento da auto-estima, protagonismo da aprendizagem, saber compartilhar aprendizados e momentos, respeito e o desenvolvimento da horizontalidade aprendendo a debater e a ouvir.

E Firmiano (2011), também precisa, traz os benefícios da aprendizagem cooperativa de forma elencada. Segundo ele, são esses os benefícios: Estímulo e desenvolvimento de habilidades sociais, encorajamento da responsabilidade pelo outro, desenvolvimento de liderança, elevação da auto-estima, diminuição da ansiedade, criação de uma relação positiva entre professor e aluno, estímulo do pensamento crítico, desenvolvimento da competência da comunicação oral, e a criação de um ambiente ativo e investigativo.

Com todo esse aprofundamento de leitura tanto do ensino de filosofia, como da aplicabilidade da metodologia de aprendizagem cooperativa, nos conduz e nos leva a crer que quando unimos essas ideias na praticidade da sala de aula, pode nos levar ao resultado da formação de estudantes em seres com autonomia aproximando-se da máxima socrática do “conhece-te a ti mesmo”. Esse será o ponto a seguir desse capítulo.

Assim, finaliza-se este ponto que apresenta a mudança de papel dos alunos que aprendem por meio da aprendizagem cooperativa e todos os benefícios trazidos por essa metodologia. E é por todos esses motivos até aqui estudados que essa pesquisa teve sua

origem, ou seja, a hipótese levantada, após a leitura de autores que pensam o ensino de filosofia e a leitura de autores que pensam a aprendizagem cooperativa, veio a ideia de aplicar uma pesquisa com os estudantes do IFCE- Campus Caucaia e analisar se tudo o que foi dito por tais autores, se concretizam nas aulas de filosofia e se essas aulas ocorrem realmente de forma filosófica.

3.3- Aprendizagem filosófica e o "conhece-te a ti mesmo" a partir da aprendizagem cooperativa

A educação de um ser humano é algo fundamentalmente necessário em sua vida, pois quando na vida adulta, sua atuação no mundo vai resplandecer tudo o que aprendeu no período da infância, adolescência e juventude. Educar, sem dúvida nenhuma é muito pra além de frequentar escola, sentar em um banco, aprender conteúdos e reproduzi-los seja em avaliações internas ou externas. Isso é percebido tanto por Sócrates, que viveu em séculos antes de Cristo, como hoje no século XXI, ou seja, a forma como qualquer ser humano se desenvolve e se relaciona com o mundo, com ele mesmo e com as pessoas, passa sem dúvida sobre seu processo educacional. E é por isso que Sócrates sempre alertava para seus discípulos, durante sua caminhada filosófica para a importância do ser humano conhecer a si mesmo.

A máxima de Delfos “Conhece-te a ti mesmo” que ficou tão profundamente marcada e conhecida na filosofia de Sócrates, é por algumas vezes mencionada pelo filósofo ateniense na Obra: O primeiro Alcibíades de Platão. Aliás, essa obra, trata sobre um diálogo entre Sócrates e Alcibíades que ainda jovem já se acha preparado para governar Atenas, Sócrates o interpela e nesse diálogo, o mestre de Platão exercendo sua metodologia de investigação (maieutica) começa a perceber juntamente com Alcibíades que este não se encontra nada preparado para exercer tal função. Em alguns momentos desse diálogo realizado entre os dois, Sócrates aponta a necessidade de uma boa educação, para que Alcibíades esteja preparado a alcançar seu objetivo. E em todos os momentos em que Sócrates perguntava sobre a preparação de Alcibíades, relacionada com a educação desse jovem, dá para perceber valores já mencionados no presente trabalho, tais como a cooperação, a necessidade da interatividade com outros seres humanos, a crítica socrática em relação a arrogância e o individualismo e a necessidade do outro para o crescimento individual e social.

Quando Sócrates repreende Alcibíades por este se achar superior aos demais cidadãos de Atenas, o sábio ateniense, destacando inimigos para além de Atenas como os lacedemônios e os persas, realça a importância da coletividade em substituição ao individualismo e ao egocentrismo.

Sócrates – Se te dispusesse a governar uma trirreme prestes a entrar em combate, contentar-te-ias com o ser o mais hábil piloto da tripulação? Ou, de preferência, aceitando como natural essa superioridade, não te compararias com os teus verdadeiros adversários, e não como agora fazes, com os companheiros de campanha? A estes a tal ponto deves avantajá-los, que nem lhes ocorra a ideia de rivalizarem contigo; ao contrário, tratados como inferiores, lutarão ao teu lado contra os inimigos. É o que farias, se de fato pretendes realizar algo belo e, sobretudo, digno de ti e da cidade.

Alcibíades - É isso, realmente o que pretendo fazer.

Sócrates – E considerarás suficiente seres superior aos nossos soldados, sem lançares as vistas para os comandantes dos inimigos, com o intuito de sobrepuja-los em toda a linha, estudando-os e tomando tuas medidas em relação a eles?

Alcibíades – A que inimigos te referes, Sócrates?

Sócrates – Ignoras que nossa cidade está em constante guerra com os lacedemônios e com o grande Rei? (PLATÃO, 1975, p. 223-224)

Sem sombra de dúvidas, Sócrates já percebia em sua época, as vantagens e as necessidades que existem na coletividade. Porém, numa tentativa de ir além e fazer uma alegoria dessa passagem citada acima, com a educação atual, afirma-se que os estudantes em sala de aula, não são inimigos, nem adversários entre si, mas que têm em comum, outros inimigos bem reais a serem enfrentados que são todos os desafios trazidos pela vida real em seus aspectos individuais, profissionais, existenciais e sociais

É no “conhece-te a ti mesmo” que ocorre um crescimento individual e social e é nessa máxima que tais crescimentos são fundamentados. Após conhecer a si mesmo, é proporcionado a todo ser humano, segundo Sócrates, capacidade para conhecer o que está fora, como política, economia e qualquer outra técnica ou ofício. Para tanto, é necessário, diz Sócrates ainda na obra: o primeiro Alcibíades, que um ser humano olhe no fundo da alma do outro para conhecer profundamente sua própria alma, pois é através da alma do outro que o ser humano se autoconhece. Isso ressalta a necessidade do outro, e por consequência da cooperatividade e da coletividade, para o autoconhecimento e para conhecimento de tudo que cerca o ser humano na sua vida em sociedade e até mesmo na natureza.

Quando o ser humano passa a conhecer a si mesmo, ele está preparado para enfrentar a vida e o que há no mundo, isto é, ele passa a ter a autonomia necessária para atuar no mundo de forma a transformá-lo em algo melhor. É sobre isso que Sócrates trata, quando dialoga com Alcibíades, que ainda jovem desejava governar Atenas e é levado por Sócrates a perceber que ainda não estava preparado para tal feito, pois precisava antes conhecer a si mesmo, pois quem não se conhece não possui virtude, nem capacidade suficientes para conhecer o que está fora de si, no caso uma pólis. Portanto, formar jovens estudantes em pessoas adultas que não tiveram sua educação voltada para a autonomia, é um sério perigo para o mundo e para elas

mesmas. Não se conhecer, é não desenvolver autonomia e não desenvolver autonomia, é não saber viver, pois o mundo e a vida não brincam e exigem de cada um de nós, um saber viver.

Já foi mencionado aqui que o objetivo desse trabalho não é de comparação ao método tradicional de trabalhar em sala de aula, porém não se pode passar em branco, nem deixar de alertar que numa educação em que se prioriza apenas a memorização, a repetição, a individualidade, a competitividade e a absorção de conteúdos de forma desligada da realidade da vida, serão entregues ao mundo pessoas despreparadas a enfrentar a vida que não é fácil para ninguém e que exige da espécie humana meios necessários na resolução de conflitos. Conflitos esses que são de esferas diferentes e variadas, como existencial, política, moral, social, sanitária, ambiental, etc.

Eis aqui um ponto que se acredita ser de suma importância nesse trabalho de pesquisa, pois por tudo o que foi dito neste capítulo, chega-se ao pensamento de que o ensino filosófico por meio da aprendizagem cooperativa, encaminha os estudantes para a autonomia, isto é, para o “conhece-te a ti mesmo” socrático, pois de uma forma parecida com o que fazia o sábio ateniense, que estimulava, treinava e mostrava aos seus discípulos a como a questionar, debater, ouvir, de forma viva por meio do diálogo executando a maiêutica, a aprendizagem cooperativa, possibilita aos estudantes o sair de “debaixo da saia” de uma forma de ensino que robotiza, engessa, adestra, e limita muito os estudantes, tanto no aspecto cognitivo, como nas questões de relação interpessoais e sociais.

O fato da aprendizagem cooperativa tirar o estudante do lugar da passividade e da inércia em sala de aula, fazendo com que ele necessariamente se relacione com os outros estudantes ao mesmo tempo que passa a ir em busca do conhecimento de forma ativa e investigativa, debatendo, dialogando, questionando, argumentando, ouvindo, respeitando, mostra para o professor de filosofia, o quanto essa metodologia pode abraçar-se com a disciplina de filosofia no ensino médio, levando professores e estudantes para momentos de efetiva aprendizagem de filosofia de forma filosófica, e possibilitando o desenvolvimento nesses estudantes do “conhece-te a ti mesmo” de Sócrates, ou seja, possibilitando o desenvolvimento da autonomia em futuros adultos, que conforme diz Arendt (2001), assumirão o mundo e todas as suas relações.

A disciplina de filosofia tem uma importância necessária na vida de todo estudante que curse o ensino médio brasileiro e essa importância está para muito além de servir apenas para que os estudantes consigam resolver questões do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) ou de qualquer outra avaliação. A disciplina de filosofia, é uma disciplina que mesmo o estudante não tendo o desejo de cursar o ensino superior para se tornar um filósofo, tem o

papel de trazer possibilidades para que esse estudante, mesmo exercendo qualquer outra profissão, saiba ter uma leitura de mundo de forma filosófica, isto é, refletida, crítica. Saiba ter o conhecimento necessário sobre ética e política, por exemplo, para se posicionar diante do outro e da sociedade em que está inserido, pois caso contrário, pode até haver excelentes profissionais, mas péssimos seres humanos.

E por isso, acredita-se que a aplicação da metodologia de aprendizagem cooperativa nas aulas de filosofia do ensino médio é algo que contem muita relevância na vida de todo e qualquer estudante jovem que está em formação, pois é uma forma que potencializa o filosofar dentro de sala de aula, e quando o filosofar ocorre em sala de aula, estão presentes fatores, tais como o diálogo, o debate, a leitura, a criticidade, a investigação filosófica, que levam os estudantes no rumo da autonomia.

É esse despertar para o conhece-te a ti mesmo, que possibilita a formação de adultos autônomos. Para que a ratificação disso que foi dito agora, como algo já percebido por Sócrates, aconteça, será feito ainda um diálogo com outros autores que pensam a educação e que também relacionam educação como algo partilhado e que caminha rumo a autonomia, bem como estudiosos da metodologia da aprendizagem cooperativa que também confirmam que essa metodologia tem essa mesma marca, potencializando o trabalho nos estudantes esse desenvolvimento para a autonomia, ao se conhecerem enquanto sujeitos na coletividade e na cooperatividade.

Nesse intuito de dialogar com tais autores que estudam sobre educação, é que salta aos olhos o pensamento de Freire (2016) na obra que já no seu título “pedagogia da autonomia”, traz semelhanças e se aproxima de uma educação no sentido socrático do “conhece-te a ti mesmo”. Freire (2016) é um exímio crítico da pedagogia que utiliza apenas a memorização e a repetição. Paulo Freire, por várias vezes ressalta a importância do aprendizado para que não aconteça de forma engessada, e sim de forma dialogada, investigativa, participativa, despertando curiosidade nos estudantes, fazendo com que esses se sintam sujeitos ativos na construção de sua história e na atuação sobre o mundo. Na crítica ao que se refere ao aprender se prendendo apenas a memorização, diz Freire (2016):

A memorização mecânica do perfil do objeto não é aprendizado verdadeiro do objeto ou do conteúdo. Neste caso, o aprendiz funciona muito mais como paciente da transferência do objeto ou do conteúdo do que como sujeito crítico, epistemologicamente curioso, que constrói o conhecimento do objeto ou participa de sua construção. (FREIRE,2016, p.67)

Ora, para que alguém em sua fase adulta da vida possa atuar de forma autônoma no mundo, é necessário que esse ser humano tenha tido uma educação no sentido do que foi dito

no parágrafo anterior e é isso que Freire (2016) afirma em sua obra, pois não se produz um ser autônomo fazendo com que esse apenas memorize e repita o que foi dito pelo professor. Por isso todo o esforço desse pensador da educação em afirmar e insistir em afirmar que ninguém ensina ninguém, ou seja, não há o professor que sabe tudo, detentor do conhecimento, como não há o aluno que não sabe nada e que se preste apenas ao papel de copiar o que deve ser repetido em algum momento, fazendo com que a educação não aconteça para a autonomia e que todo ser humano que fica preso nesse engessamento será alguém heterônimo.

Freire (2016) ressalta a criticidade, a inquietação e a curiosidade como elementos que devem estar presentes na educação de seres humanos e para que isso aconteça, a relação entre professor e aluno e a relação aluno- aluno se diferenciam do que ele critica e faz com que todos os que estão envolvidos nesse processo de aprendizagem, ensinem e aprendam num processo dialético. É nessa hora que há a aproximação do conhece-te a ti mesmo, pois quando os estudantes são despertados e incentivados a desenvolverem curiosidade, criticidade e investigação, é que brota de vez, a busca e a concretização da máxima do templo de Delfos.

Freire (2016) discorrendo sobre seu entendimento de uma educação para autonomia afirma:

É esta percepção do homem e da mulher como seres “programados, mas para aprender” e, portanto, para ensinar, para conhecer, para intervir, que me faz entender a prática educativa como um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos (FREIRE,2016, p.142)

Tudo isso que foi dito na citação acima, não acontece no individualismo e no egocentrismo, mas na coletividade e na cooperatividade entre todos os que estão envolvidos na aula. Portanto, a metodologia da aprendizagem cooperativa dialoga muito bem com a educação pensada por Freire (2016), já que ela proporciona em sua aplicabilidade a interatividade, a cooperação e a coletividade. O que possibilita aos estudantes o autoconhecimento, que é o objetivo desejado por Sócrates nas ruas de Atenas antiga. Assim, segundo o filósofo grego mestre de Platão, o jovem estudante que tem uma educação pautada na busca e no desenvolvimento do autoconhecimento, é capaz ainda de desenvolver o conhecimento do outro, o conhecimento do mundo, potencializando e possibilitando a formação de adultos que atuem na vida e no mundo de forma autônoma.

Ora, já vimos anteriormente como funciona a aprendizagem cooperativa em sua aplicabilidade, assim como a exposição da definição dessa metodologia e as vantagens proporcionadas por ela. Dessa forma, é comum entre os estudiosos que se debruçaram a analisar essa metodologia educacional, a afirmação de que ela contribui significativamente

para a formação de seres humanos autônomos, pois todas as suas características de interação, coletividade, dialogicidade, cooperatividade, atuam favorecendo a proatividade por parte dos estudantes que passam a ter iniciativa nos debates, na investigação do tema abordado, no cuidado com o outro estudante que faz parte de sua vida estudantil, fazendo com que tais atitudes, se tornem habilidades sociais e que esses estudantes sejam sujeitos ativos não só em sala de aula, mas na história de suas vidas e na sociedade em que estão inseridos.

Lopes (2006) é um profundo conhecedor da metodologia de aprendizagem cooperativa, pois não apenas estudou sobre essa metodologia, mas é um dos frutos dessa história já contada aqui sobre o PRECE. Portanto, Lopes (2006) foi um dos muitos estudantes do PRECE que vivenciou e fez parte do que foi colocado aqui sobre o modelo de aprendizagem cooperativa existente no Ceará, e que acabou ingressando na UFC (Universidade Federal do Ceará) no curso de química e que posteriormente, torna-se o diretor da EEEP Alan Pinho Tabosa que, como já foi dito neste trabalho, é a escola cearense que trabalha em sua totalidade com a metodologia de aprendizagem cooperativa, escola que serviu como fonte de pesquisa para o presente estudo. Em uma de suas pesquisas sobre a aprendizagem cooperativa Lopes (2006), relacionando exatamente o que vem sendo relacionado aqui, ou seja, relacionando a aprendizagem cooperativa com o pensamento educacional de Paulo Freire e a questão da autonomia, relata que:

A metodologia de ensino do PRECE é semelhante ao Método Lancasteriano e tem por princípio norteador o pensamento da Pedagogia Libertadora de Paulo Freire, assumindo a proposta de promover uma educação reflexiva e questionadora, onde todos os envolvidos no processo educativo assumam a condição de sujeitos históricos, vivenciando a condição de protagonistas e construtores da própria realidade, na condição de atores sociais que recebem e ao mesmo tempo influenciam o meio em que vivem. O estudo e o agir em células privilegiam a construção do saber de modo interativo, coletivo e cooperativo, por intermédio do compartilhamento de conhecimentos entre estudantes, proporcionando ao grupo a aquisição da autonomia intelectual, através de uma formação reflexiva e questionadora, produzindo, deste modo, uma consciência político-social indispensável na construção de homens e mulheres capazes de tomar decisões baseadas em suas próprias conclusões. (LOPES, 2006.p.15-16)

Essa possibilidade de desenvolvimento da autonomia na vida dos estudantes através da aprendizagem cooperativa, que está sendo relacionada aqui com o conhece-te a ti mesmo socrático, foi percebida até mesmo na própria UFC (Universidade Federal do Ceará) com a implantação do PACCE³ (Programa de Aprendizagem Cooperativa em Células Estudantis).

³ PACCE- (Programa de Aprendizagem Cooperativa em Células Estudantis). Vale ressaltar que esse programa foi fundado em 2009 pelo professor Manoel de Andrade Neto, o mesmo que deu o pontapé inicial da aprendizagem cooperativa em Cipó no ano de 1994. O PACCE hoje tem vinculação com todas as unidades acadêmicas da UFC. Sua principal estratégia é a utilização da metodologia da Aprendizagem Cooperativa através da formação de Células Estudantis (grupos de estudo). Desta forma, os estudantes participantes do Programa,

que surgiu como uma ideia para fazer com que os estudantes universitários da graduação, por meio da aprendizagem cooperativa, conseguissem concluir o curso e conseqüentemente que fossem aumentadas as taxas de conclusão de curso, bem como a diminuição da retenção e da desistência. Mas o que chamou atenção desse estudo a respeito do PACCE é que nos objetivos desse programa é colocada a formação de profissionais proativos, competentes e habilidosos, bem como destaca o protagonismo e a autonomia dos estudantes como algo possível a ser proporcionado pela aprendizagem cooperativa. Diz assim o site, quando se refere aos objetivos do PACCE:

“Ressalta-se ainda que a aprendizagem cooperativa no PACCE, dialoga e vem sendo aplicada em todos os cursos, portanto, qualquer disciplina é passível de ser administrada por meio da aprendizagem cooperativa”. Isso é muito animador quando se pensa a soma dessa metodologia com a disciplina de filosofia! Pois, quando se percebe que está sendo aplicada a aprendizagem cooperativa com sucesso, em relação com as disciplinas conhecidas e denominadas no meio educacional de ciências exatas trabalhar a questão da autonomia, imagine essa metodologia com a disciplina de filosofia que tem em sua natureza características já mencionadas no capítulo anterior, tais como: criticidade, dialogicidade, investigação, reflexões acerca de si mesmo, reflexões éticas, políticas, existenciais.

Enfim, toda essa relação desenvolvida até aqui entre o conhece-te a ti mesmo, que é uma máxima atribuída a Sócrates, com a autonomia dos pensadores da educação tal como Paulo Freire e com os estudiosos da metodologia de aprendizagem cooperativa, tornam extremamente viável a aplicabilidade dessa metodologia nas aulas de ensino médio na disciplina de filosofia, para sair de um engessamento, sair das práticas apenas de memorização, sair das práticas individualistas e competitivas existentes em salas de aula, e possibilitar aulas de filosofia em que os estudantes aprendam filosofia de forma filosófica, e despertem para o conhece-te a ti mesmo. O autoconhecimento tão procurado por Sócrates na Grécia antiga ainda faz todo o sentido para a vida de todos que se encontram no século XXI, século já marcado por inúmeros conflitos existenciais, na vida de jovens e adolescentes, e se a filosofia no ensino médio puder contribuir para melhoria desse cenário, desenvolvendo nos estudantes habilidades sociais e autoconhecimento, teremos como resultados pessoas que possam viver melhor consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Isso faz com que essa

recebem formação em Aprendizagem Cooperativa, apoio na formação de suas células de estudo, têm a oportunidade de conviver com estudantes de outros cursos ao longo do ano através de encontros de História de Vida e atividades lúdicas. O PACCE teve seu início em 2009 e, nesses anos de caminhada, mais de 2.000 estudantes passaram pelo Programa. (<http://www.pacce.ufc.br/pacce/>)

pesquisa se torne relevante no sentido de contribuição, não só para a comunidade escolar, mas para a sociedade enquanto um todo.

Aqui no Ceará há um ditado popular muito usado para quando algo se encaixa perfeitamente com outra coisa. O ditado diz: “Juntou a fome com a vontade de comer”. Esse ditado expressa muito bem um possível encaixe da disciplina de filosofia com a metodologia de aprendizagem cooperativa. E esse estudo de somar filosofia com a aprendizagem cooperativa realizando um experimento em uma turma de ensino médio, na busca de algo que possibilite o ensino de filosofia, e conseqüentemente a aprendizagem, de forma filosófica, se concretiza no próximo capítulo, com a realização de tal experimento numa turma de ensino médio do IFCE-Campus Caucaia. A pesquisa realizada, a resposta dos estudantes a respeito de tudo isso que vem sendo exposto até agora, e os resultados alcançados, formam o próximo capítulo a ser colocado neste trabalho de pesquisa.

4 A EXPERIÊNCIA COM OS ESTUDANTES

É nesse capítulo que acontece a experiência na prática com os estudantes. É aqui que se concretiza a soma do ensino de filosofia com a aprendizagem cooperativa na busca do ensinar e aprender de forma filosófica no ensino médio. No primeiro tópico irá ser explicado o porquê ou a intencionalidade de se aplicar esse estudo no ambiente escolar do IFCE, que em sua história tem uma forte marca do tecnicismo.

No segundo ponto abordado acontecerá a exposição da experiência em si, com a análise dos dados que serão analisados de uma forma quali-quantitativa a partir da leitura de Laurence Bardin e sua obra: análise de conteúdo.

E no terceiro e último ponto do capítulo serão expostos os resultados obtidos por esse trabalho no intuito de colaborar com a comunidade escolar e contribuir com a sociedade como um todo, numa forma de trabalhar com a filosofia nas escolas do ensino médio, por meio da aprendizagem cooperativa.

4.1 Aplicação da metodologia de aprendizagem cooperativa no IFCE campus Caucaia.

Esse trabalho de pesquisa quando foi pensado em sua origem, teve também em suas ideias a quebra de paradigmas no ambiente escolar do IFCE que tem ainda no século XXI, marcas profundas do tecnicismo.

Essas fortes marcas mencionadas no parágrafo acima, já se encontram presentes na própria origem ou no nascimento do que hoje se tornou Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia⁴. Durante sua história, essa instituição centenária já possuiu vários nomes sendo o primeiro deles, Escola de aprendizes artífices ainda no governo presidencial de Nilo Peçanha. Em 1937 passa a ser chamado de Liceu Industrial de Fortaleza, 1942- Escola Industrial de Fortaleza, 1968- Escola Técnica Federal do Ceará, 1994- Centro Federal de Educação Tecnológica e em 2008- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará (IFCE)

Nessa trajetória, dois fatos importantes para esse estudo merecem destaque. O primeiro é o fato da presença forte da pedagogia tecnicista durante a maior parte da história dessa instituição. E o segundo é que quando a referida instituição se torna Instituto, sua missão, sua visão e seus valores são transformados em algo pra além da mera formação de trabalhadores que atendam a demanda de mercado.

No site da instituição o que está sendo dito aqui é ratificado.

⁴ A instituição hoje denominada de Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, surge em 1909 como escola de aprendizes artífices com o objetivo de oferecer ensino profissional gratuito para os “menos favorecidos de fortuna”, como consta no decreto-lei nº 7.566, de 23 de setembro de 1909.

MISSÃO

A missão é a declaração concisa e objetiva do principal propósito da organização, explicitando a finalidade da sua existência e o motivo para a qual foi criada. Nessa perspectiva, a missão do IFCE é a seguinte:

Produzir, disseminar e aplicar os conhecimentos científicos e tecnológicos na busca de participar integralmente da formação do cidadão, tornando-a mais completa, visando a sua total inserção social, política, cultural e ética.

VISÃO

A visão vislumbra um estado futuro para a organização, ou seja, representa aonde ela quer chegar e o que deseja ser no futuro, em um período de tempo pré-determinado. Nesse sentido, a visão do IFCE para o ano de 2023 é a seguinte:

Ser referência no ensino, pesquisa, extensão e inovação, visando à transformação social e ao desenvolvimento regional.

VALORES

Os valores correspondem aos princípios que direcionam o comportamento, as atitudes e as decisões de todas as pessoas que fazem parte da instituição. Portanto, os valores do IFCE foram assim definidos:

Nas suas atividades, o IFCE valorizará o compromisso ético com responsabilidade social, o respeito, a transparência, a excelência e a determinação em suas ações, em consonância com os preceitos básicos de cidadania e humanismo, com liberdade de expressão, com os sentimentos de solidariedade, com a cultura da inovação e com ideias fixas na sustentabilidade ambiental. (IFCE, 2021)

Dessa forma, fica nítida a importância e o momento oportuno para a reflexão sobre a filosofia como disciplina e sobre como trabalhar com uma disciplina que se encontra como algo capaz de proporcionar e colaborar para o alcance da missão, dos valores e da visão dessa renomada instituição.

É necessário ainda, ressaltar que a educação tem sim seu caráter formativo e com o objetivo voltado também para o trabalho. Mas a educação não pode ter apenas esse propósito em detrimento dos demais aspectos que já foram acima citados, tanto nos valores da instituição IFCE, como em todo corpo do presente estudo que tem como pauta, o aprender filosofia de forma filosófica, e isso acarreta em inúmeras vantagens para os jovens estudantes do ensino médio em se tratando de formação educacional para a vida.

Ora, numa instituição centenária que na maior parte de sua história, o alvo primeiro ou o alvo mais importante era o de preparar jovens para o mercado de trabalho, a pedagogia que predominou por muito tempo foi a tecnicista. E ela ainda hoje, mesmo tendo suas características necessárias para o mundo do trabalho, não pode mais ser exclusiva, o que gera a oportunidade dos estudantes do IFCE, aprenderem por meio de outras pedagogias.

Portanto, a aprendizagem cooperativa em sua aplicabilidade, vai de encontro ao individualismo exacerbado trazido pela pedagogia tecnicista, possibilitando o aprender de forma coletiva, valorizando o outro, aprendendo com o outro, crescendo enquanto ser humano

que é capaz de perceber o outro estudante de sua sala como um ser humano, um aliado, como alguém que tem sua história, sua dignidade e que merece ser respeitado e tratado enquanto tal.

Por isso, considerando o histórico dessa instituição centenária e a profunda marca deixada e ainda existente pela pedagogia tecnicista, é que a ideia de que esse trabalho de pesquisa que relaciona ensino de filosofia por meio da aprendizagem cooperativa na busca de fazer com que os estudantes do ensino médio, aprendam filosofia de forma filosófica é sim oportuna e de grande relevância para a comunidade escolar do IFCE, e para a sociedade como um todo. Vejamos agora como se deu esse experimento.

Essa pesquisa foi realizada com uma turma de quinto semestre (correspondente ao terceiro ano do ensino médio regular) do curso de Eletroeletrônica do IFCE- Campus Caucaia, com os estudantes que se voluntariaram e tiveram a aprovação e a autorização por parte de seus pais. Os estudantes serão identificados por números, por questões éticas. A pandemia evitou que essa aplicabilidade acontecesse de forma presencial, o que evitou também a questão do registro da prática acontecendo, como fotos e filmagens.

4.2 A metodologia quali quantitativa e a análise dos dados

A obtenção da aprovação do questionário a ser aplicado com os estudantes pelo comitê de ética tanto da UFC, como do IFCE só aconteceu em 2020. É um fato inegável que em março de 2020 a pandemia proporcionada pelo vírus da COVID-19 já estava se alastrando em nosso país e isso obviamente, atingiu também o estado do Ceará. Esse episódio triste de nossa história fez com que em todas as instituições de ensino interrompessem as aulas presenciais. Por um momento acreditava-se que seriam apenas 15 (quinze) dias, o que não se concretizou e por mais de um ano essa pandemia ainda não permite a realização de aulas de forma presencial, o que impossibilitou a realização presencial da aplicação do questionário dessa forma. Principalmente com as novas turmas que chegaram no IFCE campus Caucaia.

Sem tempo a perder, a solução encontrada para esse impasse trazido pela pandemia, foi a de realizar a aplicação dos questionários com uma turma que já tivesse participado por pelo menos um semestre do ensino de filosofia por meio da aprendizagem cooperativa de forma presencial e que o professor pesquisador ainda tenha contato sendo sua turma no atual semestre de forma remota.

E a turma que se encontrava com esse perfil, foi a turma de eletroeletrônica que se encontra hoje no quinto semestre, o que corresponde no ensino médio anual a uma turma de terceiro ano do ensino médio. Todos esses estudantes tiveram a experiência de antes da

pandemia, participarem presencialmente das aulas da disciplina de filosofia por meio da aprendizagem cooperativa conforme aplicabilidade descrita no capítulo dois desse trabalho.

Assim, o professor/pesquisador conversou com a turma durante aulas remotas, perguntando quem desejaria participar. Nessa turma, havia 38 (trinta e oito) estudantes matriculados, sendo que desse total, 24 (vinte e quatro) decidiram voluntariamente contribuir para a realização da pesquisa, obviamente tudo foi autorizado pelos pais ou responsáveis através dos termos de consentimento e assentimento exigido pelos comitês de ética. Vinte e quatro estudantes representam aproximadamente 63% da turma. Foi com essa representação de estudantes que aplicamos o questionário que serão analisados nesse capítulo, para a obtenção de resultados desse trabalho de pesquisa. Os questionários foram aplicados por meio da ferramenta google classroom. Eles receberam, responderam e também devolveram pela mesma ferramenta do google classroom.

Como os questionários foram feitos com questões abertas (subjetivas), a decisão tomada para analisar essas respostas foi a de que seriam analisados por análise de conteúdo, conforme o pensamento de Laurence Bardin, de forma quali-quantitativa. Isto é, conforme o pensamento de Bardin (1977), é possível por meio de categorias quantificar aquilo que foi expressado pelos estudantes nos questionários por meio de gráficos que avaliam de forma precisa e científica o que se procura na pesquisa realizada. Sendo que na análise de conteúdo é percebido também, por meio dessas categorias, aquilo que se encontra nas entrelinhas e é percebido pelo analista do conteúdo.

Para alicerçar teoricamente o modo como foi realizada a análise dos dados obtidos através das respostas dos estudantes, utilizaremos o que a própria Bardin (1977) relata sobre a análise de conteúdo:

... a tentativa do analista é dupla: compreender o sentido da comunicação (como se fosse o receptor normal), mas também e principalmente desviar o olhar para uma outra significação, uma outra mensagem entrevista através ou ao lado da mensagem primeira. A leitura efectuada pelo analista do conteúdo das comunicações não é, ou não é unicamente, uma leitura à “letra”, nas antes o realçar de um sentido que se encontra em segundo plano. Não se trata de atravessar significantes para atingir significados, à semelhança da decifração normal, mas atingir através de significantes ou de significados (manipulados), outros significados de natureza psicológica, sociológica, política, histórica, etc. (BARDIN, 1977, p.41)

Dessa forma, cinco foram as questões colocadas para os estudantes e por elas iremos analisar: de que forma eles percebem o aprendizado de filosofia, o que eles entendem por filosofia e por filosofar, se eles percebem ou não que aprender filosofia por meio da aprendizagem cooperativa tem algo de diferente do aprendizado que eles estavam acostumados por meio da pedagogia tradicional, se eles percebem alguma vantagem ou

desvantagem na metodologia de aprendizagem cooperativa na questão da aprendizagem de filosofia, e se eles em suas respostas apontam para as questões afirmadas pelos autores aqui abordados, sobre o ensino de filosofia e sobre a metodologia de aprendizagem cooperativa, ratificando ou não, confirmando ou não a hipótese que deu origem a esse trabalho de pesquisa, concordando ou discordando com o pensamento dos autores utilizados.

Ressaltando ainda, que essa turma passou (antes da pandemia) por todo processo descrito no capítulo dois deste trabalho, num rodízio semanal entre aula expositiva e aula por meio da metodologia de aprendizagem cooperativa.

A primeira pergunta feita pelo questionário, foi a seguinte: **“Você acredita que exista diferença entre aprender filosofia, por meio da aula tradicional expositiva, para a aula de filosofia por meio da aprendizagem cooperativa? Qual (is)?**

Essas foram as respostas dadas pelos alunos que não serão identificados.

- 1- Sim, pois a aprendizagem cooperativa faz com que os **alunos aprendam** de um jeito diferente, **chamando a nossa atenção para o conteúdo**, já a aula tradicional é algo "monótono", e acaba que muita das vezes se tornando cansativo pra quem está assistindo.
- 2- Sim. A aula **fica mais interessante, menos estressante e o aprendizado melhora**.
- 3- Sim, pois a aula tradicional expositiva é um pouco complexa, nesse tipo de aula o professor expõe o conteúdo tanto de forma oral ou escrita, sem abrir espaços para questionamentos dos alunos. Já a aprendizagem cooperativa é um processo educacional onde **os participantes ajudam e confiam uns nos outros** para atingir um **objetivo definido**.
- 4- Sim. Na aula tradicional expositiva, somente o professor expõe as ideias e, geralmente, os estudantes não tem lugar de fala, apenas recebem o conteúdo abordado de forma mecânica. Enquanto na aprendizagem cooperativa **os estudantes tem papel primordial** tanto no seu próprio aprendizado **quanto no dos colegas**, a partir **do diálogo**.
- 5- Convictamente sim. A primeira diferença que posso citar é a **troca de experiências**, coisa que você só obtém na aprendizagem cooperativa já que, cada pessoa tem sua própria visão de mundo, baseado em suas experiências individuais. Outra ponto diferente é o **apoio que o estudante tem dos colegas**, caso ele não tenha entendido um ponto da matéria, **seu parceiro de grupo pode o auxiliar**.
- 6- sim, com a atividade cooperativa **você aprende de uma forma bem mais detalhada** do que aprender apenas com o método tradicional expositivo, na minha opinião

- 7- Sim, pois quando ocorre as trocas de informações fica mais fácil e interessante de compreender a matéria.
- 8- Sim, a aula cooperativa estimula o aluno a querer aprender mais sobre o assunto que o professor está ensinando.
- 9- Sim, nas aulas onde é aplicada a aprendizagem cooperativa é mais fácil fixar o conteúdo, estimula os alunos a debaterem e a trabalhar em equipe e por fim torna a aprendizagem mais dinâmica e com isso a sala de aula um vira um ambiente mais agradável.
- 10- Sim, na aprendizagem cooperativa você aprende tanto com si mesmo, lendo os textos, como você também aprende com os colegas de sala explicando o que eles entenderam, surgindo várias formas diferentes de textos.
- 11- Acredito que sim, pois na aula expositiva o aluno absorve o conteúdo mas não de uma forma que não seja cansativa, já na cooperativa os alunos compartilham seus conhecimentos através de um debate (diálogo) que o professor promove na aula.
- 12- Sim; Na aula cooperativa ocorre uma maior interação entre os participantes, além de dar uma maior abertura para o estudante desenvolver e passar sua ideia para o restante da turma, transformando o ensino mais produtivo.
- 13- Não muito, porém da forma cooperativa nos faz pensar mais, e interagir o dobre e exercitar a nossa mente de uma forma diferente.
- 14- Sim, acho que com o Professor explicando e apresentando eu aprendo de forma mais fácil, já que ele tem formação e o conhecimento ganho através da sua experiência. (tradicional)
- 15- Sim, pois a partir da atividade cooperativa existe uma troca mútua de conhecimento e resolução de dúvidas a partir das equipes.
- 16- Sim, pois por meio cooperativo podemos compartilhar ideias, ajudar e aprender uns com os outros. Mas eu particularmente prefiro a aula tradicional. (tradicional)
- 17- Sim, muita diferença, pois na aprendizagem cooperativa tem mais interação entre os alunos, você consegue entender melhor o conteúdo, não fica uma aula chata e cansativa que nem a aula tradicional que os professores só passam os conteúdos e provas, as vezes o aluno nem compreendeu bastante o conteúdo e acaba sendo prejudicado. O bom da aprendizagem cooperativa é que ela proporciona a inclusão e o fácil entendimento do conteúdo.
- 18- Sim, quando existe a participação cooperativa, aprendemos uns com os outros e isso acaba trazendo uma evolução em grupo e não somente um conhecimento individual

- 19-Sim, acredito que há bastante diferença. Pois por meio da cooperativa, **uns ensinam aos outros**, logo **ensinando o que aprenderam**, sendo assim **um método bem eficaz**.
- 20-Sim. As diferenças são o **convívio aproveitado**, as **diferenças nas opiniões**.
- 21-Com certeza sim. Nas aulas expositivas, há apenas a colaboração do professor, já que geralmente somente ele fica falando e fazendo a transmissão do conhecimento. Mas em aulas onde a contribuição da turma é maior, **todos colaboram**. **Um explica para o outro o que entendeu**, tiramos dúvidas; é como se nós estivéssemos **aprendendo filosofia a "moda antiga"**, pois os ensinamentos da filosofia eram assim **todos conversando e expondo seus pontos de vista**.
- 22-Definitivamente sim. As aulas tradicionais fazem com que os alunos conheçam o conteúdo, entretanto, não conseguimos **fixa-lo na memória**. Com a aprendizagem cooperativa nós **conseguimos aplicar toda aquela teoria que foi exposta num exercício**, **pensando e formulando a resposta correta** com base no que estamos **aprendendo**.
- 23- Os alunos **se sentem mais a vontade** por vários motivos, um deles é que **estão entre um grupo de alunos** que querendo ou não tem mais intimidade do que com o professor, assim **fazendo com que até mesmo as dúvidas sejam dirimidas mais fácil**.
- 24- **Compreender de uma forma mais significativa** e **aplicar o que foi ensinado**.

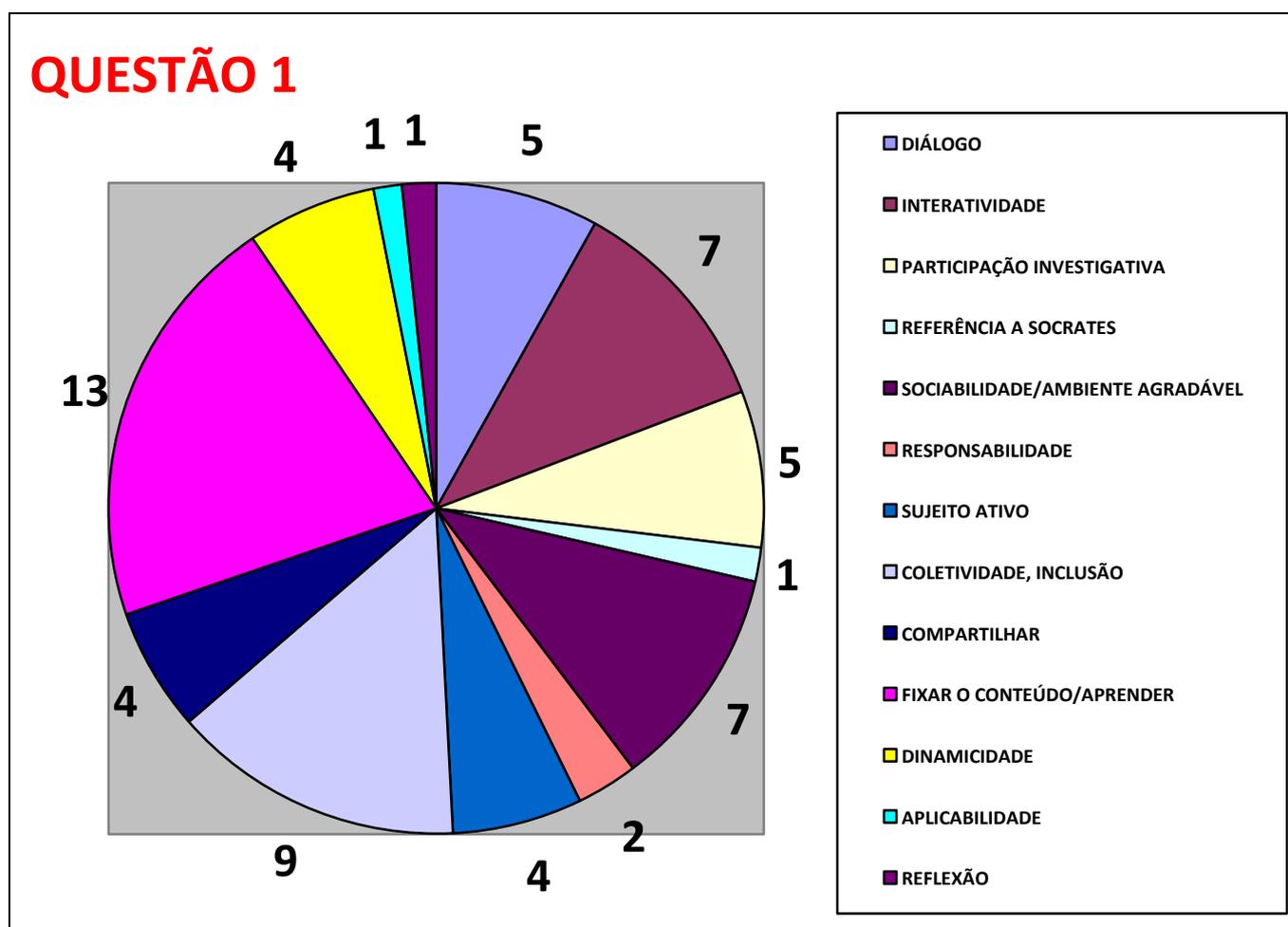
Ressalta-se o fato de que para retirar o máximo possível dos alunos e fazer com que eles não sejam tão sucintos, em cada uma das cinco questões tem mais de uma pergunta que na verdade, mesmo sendo diferentes, têm o mesmo objetivo. Portanto, o objetivo da questão de número 1 (um) colocada logo acima, é saber de que modo os alunos percebem e afirmam aprender filosofia por meio da aprendizagem cooperativa.

Para analisar as respostas, e a partir delas representar por meio de gráficos, foram elencadas algumas categorias, por meio de verbos, palavras ou frases que expressem algo de significativo naquilo que esse trabalho se propõe a pesquisar. Em todas as questões, esses termos que se encaixam nas categorias pensadas pelo professor/pesquisador estão grifados com a mesma cor, para facilitar a identificação da categoria pelo leitor. E a partir dessa frequência com que essas categorias são repetidas durante as 24 respostas, alguns alunos podem relatar em suas respostas, mais de uma categoria. Dessa forma o gráfico vai sendo criado e expressa de forma quantitativa, ou seja, pela frequência com que as categorias vão se repetindo, aquilo de qualitativo que os estudantes perceberam no ensino de filosofia por meio da aprendizagem cooperativa.

Ressalta-se ainda, que o gráfico é feito em cima dos valores absolutos das categorias mencionadas pelos estudantes, que no caso da questão 1 (um), foram mencionadas 13 (treze) categorias que juntas montam o total de 63 vezes. O que significa que, como o total de estudantes é de 24 (vinte e quatro), um estudante em sua resposta pode citar mais de uma categoria.

É importante também esclarecer que além do que está dito no gráfico em valores absolutos, pode-se calcular a porcentagem em cima da quantidade de estudantes que mencionaram tal categoria. É isso que será feito a partir de agora.

Assim sendo, vamos ao gráfico:



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Percebe-se que todos os estudantes notam e afirmam haver diferença entre aprender filosofia pela forma tradicional e aprender filosofia por meio da aprendizagem cooperativa, além de afirmarem por meio dessas categorias elencadas no gráfico, a forma diferenciada como eles perceberam e aprenderam filosofia.

A frequência com que cada categoria foi sendo registrada estão em números absolutos, para melhor entendimento do leitor, pois temos em 24 questionários respondidos, um total de categorias mencionadas por 63 vezes. Isto ratifica a informação acima citada de que numa resposta, o estudante pode perceber na aprendizagem cooperativa mais de uma categoria dentre as que estão elencadas pelo presente trabalho.

A partir desse total de 63, podemos analisar os dados e em cima desse número calcular as porcentagens, além de analisar essas respostas fazendo referência ou ligação, ratificando ou não essas respostas com o que já foi dito pelos autores estudados e trabalhados nessa pesquisa nos capítulos anteriores. Assim, daremos início a nossa análise sobre como os estudantes percebem o aprender filosofia por meio da aprendizagem cooperativa.

A primeira coisa a ser dita nessa análise é que num total de 24 estudantes que participaram desse questionário, 22 (91,66%) deles afirmam categoricamente haver diferença entre aprender filosofia de forma tradicional e aprender filosofia por meio da aprendizagem cooperativa e os dois (8,33%) que não afirmaram essa diferenciação com a palavra sim, deixam a entender em suas respostas que essa diferenciação é percebida.

Além disso, pode-se afirmar também que 2 (8,33%) estudantes preferem o método tradicional. Um deles, que significa 4,16% do total, escreve e afirma preferir o método tradicional, ao método da aprendizagem cooperativa, mas ainda assim foi capaz de destacar ou de perceber aspectos positivos na metodologia de aprendizagem cooperativa. Que é o caso do estudante colocado aqui como o número 16. Já o outro não afirma abertamente que prefere o método tradicional, mas em sua resposta, isso é percebido facilmente quando ele afirma que aprende de forma mais fácil quando o professor explica o conteúdo. Esse é o estudante aqui classificado como o número 14.

Após esse primeiro momento que foi o momento da diferenciação entre as duas formas de aprender filosofia, vamos a análise das respostas refletindo ou destacando as categorias mencionadas por eles e fazendo ao mesmo tempo as ratificações ou confirmações com o que foi dito nos capítulos anteriores por meio dos autores mencionados nesta pesquisa.

Das categorias mencionadas no gráfico da questão 1, a que se destaca de imediato com a maior frequência, é a categoria “fixar o conteúdo/aprender”. Ou seja, 54,16% dos estudantes questionados relataram ou destacaram que por meio da metodologia de aprendizagem cooperativa o conteúdo é fixado ou que realmente há um aprendizado efetivo do conteúdo filosófico. E essa questão de aprender de forma significativa como por exemplo, disse o estudante classificado com o número 24, tem sua importância por ser algo que ratifica o que foi tratado no primeiro capítulo desta pesquisa por autores como Silveira (2007), Ghedin

(2008) e Rodrigo (2009), quando esses não abrem mão de que a filosofia enquanto disciplina do ensino médio, tem conteúdos próprios da filosofia a serem trabalhados dentro de sala de aula, que são os textos de filósofos consagrados na história da filosofia, o que evita o achismo e a mera exposição de opiniões. Tais conteúdos de pensadores renomados na história da filosofia ocidental, segundo esses estudiosos, devem sim ser assimilados, aprendidos pelos estudantes que se encontram no ensino médio, e isso se confirma pelos próprios alunos que numa quantidade de 54,16% quando foram perguntados sobre a aprendizagem cooperativa nas aulas de filosofia, responderam que com a aprendizagem cooperativa, o conteúdo trabalhado em sala de aula fica, na linguagem deles, como algo mais fixado.

A segunda categoria que mais se repete nas respostas desses estudantes sobre o aprender filosofia por meio da aprendizagem cooperativa, é a categoria da coletividade/inclusão. Aqui 37,5% dos estudantes questionados em suas respostas, dão ênfase no aprender filosofia de forma coletiva e no perceber inclusão. Esse ponto merece destaque pois era algo que estava na hipótese dessa pesquisa e que se confirma agora, isto é, aqui se confirma que é possível aprender filosofia de forma coletiva em substituição ao aprendizado de forma individualista e competitiva. Confirma-se também que na inclusão ou no se sentir acolhido entre os pares, a partir da aprendizagem cooperativa, os estudantes conseguem aprender filosofia e isso aponta para uma autoconfiança gerada pela inclusão, por dedução lógica, pode-se afirmar que isso não acontece num ambiente de exclusão. Nessa categoria “coletividade/inclusão”, é que acontecem o diálogo, a cooperação, o compartilhar, a investigação filosófica, o espanto, etc. Nesse quesito, estão contemplados os autores abordados nesse estudo, tanto os autores da filosofia e da educação em si, como os autores do ensino de filosofia e da aprendizagem cooperativa, tais como: Aristóteles, Sócrates, Paulo Freire, Cerletti, Rodrigues (2007), pois todos eles afirmam ser possível aprender de forma coletiva e que o individualismo exacerbado que existe no mundo moderno é consequência do capitalismo industrial que pensa educação como algo que forma apenas mão de obra para atender as necessidades do mercado de trabalho.

A coletividade e a inclusão é uma marca própria da metodologia de aprendizagem cooperativa, pois é aceitando o outro e a partir do conhecimento que o outro possui, que é dado início a aprendizagem. Isso também é marca da pedagogia socrática que não incute na mente dos seus discípulos, o conhecimento, mas que a partir do que eles sabem, faz uso da maiêutica em busca de que o discípulo com ajuda do parteiro, realize o parto das ideias. Exemplo disso é quando Sócrates realiza a maiêutica com um escravo no livro *Mênon*.

Após essas duas categorias, a interatividade junto com a categoria denominada como sociabilidade/ambiente agradável teve a mesma porcentagem de respostas no que se refere ao aprendizado de filosofia por meio da aprendizagem cooperativa. Cada uma dessas categorias foi mencionada em números absolutos por 7(sete) vezes, o que dá um percentual de 29,16%.

Na questão da interatividade, os alunos que afirmam aprender filosofia destacando essa categoria, confirmam a ideia da influência no desenvolvimento do outro. E isso para o ensino de filosofia é de uma riqueza significativa, além de contribuir na confirmação da fundamentação dessa pesquisa quando ela pensa em Sócrates como o pensador que aproxima em sua didática (maieutica) a filosofia da aprendizagem cooperativa, pois o mestre ateniense fazia, em meio a tantas outras coisas, que seus discípulos aprendessem por meio da interatividade e isso sem dúvida nenhuma serve como uma herança deixada por Sócrates para o século XXI, nessa questão do ensino de filosofia.

É interessante e ao mesmo tempo curioso, destacar nesse ponto, o(a) estudante aqui representado como o número 16, pois ele em sua resposta percebe várias vantagens no aprender filosofia por meio da aprendizagem cooperativa, dentre essas várias vantagens por ele elencadas, está a interatividade. Porém, de forma repentina, fecha seu pensamento afirmando que ainda assim, prefere a metodologia tradicional. Para uma melhor observação, colocar-se á novamente a resposta do estudante: **Sim, pois por meio cooperativo podemos compartilhar ideias, ajudar e aprender uns com os outros. Mas eu particularmente prefiro a aula tradicional.**

Por sua vez, aprender filosofia destacando a categoria sociabilidade/ambiente agradável, reforça e ratifica o pensamento dos estudiosos sobre a aprendizagem cooperativa que sempre trazem esse destaque para um ambiente propício na aprendizagem dos estudantes. Aprender é algo próprio do ser humano e não deixa de ser prazeroso! Estou em sala de aula trabalhando com filosofia, por mais de duas décadas e tenho presenciado durante esse tempo que os estudantes gostam da escola em seus mais variados ambientes como a quadra de esportes, o pátio da escola, a cantina, os corredores... Porém, vejo por muitas vezes a sala de aula ser evitada. Ora, se aprender é prazeroso, e a sala de aula é oficialmente o lugar do aprendizado, por que essa negativa dada pelos estudantes se recusando ou “enrolando” entrarem em sala de aula? Essa recusa a entrar em sala de aula, tem como um dos seus principais motivos, ao ambiente ou a forma como a aula vem sendo conduzida.

Quando há a sociabilidade sendo efetivada pelos próprios estudantes, o ambiente fica agradável e o que se está estudando passa a ser assimilado sem peso, de forma leve e

agradável. É na sociabilidade que se desenvolve o prazer de levar a vida em comum e a inclinação de viver na companhia dos outros. E com a vivência que o país atravessa na experiência de uma pandemia, em que as pessoas precisam se isolar mantendo um distanciamento uma das outras, somado ao fato do mundo e das aulas virtuais, mostrando a ferida aberta do quanto precisamos e sentimos falta de pessoas presentes no mundo real, esse trabalho apresenta mais um ponto positivo a ser trabalhado na aula de filosofia com a aprendizagem cooperativa. Isso é comprovado pelos próprios estudantes que em suas respostas afirmaram que é possível aprender filosofia praticando a sociabilidade e proporcionando um ambiente agradável entre eles.

Os termos colocados pelos estudantes que apontam para o aprendizado de filosofia de uma forma mais agradável atrelada a sociabilidade foram termos, tais como: “aula mais interessante”; “os alunos se sentem mais a vontade”; “ajudar”; “convívio aproveitado”; “forma não cansativa”; “ambiente mais agradável”; “mais fácil e interessante”. Destaca-se nessa categoria a resposta do(a) estudante 2 que diz o seguinte no tocante sobre aprender filosofia por meio da aprendizagem cooperativa: “A aula fica mais interessante, menos estressante e o aprendizado melhora”.

As próximas categorias mencionadas por esses estudantes nessa questão de aprender filosofia de forma filosófica foram as categorias “diálogo” e “participação investigativa”. Essas categorias estão extremamente atreladas e uma instiga a outra, pois quando um estudante está dialogando, debatendo, trocando ideia com seus companheiros de turma, isso desperta uma vontade de investigar, de buscar resolver a situação problema. O que por sua vez, faz com que quando tenha algo encontrado no livro, no texto, ou na própria explicação, o estudante desperte vontade para o diálogo e para o debate.

Essas categorias foram mencionadas em números absolutos por 5 vezes nas respostas do questionário, o que corresponde a 20,83% do total de 24 estudantes que responderam.

O diálogo é peça chave nesse trabalho de pesquisa, pois é ponto em comum dentre todos os autores estudados nessa pesquisa. Tanto os estudiosos da educação, como os estudiosos do ensino de filosofia, como os estudiosos da aprendizagem cooperativa exaltam o diálogo como um elemento imprescindível numa boa educação. Até o filósofo que fundamenta esse trabalho de mestrado, que é Sócrates, tem no diálogo, uma de suas principais características em sua filosofia. É por meio do diálogo que Sócrates acredita encontrar a verdade no outro e realizar a maiêutica.

O mesmo ocorre na participação investigativa, pois a partir do diálogo, o mestre ateniense incitava seus discípulos a buscarem respostas para os problemas filosóficos levantados. Sócrates não trazia ensinamentos prontos e acabados para que seus discípulos anotassem e memorizassem, mas pelo contrário, o “só sei que nada sei”, faz com que seus discípulos deem prosseguimento a busca participando de forma investigativa.

Vale ressaltar também que essa investigação participativa é um dos pontos fortes da aprendizagem cooperativa, pois nessa metodologia, o estudante é quem procura de forma ativa resolver o desafio, ou situação problema, trazido pelo professor. E mesmo que ele esteja o tempo inteiro com os outros estudantes ao seu lado, o estudante enquanto indivíduo busca, burila, questiona, lê, raciocina, em busca da solução para o problema que está em suas mãos.

Para essas duas categorias, ganha destaque a resposta do(a) estudante número 4, pois em sua resposta ele contempla as duas categorias, ratificando o que vem sendo dito aqui, quando ele afirma que: “na aprendizagem cooperativa os estudantes tem papel primordial tanto no seu próprio aprendizado quanto no dos colegas, a partir do diálogo.”

Já as categorias que foram mencionadas por 16,66% dos estudantes, foram: “sujeito ativo” e “dinamicidade”. Em números absolutos, elas foram mencionadas, cada uma, por 4 (quatro) vezes. Esses estudantes, portanto, ressaltaram que aprender filosofia por meio da aprendizagem cooperativa, acontece de uma forma que o estudante sai da posição de passividade, para uma posição de sujeito ativo em seu estudo, e outros 4 estudantes, ressaltaram a importância e o valor da dinamicidade no aprender filosofia por meio da aprendizagem cooperativa. Tal dinamicidade é relatada sempre que eles se referem a situações das mais variadas que acontecem em sala de aula, durante a aprendizagem cooperativa o que facilita e impulsiona no aprendizado de filosofia de forma filosófica.

No destaque para a categoria “sujeito ativo”, encontra-se o(a) estudante número 8 que em sua resposta afirma que: “a aula cooperativa estimula o aluno a querer aprender mais sobre o assunto que o professor está ensinando”. Esse “querer” aprender sendo despertado, é o que faz o estudante deixar a forma passiva de aprendizado, dando um salto qualitativo em sua aprendizagem tornando-se sujeito ativo de sua aprendizagem.

E na categoria “dinamicidade” o destaque trazido está na resposta do(a) estudante número 9 (nove) que: “nas aulas onde é aplicada a aprendizagem cooperativa é mais fácil fixar o conteúdo, estimula os alunos a debaterem e a trabalhar em equipe e por fim TORNA A APRENDIZAGEM MAIS DINÂMICA...” Essa dinamicidade torna a aula mais viva, o que mais uma vez lembra Sócrates e sua forma de filosofar que era viva. Sócrates

não filosofa escrevendo, pois, escrever tira um pouco dessa vivacidade ou dessa dinamicidade relatada pelos estudantes.

Ainda sobre a primeira questão do questionário aplicado, com 8,33% vem a categoria responsabilidade. Em números absolutos, essa categoria se mostra por 2 (duas) vezes. Aqui dá pra perceber o quanto a aprendizagem cooperativa somada ao ensino de filosofia proporciona não apenas o aprendizado do conteúdo que está sendo trabalhado em sala de aula, mas que além desse aprendizado, é trabalhado no estudante a questão do desenvolvimento de habilidades sociais e autonomia, quando ele passa a se sentir responsável por si e pelo outro.

O destaque nessa categoria é apresentado pela resposta do(a) estudante de número 19 (dezenove) que afirma: “Por meio da cooperativa, uns ensinam aos outros, logo ensinando o que aprenderam, sendo assim um método bem eficaz”. O termo “ENSINAM AOS OUTROS”, traz consigo a questão da responsabilidade desenvolvida nos estudantes que sabem que passaram a ser importantes e necessários para os outros companheiros de sala de aula, já que esses precisam aprender a partir das explicações e dos debates ocorridos entre eles, tanto para a questão da nota, como para além disso.

E por fim, temos na primeira questão desse questionário, 2 (duas) categorias que ficaram cada uma com 4,16%. Em números absolutos, essas categorias foram mencionadas por um estudante. São elas: A referência a Sócrates, e a reflexão. Essas categorias podem até estar de forma oculta em outras respostas, mas aqui foram mencionadas de forma clara e direta. Ou seja, um(a) estudante responde de forma direta, que aprender filosofia por meio da aprendizagem cooperativa, traz a semelhança de aprender filosofia como na Grécia antiga, o que reforça, a partir da percepção do(a) estudante, a ideia de que a metodologia de aprendizagem cooperativa se assemelha a metodologia socrática em sua pedagogia. O(A) estudante que afirma isso de forma direta, é o (a) estudante de número 21. Esse (a) estudante diz o seguinte: “é como se nós estivéssemos aprendendo filosofia a “moda antiga”, pois os ensinamentos da filosofia eram assim todos conversando e expondo seus pontos de vista”.

Já o destaque para a categoria reflexão, está na resposta do(a) estudante de número 13, que afirma: “...da forma cooperativa NOS FAZ PENSAR MAIS...”. Esse termo nos faz pensar mais, nos remete ao espanto a que se refere Aristóteles. Essa reflexão que vai para além de sala de aula e que na linguagem dos jovens estudantes dá o “start”. Esse é o melhor convite que a filosofia faz e traz com seus encantos. Fazer pensar mais, trazer reflexão é sem dúvida ensinar filosofia de forma filosófica.

A segunda pergunta que se encontra no questionário aplicado aos 24 estudantes, foi a seguinte: **Na sua opinião, qual a contribuição da disciplina de filosofia na formação de um ser humano? De que maneira a aprendizagem cooperativa participa nessa formação?**

A partir dessa questão, o que será visto nas respostas dos estudantes, é como eles percebem a disciplina de filosofia e sua contribuição na formação humana e como a aprendizagem cooperativa, contribui ou potencializa isso.

Da mesma maneira que foi utilizado o gráfico para trabalhar as categorias elencadas, será utilizado o gráfico nessa questão e em todas as outras. Eis as respostas:

- 1- Fazer com que nós, seres humanos, possamos pensar a respeito da nossa sociedade e buscar um meio de melhora-lá. A atividade cooperativa contribui especialmente para a nossa aprendizagem de **melhorarmos como pessoa** e sabermos **enxergar as "coisas" de outras maneiras**, como é o caso de quando **ouvirmos a opinião dos nossos colegas sobre algo**.
- 2- Entender o que nos fez chegar aqui onde estamos, a evolução do pensamento e ação humana. **Compreender os outros** seres humanos. **Facilitando a convivência em comunidade**. Assim funciona a aprendizagem cooperativa, tudo isso faz-se **compartilhando ideias, conversando**.
- 3- A Filosofia é fundamental na vida de todo ser humano, pois Filosofia e Educação caminham juntas. Ela leva o ser humano à oportunidade de desenvolver um pensamento independente e crítico, ou seja, permite a ele experimentar um pensar individual. Já a aprendizagem cooperativa permite ao aluno **desenvolver seu próprio pensamento na formação humana**.
- 4- A Filosofia nos estimula a pensar, indagar, criticar, e refletir sobre assuntos que, até então, não tínhamos parado para observar com atenção. Nos ajuda ampliar o nosso conhecimento sobre a vida e mudar/melhorar nossas perspectivas. A aprendizagem cooperativa viabiliza esse processo através da aplicação do método no aprendizado da Filosofia, de uma forma que **passamos enxergar o outro** como agente importante no nosso processo de estudo, **desenvolvendo as relações interpessoais** e **estimulando a perca da timidez**.
- 5- A filosofia nos ensina a ter senso crítico, a questionar as certas "verdades" que são introduzidas a nós durante a vida. A atividade cooperativa auxilia nessa formação devido a **troca de experiências, opiniões** e **visões de mundo**, como mencionado anteriormente que, tende ser algo individual de cada pessoa.

- 6- a filosofia ensina o ser humano a **enxergar as coisas** de uma outra maneira
- 7- A disciplina ajuda o ser humano a refletir, criticar e analisar os acontecimentos da vida. Através da aprendizagem cooperativa nós **aprendemos a trabalhar em equipe** e **melhoramos nossa comunicação**.
- 8- Ela **estimular a reflexão** e o pensamento crítico dos aluno,
- 9- A filosofia estimula o questionamento, faz o ser humano pensar, ela traz conhecimento com a aprendizagem cooperativa o aluno **relembra o conteúdo** e **explica-lo** visto dessa forma o estudante é incentivado a ter um pensamento crítico.
- 10- Contribui muito no viver da pessoa, ela reconhece muitas ideais que era presentes na época dos grandes filósofos e quem sabe possar **praticar hoje em dia**.
- 11- A filosofia nos permite enxergar de uma maneira mais crítica os acontecimentos a nossa volta. Na aprendizagem cooperativa aluno e professor debatem ideias filosóficas, com **isso compartilham conhecimentos** e o aluno saí da aula com uma **carga de conhecimento muito boa**.
- 12- Para mim, a contribuição da Filosofia para formação do ser humano é extremamente necessária. Ela nos proporciona uma análise reflexiva sobre o mundo e o homem que habita nele. **De acordo com a interação dos alunos** e suas ações dentro da dinâmica, a aprendizagem cooperativa nos possibilita **compreender** a ligação dos **conhecimentos filosóficos** passados para o homem, como a forma dele conduzir-se baseado no seu entendimento.
- 13- No caso da Filosofia, essa permite e dá oportunidade de realizar o pensamento de maneira bastante pessoal. A Filosofia é fundamental na vida de todo ser humano, pois proporciona a prática de análise, reflexão e crítica em benefício do encontro do conhecimento do mundo e do homem. Possibilitar a **interação** e a **responsabilidade dos alunos**, **promovendo não apenas a apreensão cognitiva**.
- 14- Fazer com que o aluno pense fora da caixa, tenha seu próprio pensamento sobre tudo (ao menos foi o meu caso).
- 15- A contribuição da filosofia é tentar responder a nossas dúvidas. A atividade cooperativa ajuda na **formação da empatia, amizade** entre outros valores.
- 16- Ajuda a aprender mais sobre pensamentos, ideias e opiniões. A atividade cooperativa **ajuda a compreender não somente a filosofia em si**, mas também **entendermos o outro**, mesmo com suas diferenças e opiniões.

- 17- A disciplina de filosofia faz com que o aluno possa entender o mundo em que ele vive e sair da alienação imposta no decorrer de toda a vida. A aprendizagem cooperativa **está associada a inclusão** e o respeito na **opinião do outro**, saber como **dialogar com opiniões contrárias** as suas .
- 18- A filosofia é a base na vida do ser humano, o ato de se questionar nos leva a uma evolução em todos os aspectos
- 19- Aprender como a sociedade foi desenvolvida humanamente, como os pensamentos antigos ainda hoje em dia predominam nossa sociedade. **Pode ocasionar no entender de problemas internos e solucioná-los.**
- 20- Com a filosofia o ser humano aprende a criticar de maneira construtiva o pensamento dos filósofos, assim aprendendo a criticar da mesma forma o pensamento das pessoas que vivem ao seu redor. A aprendizagem cooperativa, como já foi dito, **ajuda na interpretação de pendamentos, socialização...**
- 21- Acredito que a filosofia abra mentes. Ter um olhar crítico nos faz querer entender o porquê das coisas serem como são, ir atrás de respostas e mesmo tendo elas duvidando. Entender filosofia não é fácil, mas discutir com um colega de turma sobre determinado filósofo **faz o entendimento ser mais simples**. O momento de **debater com o outro**, dá uma autonomia maior, uma coragem a mais pra **deixar a vergonha/timidez de lado**.
- 22- A filosofia é essencial para a formação do pensamento crítico. Nos ajuda a **pensar de forma mais clara**, sermos abertos a **aceitar opiniões divergentes**, como, também, respeitá-las. A aprendizagem cooperativa, além de fazer com que os **alunos aprendam mais rapidamente**, nos faz **trabalhar em equipe**, **ajudando uns aos outros**. Assim contribuindo muito com a nossa **vivência** em sociedade.
- 23- A filosofia contribui de diversos modos para a formação de um ser humano na sociedade, fazendo com que sejamos críticos de tudo e não aceitar nada sem fontes e saber que não existe uma verdade absoluta. E faz com que vejamos a vida com outros olhos, com o olho de quem sabe alguns dos vários porquês da existência. A aprendizagem cooperativa **ajuda a lidar com as pessoas** e aprender **a lidar com a forma de pensar do outro com respeito e atenção**.
- 24- Ajuda a ver o mundo de outra forma e também dá abertura para o conhecimento da ciência. **Aprender e praticar**.

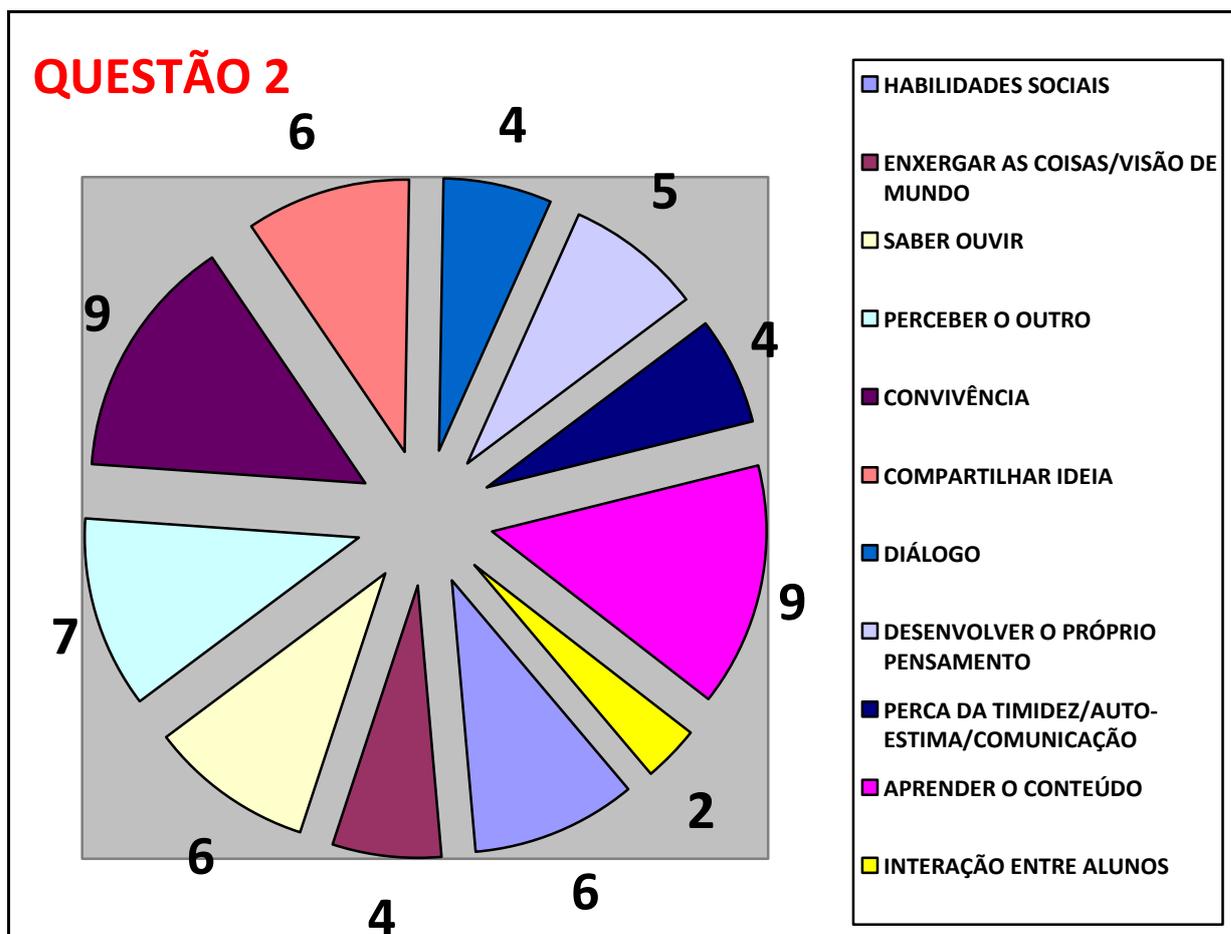
Quando perguntados sobre a contribuição da disciplina de filosofia na formação de um ser humano, eles responderam apontando para quatro eixos. 66,6% dos estudantes

entrevistados mencionaram que a filosofia contribui para uma melhor compreensão da vida e dos outros nessa formação humana. Já 58,33% dos estudantes mencionaram a criticidade como a contribuição trazida pela filosofia para a formação do ser humano. Autonomia e aprendizagem de ideias filosóficas foram os outros termos mencionados por esses estudantes. Cada termo, autonomia e aprendizagem de ideias filosóficas, foram mencionados por 12,5% dos estudantes.

É a partir dessas respostas sobre o que eles pensam a respeito da filosofia enquanto disciplina e qual a contribuição que ela tem na formação humana, que vai ser analisada de que forma a aprendizagem cooperativa participa e/ou potencializa no aprendizado e nessa formação. Da mesma forma que foi feito com a primeira questão, utilizaremos categorias em um gráfico, para uma melhor percepção nessa relação entre a disciplina de filosofia e sua aplicabilidade por meio da aprendizagem cooperativa. Eis o gráfico para facilitar a análise das respostas.

Mais uma vez ressalta-se que o gráfico é feito em cima dos valores absolutos das categorias mencionadas pelos estudantes, que no caso da questão 2 (dois), foram mencionadas 11 (onze) categorias que juntas montam o total de 62 vezes. O que significa que, como o total de estudantes é de 24 (vinte e quatro), um estudante em sua resposta pode citar mais de uma categoria.

Além do que está dito no gráfico em valores absolutos, pode-se calcular a porcentagem em cima da quantidade de estudantes que mencionaram tal categoria. É isso que será feito a partir de agora.



Fonte: Elaborado pelo próprio autor.

Com o gráfico elaborado, a leitura e a análise das respostas dos estudantes ficam mais fácil. De início, salta aos olhos a quantidade de categorias encontradas e como os estudantes perceberam as mais variadas vantagens de aprender filosofia por meio da aprendizagem cooperativa. Isso ratifica o que dizem todos aqueles que estudam sobre a aprendizagem cooperativa, quando afirmam dos inúmeros benefícios e vantagens trazidas por essa metodologia aos estudantes, observa-se isso, quando um mesmo estudante aponta para mais de uma categoria, o que enriquece ainda mais essa pesquisa.

Como já foi dito, nessa questão o que foi colhido das respostas dos estudantes, foi sobre como os estudantes percebem a contribuição da aprendizagem cooperativa na formação humana ao aprenderem filosofia.

Do total de estudantes entrevistados, 37,5% mencionaram que a contribuição da aprendizagem cooperativa para o que foi perguntado, está na categoria “convivência”. Ou seja, eles afirmaram que trabalhando e sendo desenvolvida uma melhor convivência entre os estudantes, isso acelera ou potencializa a função da filosofia enquanto disciplina na

formação humana. Em números absolutos, 9 (nove) estudantes ressaltaram essa categoria da convivência. E pelo que já foi colocado no capítulo sobre a aprendizagem cooperativa, fica fácil perceber que os estudantes entrevistados, quando ressaltam e destacam a convivência como ponto forte da metodologia de aprendizagem cooperativa, repetem o que dizem todos aqueles que estudam sobre tal metodologia.

Também com 37,5% dos entrevistados, surge a categoria “aprender o conteúdo”. Aqui vale ressaltar que tanto na primeira questão como na segunda, os estudantes fazem questão de dizer que com a aprendizagem cooperativa, o conteúdo trabalhado em sala de aula é melhor aprendido, o que valoriza muito a metodologia. E não há dúvida que mesmo enquanto disciplina que contribui na formação humana, é necessário que para tal, haja o aprendizado do conteúdo próprio da filosofia que está sendo trabalhado em sala de aula. Portanto, aprender conteúdo de filosofia também é necessário nessa formação humana.

O destaque aqui é a resposta do (a) estudante de número 11 que contempla as duas categorias em sua colocação. “... Na aprendizagem cooperativa aluno e professor debatem ideias filosóficas, com isso compartilham conhecimentos e o aluno sai da aula com uma carga de conhecimento muito boa”.

Numa ordem decrescente, a próxima categoria elencada pelos estudantes, foi a categoria “perceber o outro”, que foi mencionada por 29,16% dos estudantes, num total absoluto de 7(sete) estudantes. E aqui se concretiza algo muito valioso nessa pesquisa, pois essa questão do outro sendo importante na aprendizagem de filosofia e na formação humana por meio da aprendizagem cooperativa, confirma a hipótese inicial desse trabalho, de que é possível aprender sem ser necessariamente de forma competitiva, egoísta e individualista. Isso mostra que é possível perceber o outro como um aliado na aprendizagem e não como um rival ou um inimigo a ser vencido. Essa contribuição é por demais valiosa na formação humana para a atualidade, enquanto contribuição para a vida social, ética e política. Além de remeter a Sócrates que dava extrema importância nessa questão de perceber o outro em sua filosofia.

O destaque para essa categoria “perceber o outro” está na resposta do(a) estudante de número 4 que diz: “... a aprendizagem cooperativa viabiliza esse processo através da aplicação do método no aprendizado da Filosofia, de uma forma que passamos enxergar ou outro como agente importante no nosso processo de estudo, desenvolvendo relações interpessoais e estimulando a perda da timidez”.

Em seguida, empatadas com 25% de menções trazidas pelos estudantes, estão as categorias: “habilidades sociais”, “saber ouvir” e “compartilhar ideias”, com o número

absoluto de categorias mencionadas por 5 (cinco) estudantes. Essas categorias estão bem entrelaçadas e estão bem próximas uma da outra. Aqui é percebido de forma impactante e significativa, a questão de que a metodologia de aprendizagem cooperativa no ensino de filosofia, leva pra muito além da mera transmissão de conteúdo e da busca de nota para aprovação. Ou seja, o estudante que tem em seu ensino médio uma disciplina que trabalha e desenvolve habilidades sociais, a arte de saber ouvir e o saber e querer compartilhar ideias, tem sem dúvida nenhuma, uma formação humana que muito pode contribuir para a sociedade e para o mundo enquanto natureza (physys) em sua vida adulta.

O destaque é a resposta do (a) estudante de número 1 (um) que destaca essa questão do ensino de filosofia ir para além do aprendizado de conteúdos quando diz: “... A atividade cooperativa contribui especialmente para nossa aprendizagem de melhorarmos como pessoa e sabermos enxergar as “coisas” de outras maneiras, como é o caso de quando ouvirmos a opinião dos nossos colegas sobre algo”.

A próxima categoria que foi mencionada por estudantes com 20,83% dos 24 estudantes, aponta também para algo de extrema importância quando se pensa o ensino de filosofia que é a autonomia. Isto é, 5 (cinco) estudantes ressaltaram que a metodologia de aprendizagem cooperativa contribui de forma significativa para o desenvolvimento da autonomia, quando destacam a categoria “desenvolver seu próprio pensamento”. Com essa afirmação por parte dos estudantes que a aprendizagem cooperativa contribui para o ensino de filosofia, potencializando o desenvolver seu próprio pensamento, pode-se afirmar que essa metodologia, é uma importante ferramenta para o ensino que busca a autonomia dos estudantes.

Após a categoria “desenvolver seu próprio pensamento”, estão empatados com 16,66% as categorias “diálogo”, “enxergar as coisas/visão de mundo” e “perca da timidez/autoestima/comunicação”. Em números absolutos 4 (quatro) estudantes mencionaram essas categorias.

Chama a atenção que a categoria “diálogo” mais uma vez se apresenta dentre as respostas, ficando registrada tanto na primeira questão, como agora na segunda questão, o que mostra o quanto a aprendizagem cooperativa valoriza o diálogo e isso é de grande relevância, pois como já foi demonstrado nos capítulos anteriores, o diálogo é fator primordial tanto na filosofia socrática, como no ensino de filosofia, bem como na aprendizagem cooperativa. É por meio do diálogo que a filosofia se torna viva, levando os estudantes a filosofarem, ou seja, o diálogo é um potente motor do aprender filosofia de forma filosófica.

Quanto a categoria “enxergar as coisas/visão de mundo”, associa-se ao espanto filosófico que Aristóteles (2013) ressaltava ou ao reposicionamento daquele que filosofa afirmado por Merleau Ponty (2011), quando esse filósofo afirma na sua obra, fenomenologia da percepção, que a verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo. Ora, quando os estudantes afirmam que a aprendizagem cooperativa desenvolve esse “enxergar as coisas”, é possível afirmar que essa metodologia sendo aplicada no ensino de filosofia no ensino médio é um excelente convite à filosofia e ao filosofar, já que é esse espanto admirado que desperta um desejo pelo conhecimento filosófico.

O destaque para essas duas categorias é a resposta do(a) estudante número 5 (cinco), quando afirma: “A atividade cooperativa auxilia nessa formação devido a troca de experiências, opiniões e visões de mundo, como mencionado anteriormente que, tende ser algo individual de cada pessoa.”

E para conclusão desse bloco dos 16,66%, é hora de analisar as respostas da categoria “perca da timidez/autoestima/comunicação”. Essa é mais uma vantagem, ou mais um benefício trazido na formação estudantil desses jovens, já que a questão da timidez, e da baixa autoestima é problema em muitos jovens nessa etapa da vida. Ver os próprios estudantes percebendo que essa metodologia auxilia no combate a timidez e ajuda em sua autoestima, é mais um ponto positivo a ser destacado por esse trabalho de pesquisa, que por mais uma vez mostra o quanto é grande esse “leque” de benefícios.

O destaque para essa categoria, é do (a) estudante de número 21. Eis a resposta que destaca a categoria mencionada no parágrafo acima: “... Entender filosofia não é fácil, mas discutir com um colega de turma sobre determinado filósofo faz o entendimento ser mais simples. O momento de debater com o outro, dá uma autonomia maior, uma coragem a mais pra deixar a vergonha/timidez de lado.”

E para encerrar a análise da questão 2(dois), temos a categoria “interatividade” que foi mencionada por 8,33% dos estudantes entrevistados, o que corresponde em números absolutos a 2 (dois) estudantes. Essa categoria é mais uma que mostra o quanto é possível o aprendizado de forma coletiva, dinâmica e atrativa para os jovens do ensino médio.

O destaque dessa categoria é do (a) estudante número 12, que mostra em sua resposta o benefício trazido pela aprendizagem cooperativa, destacando a interatividade. “De acordo com a interação dos alunos e suas ações dentro da dinâmica, a aprendizagem cooperativa nos possibilita compreender a ligação dos conhecimentos filosóficos passados para o homem, como a forma dele conduzir-se baseado no seu entendimento.” A

interatividade é, sem dúvida, algo que contribui na formação humana de qualquer jovem do século XXI.

A terceira questão aplicada aos 24 estudantes é essa: **O que você considera uma boa aula de filosofia? A aprendizagem cooperativa possibilita essa boa aula? Como?** Percebe-se de imediato que essa é uma pergunta bem mais encaminhada a aula em si de filosofia e que procura perceber através das respostas dos estudantes, se eles afirmam ou não uma relação entre a filosofia e o filosofar com a aprendizagem cooperativa, nessa definição do que seja pra eles uma boa aula de filosofia. Eis as respostas:

- 1- Bom, na minha opinião, é quando independente do conteúdo estudado, possamos sair da sala carregando algum conhecimento obtido naquela aula. Sim, pois além da teoria que é dada, com a ajuda da atividade cooperativa, podemos colocar nosso conhecimento em prática, tornando a aula mais produtiva e agradável a todos.
- 2- Para uma boa aula é preciso de um professor que facilite o aprendizado da filosofia, de forma que os filósofos mais complicados de entender, em algumas aulas o professor já tem conseguido explicar e os alunos entender, pelo menos, a essência do filósofo. Mais uma vez, isso faz-se com conversa. A aprendizagem cooperativa contribui para o contato dos colegas um com outros, assim, viabilizando aprendizado mais "leve" e concreto.
- 3- A boa aula é aquela em que os alunos e o professor debatem um determinado assunto durante a aula, e quando termina sentem vontade de voltar a aula novamente. Sim, pois dá a liberdade de todos compartilhar os seus pensamentos.
- 4- Uma boa aula de Filosofia, para mim, é quando a abordagem do conteúdo é clara e objetiva, usando do conhecimento prévio que cada estudante tem, correlacionando o conteúdo com o cotidiano dos estudantes e permitindo atividades que saim da rotina das aulas tradicionais. A aprendizagem cooperativa auxilia nisso.
- 5- Uma boa aula de filosofia é aquela em que todos os alunos participam e contribuem com algum conhecimento para o aprendizado do coletivo. A aprendizagem cooperativa contribuiu muito para uma boa aula, pois ela consegue incluir um número maior de alunos na aula, ou seja, são mais pessoas para contribuir para o aprendizado coletivo.
- 6- considero uma boa aula de filosofia aquela em que você transmite o seu conhecimento e a sua opinião e também aprende e discute sobre as ideias e opiniões das outras pessoas aprendendo e o compreendendo ainda mais

- 7- Para mim, a aula de filosofia é boa quando prende a minha atenção e quando eu consigo compreender o conteúdo. Como a aula cooperativa **envolve diálogo**, tanto prende minha atenção como me **ajuda a entender o conteúdo**.
- 8- Sim, por que o aluno consegue **aprende com mais clareza**, e estimula o seus **pensamentos críticos**
- 9- Uma boa aula é agradável e o aluno realmente aprende, aprendizagem cooperativa possibilita isso, pois é **uma forma diferente e divertida de aprender**, baseada na cooperação **onde não há competição**, **nesse caso o importante não é você saber mais do que o outro e sim o que vocês sabem**, se o colega tem dificuldade em entender um assunto do conteúdo você o ajuda, caso seja o contrário, **ele te ajudara**, também traz e **questionamentos**.
- 10- Sim, **a leitura é bastante presente** e **ouvir os colegas** ajuda bastante.
- 11- Uma boa aula é aquela em que o aluno se sinta dentro das ideias dos filósofos apresentados de uma forma que não seja cansativa e que todos participem deixando a aula mais rica de conhecimento. Sim a aprendizagem cooperativa ajuda bastante, pois além de aprendermos, ainda, **através do diálogo todos compartilham o que entenderam do assunto**.
- 12- Uma boa aula de Filosofia é aquele na qual o aluno se enche de dúvidas e conseqüentemente **cria um debate na sala de aula**, **causando uma relação de interação** entre os estudantes com o professor, assim como na aprendizagem cooperativa.
- 13- Uma aula q nós faz ter dúvidas e assim nos ajuda a interagir bastante. Sim pois **possibilita a interação** de **um bom debate** entre aluno e professor.
- 14- Uma aula em que o professor explica e os alunos contribuí. Sim, já que **várias opiniões são expostas**.
- 15- Para mim uma boa aula de filosofia deve ter uma boa apresentação do conteúdo, e participação dos alunos. A atividade cooperativa ela vai possibilitar a **existência de uma boa aula**, **pois os alunos assim conseguiram expor as suas ideias** também.
- 16- Uma boa aula de filosofia pra mim é aquela onde eu posso me sentir à vontade para tirar dúvidas e aprender com os demais. Possibilita pois **podemos compartilhar e receber aprendizado**.
- 17- Uma boa aula de filosofia é você entender o conteúdo passado pelo professor e não decorar respostas .A atividade cooperativa está totalmente associada a um tipo de aula boa, pois **deixa a aula mais leve** e a **compreensão do conteúdo mais fácil**.

- 18- Uma aula interativa, com uma linguagem informal e nos levando a racionalizar com as aulas. O método cooperativo é uma ferramenta que facilita o engajamento e o **raciocínio**.
- 19- Uma boa aula, é uma aula onde o aluno compreende. E com toda a certeza a metodologia de cooperação ajuda bastante! pois é onde se há **transferência** de **aprendizagem simultânea**.
- 20- Uma boa aula de filosofia é aquela que todos os alunos aprendem. Sim. Como na aprendizagem cooperativa **os alunos trabalham em grupo eles se ajudam a entender o que não ficou esclarecido**.
- 21- Uma aula agitada e participativa com bastante troca de ideias, já que uma aula monótona não agrada a muitos. Com a aprendizagem cooperativa, **a aula é tomada pelos alunos** e **todos se unem para ensinar e aprender**, assim tem essa participação que eu tanto gosto, pois me dar mais vontade de querer aprender.
- 22- Meu professor de filosofia do ensino médio, um profissional incrível e exemplar, costuma dizer que uma aula boa é aquela em que saímos de sala com o pensamento: “aaaah, agora eu entendi”, e eu concordo completamente com ele. A filosofia é uma ciência incrível que deve ser apreciada devidamente. A aprendizagem cooperativa faz com que tenhamos essa visão da filosofia e tenhamos um **panorama de opiniões distintas** acerca de um mesmo assunto discutido.
- 23- Uma boa aula de filosofia é boa quando o professor visivelmente gosta de estar dando aula e assim ele faz com que a turma inteira goste de estar assistindo aula e empolgados com o assunto. E a aprendizagem cooperativa faz com isso acontece da melhor forma, assim **toda a sala participa** e a **aula fica muito boa**.
- 24- Uma boa aula é quando consigo realmente aprender. Na aula cooperativa **consigo testar se realmente aprendi**. Sim, a aula cooperativa nos ajuda.

O processo de análise se dará da mesma forma como nas duas questões anteriores.

Na busca de entender o que os estudantes pensam sobre o que é uma boa aula de filosofia, percebe-se dois aspectos relevantes que foram: Uma boa aula de filosofia é a aula que há a concretização da aprendizagem, e o outro aspecto afirmado por muitos deles é o aspecto de que uma boa aula é a aula em que os estudantes participam.

Outra vez, faz-se o registro de que o gráfico é feito em cima dos valores absolutos das categorias mencionadas pelos estudantes, que no caso da questão 3 (três), foram mencionadas 12 (doze) categorias que juntas montam o total de 58 vezes. O que significa que, como o total

de estudantes é de 24 (vinte e quatro), um estudante em sua resposta pode citar mais de uma categoria.

Além do que está dito no gráfico em valores absolutos, pode-se calcular a porcentagem em cima da quantidade de estudantes que mencionaram tal categoria. É isso que será feito a partir de agora.

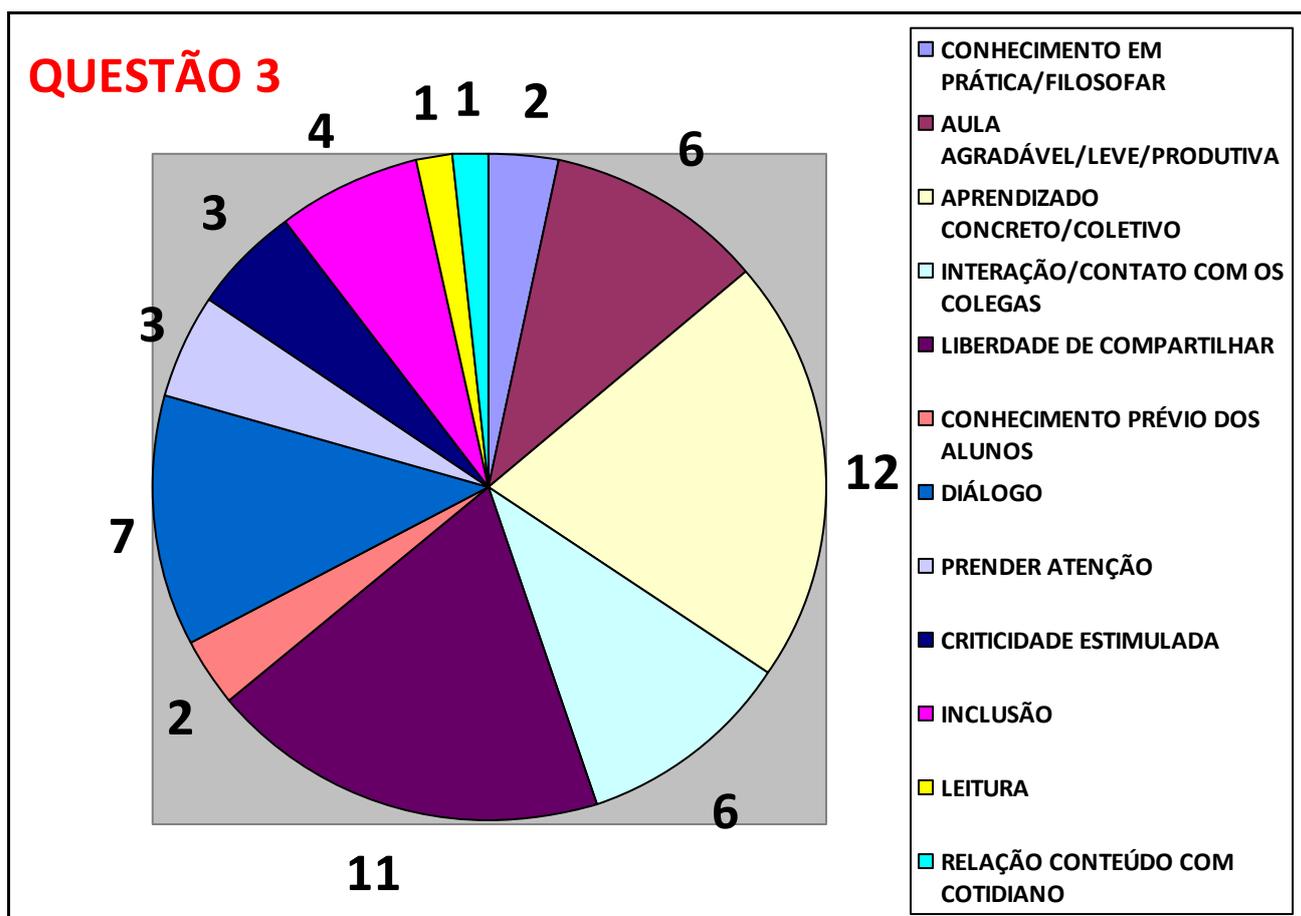
Sobre o primeiro aspecto já dito acima, 23 (vinte e três) estudantes, dentre os 24 (vinte e quatro), isso corresponde a 95,83% dos entrevistados, responderam que uma boa aula é aquela aula que o estudante aprende o que está sendo trabalhado em sala de aula.

Já no segundo aspecto, que é o aspecto da participação dos estudantes, 14 (quatorze) estudantes, o que corresponde a 58,33% dos entrevistados, afirmaram que uma boa aula de filosofia é aquela aula em que há a participação dos estudantes.

Somado a isso que foi dito nos parágrafos anteriores, outros pontos foram observados pelos estudantes na definição de uma boa aula de filosofia. Termos como: O desempenho do professor, a vontade de querer mais aula, a relação do conteúdo filosófico com o cotidiano, a aula que prende a atenção do estudante, o estímulo do pensamento crítico, a aula agradável em que o estudante se sinta à vontade, e o surgimento de dúvidas, foram também destacados por esses estudantes como fatores que possibilitam o acontecimento de uma boa aula de filosofia.

Portanto, após saber o que é uma boa aula de filosofia por parte dos estudantes, o passo a seguir é perceber se a aprendizagem cooperativa, no pensamento deles, possibilita essa boa aula de filosofia. Para isso, foram elencadas categorias que afirmam ou não essa conclusão. Essas categorias, da mesma forma que nas questões anteriores, também serão expressas em um gráfico que tem o papel de quantificar e facilitar a análise das respostas. Mais uma vez é dito que um estudante, pode muito bem colocar mais de uma categoria em sua resposta, já que o questionário aplicado foi um questionário aberto.

Eis o gráfico:



Mais uma vez, salta aos olhos a quantidade e a variedade de categorias mencionadas pelos estudantes em suas respostas sobre a aprendizagem cooperativa no ensino de filosofia. Nessa questão em especial, eles disseram sobre o como essa metodologia proporciona e possibilita uma boa aula de filosofia.

Em primeiro lugar, os estudantes afirmam que a metodologia de aprendizagem cooperativa contribui para uma boa aula de filosofia, porque ela efetua um aprendizado concreto e/ou coletivo nos estudantes o que auxilia para que essa boa aula, no entendimento deles, ocorra. Numa porcentagem de 50% dos estudantes entrevistados, surgiram os termos: “aprendizado concreto e/ou coletivo”. Em números absolutos doze dos 24 estudantes afirmaram que com a aprendizagem cooperativa sendo aplicada na aula de filosofia, o aprendizado se concretiza e/ou de forma coletiva.

Desse modo, é possível afirmar que: se os próprios estudantes, por mais uma vez, afirmam que essa metodologia efetiva um aprendizado da filosofia e ainda destacam o aprender coletivo, a conclusão obtida é de que essa metodologia é sim algo que combate o individualismo, a competição, o egocentrismo e conseqüentemente os estudantes não se veem

como rivais ou inimigos. Isso é bom sinal numa aula de filosofia, pois filosofar não é competir, mas a busca de entender o porquê das coisas.

A resposta que se destaca e é aqui colocada, é a resposta do estudante classificado nessa pesquisa como o estudante número 5 (cinco), pois assim ele diz: “... A aprendizagem cooperativa contribuiu muito para uma boa aula, pois ela consegue incluir um número maior de alunos na aula, ou seja, são mais pessoas para contribuir para o aprendizado coletivo”.

Logo em seguida, 45,83% dos estudantes entrevistados responderam que a aprendizagem cooperativa possibilita ou efetiva uma boa aula de filosofia, porque quando essa é aplicada em sala de aula no ensino de filosofia, existe uma liberdade de compartilhar pensamentos. Em números absolutos, isso quer dizer que 12 (doze) estudantes mencionaram essa categoria.

Ter liberdade de compartilhar pensamentos numa aula de filosofia é perceber a prática do filosofar. Isso aponta para “n” conclusões, porém, destaca-se aqui o principal ponto desse trabalho de pesquisa que é a contribuição da aprendizagem cooperativa para uma aula de filosofia em que haja o filosofar. Estudantes trocando ideias e compartilhando pensamentos numa aula de filosofia, é sem dúvida uma concretização ou uma efetivação do ter ou assistir aula de filosofia, filosofando. Dessa forma, a aula de filosofia fica longe de ser uma aula parada, arrastada, cansativa e monótona, passando a ser algo bom de vivenciar. A filosofia torna-se viva e traz vida para os estudantes.

Destaca-se a resposta do(a) estudante número 3, em que ele (a) afirma: “A boa aula é aquela em que os alunos e o professor debatem um determinado assunto durante a aula, e quando termina sentem vontade de voltar a aula novamente. Sim, pois dá a liberdade de todos compartilhar os seus pensamentos.”

A terceira categoria mais mencionada por esses estudantes, está profundamente entrelaçada com a categoria anterior. Dos participantes entrevistados, 29,16% deles mencionaram a categoria diálogo, num número absoluto de 7 (sete) estudantes. Essa categoria, vem aparecendo em todas as questões colocadas até aqui e isso é de grande relevância, pois dialogar numa aula de filosofia, remete de imediato a tudo o que já foi dito por esse trabalho em seus capítulos anteriores através dos autores pesquisados, e principalmente do filósofo que fundamenta essa pesquisa que é Sócrates.

Para esses estudantes, a aprendizagem cooperativa, contribui para uma boa aula de filosofia, porque por meio dela, é possível dialogar com seus companheiros e com o professor, o que torna o aprendizado de filosofia algo possível. Essa é mais uma categoria que se

apresenta e torna a aula de filosofia, algo dinâmico e atraente para os estudantes que se tornam agentes ou sujeitos ativos de sua aprendizagem.

Para essa categoria, a resposta que chamou atenção foi a resposta de número 12 (doze), em que o(a) estudante afirma que: “ Uma boa aula de filosofia é aquele na qual o aluno se enche de dúvidas e conseqüentemente cria um debate na sala de aula, causando uma relação de interação entre os estudantes com o professor, assim como na aprendizagem cooperativa.”

Como num todo harmonioso, as próximas categorias mencionadas pelos estudantes entrevistados, foram relatadas por 25% deles cada uma, num total absoluto de 6 (seis) estudantes. As categorias são: “interação/contato com os colegas” e “aula leve/agradável/produtiva”. Essas categorias estão, sem sombra de dúvidas, muito próximas das outras que foram mencionadas anteriormente, o que mostra como esses estudantes de uma mesma turma, respondem em sintonia a respeito da aprendizagem cooperativa no ensino de filosofia.

Interagir com os companheiros de sala de aula, e considerar a aula de filosofia uma aula agradável, leve e produtiva, mostram o quanto essa metodologia, possibilita uma boa aula de filosofia. Isso é de muita relevância, pois vai no sentido contrário de muitas pesquisas sobre aula e educação, em que os estudantes de ensino médio revelam o quanto não gostam de estar em sala de aula, sendo atraídos por quaisquer outras coisas, como meios eletrônicos, namoros, drogas, etc.

Uma resposta que chama atenção e ao mesmo tempo contempla as duas categorias mencionadas acima, é a resposta do (a) estudante número 9. “...aprendizagem cooperativa possibilita isso, pois é uma forma diferente e divertida de aprender, baseada na cooperação onde não há competição, nesse caso o importante não é você saber mais do que o outro e sim o que vocês sabem, se o colega tem dificuldade em entender um assunto do conteúdo você o ajuda, caso seja o contrário, ele te ajudara, também traz e questionamentos.”

A próxima categoria mencionada pelos estudantes como algo que possibilita o acontecimento de uma boa aula de filosofia, quando nessa aula se aplica a metodologia de aprendizagem cooperativa, é a categoria “inclusão”. Essa é mais uma que anda atrelada as demais categorias citadas nessa terceira questão. Nesse item, 16,6% dos estudantes relataram que a inclusão que acontece durante a aplicabilidade da metodologia de aprendizagem cooperativa, faz com que a aula de filosofia se torne uma boa aula de filosofia. Em números absolutos, 4 (quatro) foram os estudantes que lembraram de mencionar essa categoria.

Analisando que os próprios estudantes destacam que acontece inclusão numa aula, e que vivemos numa realidade no país e no mundo de exclusão, é de chamar atenção esse item e mostrar o valor qualitativo dessa metodologia nas aulas de filosofia, ou de qualquer outra disciplina. A inclusão sendo acrescida no dia a dia dos estudantes, forma para além dos muros da escola, forma para a vida no todo.

Em seguida, 12,5% dos estudantes entrevistados, afirmaram que a aprendizagem cooperativa possibilita ou efetiva uma boa aula de filosofia, porque ela prende a atenção dos estudantes e ainda estimula a criticidade dos mesmos. Portanto, as categorias que surgem nessa porcentagem são: “prender atenção” e “criticidade estimulada”. Em números absolutos, foram 3 (três) estudantes que mencionaram uma e 3(três) que mencionaram a outra.

Nesse ponto, temos uma categoria muito valorizada pelos estudiosos do ensino de filosofia, que é a criticidade. A filosofia em si, é algo que traz para o ser humano a criticidade, porém, quando se observa ela enquanto disciplina a ser lecionada e o seu ensino, um dos desafios é exatamente o de levar os estudantes a desenvolverem essa criticidade. Eis portanto, mais um ponto positivo a ser destacado pelos próprios estudantes, quando esses afirmam que na aula de filosofia por meio da aprendizagem cooperativa, suas criticidades são estimuladas. E esse ponto positivo encontrado ou manifestado aqui por esses estudantes, deve sim ser levado em consideração como um bom resultado, já que é algo sempre perseguido pelos estudiosos que se interessam em pesquisar sobre o ensino de filosofia.

A outra categoria é “prender atenção”. Essa aqui, já é algo perseguido pelos estudiosos da educação como um todo. Como tornar a escola e as aulas em algo que consiga prender a atenção dos jovens e dos adolescentes? Essa é uma pergunta bem frequente na discussão de quem pensa a educação nessa faixa etária. Ler essas respostas e constatar que os próprios estudantes relatam que a aprendizagem cooperativa faz com que suas atenções sejam alcançadas, fazendo com que a aula de filosofia se torne em uma boa aula, é também digno de relevância nesse estudo.

A frase que chama atenção para essas categorias, vem do(a)estudante número 18. “...O método cooperativo é uma ferramenta que facilita o engajamento e o raciocínio.”

Não menos importantes são as outras duas categorias que ficaram empatadas com 8,33% dos estudantes que mencionaram que aprendizagem cooperativa possibilita uma boa aula de filosofia, pois ela coloca o conhecimento filosófico em prática, e ela utiliza o conhecimento prévio dos estudantes. Essa porcentagem em números absolutos mostra que 2 (dois) estudantes relataram isso. As categorias, portanto, são: “conhecimento em prática” e “conhecimento prévio dos alunos”, com 8,33% cada uma delas dos estudantes entrevistados.

Ora, colocar o conhecimento filosófico em prática, aponta com muita intensidade para a questão do filosofar na aula de filosofia, que é objetivo dessa pesquisa. Perceber no relato dos estudantes que eles mesmos afirmam terem filosofado durante as aulas de filosofia, é alcançar o objetivo da pesquisa que surge exatamente com esse questionamento, ou seja, o questionamento inicial que deu origem a esse trabalho foi: será que a metodologia de aprendizagem cooperativa possibilita o filosofar na aula de filosofia? E obter essas respostas dos próprios estudantes, mostra sim a riqueza que é a aplicação da metodologia de aprendizagem cooperativa nas aulas de filosofia no ensino médio, pois ela contribui para que os estudantes possam colocar em prática o que vem sendo estudado, e colocar a filosofia em prática, é filosofar durante a aula de filosofia.

A frase em destaque é do(a) estudante número 24 que afirma em sua resposta: “... na aula cooperativa consigo testar se realmente aprendi...”

Já a categoria “conhecimento prévio dos alunos” é outra categoria que mostra a afinidade e o estreito relacionamento da metodologia de aprendizagem cooperativa com a educação e com a filosofia enquanto disciplina. Utilizar na educação dos jovens seus próprios conhecimentos prévios, é lembrar de Paulo Freire, em sua pedagogia da autonomia, e é também lembrar de Sócrates que afirmava fazer o parto da ideia no outro e que para tanto precisava saber se o outro tinha dentro de si, em sua própria alma algo a ser parido!

Essa categoria mostra ainda que se o conhecimento prévio do estudante é utilizado quando se aplica a metodologia de aprendizagem cooperativa, que foi mantida a fidelidade de aplicação dessa metodologia, já que era assim que funcionava na comunidade do Cipó em Pentecoste no Ceará, quando do início dessa metodologia em nosso estado.

Sem sombra de dúvidas pode-se afirmar que, se o conhecimento do estudante é reconhecido e valorizado numa sala de aula, essa aula não está arrastada, não tem apenas a figura do professor falando sozinho por mais de uma hora, mas que está acontecendo de forma viva, dinâmica, atraente, envolvente.

Para confirmar essa vivacidade da aula de filosofia por meio da aprendizagem cooperativa, destaca-se a frase do(a) estudante número 4, pois ele responde da seguinte maneira: “Uma boa aula de filosofia, para mim, é quando a abordagem do conteúdo é clara e objetiva, usando do conhecimento prévio que cada estudante tem, correlacionando o conteúdo com o cotidiano dos estudantes e permitindo atividades que saiam da rotina das aulas tradicionais. A aprendizagem cooperativa auxilia nisso.”

E por fim, as duas últimas categorias elencadas nessa questão, mencionadas por 4,16% dos estudantes entrevistados, são as categorias “leitura” e relação do conteúdo com o

cotidiano”. Em números absolutos, cada uma dessas categorias teve1 (um) estudante que mencionou ser esse o motivo pelo qual a aprendizagem cooperativa torna ou possibilita tornar a aula de filosofia no ensino médio, uma boa aula.

Sobre a categoria leitura, pode-se dizer que essa representa e aponta para algo fundamental no aprender filosofia. A leitura para quem deseja aprender filosofia se faz necessária tanto quanto o diálogo. Não se aprende filosofia debatendo sobre o que não é filosófico, ou sem uma leitura de textos filosóficos mesmo que seja trechos desses filósofos consagrados pela tradição ocidental. A leitura enriquece o conhecimento do estudante até para que ele possa ao ser enriquecido com o conhecimento adquirido, colaborar ainda mais com toda a turma em sala de aula em seus argumentos.

O (A) estudante que ressaltou a leitura como algo proporcionado pela aprendizagem cooperativa para que seja concretizada uma boa aula de filosofia, foi o (a) de número 10, que afirma: “Sim, a leitura é bastante presente e ouvir os colegas ajuda bastante.”

E para encerrar a terceira questão, será analisada a resposta sobre a categoria: “relação do conteúdo com o cotidiano”. Pode-se afirmar que numa aula de filosofia, ou mesmo de qualquer outra disciplina, em que se realiza o ato de relacionar o que está sendo trabalhado em sala de aula com o cotidiano dos estudantes, é uma excelente maneira de convidar e envolver esses estudantes no assunto filosófico a ser debatido e trabalhado em sala de aula. Esse é um dos grandes desafios que os professores de filosofia têm em suas aulas, isto é, como fazer com que os estudantes na aula de hoje embarquem nesse conteúdo que será trabalhado?

Verdadeiramente, essa é mais uma qualidade da metodologia de aprendizagem cooperativa que foi registrada nas respostas dos estudantes, pois relacionar o conteúdo a ser trabalhado com o dia a dia dos estudantes é sim uma estratégia de “quebrar o gelo”, de convidar, trazer e envolver esses estudantes para a aula de filosofia, fazendo com que essa se torne uma boa aula de filosofia. E a frase destaque é a mesma frase do(a) estudante número 4, que já foi colocada logo acima e que usa literalmente essa expressão relacionar o conteúdo com o cotidiano dos estudantes. Encerra-se a questão 3 (três).

Na quarta questão, a pergunta é a seguinte: **Qual o papel do diálogo e a importância do outro no aprender filosofia? A aprendizagem cooperativa contribui para o aprendizado de filosofia a partir do diálogo? De que maneira?**

O diálogo e o outro, são categorias que já foram citadas ou mencionadas pelos estudantes nas questões anteriores. Porém, não dava para saber antes das respostas que os estudantes iriam mencioná-las, e como o diálogo e o outro são dois eixos extremamente trabalhados, tanto pela filosofia socrática, como pela aprendizagem cooperativa, essa pergunta

é fundamental e surge para investigar se os estudantes sabem definir, se eles percebem a importância desses termos, além de buscar na resposta deles se há alguma relação ou contribuição da metodologia de aprendizagem cooperativa na aprendizagem da filosofia a partir do diálogo. Assim sendo, agora é momento da análise da questão 4 (quatro). Eis as respostas:

- 1- O diálogo é importante principalmente para falarmos o que pensamos para as outras pessoas, e **ouvirmos também a opinião delas**, e a atividade cooperativa nos proporciona isso, **quando vamos discutir o que aprendemos** no decorrer da aula de filosofia.
- 2- Nós nos relacionamos e trocamos ideias por meio do diálogo, seja ele oral ou escrito. Quando conversamos, todos aprendemos, e há articulação de convicções. Aprendizagem cooperativa contribui desse modo: **proporcionando comunicação com os colegas e o professor na sala de aula.**
- 3- Diálogo em Filosofia representa, primeiro em Sócrates, e depois em Platão, o processo de busca da verdade através de perguntas e respostas... O diálogo alarga os horizontes da exigência do pensamento, pois para se responder e argumentar as ideias tem de se fazer uso do raciocínio. Sim, **fazendo diálogo** através de perguntas, respostas e **filosofando**.
- 4- Partindo do ponto de vista de Sócrates, compreende-se de que a partir do diálogo podemos chegar a uma conclusão verdadeira sobre um determinado assunto, construindo assim, o conhecimento. Na aprendizagem cooperativa nós podemos ser agentes ativos do aprendizado dos colegas, exercitando aquilo que nós aprendemos e entendemos e, posteriormente, **compartilhamos isso com os demais**. A partir daí, podemos **gerar um debate**, que **culminará com uma conclusão pessoal** de cada estudante. Dessa forma, **estamos exercitando na prática o que a Filosofia ensina.**
- 5- Com o diálogo há uma troca de ideias e percepções de mundo entre os alunos. A aula cooperativa permite que esses **alunos cooperem entre si e troquem suas experiências de vida.**
- 6- o diálogo é ainda mais essencial para **adquirir e doar conhecimentos**, opiniões e pensamentos
- 7- O diálogo é importante para nós buscarmos a verdade, para ouvirmos os pensamentos do outro e assim formarmos nossa própria ideia. A aprendizagem cooperativa faz com que **ocorra o troca de ideias**, ou seja, faz com que **os alunos escutem** opiniões diferentes e **formem sua própria ideia.**

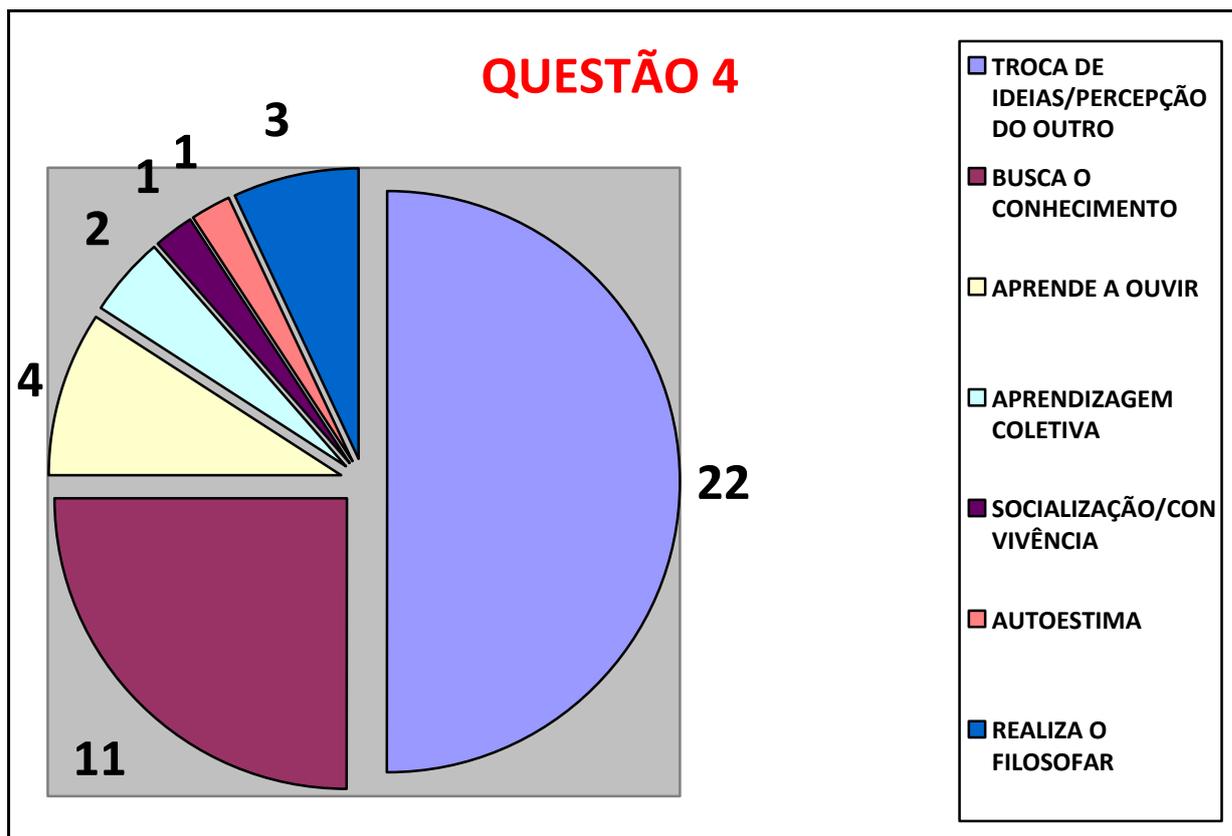
- 8- Sim, quando o diálogo é presente na sala de aula ajudar o aluno a entender mais sobre o assunto, e isso passa confiança para o aluno tira as suas dúvidas com o seu professor.
- 9- O diálogo faz com que a gente pense nosso argumentos para defender um ponto de vista, estimula o pensamento crítico, conversando com pessoas com vidas diferentes uma das outras podemos obter conhecimento a partir do diálogo, pois cada pessoa tem sua bagagem, conhecimento e experiências. Na aprendizagem cooperativa o aluno é incentivado a dialogar e estudar.
- 10- O papel do diálogo é justamente as pessoas trocarem suas ideias, seus diferentes pensamentos e assim cada um vai se entendendo. A aprendizagem cooperativa contribuiu sim no aprendizado pela frequência de diálogos.
- 11- Na aprendizagem cooperativa é preciso que todos ali compartilhem suas descobertas filosóficas fazendo com que por meio do diálogo transmita o conhecimento para os que estão na sala fazendo com que todos aprendam juntos.
- 12- O diálogo no ensino filosófico é importante porque através dele trocamos informações e conhecimentos. Sim, a partir da aprendizagem cooperativa podemos trocar essas informações, ajuda o outro com dúvidas, além de promover a criação de grupos de estudo.
- 13- Diálogo na filosofia, alarga os horizontes da exigência do pensamento, pois para se responder e argumentar as ideias tem de se fazer uso do raciocínio. Sim pois é uma oportunidade para destacar no ambiente e promover o diálogo do saber em determinados grupos.
- 14- A importância do diálogo é que as pessoas conversam entre si compartilhando ideias e pensamentos. Sim, como eu já expliquei antes.
- 15- Papel do diálogo é importante para o outro pois assim permite que eles compreendam mutuamente. Sim atividade cooperativa é contribuída a partir do diálogo, pois assim eles trocam de pensamentos divergentes ou convergentes entre si.
- 16- Quando dialogamos aprendemos mais com o próximo, podendo abranger novas ideias. Sim, por que vamos escutar e poder falar sobre respectivos assuntos da filosofia.
- 17- A grande importância de aprender filosofia é a forma como ela nos proporciona entender o mundo em que nós vivemos, através do diálogo que saímos da

- alienação, vendo outros tipos de opiniões , é isso que nós é proporcionado na aprendizagem cooperativa.
- 18- Quando dialogamos uma matéria, aprendemos pontos de vistas diferentes e não somente o ponto de vista do professor
- 19- Se há dialogo, há o querer compreender, há o querer de ter empatia. Logo é importante o aprender filosofia, pois tira o indivíduo da ignorância. E a aprendizagem cooperativa se encaixa nessas situações pois se um sabe, pode passar o conhecimento ao próximo e assim adiante, todos aprendem.
- 20- Com o "outro" os nossos pensamentos são criticados. Sim. Num trabalho em grupo se o diálogo não fluir então o trabalho não flui também e assim é feita a bola de neve.
- 21- Há muitos séculos, no surgimento da filosofia, o conhecimento era passado em reuniões onde os filósofos e discípulos discutiam sobre diversos assuntos; todos com o intuito de entender o mundo. Com isso a aprendizagem com a colaboração dos outros, nos ajuda a entender melhor determinados aspectos. O diálogo colabora imensamente com isso, já que é onde nós expressamos nossas diferenças e nossos pensamentos.
- 22- O diálogo é extremamente importante para que possamos conhecer uns aos outros, assim podemos conhecer outros pensamentos e ideias, relativas a filosofia.
- 23- A importância do diálogo é a troca de ideias e não há troca de ideias sem o outro. A aprendizagem cooperativa nos permite ouvir a opinião do outro
- 24- Com o diálogo torna a aula mais interessante para alguns e os ajuda a compreender o pensamento e a visão do outro. É importante o outro aprender pois vai dar uma visão de mundo. Sim, a aprendizagem cooperativa ajuda, já que vou ter que falar minhas ideias e as pessoas vão me passar a delas.

Os estudantes em suas respostas sobre o papel do diálogo e do outro no aprender filosofia, em sua maioria respondeu apenas sobre o diálogo, não detalhando ou mostrando uma diferenciação entre os termos (diálogo e o outro), mas incluindo o outro já na resposta sobre o diálogo. Dessa forma, ao fazer um levantamento qualiquantitativo, nas respostas dos estudantes, e sempre lembrando que como o questionário é aberto, eles podem mencionar mais de uma categoria em suas respostas, o cenário ficou assim: 21 (vinte e um) dos 24 (vinte e quatro) estudantes, o que representa 75% dos estudantes, mencionaram que o papel do diálogo nas aulas de filosofia é de buscar a verdade ou buscar o conhecimento. 14 (quatorze) desses estudantes, o que representa 58,33% mencionaram que o papel do diálogo é o de troca

de ideias/ relacionar os estudantes. Surgiram ainda os termos “alargar os horizontes” com 37,5% ou seja, esse termo foi mencionado por 9 (nove) estudantes; e o termo “aprender a ouvir” que foi mencionado por 4(quatro) deles, o que representa 16,66%.

Portanto, sabendo que é isso o que os estudantes entendem sobre o diálogo e o outro, agora é momento de saber por meio do gráfico, como eles responderam a pergunta que busca saber se a aprendizagem cooperativa contribui para o aprendizado de filosofia a partir do diálogo.



A pergunta feita que elaborou o gráfico acima, trata de saber se a aprendizagem cooperativa contribui para o aprender filosofia a partir do diálogo, e é partir das respostas acima que será feita a análise.

Mais uma vez ressalta-se que o gráfico é feito em cima dos valores absolutos das categorias mencionadas pelos estudantes, que no caso da questão 4 (quatro), foram mencionadas 7 (sete) categorias que juntas montam o total de 44 vezes. O que significa que, como o total de estudantes é de 24 (vinte e quatro), um estudante em sua resposta pode citar mais de uma categoria.

Além do que está dito no gráfico em valores absolutos, pode-se calcular a porcentagem em cima da quantidade de estudantes que mencionaram tal categoria. É isso que será feito a partir de agora.

A categoria com maior destaque, mencionada por 22 (vinte e dois) estudantes, o que forma um percentual de 91,66% foi a categoria “troca de ideias/percepção do outro”. Ou seja, 91,66% dos estudantes entrevistados, afirmaram que a metodologia de aprendizagem cooperativa contribui no aprender filosofia a partir do diálogo, porque quando ela é aplicada há a troca de ideias e a percepção do outro, o que sem sombra de dúvidas, facilita e potencializa de forma significativa o diálogo e conseqüentemente o aprender filosofia de forma filosófica.

Esse é mais um resultado que mostra a confirmação de que é positiva, proveitosa e, portanto, muito indicada, a relação entre a aprendizagem cooperativa e o ensino de filosofia no ensino médio. Pois a efetivação dentro de sala de aula, de uma turma em que os estudantes durante a aula de filosofia conseguem trocar ideias, perceber o outro (e não apenas a si mesmo) enquanto dialogam, faz acontecer o filosofar de forma simultânea com o aprender a disciplina filosofia.

Além disso, há também, a ratificação do bom ensinamento socrático (que não sai de moda) de que é pelo diálogo que o filosofar acontece.

O destaque vai para a resposta do (a) estudante número 7 (sete) que diz: “... A aprendizagem cooperativa faz com que ocorra a troca de ideias, ou seja, faz com que os alunos escutem opiniões diferentes e formem sua própria ideia.”

A segunda categoria mais mencionada foi a categoria “busca o conhecimento”, com 11 (onze) menções, o que representa 45,83% do total de estudantes entrevistados pelo questionário. Isto é, todos esses estudantes afirmaram em suas respostas, que a aprendizagem cooperativa contribui para o aprender filosofia a partir do diálogo, porque em sua aplicabilidade ela faz com que os estudantes busquem o conhecimento daquilo que vem sendo trabalhado em sala de aula, e essa busca ou esse desejo de conhecer faz com que os estudantes queiram dialogar e por conseguinte aprendam filosofia.

Com essa quantificação de respostas afirmando que a aprendizagem cooperativa incentiva os jovens a dialogarem na busca do conhecimento filosófico, fica confirmado que eles reconhecem que essa metodologia auxilia no aprendizado daquilo que é trabalhado em sala de aula na disciplina de filosofia.

A resposta destaque é a resposta do (a) estudante número 17 (dezessete), quando afirma que: “A grande importância de aprender filosofia é a forma como ela nos proporciona entender o mundo em que nós vivemos, através do diálogo que saímos da alienação, vendo outros tipos de opiniões, é isso que nos é proporcionado na aprendizagem cooperativa.”

A categoria “aprende a ouvir” foi ainda destacada por 4 (quatro) estudantes o que representa 16,66%. Essa categoria está bem atrelada a categoria trocar ideias, porém o motivo da separação entre essas categorias, está no fato de muitos confundirem dialogar, ou trocar ideias, como se isso fosse apenas falar. Saber ouvir é uma dificuldade no século XXI. Ao mesmo tempo que saber ouvir é uma virtude no aprendizado da filosofia. Por isso essa categoria quando mencionada de forma direta pelos estudantes, passou a ser elencada nessa questão. Portanto, esses estudantes afirmam de forma direta que a aprendizagem cooperativa contribui para o aprender filosofia por meio do diálogo, quando essa metodologia nos permite ouvir o outro.

O (A) estudante número 23 (vinte e três) relata bem sobre a importância do outro no diálogo e a importância do saber ouvir, quando em sua resposta, diz assim: “A importância do diálogo é a troca de ideias e não há troca de ideias sem o outro. A aprendizagem cooperativa nos permite ouvir a opinião do outro”. Essa resposta resume bem o quanto é importante e o quanto se mostra necessário nos dias atuais, o diálogo, o enxergar o outro e o saber ouvir. E esse tripé, segundo a resposta acima colocada tem sua permissão nas aulas de filosofia, quando elas ocorrem por meio da aprendizagem cooperativa, o que mostra que a contribuição social dessa pesquisa está pra além de uma mera metodologia aplicada em sala de aula. Ou seja, aqui se ratifica que tanto a disciplina filosofia, quanto a metodologia de aprendizagem cooperativa ensinam pra além das paredes da sala de aula e as duas estando alinhadas, potencializam muito a efetivação de suas contribuições e vantagens na vida de jovens do ensino médio.

Outra categoria que está muito relacionada as outras que já foram citadas, mas que passa a ser elencada, por ser citada de forma direta, é a categoria “realiza o filosofar”. O ato de filosofar, pode está embutido nas respostas que afirmam sobre o diálogo, sobre a troca de ideias, etc. Porém, como um dos objetivos no início dessa pesquisa, era saber se a aprendizagem cooperativa poderia proporcionar nos estudantes o aprender filosofia filosofando, ter isso de forma direta, parece um bom motivo para destacar e elencar como uma categoria a mais, realçando algo vindo dos próprios estudantes.

Dessa forma, ou seja, de forma direta 12,5% (três estudantes em números absolutos) dos estudantes relataram em suas respostas que a aprendizagem cooperativa contribui para o aprender filosofia a partir do diálogo, porque essa metodologia proporciona ou traz as condições para o filosofar. Mais uma vez é confirmada como positivo nesse sentido, o experimento feito com esses estudantes de trabalhar a disciplina filosofia por meio da

metodologia de aprendizagem cooperativa, na busca da confirmação ou não do filosofar durante essas aulas.

A resposta que se destaca para essa categoria, é a do (a) estudante número 4 que diz o seguinte: “...Na aprendizagem cooperativa nós podemos ser agentes ativos do aprendizado dos colegas, exercitando aquilo que nós aprendemos e entendemos e, posteriormente, compartilhamos isso com os demais. A partir daí, podemos gerar um debate, que culminará com uma conclusão pessoal de cada estudante. Dessa forma, estamos exercitando na prática o que a filosofia ensina.”

Ainda com 8,33% dos estudantes, temos a categoria “aprendizagem coletiva”. O bom dessa categoria é que os estudantes que a relataram, não garantem apenas o seu aprendizado individual, mas percebem que toda a turma reage bem em termo de aprendizado. Talvez, por verem o envolvimento e a interação com toda a turma, eles sentem que seus colegas estão aprendendo.

Essa percepção por parte dos estudantes de um aprendizado coletivo, mostra ou ratifica mais uma vez que é possível uma aprendizagem que não seja necessariamente individualista, egoísta, competitiva e que crie na consciência de jovens do ensino médio que o outro é sempre um rival ou um adversário a ser batido. Mas mostra que é possível aprender e enxergar o outro como alguém que merece respeito, merece ser tratado por mim com toda dignidade. Portanto, 8,33% dos estudantes entrevistados afirmaram que a aprendizagem cooperativa contribui para o aprendizado de filosofia a partir do diálogo, porque essa quando aplicada traz as condições de um aprendizado coletivo do conteúdo que está sendo trabalhado.

A frase destaque para essa categoria é a frase do (a) estudante número 11(onze) que diz: “Na aprendizagem cooperativa é preciso que todos ali compartilhem suas descobertas filosóficas fazendo com que por meio do diálogo transmita o conhecimento para os que estão na sala fazendo com que todos aprendam juntos.”

E por fim, temos as duas últimas categorias mencionadas pelos estudantes que são: “socialização/convivência” e “autoestima”. Aqui 4,16% dos estudantes afirmaram que a metodologia de aprendizagem cooperativa contribui para o aprender filosofia, pois quando aplicada, essa metodologia contribui desenvolvendo autoestima e socialização entre os estudantes. Em números absolutos, o gráfico mostra que cada categoria foi mencionada por um estudante.

Essas duas categorias têm seus destaques, pois também são vantagens ou contribuições trazidas pela aprendizagem cooperativa que vão para além da sala de aula. Poder estar trabalhando a autoestima de jovens numa aula de filosofia, ao mesmo tempo em

que o conteúdo vem sendo trabalhado é sem dúvida algo a ser levado em consideração, pois é grande o número de jovens do ensino médio que sofrem com problema de baixa autoestima e depressão. Poder contribuir no combate a esses problemas de jovens no ensino médio é outra grata surpresa que essa pesquisa constatou.

Da mesma forma, a categoria “socialização/convivência” mostra que a aprendizagem cooperativa é multiforme em suas vantagens e contribuições trazidas para os jovens. Saber socializar e/ou conviver com outras pessoas tem se tornado um desafio no século XXI, em que o mundo virtual a cada dia avança na conquista de mais espaço, sem falar que desde 2019 com a pandemia do COVID-19, esse isolamento foi ainda mais aguçado. O que mostra a bela contribuição da aplicabilidade e dos efeitos trazidos da metodologia de aprendizagem cooperativa nas aulas de filosofia ou até mesmo, como já foi demonstrado em alguns trabalhos científicos acadêmicos, de qualquer outra disciplina, já que ela não se limita em seus benefícios, apenas para itens cognitivos específicos de uma disciplina. O que confirma o que já foi dito pelos estudiosos da aprendizagem cooperativa no que capítulo que se dedica a estudar teoricamente essa metodologia.

As frases destaque para essas categorias foram a resposta do (a) estudante número 8 (oito) que diz sobre a categoria “autoestima” : “...quando o diálogo é presente na sala de aula ajudar o aluno a entender mais sobre o assunto, e isso passa confiança para o aluno tira suas dúvidas com o seu professor.” E a frase do (a) estudante número 13 (treze) que menciona a categoria “socialização/convivência” afirmando que: “...Sim, a partir da aprendizagem cooperativa podemos trocar essas informações, ajuda o outro com dúvidas, além de promover a criação de grupos de estudo.”

Dessa forma, está encerrada a análise da questão 4 (quatro) e terá início a análise da quinta e última questão aplicada aos estudantes.

A quinta questão tem como enunciado, o seguinte: **Qual a diferença entre filosofia e filosofar? Dá para perceber essa diferença numa aula de filosofia por meio da aprendizagem cooperativa?**

Essa pergunta é a culminância da pesquisa, porque após os estudantes responderem todas as outras perguntas acima registradas, eles irão finalmente e definitivamente responder se a metodologia de aprendizagem cooperativa possibilita o aprender filosofia de forma filosófica. Ou seja, aqui eles respondem a pergunta chave sobre o filosofar na aula de filosofia, quando essa metodologia é aplicada. É verdade que alguns desses estudantes já mencionaram essa questão nas outras perguntas, porém aqui todos tratam desse assunto de

forma direta. As outras perguntas todas com sua importância conduzem os estudantes para esse momento da quinta questão. Portanto, é momento de analisá-la.

Eis as respostas:

- 1- Filosofia é um ramo de estudo onde aprendemos sobre vários filósofos e filosofar é a prática do pensamento com base no nosso conhecimento sobre algo. Dá, por que a partir da filosofia, adquirimos conhecimento o suficiente para filosofar com os nossos colegas através da atividade cooperativa.
- 2- Filosofar é pensar e desenvolver um tema. Filosofia é o amor pela sabedoria, é buscar o que já se sabe, o que já foi pensado e dito. Percebemos a diferença de cada um na sala de aula quando é explicado a distinção entre os dois. Então, sim, dá pra perceber a diferença no método da aprendizagem cooperativa.
- 3- A palavra Filosofia é de origem grega, e significa " amor à sabedoria". Filosofar quer dizer refletir sobre questões fundamentais da vida humana porque quem o faz sente que precisa de uma resposta a essas questões para viver melhor, ou seja, um pensamento racional com base no conhecimento a cerca das coisas. Sim.
- 4- Filosofia é a teoria que se formula a partir do filosofar. Sim, na aprendizagem cooperativa nos é dado um espaço de fala, de uma forma que podemos filosofar, a partir das nossas indagações, conclusões e até críticas sobre a filosofia que estamos aprendendo.
- 5- A filosofia é conjunto de questionamentos sobre a humanidade e os mistérios que envolvem a nossa existência, que outras pessoas já fizeram, filosofar é tentar chegar a uma conclusão desses mistérios através do diálogo.
- 6- sim, você filosofa sobre a filosofia
- 7- Na filosofia nós estudamos a filosofia que foi criada por alguém, já filosofar é a ação de criarmos nossa própria filosofia. Por meio da aprendizagem cooperativa nós ouvimos a filosofia das outras pessoas e expomos a nossa.
- 8- Filosofia - estudar filosofia que alguém criou. Filosofar - criar sua própria filosofia segundo sua própria maneira de ver ou lidar com o mundo.
- 9- Filosofia é uma matéria você estudar a filosofia que alguém criou, já filosofar é a prática do pensamento filosófico, criar sua própria filosofia a partir de como você ver o mundo.
- 10-Sim, filosofia é o que há, o que já aconteceu e você está buscando aprender. Filosofar é você criar sua própria ideia e pensamento.

- 11-Filosofia é o meio em que se estuda os filósofos , já filosofar se consiste em praticar pensamentos filosóficos. Na aprendizagem cooperativa estudamos a matéria filosofia, mas para respondermos precisamos por em prática o pensamento filosófico.
- 12-Filosofia é estudar a ideia criada por alguém. Já filosofar é criar a sua própria filosofia baseada em sua maneira de enxergar e lidar com o mundo. Sim, bastante. Por meio da aprendizagem cooperativa nós podemos passar para o outro a nossa opinião, sendo ela embasada de uma teoria filosófica famosa ou em nossa própria teoria.
- 13-Filosofia, é estudar a filosofia que alguém criou. Já filosofar é criar sua própria filosofia segundo sua própria maneira de ver ou lidar com o mundo, Sim.
- 14-Acho que a filosofia em si é o amor a sabedoria e o filosofar é o raciocínio ou a discussão sobre algum tema.
- 15-A diferença entre filosofia e filosofar, é que filosofia é algo que já foi escrito há muito tempo e que virou parte de um estudo, já filosofar é algo mais informal pois é algo que não tem certeza ou apenas uma teoria. Dá para perceber essa diferença nas aulas de filosofia por meio da existência da atividade cooperativa.
- 16-A filosofia é a matéria em si e duas variedades. Filosofar é falar sobre ela de acordo com nosso conhecimento. A aprendizagem cooperativa nos dá a chance de filosofar, falar sobre.
- 17-Filosofia é entender e filosofar é passar para as outras pessoas o que aprendemos e é dessa forma que fazemos na aprendizagem cooperativa.
- 18-A filosofia nos apresenta grandes raciocínios durante a história do mundo e como grandes pensadores fizeram a diferença. o filosofar é quando existem questionamentos de pontos de vista diversos sobre algo
- 19-Sim! Filosofia é uma ideia que alguém já pensou lá atrás, e você a estuda; Filosofar, seria a ideia que se tem, que se cria, que se pratica vindo de si.
- 20-Filosofia é o estudo de ideias basicamente, filosofar é quando você externa o seu pensamento, sendo ele novo e único e assim chega em uma conclusão. Sim, como os alunos sabem o conteúdo da aula eles conseguem identificar as ideias diferentes do tema.
- 21-Para mim a filosofia é apenas a matéria, ou seja, conteúdo que vai ser passado. Já filosofar, pessoas se reúnem para expor pensamentos e críticas, para entender o exterior, o mundo agora. É nítida a diferença entre a filosofia e filosofar, pois na

aprendizagem cooperativa se encontra o filosofar, é ali que se reúnem as ideias, as críticas, as perguntas; para conseqüentemente achar as respostas.

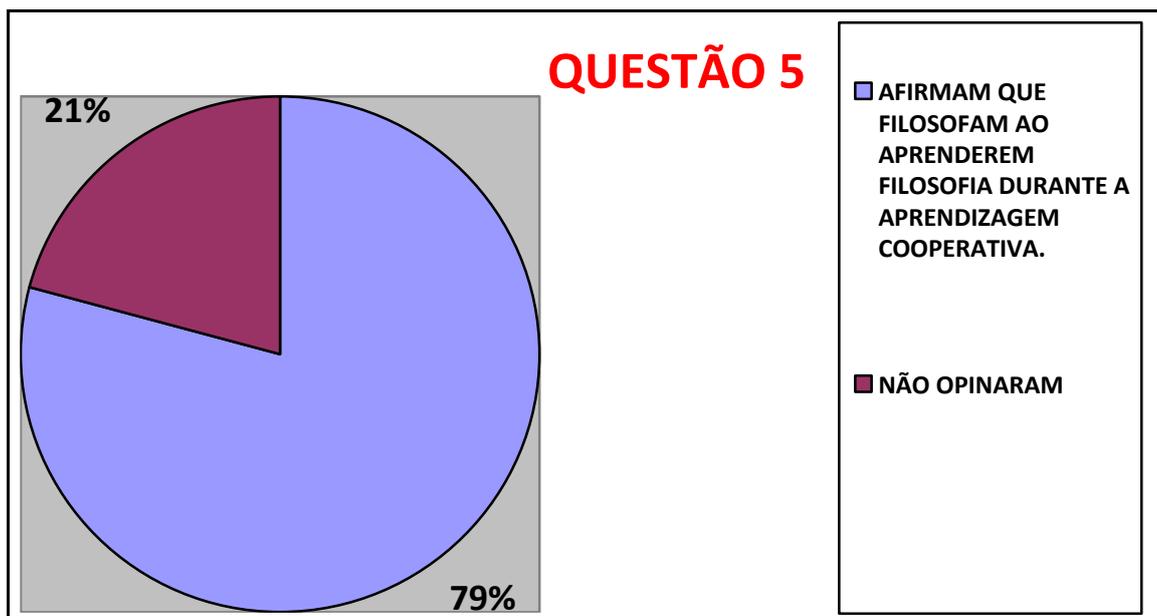
- 22- Nós filosofamos com base no conhecimento filosófico, e, sim, a aprendizagem cooperativa auxilia muito nesse sentido, já que nos forçamos a desenvolver um raciocínio acerca daquele assunto.
- 23- Filosofia é o estudo do pensamento e filosofar é o ato de puro de pensar. A aprendizagem cooperativa nos oferece uma forma a mais de pensar, além de só ler e o professor falar. Neste método, o aluno consegue pensar fora da caixa e vai muito além do que poderia ir em uma sala padrão.
- 24- Filosofia é o saber e filosofar é refletir sobre. Sim, na aula vou saber sobre algo e refletir sobre o que aprendi.

Como essa questão, mesmo sendo uma questão aberta, tem um pouco mais de objetividade, não surge aqui a quantidade de categorias que apareceram nas outras questões, mas algo totalmente direcionado para a explicação sobre o que é filosofia e sobre o que é filosofar e sobre a questão em torno da percepção do filosofar durante a aula de filosofia por meio da aprendizagem cooperativa.

Dessa forma, analisando as respostas acima, o que foi constatado é que todos os estudantes discerniram sobre a diferença entre filosofia e filosofar, ou seja, 100% dos estudantes entrevistados responderam algo em torno da percepção que filosofia (enquanto disciplina), é algo desenvolvido por todos os filósofos consagrados por uma tradição ocidental, e que vem sendo estudado nas escolas a cada geração. Já o filosofar, é a reflexão feita pelo próprio estudante a respeito do assunto filosófico trabalhado em sala de aula.

Essa diferença sendo percebida pelos estudantes em sua totalidade é de fundamental importância para o próximo passo a ser analisado que é a percepção por parte desses mesmos estudantes sobre a pergunta basilar dessa pesquisa. Ou seja, agora é momento de analisar se os estudantes confirmam ou negam a hipótese levantada lá no início, que é a seguinte: a aprendizagem cooperativa possibilita o aprendizado de filosofia de forma filosófica?

Assim como nas outras questões, utilizaremos de um gráfico para facilitar a visualização e o entendimento em torno das respostas desses estudantes. Eis o gráfico:



Dentre todos os gráficos, esse é o único a ser calculado em cima dos 24 (vinte e quatro) estudantes, pois não foi criada nessa questão nenhuma categoria a ser associada a resposta de cada um, já que o que está sendo levado em conta nessa questão é se os estudantes afirmam ou não a existência do filosofar e do aprendizado de filosofia de forma simultânea a partir da aplicação da metodologia de aprendizagem cooperativa. Por esse motivo, o gráfico já pôde ser feito diretamente em porcentagem, o que mostra de forma direta que 79% dos estudantes afirmam que há sim a existência do filosofar enquanto aprendem a disciplina de filosofia. Isso por si só demonstra que é possível aprender filosofia sem ser de forma monótona, arrastada, apenas memorizada, demonstrando o seu contrário, ou seja, que é possível aprender filosofia de forma dinâmica, participativa, dialogada. Mais uma vez, afirma-se que a hipótese inicial desta pesquisa foi ratificada com essas respostas dos estudantes.

O teste experimental foi feito e por todas essas respostas, pode se afirmar que a aprendizagem cooperativa possibilita e potencializa o aprender filosofia de forma filosófica. Ressalta-se ainda que os outros 21% não negaram a existência do filosofar durante a aprendizagem cooperativa, mas analisando as respostas desses estudantes, o que se percebe é que eles não respondem essa parte da pergunta que foi dividida em duas. Ou seja, os estudantes que ficaram classificados dentro dos 21%, não negaram a hipótese. Ousa-se ainda dizer que eles deixam subentendido que concordam com os demais que formam 79%, pois quando analisamos as respostas anteriores desses mesmos estudantes, somos induzidos a afirmar que eles aumentam, sem dúvida, essa porcentagem de 79% mostrada no gráfico referente a quinta questão.

Seguindo as mesmas regras das demais questões, haverá o destaque para as respostas que chamam a atenção do autor dessa pesquisa. Porém, na quinta questão, serão destacadas 3 (três) respostas que são: a resposta do(a) estudante número 4 (quatro), do número 11(onze) e do número 23(vinte e três), pois essas representam bem a análise que foi feita em torno dessa questão. Eis as respostas:

4- Filosofia é a teoria que se formula a partir do filosofar. Sim, na aprendizagem cooperativa nos é dado um espaço de fala, de uma forma que podemos filosofar, a partir das nossas indagações, conclusões e até críticas sobre a filosofia que estamos aprendendo.

11- Filosofia é o meio em que se estuda os filósofos , já filosofar se consiste em praticar pensamentos filosóficos. Na aprendizagem cooperativa estudamos a matéria filosofia, mas para respondermos precisamos por em prática o pensamento filosófico.

23- Filosofia é o estudo do pensamento e filosofar é o ato de puro de pensar. A aprendizagem cooperativa nos oferece uma forma a mais de pensar, além de só ler e o professor falar. Neste método, o aluno consegue pensar fora da caixa e vai muito além do que poderia ir em uma sala padrão.

Após essa análise, pode-se dizer que há uma conciliação, uma relação afirmativa ou um encaixe real entre o que foi dito nos dois primeiros capítulos com base nos autores estudados, com as respostas dos estudantes que realizaram esse questionário. Isto é, as respostas deixadas nos questionários pelos estudantes, estão de acordo e por isso demonstrando como os autores que estudam o ensino de filosofia, estudam a aprendizagem cooperativa, estudam sobre educação, e estudam sobre o filósofo Sócrates, estão certos em seus argumentos que são comprovados na prática no chão da escola. O que esse trabalho de pesquisa acadêmica fez foi, após o estudo teórico sobre: educação; ensino de filosofia; aprendizagem cooperativa e a filosofia socrática, aplicar na prática a metodologia de aprendizagem cooperativa durante as aulas de filosofia, observar, entrevistar e analisar os estudantes do IFCE-Campus Caucaia, suas respostas, fazendo uma experiência que encerra-se aqui com a ratificação da hipótese inicial como já foi dito nos parágrafos anteriores.

4.3 Resultados alcançados

Diante do que foi respondido pelos estudantes, é fato que a hipótese inicial que deu origem a essa pesquisa foi confirmada, ou seja, a questão levantada para saber por meio de uma experiência, se a aprendizagem cooperativa possibilita a aprendizagem de filosofia de forma filosófica, tem sua resposta positiva por parte dos estudantes. Tornando assim alcançado o objetivo principal e os demais objetivos dessa pesquisa.

Há uma consonância entre o que é lido nas respostas do questionário aplicado para esses 24 (vinte e quatro) estudantes, e o que é afirmado pelos autores trabalhados por esse estudo em sua parte teórica.

Assim sendo, para demonstrar e confirmar o que foi dito agora, será exposto de que forma se chegou a essas afirmações.

Na primeira questão, o que estava em jogo era saber de que modo os estudantes percebem e afirmam aprender filosofia por meio da aprendizagem cooperativa. Em primeiro lugar, todos eles afirmam que há sim um aprendizado de filosofia, quando é aplicada essa metodologia. Mas o que se destaca nessa questão, é que vem da parte deles uma grande variedade de maneiras que levam esse aprendizado a acontecer de forma efetiva.

Ou seja, segundo os estudantes entrevistados, a aprendizagem cooperativa faz com que a filosofia seja assimilada destacando: o diálogo; a interatividade; a participação investigativa; a referência a Sócrates; a sociabilidade ou ao ambiente agradável que se estabelece em sala de aula; a responsabilidade individual; ao estudante enquanto sujeito ativo; a coletividade e a inclusão; ao compartilhar ideias e emoções; ao fixar o conteúdo; a dinamicidade que essa metodologia proporciona; a aplicabilidade e seu sucesso; e a reflexão que leva ao aprendizado de filosofia.

Essa variedade de categorias destacadas por eles, mostram a riqueza da aprendizagem cooperativa atrelada ao ensino de filosofia e confirmam o que os autores trabalhados nesse estudo em sua parte teórica haviam afirmado sobre a aprendizagem cooperativa, sobre o ensino de filosofia, e sobre tudo o que foi exposto sobre Sócrates.

Na segunda questão, eles foram perguntados sobre como a aprendizagem cooperativa contribui para a formação humana nas aulas de filosofia, e eles primeiramente afirmam que há essa contribuição, e mais uma vez apontam para uma variedade que surpreende positivamente sobre como essa metodologia contribui. Segundo esses estudantes, ela contribui: desenvolvendo habilidades sociais; fazendo com que os estudantes desenvolvam uma maior ou melhor visão de mundo/ enxergar as coisas; fazendo com que os estudantes aprendam a ouvir; percebendo o outro; trabalhando a questão do saber conviver; compartilhando ideias;

com o diálogo; ajudando os estudantes a desenvolverem seus próprios pensamentos; trabalhando a questão da perda da timidez, melhorando a autoestima e a comunicação deles; aprendendo de forma efetiva o conteúdo e fazendo com que eles interajam.

Mais uma vez, fica demonstrado com as respostas dos estudantes que a aprendizagem cooperativa atrelada ao ensino de filosofia, traz efeitos e benefícios mostrando para quem tiver interesse, uma metodologia que trabalha o estudante para além do conteúdo, trabalha preparando para a vida.

Já a terceira questão, que pergunta para eles, se eles percebem ou não, uma relação entre uma boa aula de filosofia e se a aprendizagem cooperativa possibilita a realização dessa boa aula, quando ela é aplicada. Eles respondem o que seja uma boa aula, afirmam que a aprendizagem cooperativa contribui com essa boa aula, porque: possibilita filosofar, ou por o conhecimento em prática; torna a aula agradável, leve e produtiva; efetiva um aprendizado concreto e coletivo; traz uma interação e um maior contato com os colegas; torna possível uma liberdade de compartilhar; valoriza o conhecimento prévio dos estudantes; atua com o diálogo; prende a atenção dos estudantes; estimula a criticidade; inclui; desenvolve a leitura e torna possível fazer uma relação entre o conteúdo trabalhado com o cotidiano dos estudantes.

É por essa variedade de categorias que os estudantes entrevistados afirmam que a metodologia de aprendizagem cooperativa contribui para uma boa aula de filosofia. O que deixa claro mais uma vez que teoria e prática se confirmaram nesse experimento científico.

Por sua vez, na quarta questão é perguntado sobre o papel do diálogo e sobre a importância do outro no aprender filosofia, que era pra perceber se eles sabiam identificar e definir termos tão importantes e destacados nesse estudo, além de saber se eles afirmavam ou não uma relação de contribuição entre aprendizagem cooperativa e esses termos mencionados.

Eles respondem sobre o papel do diálogo e do outro para ocorrer a aprendizagem de filosofia e afirmam que a metodologia de aprendizagem cooperativa quando aplicada no ensino de filosofia, contribui nessa aprendizagem a partir do diálogo, porque: ela permite a troca de ideias e a percepção do outro; ela faz com que o estudante busque seu conhecimento; faz o estudante aprender a ouvir; possibilita a aprendizagem coletiva; trabalha a socialização e a convivência; desenvolva a autoestima e torna possível a realização do filosofar.

Por fim, a quinta questão, que é a culminância da pesquisa, no sentido de confrontar tudo o que foi dito pelos autores e verificar se a hipótese inicial é confirmada ou não, pergunta se eles percebem o filosofar e o aprender filosofia na aula em que é aplicada a aprendizagem cooperativa. E numa esmagadora maioria, os estudantes afirmaram que sim, que essa metodologia fez com que eles aprendessem filosofia de forma filosófica.

Outro resultado alcançado que não pode deixar de ser mencionado, foi a confirmação da mudança de papel tanto do professor, como dos estudantes durante a experiência realizada. O professor realmente sai do centro das atenções, sai da posição de exclusividade ou de domínio absoluto da sala e da fala e passa a ser um componente integrante de um ambiente de aprendizagem mútua. O professor realmente tem que saber atrair os estudantes, tem que conhecer o assunto abordado, tem que saber ou aprender a ouvir e não tomar a fala dos estudantes, saber conduzir a aula e resolver possíveis conflitos que venham a surgir, sendo mediador, O estudante por sua vez, toma verdadeiramente o lugar de protagonista da aprendizagem, de sujeito ativo e investigativo na busca do conhecimento filosófico, torna-se questionador, ao mesmo tempo que filosofa com os colegas de turma e com o professor.

Dessa forma, os resultados alcançados confirmaram que a aprendizagem cooperativa apresenta características promissoras no sentido de fazer com que haja o filosofar nas aulas de filosofia, colaborando, portanto, para o fazer acontecer a aprendizagem de conceitos filosóficos de forma filosófica, ao mesmo tempo que possibilita nos estudantes a criticidade e a reflexão filosófica. Características próprias da aprendizagem cooperativa, tais como, o diálogo e a necessidade do outro no processo ensino-aprendizagem, o ambiente ativo de investigação por parte dos estudantes, o desenvolvimento de habilidades sociais e da autonomia dos estudantes, o despertar para a responsabilidade individual e a elevação da autoestima, o trabalho com a questão do respeito e da tolerância a partir do trabalho coletivo, tudo isso pode possibilitar condições para que a aula de filosofia fique longe daquilo que Paulo Freire denomina como educação bancária, ou que Sofiste denomina como pedagogia de armazém.

Acredita-se aqui que a metodologia de aprendizagem cooperativa, aliada à disciplina de filosofia tem ainda para além de aspectos pedagógicos e filosóficos, uma relevância de dimensão social, pois como destaca a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação Ciência e Cultura) sobre a educação do século XXI, na obra de Delors ao se reportar sobre os métodos:

Os métodos de ensino não devem ir contra este reconhecimento do outro. Os professores que, por dogmatismo, matam a curiosidade ou o espírito crítico dos seus alunos, em vez de desenvolver, podem ser mais prejudiciais do que úteis. Esquecendo que funcionam como modelos, com esta atitude, arriscam-se a enfraquecer por toda a vida nos alunos a capacidade de abertura à alteridade e de enfrentar as inevitáveis tensões entre pessoas, grupos e nações. O confronto através do diálogo e da troca de argumentos é um dos instrumentos indispensáveis à educação do século XXI". (DELORS, 2001, p. 98).

E, conforme Jacó (2012), a aprendizagem cooperativa proporciona nos estudantes benefícios em quatro grandes categorias: social, psicológica, acadêmica e de avaliação. Cito aqui apenas dois exemplos de benefícios em cada categoria que são também próprios da filosofia e em especial da filosofia socrática, senão, vejamos: social,(ajuda os professores a deixarem de ser o centro do processo de ensino, permitindo que o centro do ensino seja o estudante, os estudantes passam a criticar ideias e não pessoas; promove o aumento da autoestima, melhora a satisfação do estudante em relação com o aprender); acadêmica(cria um ambiente de aprendizagem ativo, envolvente e investigativo; desenvolvimento da oralidade através do diálogo), avaliativo (proporciona aos estudantes o desenvolvimento de criticidade, leitura de mundo gerando poder de avaliação do grupo).

Desse modo, considera-se de relevância social, pedagógica e filosófica uma pesquisa científica que tome como objeto, o ensino de filosofia, em especial, quando propõe a verificação em campo do uso e adequação da metodologia da aprendizagem cooperativa à filosofia.

Esses são portanto, os resultados alcançados por esse trabalho de pesquisa realizado por esses estudantes do IFCE-Campus Caucaia. Resultados que no pensamento do autor da pesquisa, alcançaram os objetivos a que se propôs esse estudo, mas que, além disso, superou as expectativas, apontando para outros fatores que serão explanados na conclusão.

5 CONCLUSÃO

Após a realização de toda essa pesquisa e dos resultados obtidos por ela, alguns elementos conclusivos podem ser mencionados, pois são variadas as percepções possíveis em cima do que revela esse estudo. Primeiramente, destaca-se a questão da necessidade da valorização do ensino de filosofia para estudantes do ensino médio, o que historicamente e atualmente é mostrado como algo difícil de ser priorizado em nosso país, as contribuições no que diz respeito a coletividade desenvolvida pela aprendizagem cooperativa que combatem o individualismo, a competitividade e o egoísmo entre os estudantes.

Mas o que merece ser frisado e mencionado com ênfase é a comprovação e a efetivação após a experiência realizada, de que a metodologia de aprendizagem cooperativa, aliada ao ensino de filosofia potencializa o aprender filosofia de forma filosófica. Presenciar enquanto pesquisador e comprovar com as respostas dos estudantes garante a veracidade disso.

Dessa forma, o presente estudo traz uma contribuição para os professores que tem esse grande desafio de lecionar filosofia nas turmas de ensino médio. Contribuição essa que pode fazer com que as aulas de filosofia aconteçam a contento, no sentido de provocar nos estudantes o filosofar ao mesmo tempo em que aprendem conceitos de filósofos consagrados na tradição ocidental. Essa contribuição se estende até mesmo as secretarias de educação ou a qualquer pesquisador que queiram saber um pouco mais sobre a aplicabilidade da metodologia de aprendizagem cooperativa, ou sobre o ensino de filosofia e até mesmo sobre a filosofia socrática enquanto base para a questão pedagógica ou educacional em sala de aula.

Os resultados alcançados permitem ainda afirmar que esse estudo traz contribuições que vão para além da sala de aula, trazendo contribuições e benefícios para a sociedade enquanto um todo, pois como foi visto nos resultados obtidos, a aprendizagem cooperativa aplicada no ensino de filosofia, proporciona nos estudantes o desenvolvimento de habilidades sociais e individuais.

As habilidades individuais aqui desenvolvidas e destacadas pelos estudantes, que confirmam o que foi dito pelos autores trabalhados em toda essa obra foram: autoestima, oratória, confiança, leitura, saber trabalhar em equipe, obter responsabilidades, criticidade, reflexão filosófica, autonomia, combate a timidez, tornar-se protagonista, pensar por si mesmo, criatividade, melhora da capacidade de leitura.

Já as habilidades sociais foram: conviver com o diferente, respeitar e dar dignidade ao outro, enxergar e ouvir o que outro tem a dizer, dialogar, acolher, incluir, saber ajudar e ser ajudado, ver o outro ser humano como um aliado para a vida em sociedade, solidariedade,

liderança, criticar ideias, trabalhar em equipe, saber compartilhar, interagir, desenvolve tolerância, celebrar sucesso em coletividade, amizade.

Sem dúvida alguma que os estudantes que passam por esse aprendizado estão no caminho certo para o desenvolvimento da autonomia enquanto indivíduo e da cidadania enquanto ser que vive em sociedade.

Vale ressaltar, que surpreendeu positivamente o fato de como os estudantes destacaram em suas respostas a variedade de termos que apontaram para o aprendizado de conteúdos filosóficos e para o desenvolvimento de habilidades sociais. Sendo que é de suma importância dizer ainda que tais habilidades, tanto individuais como sociais, assumem uma importância maior, o que valoriza um tanto mais esse estudo, pelo fato de que os estudantes nesse momento enfrentam ou irão ter enfrentado uma pandemia que se estende por dois anos e que irão ter seus comportamentos individuais e sociais afetados por tal evento. Ora, quem vive ou viveu uma pandemia, teve que se isolar e passar a viver a cada dia mais mergulhado num mundo virtual, o que isola ainda mais o ser humano, dificultando o aprender e o viver coletivo. Esse estudo ajuda, portanto, em suas contribuições como um caminho para essa turma traumatizada pela pandemia com seus medos, perdas e luto, propondo um caminho para o mundo real e sua vivência em coletividade.

Pandemia essa que foi sem dúvida nenhuma, algo que limitou essa pesquisa que foi realizada por estudantes que já haviam estudado filosofia por meio da aprendizagem cooperativa presencialmente em semestres anteriores a pandemia, mas que fizeram o questionário e participaram da pesquisa de forma remota, exatamente devido a esse episódio que ocorreu no mundo inteiro e os estudantes assim como toda a população estiveram isolados.

Outro fato que limita os alcances desse estudo é o fato da quantidade de estudantes participantes. Acredita-se que uma pesquisa de maior amplitude possa trazer resultados ainda maiores, no sentido de mais aprofundamento sobre essa metodologia sendo aplicada nas aulas de filosofia, o que por sua vez, proporciona uma contribuição ainda maior para a educação e para a filosofia.

Isso traz à tona e torna possível a possibilidade de novos estudos por parte de outros pesquisadores que venham a despertar interesse por essa área do conhecimento, ou até mesmo pelo presente pesquisador em desenvolver um trabalho ainda mais aprofundado no pós pandemia, tendo uma percepção ainda maior no campo do mundo real em relação a esse distanciamento causado pelo mundo virtual em razão da pandemia. Estudos futuros serão

oportunos em virtude de todo esse cenário de pandemia, e da necessidade da volta de uma “normalidade” de vida em sociedade.

Enfim, aqui houve a apresentação de um trabalho de pesquisa que alcançou seu objetivo de realizar um experimento baseado numa hipótese original e que conseguiu demonstrar de forma científica que a metodologia de aprendizagem cooperativa sendo aplicada no ensino de filosofia para estudantes do ensino médio, possibilita e potencializa a aprendizagem da filosofia de forma filosófica e que para além disso traz contribuições e benefícios para a vida desses estudantes que irão ser úteis não apenas na escola, mas na vida individual e em sociedade.

REFERÊNCIAS

- ARENDRT, Hannah. A Crise na Educação. In: ARENDRT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva. 2001b.
- ARISTÓTELES, **Metafísica: volume II**/ Aristóteles; ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale; tradução Marcelo Perine. – 3. Ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- ARISTÓTELES, **A política**. Trad. Nestor Silveira Chaves, 1.ed. São Paulo: Lafonte, 2017.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa/Portugal: Edições 70, 1977.
- BENOIT, Hector. **Sócrates: O nascimento da razão negativa**. São Paulo: Editora Moderna, 1996.
- BESSA, Nuno. FONTAINE, Anne Marie. A aprendizagem cooperativa numa pós-modernidade crítica. **Educação, Sociedade & Culturas**, n.18, 2002, p.123-147.
- BITU, Corina Bastos. **Aprendizagem cooperativa: uma análise da escola estadual de educação profissional Alan Pinho Tabosa**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educacional**. Brasília,1996. Disponível em:
https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf
 Acesso em: 19 nov. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorenci. São Paulo: UNESP, 1999.
- CERLETTI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CERLETTI, Alejandro. Ensinar filosofia: da pergunta filosófica à proposta metodológica. In: KOHAN, Walter Omar. **Filosofia: caminhos para seu ensino**. Rio de Janeiro: DP& A editora, 2004.
- CIAVATA, Maria Aparecida. A cultura do trabalho e a educação plena negada. In: SOUSA, A. A. OLIVEIRA, E. G. ARRAIS NETO, E. A. **As interfaces do mundo do trabalho: educação, práxis social e formação dos trabalhadores**. Curitiba, CRV, 2016.
- CORNFORD, Francis Macdonald. **Antes e depois de Sócrates**. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- DELORS, Jacques. **Educação um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da**

Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo/Brasília: Cortez/MEC/Unesco, 2001.

DEWEY, John (1859-1952). **Democracia e educação**. Tradução de Godofredo Rangel; Anísio Teixeira. 4 ed. São Paulo: Editora nacional, 1979.

FARIA, Domingos José Matos Sousa. **A tradição socrática na sala de aula**. Dissertação de mestrado. Universidade do Minho. Braga, 2011.

FAVERO, Altair Alberto. O pensar por relações e a investigação analógica: possibilidades para o ensino de filosofia. In: TOMAZETTI, Elizete M. GALLINA, Simone Freitas da Silva. (org.) **Territórios da prática filosófica**. Santa Maria: Editora UFSM, 2009.

FERREIRA, Ana Maria de Matos Alves. **Desafios da aprendizagem cooperativa no ensino secundário**. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa, 2010.

FERREIRA, Stephânia Beatriz; FERREIRA, Dayana Vieira; BATISTA, Gustavo Araújo. Sócrates e a defesa da filosofia aplicada à educação para a vida reflexiva: algumas considerações para a autoformação ético-política do educador. **Cadernos da FUNCAP**, n.10, v.12, p.49-64, 2010.

FIRMIANO, Ednaldo Pereira. **Aprendizagem Cooperativa na sala de aula**. Programa de Educação em células cooperativas- PRECE,2011. Fortaleza, 2011. Disponível em: https://www2.olimpiadadehistoria.com.br/vw/1I8b0SK4wNQ_MDA_b3dfd_/APOSTILA%20DE%20Aprendizagem%20Cooperativa%20-%20Autor-%20Ednaldo.pdf. Acesso em: 10 dez. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á pratica educativa**.54ª ed- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRIGOTTO, Gaudêncio. ARAÚJO, Ronaldo Marcos de Lima. Práticas pedagógicas e ensino integrado. **Revista educação em questão: Natal**, v.53, n.38, p. 61-80, mai/ago 2015.

GALLINA, Albertinho Luiz. As injunções do filosofar. In: TOMAZETTI, Elizete M. GALLINA, Simone Freitas da Silva. (org.) **Territórios da prática filosófica**. Santa Maria: Editora UFSM, 2009.

GALLO, S.; KOHAN, W. Crítica de alguns lugares-comuns ao se pensar a Filosofia no Ensino Médio. In: GALLO, S.; KOHAN, W. (Org.). **Filosofia no Ensino Médio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 174-196.

GAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Tradução: Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

GHEDIN, Evandro. **Ensino de filosofia no ensino médio**. São Paulo: Cortez, 2008.

GOMES, Maria Claudene Bezerra; ARAUJO, Sandy Andreza de Lavor. Histórico da educação profissional e tecnológica: entre textos e contextos. In: SOUSA, A.A; FEIJÓ, J.F; CRUZ, K.S.L (org.). **A educação profissional**: ensaios sobre a formação e qualificação dos trabalhadores. Recife: Imprima, 2016.

HORN, Geraldo Balduino. **Ensinar Filosofia**: Pressupostos teóricos e metodológicos. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ESTADO DO CEARÁ. **Missão, Visão e Valores**, 2021. Disponível em: <https://ifce.edu.br/aceso-a-informacao/Institucional/missao-visao-e-valores>. Acesso em: 10 ago. 2020.

JACÓ, Joana Casimiro. **O papel da Aprendizagem Cooperativa na promoção da socialização e do sucesso acadêmico em crianças da Educação Pré-Escolar e do 1º Ciclo do Ensino Básico**. (Dissertação de mestrado não publicada). Instituto Politécnico de Beja, Escola Superior de Educação, 2012. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/3957> . Acesso em: 15 jul. 2018.

JOHNSON, David W.; JOHNSON, Roger T.; SMITH, Karl A. **A Aprendizagem Cooperativa Retorna às Faculdades**: Qual é a Evidência de que Funciona? [S.I.]: Change, 1998.

JOHNSON, Paul. **Sócrates**: um homem do nosso tempo. Tradução de Leila Kommers. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

KANT, Immanuel. **Sobre a Pedagogia**. Tradução de Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1999.

KOHAN, Walter Omar. **Filosofia**: O paradoxo de aprender e ensinar. Tradução de Ingrid Muller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

KOHAN, Walter Omar. **Sócrates & a educação**: O enigma da filosofia. Tradução de Ingrid Muller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

LANGON, Maurício. In: GALLO, Silvio. CORNELLI, Gabriele. DANELON, Márcio. (org.) **Filosofia do ensino de filosofia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

LIBANEO, José Carlos. Tendências pedagógicas na prática escolar. In: **Democratização da escola pública**: a pedagogia critico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1992.

LOPES, Elton Luz. **PRECE- Programa de educação em células cooperativas**: uma estratégia de educação para a autonomia. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza 2006.

MARTINS, Evandro Silva. A Etimologia de alguns vocábulos referentes à educação. **Revista olhares & trilhas**; ano v.1, n.6, p.31-36, Uberlândia, 2005.

MARX, Karl, 1818-1883. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. Edição Leandro Konder; tradução Rubens Enderle *et al*; São Paulo: Boitempo, 2007.

MATOS, Catarina da Graça Almeida. **Aprendizagem cooperativa em sala de aula na EEEP Alan Pinho Tabosa- CE e sua relação com uma cultura de paz, sob a ótica das juventudes**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

MATOS, Junot Cornélio. Filosofando sobre o ensino de filosofia. **O que nos faz pensar**. [S.l.], v. 24, n. 36, p. 367-382, mar. 2015. ISSN 0104-6675. Disponível em: <http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnf/article/view/453>. Acesso em: 19 ago. 2020.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MILITÃO, Leonardo Ferreira. **A aprendizagem cooperativa como propulsora da liderança**. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2015.

NASCIMENTO, Maria Lucileide do. **Aprendizagem cooperativa**: uma metodologia de ensino aplicada no colégio Alan Pinho Tabosa. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2014.

NONATA. Entrevista cedida a Francisco Antônio Alves Rodrigues. **Instituto Coração de Estudante**: educação e mudanças sociais, políticas e culturais em comunidades rurais em Pentecoste- Ceará. Dissertação de mestrado, UFC, Fortaleza, 2007.

PENHA, Rodolfo Sena da Rota. **A aprendizagem cooperativa como estratégia metodológica no ensino de matemática no ensino médio**. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2017.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Tradução Editora Cultrix Ltda. Coleção os pensadores, Nova Cultural Ltda, São Paulo, 1996.

PLATÃO. **Diálogos de Platão**: Fedro- Cartas- O primeiro Alcibíades. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Editora Universitária UFPA, Belém- Pará, v. 5, 1975.

PLATÃO. **Teeteto**; Crátilo. Tradução Carlos Alberto Nunes. 3ª edição revisada. Editora Universitária UFPA, Belém-Pará, 2001.

PRECE: Protagonismo, cooperação e solidariedade. Direção: Aurenir Luz. Produção: Memorial do Prece [S.l.]: Memorial do Prece, 2012. Vídeo. Acesso em: 10 nov. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xreWK5QLyUk>

REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**: filosofia pagã. São Paulo: editora Paulus, 2011.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e ensinar**: por uma docência da melhor qualidade. São Paulo: Cortez, 2001.

RODRIGO, Lidia Maria. **Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio.** Campinas, SP: Autores associados, 2009.

RODRIGUES, Francisco Antonio Alves. **Instituto Coração de Estudante: educação e mudanças sociais, políticas e culturais em comunidades rurais em Pentecoste-Ceará.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação. Programa de pós-graduação em educação brasileira. 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Histórias das ideias pedagógicas no Brasil.** Campinas: Autores associados, 2013.

SILVA FILHO, Adauto Lopes da. LOPES, Fátima Maria Nobre. A história como processo de vida real dos homens através do trabalho. In: SOUZA, Antônia de Abreu. OLIVEIRA, Elenilce Gomes. ENEAS NETO, Araujo Arrais (Org.). **As interfaces do mundo do trabalho: educação, práxis social e formação dos trabalhadores.** Curitiba, CRV, 2016. p.39-53.

SILVA FILHO, Adauto Lopes da. LOPES, Fátima Maria Nobre. O papel político do educador: Gramsci e Adorno. In: SILVA FILHO, Adauto Lopes da. NOBRE LOPES, Fátima. SILVA, Maria Zélia da (Org.). **Teorias da educação: Filosofia, Sociologia e Psicologia em diversos olhares.** Curitiba, CRV, 2019.

SILVEIRA, Renê José Trentin. Teses sobre o ensino de filosofia no nível médio. In: SILVEIRA, Renê José Trentin, GOTO, Roberto Akira, RODRIGO Ligia Maria (org.) **Filosofia no ensino médio – Temas, problemas e propostas.** Coleção Filosofar é preciso. São Paulo: Loyola, 2007.

SIMÕES, Sandra Elisabete de Freitas. **Um por todos e todos por um- Fomentar a Aprendizagem Cooperativa do Inglês no 1º CEB.** Universidade do Minho – Instituto de Educação. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação- Supervisão Pedagógica na Educação em Língua Estrangeira) - Universidade do Minho – 2012.

SOFISTE, Juarez Gomes. **Sócrates e o ensino de filosofia: Investigação dialógica - uma pedagogia para a docência de filosofia.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

TOMAZETTI, Elizete M. Ensino e aprendizagem em filosofia: Possibilidades a partir de diferentes linguagens? In: TOMAZETTI, Elizete M. GALLINA, Simone Freitas da Silva. (org.) **Territórios da prática filosófica.** Santa Maria: Editora UFSM, 2009.

VASCONCELOS, Ana Lúcia Fontes de Sousa. *et al.* Uma Reflexão da aprendizagem cooperativa como estratégia de ensino para a formação dos contadores. **Revista de informação contábil.** vol. 2 . n. 1 p.74 , out-dez 2007.

VIGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem.** Edição eletrônica: Ridendo Castigat More, 2001. Disponível em: <https://www.ebooksbrasil.org/eLibris/vigo.html> Acesso em: 26 jan. 2021.

WESTBROOK, Robert B. TEIXEIRA, Anísio. **John Dewey.** Tradução José Eustáquio Romão *et al.* Recife: ed. Massangana,2010.

APÊNDICE A – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

QUESTIONÁRIO

16/07/2021

Questionário facilitado

Questionário facilitado

***Obrigatório**

1. NOME COMPLETO *

2. CURSO *

3. 1- Você acredita que exista diferença entre aprender filosofia, por meio da aula tradicional expositiva, para a aula de filosofia por meio da aprendizagem cooperativa? Qual (is)? *

4. 2- Na sua opinião, qual a contribuição da disciplina de filosofia na formação de um ser humano? De que maneira a aprendizagem cooperativa participa nessa formação? *

16/07/2021

Questionário facilitado

5. 3- O que você considera uma boa aula de filosofia? A aprendizagem cooperativa possibilita essa boa aula? Como? *

6. 4- Qual o papel do diálogo e a importância do outro no aprender filosofia? A aprendizagem cooperativa contribui para o aprendizado de filosofia a partir do diálogo? De que maneira? *

7. 5- Qual a diferença entre filosofia e filosofar? Dá para perceber essa diferença numa aula de filosofia por meio da aprendizagem cooperativa? *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (MODELO UTILIZADO NA PESQUISA).



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O ENSINO DE FILOSOFIA POR MEIO DA APRENDIZAGEM COOPERATIVA: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO DO IFCE CAMPUS CAUCAIA CEARÁ

Robson Pontes Custódio

Seu filho ou dependente está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se seu filho ou dependente não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

Nesse estudo será analisada a metodologia de aprendizagem cooperativa como uma estratégia para o ensinar filosofia de forma filosófica. Desde o retorno da disciplina de filosofia na grade curricular do ensino médio, muitas questões passaram a ser discutidas e uma delas é sobre o problema do ensino de filosofia. Na concepção da presente pesquisa, uma aula de filosofia não pode se restringir a transmissão de "conteúdos filosóficos" de forma pronta e acabada, onde o professor é o detentor absoluto do conhecimento e o aluno um ser inoperante que de forma totalmente passiva, absorve esses conteúdos. Mas o que se pensa aqui, é exatamente o contrário, ou seja, uma aula de filosofia só se caracteriza como tal, se nela houver o filosofar por parte dos alunos a partir do conteúdo a ser trabalhado em sala de aula. Nessa pesquisa, o que se pretende é realizar um estudo no intuito de perceber se na aplicação da metodologia de aprendizagem cooperativa, se confirma que essa metodologia possibilita aos alunos o aprender filosofia de forma filosófica. A metodologia de aprendizagem cooperativa tem suas características próprias que são: o diálogo, a interdependência positiva, a responsabilidade individual, a

Rubrica do pesquisador: _____

Rubrica do participante: _____



interação frente a frente, o trabalhar a questão do desenvolvimento de competências sociais, interpessoais e grupais; na hipótese dessa pesquisa, é levantada a questão de que essas características podem ser identificadas e fundamentadas na filosofia de Sócrates, sendo verificadas ainda, se com a aplicação dessa metodologia aliadas ao ensino de filosofia os alunos são levados a filosofar além de aprender os conceitos filosóficos de pensadores tradicionais na história da filosofia. Assim sendo, acredita-se que na intenção de trabalhar a disciplina de filosofia com alunos do ensino médio de forma filosófica, esses alunos irão ter em sua formação humana a capacidade de se tomarem sujeitos autônomos, numa melhor compreensão de si mesmo, do outro e do mundo, fazendo com que seja pertinente a realização dessa pesquisa.

Dessa forma, após a justificativa feita acima, afirma-se ainda que os objetivos dessa pesquisa são:

Objetivo Principal:

Analisar a metodologia de aprendizagem cooperativa como uma estratégia para o ensinar filosofia de forma filosófica.

Objetivo Secundário:

- 1- Conceituar a aprendizagem cooperativa e investigar sua aplicabilidade nas aulas de filosofia.
- 2- Verificar se com a aplicação da metodologia de aprendizagem cooperativa, os estudantes de filosofia desenvolvem o filosofar, tomando a aula de filosofia num ambiente ativo de investigação e aprendizado, a partir dos estudantes.
- 3- Propor uma fundamentação filosófica a partir das semelhanças e identificações da metodologia de aprendizagem cooperativa com a maiêutica socrática.
- 4- Verificar se os estudantes compreendem conceitos filosóficos, desenvolvem criticidade e reflexão filosófica por meio da aplicação da metodologia de aprendizagem cooperativa, nas aulas de filosofia.

Rubrica do pesquisador: _____

Rubrica do participante: _____

**Procedimentos:**

Participando do estudo seu filho ou dependente está sendo convidado a participar do processo de pesquisa que acontecerá em sala de aula da seguinte forma: Aplicaremos em sala de aula duas metodologias que serão a aula expositiva tradicional, e a metodologia de aprendizagem cooperativa, essa aplicação se dará continuamente da seguinte forma: um encontro semanal numa metodologia e na semana seguinte a aplicação da outra. Essa experiência acontecerá durante todo o semestre letivo de 2020.1 e quando chegar no último mês do semestre, serão aplicados os questionários com os alunos com questões que nos revelem se a hipótese dessa pesquisa será confirmada ou refutada, além de registrar momentos ocorridos na aplicação das duas metodologias por meio de fotografias e filmagens. Após esses questionários, terão sido iniciadas a coleta de dados para análise e redação da dissertação. Todos os dados coletados por meio de questionários, fotografias e filmagens ficarão sob a guarda e responsabilidade do pesquisador principal por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

Como a pesquisa será realizada em sala de aula durante todo o semestre, não há necessidade de deslocamento a mais do que o deslocamento rotineiro de sua casa para a escola. As fotografias e as filmagens serão feitas durante algumas aulas no período de aplicação da pesquisa. Ressalta-se ainda que na aplicação do questionário que será realizado em sala de aula, o tempo estimado é de 30 (trinta) minutos para que todos os participantes tenham respondido, após a conclusão do questionário, as respostas serão analisadas ficando com o pesquisador e descartadas após a conclusão da pesquisa e a defesa da dissertação. Os dados e instrumentos utilizados e colhidos na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos e, após esse tempo, serão destruídos.

Desconfortos e riscos:

Seu filho ou dependente não deve participar deste estudo se não desejar participar por qualquer motivo apresentado que o faça se sentir desconfortado em participar.

Rubrica do pesquisador: _____

Rubrica do participante: _____



Os possíveis riscos deste estudo são considerados aqui como mínimos, tendo em vista que seu filho ou dependente irá responder 1 (um) questionário, no fim do semestre. Dessa forma foram elencadas algumas possíveis situações de riscos. Acredita-se que neste tipo de pesquisa, exista a possibilidade do estudante se sentir cansado ou com fadiga, ou possa se sentir constrangido (a) de alguma forma por achar que não alcançou sua meta de aprendizado, ou possa se constranger se eventualmente venha a rememorar algo que cause desconforto emocional, ou ainda um possível constrangimento ao querer, por iniciativa própria, se comparar com os demais e por algum motivo pensar que não aprendeu como seus colegas de classe.

Porém, já visando antecipar e minimizar esses riscos, a aplicação dos questionários acontecerá de forma reservada e seu filho ou dependente não será identificado (a). Além disso os dados recolhidos serão utilizados apenas para a realização da pesquisa, descartando qualquer exposição dos mesmos que não seja para a realização da pesquisa, ressaltando ainda que seu filho ou dependente poderá desistir da pesquisa a qualquer momento em que esteja se sentindo desconfortável. Todo esse procedimento, diminui os riscos de desconforto psicológico que possam vir a acontecer. Seu filho ou dependente ainda será acompanhado em todo o período da pesquisa, sendo informado desde o início, até a pesquisa chegar em sua finalização. E caso haja a necessidade de intervenções que tenham suas origens por constrangimento ou por qualquer outra situação desconfortável, sejam médicas, pedagógicas ou psicológicas, e que seja comprovadamente relacionada com a presente pesquisa, o pesquisador responsável por essa pesquisa, se responsabilizará por fazer todo o acompanhamento levando-o aos profissionais adequados, além de se responsabilizar indenizando-o nos termos da lei.

Benefícios:

A aprendizagem cooperativa apresenta características promissoras no sentido de fazer com que haja o filosofar nas aulas de filosofia, levantando a hipótese de que, é possível acontecer a aprendizagem de conceitos filosóficos, ao mesmo tempo que possibilita nos estudantes a criticidade e a reflexão filosófica. Características próprias da aprendizagem cooperativa, tais como, o diálogo e a necessidade do

Rubrica do pesquisador: _____

Rubrica do participante: _____



outro no processo ensino-aprendizagem, o ambiente ativo de investigação por parte dos estudantes, o desenvolvimento de habilidades sociais e da autonomia dos estudantes, o despertar para a responsabilidade individual e a elevação da autoestima, o trabalho com a questão do respeito e da tolerância a partir do trabalho coletivo, fizeram com que a presente pesquisa fosse realizada.

Desse modo, considera-se de relevância social, pedagógica e filosófica uma pesquisa científica que tome como objeto, o ensino de filosofia, em especial, quando propõe a verificação em campo do uso e adequação da metodologia da aprendizagem cooperativa, que tem sido aplicada com sucesso em diversas disciplinas, à filosofia. Tudo isso produz os seguintes benefícios: Benefício social na construção de uma sociedade livre; benefício social na formação de sujeitos críticos que busquem o bem viver consigo mesmo e com os outros; benefício social na formação de sujeitos autônomos e o benefício educacional e filosófico na contribuição do ensino de filosofia no ensino médio brasileiro

Acompanhamento e assistência:

Seu filho ou dependente será acompanhado em todo o período da pesquisa, sendo informados desde o início até a pesquisa chegar em sua finalização. Caso haja a necessidade de intervenções que tenham suas origens por constrangimento ou por qualquer outra situação desconfortável, sejam médicas, pedagógicas ou psicológicas, e que seja comprovadamente relacionada com a presente pesquisa, o pesquisador responsável por essa pesquisa, se responsabilizará por fazer todo o acompanhamento necessário levando-o aos profissionais adequados, além de se responsabilizar indenizando-o nos termos da lei.

Sigilo e privacidade:

Seu filho ou dependente tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado. Os dados e instrumentos utilizados e colhidos na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos e, após esse tempo, serão destruídos.

Rubrica do pesquisador: _____

Rubrica do participante: _____

**Ressarcimento e Indenização:**

Seu filho ou dependente terá direito ao ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa e à indenização pelos danos resultantes desta, nos termos da Lei.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador Robson Pontes Custódio, Departamento de Ensino- Rua Francisco da Rocha Martins s/n, Pabussu, Caucaia-CE, (85) 985160925, (85) 97954709, robson.custodio@ifce.edu.br, rvqcustodio@gmail.com. Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do IFCE das 08:00hs às 12:00hs e das 13:00hs as 17:00hs no IFCE Reitoria - R. Jorge Dumar, 1703 - Jardim América, Fortaleza - CE, 60410-426; fone (85) 34012332 e-mail: cep@ifce.edu.br

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito que meu filho ou dependente participe e declaro estar recebendo uma via original deste documento assinada pelo pesquisador e por mim, tendo todas as folhas por nós rubricadas:

Nome do(a) participante:

Contato telefônico (opcional):

e-mail (opcional):

Rubrica do pesquisador: _____

Rubrica do participante: _____



(Assinatura do participante ou nome e assinatura do seu RESPONSÁVEL LEGAL)

Data: ____/____/____.

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguo ter cumprido as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguo, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

Nome do(a) pesquisador(a):

[Assinatura do(a) pesquisador(a)]

Data: ____/____/____.

Rubrica do pesquisador: _____

Rubrica do participante: _____

ANEXO B- TERMO DE ASSENTIMENTO

TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidado (a) como participante da pesquisa: **“O ENSINO DE FILOSOFIA POR MEIO DA APRENDIZAGEM COOPERATIVA: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO DO IFCE CAMPUS CAUCAIA CEARÁ”** do pesquisador ROBSON PONTES CUSTÓDIO.

Nesse estudo pretendemos: (ANALISAR A METODOLOGIA DE APRENDIZAGEM COOPERATIVA COMO UMA ESTRATÉGIA PARA O ENSINAR FILOSOFIA DE FORMA FILOSÓFICA).

O motivo que nos leva a estudar esse assunto é que o presente projeto, percebe que a filosofia, enquanto disciplina escolar na formação humana, é por excelência, a disciplina da reflexão, da criticidade, do diálogo, e isso só é possível, se na aula de filosofia, o estudante passar a compreender conceitos filosóficos ao filosofar.

A aprendizagem cooperativa apresenta características promissoras no sentido de fazer com que haja o filosofar nas aulas de filosofia, levantando a hipótese de que, é possível acontecer a aprendizagem de conceitos filosóficos, ao mesmo tempo que possibilita nos estudantes a criticidade e a reflexão filosófica. Características próprias da aprendizagem cooperativa, tais como, o diálogo e a necessidade do outro no processo ensino-aprendizagem, o ambiente ativo de investigação por parte dos estudantes, o desenvolvimento de habilidades sociais e da autonomia dos estudantes, o despertar para a responsabilidade individual e a elevação da autoestima, o trabalho com a questão do respeito e da tolerância a partir do trabalho coletivo, fizeram com que a presente pesquisa fosse realizada.

Desse modo, considera-se de relevância social, pedagógica e filosófica uma pesquisa científica que tome como objeto, o ensino de filosofia, em especial, quando propõe a verificação em campo do uso e adequação da metodologia da aprendizagem cooperativa, que tem sido aplicada com sucesso em diversas disciplinas, à filosofia. Tudo isso produz os seguintes benefícios: Benefício social na construção de uma sociedade livre; benefício social na formação de sujeitos críticos que busquem o bem viver consigo mesmo e com os outros; benefício social na formação de sujeitos autônomos e o benefício educacional e filosófico na contribuição do ensino de filosofia no ensino médio brasileiro

Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): Aplicaremos em sala de aula duas metodologias que serão a aula expositiva tradicional, e a metodologia de aprendizagem cooperativa, essa aplicação se dará continuamente da seguinte forma: um encontro semanal numa metodologia e na semana seguinte a aplicação da outra. Essa experiência acontecerá durante todo o semestre letivo de 2020.1 e quando chegar no último mês do semestre, serão aplicados os questionários com os alunos com questões que nos revelem se a hipótese dessa pesquisa será confirmada ou refutada, além de registrar momentos ocorridos na aplicação das duas metodologias por meio de fotografias e filmagens. Após esses questionários, terão sido iniciadas a coleta de dados para análise e redação da dissertação. Todos os dados coletados por meio de questionários, fotografias e filmagens ficarão sob a guarda e responsabilidade do pesquisador principal por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento, em que houver qualquer motivo que traga algum desconforto para sua participação. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido (a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação.

Os possíveis riscos deste estudo são considerados aqui como mínimos, tendo em vista que você só irá responder 1 (um) questionário, no fim do semestre estudado. Dessa forma, foram elencadas algumas possíveis situações de riscos. Acredita-se que neste tipo de pesquisa, exista a possibilidade do estudante se sentir cansado ou com fadiga, ou possa se sentir constrangido (a) de alguma forma por achar que não alcançou sua meta de aprendizado, ou possa se constranger se eventualmente venha a lembrar algo que cause desconforto emocional, ou ainda um possível constrangimento ao querer, por iniciativa própria, se comparar com os demais e por algum motivo pensar que não aprendeu como seus colegas de classe.

Porém, já visando antecipar e minimizar esses riscos, a aplicação dos questionários acontecerá de forma reservada e você não será identificado (a). Além disso os dados recolhidos serão utilizados apenas para a realização da pesquisa,

descartando qualquer exposição dos mesmos que não seja para a realização da pesquisa, ressaltando ainda que você poderá desistir da pesquisa a qualquer momento em que esteja se sentindo desconfortável. Todo esse procedimento, diminui os riscos de desconforto psicológico que possam vir a acontecer. Você ainda será acompanhado em todo o período da pesquisa, sendo informado desde o início, até a pesquisa chegar em sua finalização. E caso haja a necessidade de intervenções que tenham suas origens por constrangimento ou por qualquer outra situação desconfortável, sejam médicas, pedagógicas ou psicológicas, e que seja comprovadamente relacionada com a presente pesquisa, o pesquisador responsável por essa pesquisa, se responsabilizará por fazer todo o acompanhamento levando-o aos profissionais adequados, além de se responsabilizar indenizando-o nos termos da lei.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados e colhidos na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos após concluída a pesquisa, sendo depois disso destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma via será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador (a) do documento de Identidade _____ (se já tiver documento), fui informado (a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar, se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste Termo de Assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Fortaleza, ____ de _____ de 20 ____.

Nome do participante da pesquisa

Assinatura

Nome do pesquisador principal

Assinatura

Endereço d(os, as) responsável (is) pela pesquisa:

| |
|---|
| Nome: ROBSON PONTES CUSTÓDIO |
| Instituição: IFCE- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará |
| Endereço: IFCE CAUCAIA- Departamento de Ensino- Rua Francisco da Rocha Martins s/n, Pabussu, Caucaia-CE |
| Telefones para contato: (85) 985160925; (85) 97954709 |

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, ou em caso de denúncias, ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do IFCE das 08:00hs às 12:00hs e das 13:00hs as 17:00hs no IFCE Reitoria - R. Jorge Dumar, 1703 - Jardim América, Fortaleza - CE, 60410-426; fone (85) 34012332 e-mail: cep@ifce.edu.br

| |
|--|
| |
|--|